

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Viviane Viebrantz Herchmann

MOYSÉS VELLINHO (1901-1980):
O INTELLECTUAL DA PROVÍNCIA

Volume 1

Porto Alegre

2013

Viviane Viebrantz Herchmann

MOYSÉS VELLINHO (1901-1980):
O INTELLECTUAL DA PROVÍNCIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras, área de Teoria da Literatura.

Professora Orientadora: Dra. Maria Eunice Moreira

Porto Alegre

2013

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H539m Herchmann, Viviane Viebrantz

Moysés Vellinho (1901-1980) : o intelectual da província / Viviane Viebrantz Herchmann. – Porto Alegre, 2013.
2 v. : il.

Orientadora: Maria Eunice Moreira.

Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2013.

1. Moysés Vellinho. 2. Intelectual. 3. Literatura brasileira.
4. Cultura sul-rio-grandense. 5. Historiografia literária. 6. História cultural Brasil-Portugal. I. Moreira, Maria Eunice. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU 82(816.5)

Catálogo na fonte: bibliotecário Vinicius da R. da Silva, CRB-10/1759

VIVIANE VIEBRANTZ HERCHMANN

MOYSÉS VELLINHO (1901-1980): O INTELLECTUAL DA PROVÍNCIA

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 30 de agosto de 2013

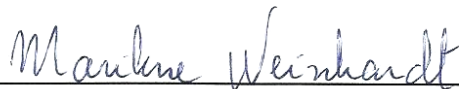
BANCA EXAMINADORA:



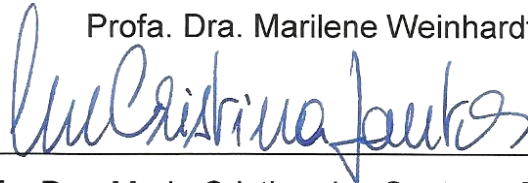
Profa. Dra. Maria Eunice Moreira - PUCRS




Profa. Dra. Vania Pinheiro Chaves - UL



Profa. Dra. Marilene Weinhardt - UFPR



Profa. Dra. Maria Cristina dos Santos – PPG Hist./ PUCRS



Profa. Dra. Alice Therezinha Campos Moreira – PUCRS

Dedico esta tese a Arlen Michael Herchmann e
a Nelda Viebrantz Herchmann, meus pais, por
tudo que representam em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A realização do curso de Doutorado em Letras e, especialmente, a produção desta tese contribuíram para a minha transformação como sujeito, em diversos âmbitos da minha vida. Nesses mais de quatro anos envolvidos com o Curso, surgiram grandes desafios pessoais, profissionais e como pesquisadora, e enfrentá-los com coragem e ânimo somente se tornou possível porque sou agraciada por ter *os pais que tenho*, o namorado que me acompanha, amigos especiais, e um Deus que, em meio ao caos, surge sob as mais diferentes formas e pessoas, permitindo que a vida se reestruture e o cosmos se reestabeleça.

Sou profundamente agradecida a todas as pessoas que direta ou indiretamente auxiliaram-me no desenvolvimento deste trabalho. Na medida em que sua consecução exige uma reorganização pessoal que afeta a dinâmica da vida, a realização desta tese envolve muitos sujeitos, impedindo-me de registrar aqui todos os nomes que gostaria de referenciar. Estão inscritos, contudo, em minha memória, e revelam-seno discurso que se constrói da minha própria narrativa.

Agradeço o amparo financeiro da CAPES, o qual me permitiu conquistar mais um estágio em minha formação. Através do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, tornou-se possível pesquisar no acervo de Moysés Vellinho e realizar levantamento de fontes sobre o autor em Portugal, por meio de bolsa-sanduiche, vinculada ao CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, na Universidade de Lisboa. Os materiais coletados no Exterior contribuíram de maneira significativa para o alcance dos propósitos desta investigação.

Manifesto também minha gratidão:

à coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, profa. Dra. Maria da Glória Di Fanti;

aos professores e aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, em especial à Isabel e à Tatiana, pela competência e disposição;

à equipe do DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, especialmente à profa. Dra. Alice Therezinha Campos Moreira, por contribuir, de forma muito significativa, para minha formação docente, e por me auxiliar, de maneira generosa, em tudo o que me foi necessário para a realização deste trabalho no acervo de Moysés Vellinho;

à profa. Dra. Maria Cristina dos Santos, a Tita, pelo apoio e pela amizade. Sua competência profissional enriqueceu minha trajetória como pesquisadora, revelando-me a riqueza e os desafios de se trabalhar com fontes primárias;

à profa. Dra. Marilene Weinhardt, pela atenção e pela zelosa leitura, a qual possibilitou valiosas contribuições a este trabalho;

à profa. Vania Pinheiro Chaves, pela acolhida e pela supervisão de minha investigação em Portugal, e pela vinda a Porto Alegre, para colaborar ainda mais para a qualificação deste estudo. Exemplo de pesquisadora, sua generosidade contribuiu para que a experiência vivenciada no Exterior se tornasse ainda mais significativa. Senti-me honrada em poder participar da equipe do CLEPUL, a quem estendo meus agradecimentos, principalmente ao Luís Pinheiro, pelo bom ânimo e pela disposição em ajudar;

aos amigos que conquistei em Portugal: Maria Manuel (a Miúcha), Alberto e Fernanda Martins, pelos bons momentos, pelas viagens e pelo auxílio *burocrático*; Leticia Ferreira, pela amizade *imediata*; “Pequeno Grupo do Bairro Alto”: Paulo Souza, Érika Cristina, Marcelo Ramos, Monalisa Fontes, pela acolhida e pelo carinho; Reverendo Machado e pastora Luciana Machado, pelas palavras abençoadas e pela dedicação em ajudar o próximo. Especial agradecimento à Dona Orlanda Serra e à Carla Arvanas, da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, por terem me recebido tão bem e me ajudarem com tanto empenho em minha pesquisa;

aos colegas, principalmente à Gabriela Silva pelas conversas e pelas valiosas dicas;

ao Vinícius da Silva, pai da Mariana, pela grande ajuda na formatação deste trabalho;

ao Odi Alexander Rocha da Silva, pelo apoio na compreensão da língua francesa, pela atenção pelas conversas, sempre bem-humoradas, que me incentivaram a seguir em frente;

à Adriana Cardoso, pela disposição manifestada ao me auxiliarem na digitalização das imagens;

à Giselle De La Puerta Chitão, pela ajuda na digitação dos textos;

à Patrícia Pitta, pela colaboração, principalmente durante o período de Qualificação;

à Daniela Difini Motta, pela torcida e pelo apoio nas traduções em língua inglesa;

à equipe do IBGEN, principalmente à Janice Inchauspe Pereira, à Valéria Deluca Soares de Carvalho e à Maria do Carmo Bairros (a Duca), pelo incentivo;

ao grupo da FAPA, em especial à Eliana Inge Pritsch, pela contribuição com textos dos Anexos, e à Letícia Azambuja Godoy, pelos livros, pela carteirinha da Biblioteca, pela constante torcida;

à Luciana Ferreira, por me ajudar na análise da vida e por me lembrar do quanto sou capaz;

à Lêda, pelos milagrosos florais;

à Diana Vega Marona e à Ticiane Taflick, pela amizade, pela atenção, pelo carinho;

à Alícia Duhá Lose, pelo gesto de amizade, pela leitura deste trabalho, pelas palavras carinhosas;

ao Serginho, à Helô, à Cris, à Liane (tia Alemoa), ao Beto, à Mônica, à Jane, ao John, ao Uli e a todos os amigos que estiveram presentes em mais este momento especial: o da Defesa!

à Fernanda Gil Kayser, à Luciana Boose Pinheiro e à Patrícia Köbe, amigas da “querência”, pelo cultivo de nossa amizade;

à Luciana Gransotto e à Daniela Bicca, pela amizade e pela certeza de que tudo pode dar certo;

ao Thiago Bicca Portilho, Urso da dinda, que vive, pela descoberta das palavras, muitas histórias;

ao André Luce Difini, que viveu comigo todas as “emoções” que emergiram durante a realização desta pesquisa. A maneira como conduziu esse momento, auxiliando-me a vencer as dificuldades que se apresentaram, fez aumentar ainda mais meu amor por ti;

aos meus pais, Arlen Michael Herchmann e Nelda Viebrantz Herchmann, pelo amor imensurável consagrado a mim ao longo de toda a minha vida, a vocês dedico esse trabalho.

Quero expressar também minha gratidão à Heloísa Vellinho Corso, filha de Moysés Vellinho, por carinhosamente me receber em sua casa e me auxiliar, com toda a atenção e paciência, no que me foi preciso para a consolidação deste trabalho. Obrigada pela acolhida, pelas tardes agradáveis, pelas fontes do acervo familiar que me foram disponibilizadas. Muito obrigada à Laura Vellinho Corso, neta de Moysés Vellinho, pelas palavras de incentivo e pela presença no momento da *defesa* desta tese;

Especial agradecimento à profa. Dr. Maria Eunice Moreira, pela amizade, pela paciência e pelo apoio incondicional. O longo tempo de convivência, desde o período de iniciação científica, reafirma sua importância em minha trajetória. Exemplo de pesquisadora, sua dedicação sempre me serviu como referência. Obrigada pelo incentivo e pela ajuda na elaboração desta tese, principalmente por sua habilidade e serenidade em conduzir as orientações, sem as quais não seria possível a concretização deste trabalho.

Nós nos contamos histórias para poder viver.
(*We tell ourselves stories in order to live*)
Joan Didion (1990, p. 11)

Já se vê que o regionalismo, no Rio Grande – e refiro-me ao regionalismo no seu mais largo sentido, compreendendo não apenas o gaúcho segundo às suas possibilidades guerreiras, mas ainda, e, sobretudo, na sua múltipla potencialidade, como homem de guerra e de paz, de heroísmo e de trabalho, como força cívica e econômica simultaneamente – já se vê que o regionalismo, no Rio Grande, não se impõe apenas como uma necessidade. A nova geração mental rio-grandense, com os olhos fitos em derredor, animada de um só desejo – o de revelar a sua terra – procura o Rio Grande, busca em tudo a imagem do Rio Grande. Desta vez, porém, distendendo os horizontes de paisagem, tenta, consultando roteiros ainda não usados, descobrir novas perspectivas, rumos novos.

Paulo Arinos (1933, *Modernismo e Regionalismo*, em *A Federação*)



RESUMO

A investigação consiste em pesquisa de fontes primárias de e sobre a produção crítica de Moysés de Moraes Vellinho (1901-1980), disponíveis no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, e em correspondências, periódicos, artigos, livros e trabalhos acadêmicos depositados em arquivos públicos no Brasil e em Portugal, com o objetivo central de compreender a atuação do intelectual no desenvolvimento e na divulgação da literatura e da cultura do Rio Grande do Sul, nos cenários brasileiro e português, buscando salientar, por meio de seu exercício crítico, sua perspectiva sobre a literatura produzida no Estado. Considerando a importância destinada à obra de Machado de Assis em seus textos, verifica-se a influência do pensamento do autor de *Dom Casmurro* em seu posicionamento sobre a literatura e a cultura sulinas, ao ser um estudioso do escritor. A pesquisa caracteriza-se pelo método de procedimento da análise documental, de caráter qualitativo, visando ao levantamento, à identificação, à fixação e à análise de documentação primária, orientando-se pela abordagem de Paul Ricoeur sobre prática historiográfica e o estudo de fontes. Reúnem-se, sob a forma de Anexos, documentos sobre a obra de Moysés Vellinho, no intuito de contribuir para o acesso a materiais sobre o intelectual e divulgar sua participação nos cenários literário e cultural.

Palavras-chave: Moysés Vellinho. Intelectual. Literatura brasileira. Cultura sul-rio-grandense. Historiografia literária. História cultural Brasil-Portugal.

ABSTRACT

This thesis research consists of primary sources of and about Moyses Vellinho's intellectual work (1901-1980), which are available at the DELFOS Institute – PUCRS' Documentation and Cultural Memory Archive – and from correspondences, journals, articles, books and academic work in public historical centers in Brazil and Portugal. The main objective is to understand his role as an intellectual, in the development and promotion in Brazil and Portugal of the Rio Grande do Sul's culture and literature. This study intends to emphasize, through Moyses Vellinho's writings, his own perspective about literature made in Rio Grande do Sul. Considering the influence of Machado de Assis, the author of *Dom Casmurro*, in Moyses Vellinho's work can be noted by the latter's opinions about the Brazilian southern state literature and culture, while an expert of the writer's body of work. The method of research consists of a qualitative document analysis, aiming at data collection, identification, categorization and analysis of primary written records, following Paul Ricoeur's approach about practical historiography and the study of bibliographical material. Documents about Moyses Vellinho's work are included as an attachment, in order to contribute to the availability of materials about the author of Brazil South and to promote his participation in literary and cultural environment.

Keywords: Moyses Vellinho. Intellectual. Brazilian Literature. Culture of the Rio Grande do Sul. Literary historiography. Cultural History Brazil-Portugal.

RESUMEN

El trabajo consiste en investigación de fuentes primarias de y sobre la producción crítica de Moysés de Moraes Vellinho (1901-1980), disponibles en DELFOS – Espacio de Documentación y Memoria Cultural de PUCRS, y en misivas, periódicos, artículos, libros y trabajos académicos depositados en archivos públicos en Brasil y Portugal, con el objetivo primordial de comprender la actuación del intelectual en el desarrollo y en la divulgación de la literatura y de la cultura de Río Grande de Sur, en los escenarios brasileño y portugués, buscando resaltar, por medio de su ejercicio crítico, su perspectiva sobre la literatura producida en el Estado. Considerando la importancia destinada a la obra de Machado de Assis en sus estudios, se verifica la influencia del pensamiento del autor de *Dom Casmurro* en su posicionamiento sobre la literatura y la cultura del sur, como un estudioso del escritor. La investigación se caracteriza por el método de procedimiento de análisis documental, de carácter cualitativo, objetivando el levantamiento, la identificación, la fijación y el análisis de documentación primaria, orientándose por el abordaje de Paul Ricoeur sobre la práctica historiográfica y el estudio de fuentes. Se juntan, so la forma de anejos, documentos sobre la obra de Moysés Vellinho, con el objetivo de contribuir para el acceso de materiales sobre el intelectual y divulgar su participación en los escenarios literario y cultural.

Palabras-clave: Moysés Vellinho. Intelectual. Literatura brasileña. Cultura de Río Grande de Sur. Historiografía Literaria. Historia Cultural Brasil-Portugal.

SUMÁRIO COMPLETO

1	INTRODUÇÃO.....	17
1.1	OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA.....	30
1.2	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	35
1.3	PESQUISA EM FONTES HISTÓRICAS.....	40
1.4	ESTRUTURAÇÃO DA TESE.....	46
2	O INTELLECTUAL E A SOCIEDADE.....	49
2.1	O INTELLECTUAL E A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA.....	51
2.2	O DISCURSO INTELLECTUAL E A PRÁTICA HISTORIOGRÁFICA.....	55
2.3	O PAPEL DO INTELLECTUAL.....	59
3	O DESPERTAR DO INTELLECTUAL.....	73
3.1	MONTEIRO LOBATO E O NACIONALISMO.....	76
3.2	UM OLHAR AO LONGE.....	85
3.3	O GRUPO DA GLOBO E O REGIONALISMO.....	92
4	O INTELLECTUAL E O PAMPA.....	99
4.1	ALCIDES MAYA.....	105
4.2	OS RUMOS DO PAGO.....	109
4.3	O EMBATE.....	113
5	O INTELLECTUAL E A PROVÍNCIA.....	126
5.1	A ORIGEM DO DEBATE SOBRE HOMENAGEM A SEPÊ TIARAJU....	128
5.2	A POLÊMICA.....	137
5.3	A SIMBOLOGIA DO PAGO.....	145
6	O INTELLECTUAL PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS.....	150
6.1	A UNIVERSALIDADE DO HOMEM.....	151
6.2	A FORTUNA CRÍTICA DOS TEXTOS DE MOYSÉS VELLINHO SOBRE MACHADO DE ASSIS.....	158
6.3	A REPERCUSSÃO DA OBRA DE MOYSÉS VELLINHO.....	169
7	CONCLUSÃO.....	178
	REFERÊNCIAS.....	206
	ANEXO A – CRONOLOGIA DO INTELLECTUAL: MOYSÉS VELLINHO – VIDA E OBRA.....	226

ANEXO B – MOYSÉS VELLINHO: OBRAS PUBLICADAS	233
ANEXO C – CURRICULUM LATTES DA PESQUISADORA	236
ANEXO D – DIVULGAÇÃO DE ENTREVISTA DA PESQUISADORA COM O PRESIDENTE DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA.....	247

VOLUME 2

ANEXO E – PAULO ARINOS: O JOVEM INTELLECTUAL –TEXTOS CRÍTICOS	253
ANEXO F – PAULO ARINOS E RUBENS DE BARCELLOS –A POLÊMICA SOBRE A OBRA DE ALCIDES MAYA.....	303
ANEXO G – MOYSÉS VELLINHO E A PRODUÇÃO MACHADIANA: ASPECTOS DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS	322
ANEXO H – MOYSÉS VELLINHO E MANSUETO BERNARDI – A POLÊMICA SOBRE HOMENAGEM A SEPÉ TIARAJU.....	344
ANEXO I – O INTELLECTUAL E A VIDA LITERÁRIA	391
ANEXO J - O INTELLECTUAL E A FUNDAÇÃO EDUARDO GUIMARÃES .	407
ANEXO K – O INTELLECTUAL E A VIDA SOCIAL.....	420
ANEXO L – O INTELLECTUAL E A POLÍTICA.....	431
ANEXO M – O MEDIADOR CULTURAL:CORRESPONDÊNCIAS COM INTELLECTUAIS	449
ANEXO N – O MEDIADOR CULTURAL:EDITORIAIS DA REVISTA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO	473
ANEXO O – RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL-PORTUGAL:A ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA EA ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA	522
ANEXO P – RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL-PORTUGAL:PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA BRASILEIRA.....	563
ANEXO Q – RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL-PORTUGAL:PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA PORTUGUESA	576

ANEXO R - <i>BRAZIL SOUTH</i>:A REPERCUSSÃO DA PROVÍNCIA NO EXTERIOR -A OBRA MOYSÉS VELLINHO PREFACIADA POR ERICO VERISSIMO	589
ANEXO S - DOCUMENTOS PESSOAIS DE MOYSÉS VELLINHO.....	606

1 INTRODUÇÃO

A província, que insulariza o escritor, não teve poderes para abafar a obra que Moysés Vellinho realizou, com uma dupla visão: a visão do universo, da vastidão de sua cultura, e a visão de seu pequeno mundo regional, com o sentimento da realidade gauchesca. Pertencia ele, por isso mesmo, a mesma linhagem de altos espíritos sul-rio-grandenses que nos deu Alcides Maya e Augusto Meyer – com a capacidade simultânea de identificar-se com a terra e a gente gaúcha e com o dom de reconhecer, nos grandes mestres de outras literaturas, seus semelhantes e irmãos.

*Josué Montello*¹

É no alvorecer do século XX que nasce Moysés de Moraes Vellinho². Aos seis dias de janeiro de 1901, “desperta para a vida”³ aquele que se tornará, na definição de Guilhermino César, “espírito seleta [...] valor perene da cultura sul-rio-grandense”⁴. Essa procedência contribui para a configuração de sua história e torna-se representativa para o entendimento do percurso de sua vida como intelectual, ao marcar espaços para os quais voltará a atenção como crítico literário. Identificar sua origem permite melhor compreender a designação do sociólogo Gilberto Freyre, quando destaca: “Vellinho é o Brasil meridional”⁵.

A cidade de seu nascimento situa-se na metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, em uma posição geográfica central e de transição entre o

¹ MONTELLO, Josué. Um mestre gaúcho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro, 1980. p. 93. O texto “Um mestre gaúcho” foi publicado originalmente no *Jornal do Brasil* em 2 de setembro de 1980 e republicado no *Boletim do Conselho Federal de Cultura* (p. 93-96), logo após a transcrição da sessão plenária “À memória de Moysés Vellinho” (p. 83-93), ocorrida em 1º de setembro de 1980, por ocasião de seu falecimento em 26/8/1980. Josué de Sousa Montello (São Luís-MA, 1917 – Rio de Janeiro-RJ, 2006).

² A partir deste momento, também referido como Moysés Vellinho ou, apenas, Vellinho.

³ Expressão utilizada pelo próprio Vellinho, ao escrever sobre o nascimento de Machado de Assis – escritor cuja obra “despertou” especial atenção do crítico. VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960. p. 14. O texto referenciado consta no Anexo G, volume 2, desta tese.

⁴ CÉSAR, Guilhermino. Moysés Vellinho: vida e obra. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 31 ago. 1980. p. 32-33. Guilhermino César da Silva (Eugenópolis-MG, 1908 – Porto Alegre-RS, 1993).

⁵ A declaração de Gilberto Freyre é apresentada por Arthur Cezar Ferreira Reis na sessão plenária presidida por Adonias Filho em 1º de setembro de 1980, no Conselho Federal de Cultura. Em seu discurso, a citação é atribuída à Gilberto Freyre, próximo conselheiro a se pronunciar sobre Moysés Vellinho. REIS, Arthur Cezar Ferreira. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro, 1980. p. 86. Gilberto Freyre (Recife-PE, 1900-1987); Arthur Cezar Ferreira Reis (Manaus-AM, 1906 – Rio de Janeiro-RJ, 1993).

Planalto brasileiro e o Pampa gaúcho. De localização historicamente estratégica, desde o período colonial, no que se refere aos conflitos com os países da região do Prata, Santa Maria fixa o centro geográfico do Estado, o que justifica a atribuição do título de “Coração do Rio Grande”⁶ a essa cidade. O sentido dessa denominação também pode ser estendido à lenda⁷ que envolve sua origem: designada de Ibitory-Retan, Terra da Alegria, na

⁶ O ponto geográfico central do Rio Grande do Sul está localizado na Unidade Residencial Arenal, no bairro Passo do Verde, nas coordenadas: {53°46'02,01 W, 29°51'06,48 S}, em Santa Maria, motivo da designação de “Coração do Rio Grande” a cidade. RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Turismo. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/infotur/index.html>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

⁷ Teve-se como base a versão da lenda apresentada pela professora e escritora Aristilda Rechia, fundadora e primeira Presidente da Associação Santa-Mariense de Letras e autora da letra do Hino Oficial de Santa Maria. A origem da história de Imembuí é atribuída ao conto do major João Cezimbra Jacques, publicado pela primeira vez em 13 de julho de 1910, no jornal republicano *A Federação*, de Porto Alegre – onde atua como articulista –, e comentado no periódico republicano *A Tribuna*, de Santa Maria, em 20 de julho do mesmo ano. Eleito patrono do Movimento Tradicionalista Gaúcho, em 1959, é apontado como o primeiro santamariense a publicar um livro: *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul*. Patrono da Cadeira nº 19 da Academia Rio-Grandense de Letras, integra o rol de escritores regionalistas. Em 23 de agosto de 2002, inaugura-se, em frente ao Regimento Mallet, na avenida Liberdade, em Santa Maria, o busto esculpido em sua homenagem pelo peruano artista plástico e professor da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria –, Juan Amoretti. Consagrada como lenda, é discutível o caráter lendário da história de Imembuí, como se lê no estudo “Imembuí: narrativa ficcional ou lendária? A (in)existência de sinais míticos em narrativas ditas de origem”, de Gabriela Marzari, integrante do projeto *A Lenda da lenda de Ymembuy*, orientado pelo professor Dr. Orlando Fonseca, na Universidade Federal de Santa Maria. Aristilda Rechia (Santa Maria-RS, 1938); João Cezimbra Jacques (Santa Maria-RS, 1849 – Rio de Janeiro-RJ, 1922).

RECHIA, Aristilda. *Lenda de Imembuí*. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/noticias/3425-i-encontro-internacional-de-escultores-reune-artistas-para-esculpir-sobre-a-historia-de-sm>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

MARZARI, Gabriela Quatrin. Imembuí: narrativa ficcional ou lendária? A (in)existência de sinais míticos em narrativas ditas de origem. *Ideias*. Revista do Curso de Letras da UFSM. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20revista%2015%20PDF/imembui.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

ARAÚJO, José Francelino de. *João Cezimbra Jacques*. Academia Rio-Grandense de Letras. Disponível em: <http://www.arl.org.br/patronos/joao_jacques.htm>. Acesso em: 12 mar. 2013.

TORRES, Luiz Henrique. Fundamentos histográficos em Cenzibra Jacques. *BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*. v. 18, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000006533&dd1=0c95d>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

DARONCO, Marilice. Um século de romance (reportagem). *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, 19 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/impressa/4,1304,3761822,19628>>. Acesso em: 06 abr. 2013.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Patrono do Tradicionalismo João Cezimbra Jacques*. Disponível em: <http://www.mtgsc.com.br/pdf/historico_completo.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2013.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL FRONTEIRAS DA AMÉRICA LATINA. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/america/santamaria.htm>>. Santa Maria: UFSM, s.a. Acesso em: 11 jan. 2013.

linguagem de índios Minuanos, a história de Santa Maria nasce do amor de uma índia e um branco. O bandeirante português Rodrigo, ao atacar a aldeia minuana, é aprisionado pela tribo. Imembuí, filha das águas, ao ouvir o triste prisioneiro cantar a saudade de sua terra, apaixona-se por ele e clama a seu pai, o Cacique Apacani, para que poupe a vida do guerreiro. A relação de Imembuí e Rodrigo – o qual passa a ser chamado pelos indígenas de Morotin – origina-se nas margens do arroio Itaimbé⁸, em Santa Maria, e consolida-se com o enlace do casal, na região das Missões, onde também é batizado José, fruto dessa união.

Nascer no “Coração do Rio Grande” certamente incide na atividade intelectual de Moysés de Moraes Vellinho. Ser proveniente de uma região que traz em sua formação o caráter peculiar da coexistência da centralidade e dos aspectos fronteiriços, devido à posição geográfica no Estado e à especificidade de seu relevo, o qual incorpora a aparente uniformidade da vegetação campestre que caracteriza o Pampa⁹ à altitude própria do Planalto brasileiro, aponta a direção dos estudos críticos desenvolvidos por Moysés Vellinho em torno da literatura e da cultura sulinas. Tal condição também repercute no seu envolvimento com a história da origem do Estado do Rio Grande do Sul e de seu tipo social, o gaúcho.

O equilíbrio de espírito e o temperamento calmo atribuídos a Vellinho por pessoas com quem conviveu permitem que esses traços particulares de sua personalidade sejam associados à tranquilidade que um ambiente interiorano pode oferecer. Essa representação, porém, não deve eliminar o fato de que a paisagem do interior também integrou um panorama marcado por grandes lutas. O espírito vivo, pulsante, próprio de grandes embates, é inerente à obra do intelectual. A serenidade de seu comportamento não o impede de se envolver e de se engajar na luta pelo que acredita caracterizar e

⁸ Atualmente canalizado sob o calçamento do Parque Itaimbé, em Santa Maria. SIMPÓSIO INTERNACIONAL FRONTEIRAS DA AMÉRICA LATINA. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/america/santamaria.htm>>. Santa Maria: UFSM, s.a. Acesso em: 11 jan. 2013.

⁹ O Pampa é um bioma presente apenas no Rio Grande do Sul entre os Estados brasileiros e característico nos territórios da Argentina e do Uruguai. INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORESTAS. Disponível em: <<http://www.ibflorestas.org.br/pt/bioma-pampa.html>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

ser rumo da literatura do Rio Grande do Sul. Carlos Reverbel assinala sua atuação na tarefa de crítico: “Esgrime o florete da malícia e da ironia, mas de um jeito tão polido que mais parece uma homenagem da inteligência ao alvo de suas alfinetadas”.¹⁰

O Rio Grande do Sul destaca-se historicamente, no território nacional, por ser palco de guerras e revoluções. Sua posição geográfica meridional no Brasil e de fronteira com países da região do Prata¹¹ somada às distinções de sua colonização e à economia voltada para o charque e o trigo, ou seja, diferente da agricultura colonial de exportação produzida nos engenhos de cana-de-açúcar, contribuem para sua integração tardia no conjunto do Brasil colonial e para a peculiaridade de sua história em relação aos demais Estados brasileiros. Capitania d’El-Rei, ou Rio Grande de São Pedro¹², ou, posteriormente, Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, no findar do século XVII, desempenha, no sistema colonial brasileiro, nas palavras de Sandra Pesavento, “uma função estratégica como ponto de apoio para a conservação do domínio luso no Prata”¹³. Por se encontrar num local limítrofe a outras áreas platinas, o Rio Grande do Sul torna-se cenário de constantes disputas territoriais e de demarcações de fronteiras pelas duas Coroas Ibéricas.

Os conflitos que assinalam a história do Estado não se restringem à delimitação de território. A localização geográfica distante do centro administrativo e cultural do País, a proximidade com as terras castelhanas, a similaridade do relevo ao da região platina, as sucessivas guerras, as especificidades de colonização geram no Rio Grande do Sul uma composição

¹⁰ REVERBEL, Carlos. Amigo Moysés. *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 6. Carlos de Macedo Reverbel (Quaraí-RS, 1912-Porto Alegre-RS, 1997).

¹¹ A região do rio da Prata abrange as fronteiras dos atuais Argentina, Uruguai e Brasil.

¹² Riograndino da Costa e Silva, na obra *Notas à margem da História do Rio Grande do Sul*, apresenta uma pesquisa, na qual traz 41 denominações encontradas em documentos ao atual Estado do Rio Grande do Sul. O historiador indica que São Pedro assinala o primeiro nome dado ao Estado – inicialmente designando Barra do Rio Grande e, depois, estendido a todo o território. Expõe que o nome escolhido representa uma homenagem a Pedro Lopes de Souza, irmão e segundo comandante da “frontilha” de Martim Afonso de Souza. Há outros estudos, contudo, que definem essa designação como referência à Catedral de São Pedro, em Rio Grande/RS. O santo é oficialmente o padroeiro do Rio Grande do Sul. COSTA E SILVA, Riograndino. *Notas à margem da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1968.

¹³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. p.13.

social e cultural distinta e tardia em comparação com a das demais regiões brasileiras, provocando discussões a respeito de sua formação. Surgem debates sobre os aspectos identitários que delineiam sua população, sobre como sua história configura a cultura regional¹⁴, e sobre o modo como essas particularidades se articulam com as dos demais Estados e se integram na composição da nação.

A larga trajetória de Moysés de Moraes Vellinho transita por essas questões constitutivas de seu Estado natal e por sua vinculação à origem luso-brasileira. A pluriatuação de Vellinho como crítico literário, historiador, político, ensaísta, jornalista, editor e mediador cultural consagra sua intensa participação na vida cultural do Rio Grande do Sul e singulariza-o na tarefa de intelectual. Viana Moogo conduz ao posto de “líder da intelectualidade rio-grandense”¹⁵.

Advogado por formação, ele exerce função política como Oficial de Gabinete do Ministro da Justiça Oswaldo Aranha, como Deputado da Assembleia Constituinte pelo Partido Republicano Liberal, como Ministro e Presidente do Tribunal de Contas do Estado. Como jornalista, atua em diversos periódicos do País, tais como o *Jornal da Manhã*(Rio de Janeiro/RJ), então se filiando ao jornalismo político com André Carrazoni;A *Federação*(Porto Alegre/RS), que chega a dirigir por brevíssimo período, além do *Correio do Povo* (Porto Alegre/RS), no qual desempenha a função que o projeta em sua carreira: a de crítico literário.

A atividade crítica ocupa uma posição significativa em sua formação intelectual. Iniciada ainda na condição de ginásiano, aos vinte anos, a publicação de estreia sobre a obra *A onda verde*, de Monteiro Lobato, a qual reúne críticas a respeito das condições de vida da população brasileira, sinaliza o interesse do jovem Moysés Vellinho por questões voltadas para a constituição da nação e da literatura brasileira. Aos 21 anos de idade, torna-se responsável pela sessão de crítica literária do jornal *Correio do Povo*, no qual já manifesta visão acurada da produção literária nacional,

¹⁴ Entende-se por regional os aspectos que caracterizam a região.

¹⁵ MOOG, Viana. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 83.

demonstrando especial interesse pela personalidade e pela obra de Machado de Assis. Além das frequentes referências ao autor de *Dom Casmurro* no periódico, profere palestras e produz ensaios¹⁶ sobre o escritor; quatro desses ensaios foram reunidos na obra *Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos*, de 1960¹⁷.

A projeção de Moysés Vellinho no cenário cultural é ampliada quando se torna responsável pela revista cultural da Editora Globo (Porto Alegre/RS), a *Província de São Pedro*. Heloísa Vellinho Corso, filha de Moysés Vellinho, lembra-se do momento familiar de comemoração desse novo projeto do pai:

Na década de 40 ele teve uma grande alegria e eu até me lembro que ele chegou em casa e contou para a minha mãe que o Júlio Bertaso o tinha convidado para dirigir uma revista de cunho intelectual. Isso o deixou muito feliz e ele tinha um prazer enorme em trabalhar na revista, trabalhava bastante nela.¹⁸

Com sede no prédio da Editora Globo, na Rua da Praia, em Porto Alegre, esse periódico alcança reconhecimento internacional, propiciando a Moysés Vellinho reforçar e expandir o contato com intelectuais de diferentes regiões do Brasil e do Exterior. Editor dos 21 números da revista *Província de São Pedro*¹⁹, dirige-a ao longo de todo o período de sua veiculação, de 1945 a 1957. Os doze anos de existência da revista conduziram Vellinho a desempenhar a tarefa de mediador cultural, ao promover o intercâmbio de produções variadas, dando a lume textos de escritores pouco divulgados, que eram publicados ao lado de trabalhos de autores já consagrados, como Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade.

O empenho em prol da cultura se evidencia também por sua atuação no cenário musical. Por vinte anos, de 1952 a 1972, preside a OSPA –

¹⁶ Informações referentes a esses assuntos podem ser encontradas, principalmente, nos Anexos G e I.

¹⁷ VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

¹⁸ Entrevista concedida à pesquisadora deste trabalho, em 19 de abril de 2011, na residência de Heloísa Vellinho Corso, em Porto Alegre/RS.

¹⁹ Os editoriais da revista foram transcritos na íntegra e constam no Anexo N, no volume 2 desta investigação.

Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Em discurso no Conselho Federal de Cultura, Eurico Nogueira França ressalta os esforços que o intelectual gaúcho despense para manter o funcionamento da OSPA, ao lado do maestro húngaro Pablo Komlós, fundador do órgão em 1950. O musicólogo carioca comenta sobre a insistência de Vellinho para que França exerça a tarefa de crítico musical em favor da entidade e intervenha junto ao governo, para facilitar verbas para o órgão, por vezes, escassas. Eurico Nogueira França salienta ainda que a OSPA tornou-se uma das principais orquestras sinfônicas do Brasil devido ao esforço e ao amor envidados por ela por Vellinho: “este novo aspecto do amor de Moysés Vellinho ao Rio Grande do Sul, que é a fundação e a difícil manutenção de um conjunto sinfônico que continua, hoje, sendo um dos mais importantes”²⁰.

Ao seu trabalho em torno da literatura e da cultura, incorpora-se a perspectiva histórica, por meio das obras *Capitania d’El Rey* (1964) e *Fronteira* (1973), que o projetam na atividade de historiador. *Capitania d’El Rey*, denominação que se refere às áreas do Estado que pertenciam a Portugal nos mapas portugueses do século XVI, traz a questão lusitana como foco de sua atividade historiográfica. A tarefa de historiador também orienta seu exercício intelectual, e se mostra por ensaios publicados, por palestras e cursos proferidos e pelo seu ingresso, em 1949, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), onde integra a Comissão de História, e exerce, nessa mesma entidade, os cargos de segundo e primeiro vice-presidente.

A intensa atuação social de Moysés Vellinho, voltada, sobretudo, para o cenário cultural, oportuniza sua vinculação com associações de expressivo reconhecimento no País e no Exterior, contribuindo para o fortalecimento das relações culturais entre países, especialmente, entre Brasil e Portugal. No âmbito nacional, preside a Fundação Eduardo Guimarães, o Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano e a Aliança Francesa, sediados em Porto Alegre/RS. Também integra entidades voltadas para a estirpe portuguesa, na qualidade de presidente do Gabinete Português de Leitura em condição

²⁰ FRANÇA, Eurico Nogueira. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 90.

de sócio honorário da Casa de Portugal, ambas localizadas em Porto Alegre/RS.No contexto internacional, participa, na condição de sócio correspondente, da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e da Academia Portuguesa de História, ambas localizadas em Lisboa-PT.Além disso, é vinculado à Biblioteca do Congresso, em Washington, D.C.

O reconhecimento do seu trabalho orientado para a cultura portuguesa gera aproximação ainda maior com Portugal. A condição de sócio da Academia Internacional da Cultura Portuguesa (AICP) deve-se à indicação de seu nome pelo presidente da entidade, Adriano Moreira. O doutorado-sanduiche realizado pela pesquisadora, com o amparo financeiro da CAPES, entre os meses de janeiro a abril de 2012, na Universidade de Lisboa, no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), sob a supervisão da profa. Dra. Vania Pinheiro Chaves, possibilitou a investigação *in loco* no arquivo da AICP²¹. Essa pesquisa permitiu o resgate de correspondências entre Moysés Vellinho e a Academia²², bem como oportunizou o levantamento de atas de reuniões nas quais ele é citado. Além disso, foi possível acessar textos sobre a obra de Moysés Vellinho manuscritos pelo presidente da AICP na época, e que atualmente preside a Academia das Ciências de Lisboa.

A partir da leitura desses materiais, verificou-se a importância de se realizar uma entrevista com o autor dos manuscritos sobre a repercussão do trabalho desse gaúcho em Portugal. Em 9 de março de 2012, na sala da presidência na sede da Academia das Ciências de Lisboa, Adriano Moreira reafirma, em seu depoimento à pesquisadora²³,o que está registrado na ata da sessão de 31 de março de 1967:

Proposta

O Senhor Presidente da Academia, prof. Doutor Adriano Moreira, propôs que fosse eleito para Acadêmico

²¹ Além de sua vinculação à AICP, teve-se acesso aos documentos da Academia Portuguesa de História, entidade na qual Vellinho também esteve vinculado. Há documentos sobre a repercussão de sua atuação em Portugal nos Anexos O e Q, no volume 2 desta tese.

²² Os documentos integram o ANEXO O, o qual compõe o volume 2 deste trabalho.

²³ O registro de entrevista é publicado no site da Universidade de Lisboa e no periódico da FALE – Faculdade de Letras da PUCRS – ANEXO D.

Correspondente o Prof. Dr. Moysés Vellinho. Justificando a sua proposta salientou que o ilustre mestre, reputado [respeitado] em todo o Brasil e venerado no Rio Grande do Sul, tinha sido dos mais objetivos e sérios defensores da ação portuguesa no velho Continente de São Pedro. O seu livro *Capitania d'El-Rei*, só por si, justificaria a inclusão do ilustre professor entre os Acadêmicos representantes do Brasil.

Seguidamente, passou-se à apreciação de algumas possíveis candidaturas para Acadêmicos Correspondentes, tendo-se aprovado imediatamente a admissão do Professor Doutor Moysés Vellinho.²⁴

A ascendência lusitana pelo bisavô por parte de pai e pelo tataravô por parte de mãe²⁵ contribui para sua vinculação à cultura lusa e impulsiona o seu exercício intelectual em prol da constituição histórica do Rio Grande do Sul como integrante do território brasileiro e marcada pelo caráter originário da colonização portuguesa. Essa ideia caracteriza sua produção e assinala a divulgação da cultura sulina no Brasil e no Exterior, uma vez que, além de sua participação como correspondente em associações e academias, e seu amplo contato com intelectuais de diversas nacionalidades²⁶, sua obra é traduzida para a língua inglesa. Sob o título *Brazil South – Its Conquist Settlement*²⁷, a obra *Capitania d'El Rey* apresenta-se na versão em inglês, quatro anos após a publicação da primeira edição brasileira, a convite do editor americano Alfred Knopf, proprietário da conceituada editora homônima, com o prefácio de Erico Verissimo.

Transcendendo as raias regionais e do próprio idioma, o ensaio histórico de Moysés Vellinho alcança amplitude internacional, a ponto de ser publicado mesmo em meio a um quadro editorial desfavorável, como

²⁴ ACADEMIA INTERNACIONAL DE CULTURA PORTUGUESA. Ata da sessão de 31 de março de 1967 da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Lisboa-PT. [Documento datiloscrito]. Tal documento integra o Anexo O, no volume 2 deste trabalho.

²⁵ HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 10-11.

²⁶ O Anexo M apresenta correspondências de Moysés Vellinho com intelectuais nacionais e estrangeiros.

²⁷ As condições de sua produção são comentadas no decurso deste trabalho. O prefácio em inglês e sua tradução para a língua portuguesa encontram-se no ANEXO R, integrante no volume 2 desta pesquisa.

expõe José Otávio Bertaso²⁸, diretor da Editora Globo na época, ao relatar a dificuldade de as casas editoriais internacionais encontrarem profissionais de confiança e qualificados em língua portuguesa que pudessem dar parecer com vistas à publicação de obras escritas nesse idioma: “isso significa que uma brilhante criação literária escrita em português enfrentava um árduo e penoso caminho para atravessar as fronteiras de seu país de origem”²⁹. Nesse sentido, Bertaso manifesta a grandiosidade de se conquistar uma publicação, ainda mais se tratando de obra não ficcional. Afirma que “raros foram os escritores brasileiros que conseguiram sem artificios ser publicados no exterior”³⁰, numa alusão a livros, como os de Guimarães Rosa e de José Sarney, cuja tradução para a língua estrangeira era subsidiada pelo governo brasileiro. *Brazil South – Its Conquist Settlement* obteve registro, inclusive, no Suplemento Literário do periódico *The New York Times*, o qual, conforme ressalta Bertaso, apresenta uma “crítica lisonjeira ao livro”³¹.

O historiador amazonense Arthur Cezar Ferreira Reis³², em reunião no Conselho Federal de Cultura, assim descreve Moysés Vellinho:

Homem dedicado a estudar o passado do Brasil, na parte Sul, inscreve-se entre as grandes figuras que dignificam o patrimônio cultural do País. Não é, apenas, uma figura do Rio Grande. Não é, apenas, um provinciano, como se pode pretender. É uma figura que pertence ao quadro cultural do Brasil. [...] Moysés Vellinho engrandece a paisagem intelectual do Brasil.³³

²⁸ José Otávio Bertaso dirige a Editora Globo de Porto Alegre de 1957 até 1986, quando é vendida às Organizações Globo, do jornalista Roberto Marinho. A Livraria do Globo é de propriedade do avô José Bertaso, desde 1918; o pai, Henrique Bertaso, atua nos processos editoriais da livraria, levando à criação da Editora Globo S. A., em 1956, ao separar-se da Livraria do Globo S.A.

²⁹ BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 2012. p. 138.

³⁰ BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 2012. p. 139-143.

³¹ BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 2012. p. 139.

³² Arthur Cezar Ferreira Reis (Manaus-AM, 1906 – Rio de Janeiro-RJ, 1993) tem mais de 300 obras publicadas, grande parte voltada à Amazônia. Desenvolveu intensa atividade intelectual e acadêmica em paralelo à carreira política. VILLAÇA, Fabiano. Arthur Cezar Ferreira Reis (1906-1993). *Revista de História.com.br*. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/arquivo-morto/arthur-cezar-ferreira-reis-1906-1993>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

³³ REIS, Arthur Cezar Ferreira. A memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro, 1980. p. 86.

Tanto Moysés Vellinho quanto Arthur Cezar Ferreira Reis integram o seleto quadro de conselheiros do Conselho Federal de Cultura (CFC), composto por 24 intelectuais nomeados diretamente pelo Presidente da República e responsáveis pela representação das áreas de artes, letras e ciências do País. O Decreto-Lei n. 74, de 21 de novembro de 1966, prevê a escolha dos conselheiros “dentre personalidades eminentes da cultura brasileira e de reconhecida idoneidade”³⁴. Como destaca a pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, Lia Calabre, os conselheiros eleitos caracterizam-se como “intelectuais de reconhecida importância e projeção nacional”³⁵. Compõe, portanto, o excepcional painel de representantes da cultura nacional reforça o mérito e a necessidade de se aprofundarem os estudos sobre a produção de Moysés de Moraes Vellinho.

Seus estudos sobre os aspectos regionais não devem ser entendidos como atividade de um restrito *pensador localista*, limitado à pesquisa de questões restritas à região natal. A designação de *intelectual da Província*, que dá título à tese, assenta no próprio posicionamento de Vellinho, que considera o estudo das particularidades das províncias como o ponto de partida para se demonstrar que é por meio dessa formação plural e distinta que se constitui a pátria brasileira. Tal perspectiva encontra respaldo na nota introdutória à obra *Letras da Província*:

A coesão do nosso pensamento político, a planificação do nosso ritmo econômico, a vitória da cultura sobre as forças da natureza, parecem estar íntima e organicamente

³⁴ Em fevereiro de 1967, tomam posse as seguintes personalidades (elencadas pela ordem alfabética): Adonias Filho, Afonso Arinos, Ariano Suassuna, Armando Schnoor, Arthur Reis, Augusto Meyer, Cassiano Ricardo, Clarival Valladares, Djacir Lima Menezes, Gilberto Freyre, Gustavo Corção, Hélio Viana, João Guimarães Rosa, José Cândido de Andrade Muricy, Josué Montello, D. Marcos Barbosa, Manuel Diegues Junior, Moysés Vellinho, Otávio de Faria, Pedro Calmon, Rachel de Queiroz, Raymundo de Castro Maia, Roberto Burle Marx e Rodrigo Mello Franco. CALABRE, Lia. *Intelectuais e política cultural: o Conselho Federal de Cultura*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Atas do Colóquio Intelectuais, Cultura e Política no Mundo Ibero-Americano. Rio de Janeiro: 17-18 de maio de 2006. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_LiaCalabre_Intelectuais_e_PoliticaCultural.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2012.

³⁵ CALABRE, Lia. *Intelectuais e política cultural: o Conselho Federal de Cultura*. Fundação Casa Rui Barbosa. Atas do Colóquio Intelectuais, Cultura e Política no Mundo Ibero-Americano. Rio de Janeiro: 17-18 de maio de 2006. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_LiaCalabre_Intelectuais_e_PoliticaCultural.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2012.

subordinadas à vitalidade das parcelas que compõem o todo brasileiro. Que importa a formação de diferenciações regionais? Sujeitas ao denominador comum da tradição luso-brasileira, elas não se resolverão nunca em divergências que possam conduzir à desagregação³⁶.

Ser procedente do “Coração do Rio Grande”, considerando a semântica do termo tanto pelo aspecto geográfico como pela lenda, desperta o interesse de Moysés Vellinho por seu Estado de origem, a ponto de protagonizar polêmicas com seus contemporâneos sobre o sentido da literatura e da cultura gaúchas, e sobre a formação histórica do Rio Grande do Sul. Cyro Martins, em entrevista à revista *Paralelo*, em 1979, comenta o comportamento do público, provocado pela peleia entre Vellinho e Rubens de Barcellos, ocorrida em 1925, através do periódico de Caldas Júnior, afirmando que: “houve muita briga e quase deram tiro por causa disso”³⁷.

Moysés de Moraes Vellinho ratifica, com seu próprio nome, a marca histórica que caracteriza o Rio Grande do Sul como cenário de grandes combates. Pela linhagem paterna, traz consigo o estigma federalista como orientação política. A morte do pai, o comerciante João Rodrigues Vellinho, quando Moysés Vellinho tem apenas um ano e meio de idade, não extingue a verve política que orientou o patriarca da família Vellinho: o aparador da sala da casa paterna manteve a imagem de Gaspar Silveira Martins, que sua mãe, Adalgiza de Moraes, conservava, em homenagem ao marido já falecido. O germe político mostra-se como um traço significativo de sua formação: “É óbvio que esta foto foi a primeira coisa que me falou à imaginação infantil e que me teria inoculado certo interesse cívico. Estas coisas, embora inconscientes, parecem que ficam na gente, e vão ressurgir muito tempo depois.”³⁸.

³⁶ Este excerto integra o texto intitulado Nota da 1ª Edição, referente ao lançamento de *Letras da Província*, em 1944. A segunda edição, revista e ampliada, publicada em 1960, mantém o texto, o qual é precedido por Nota à 2ª Edição. VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960. p. XI.

³⁷ MARTINS, Cyro. Entrevista. *Paralelo*, [s.l.], ed. 2, 1979.

³⁸ HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 10-11.

Por outro lado, a família Moraes é constituída, de acordo com a definição do próprio Vellino, por “republicanos inveterados ³⁹”. Essa característica justifica o nome Moysés, que simboliza o mês de janeiro no calendário positivista. A sugestão parte de José Penna de Moraes⁴⁰, seu tio e padrinho, fundador do periódico de propaganda e combate *A Tribuna*, de Santa Maria. A fase inicial de sua vida, na casa na rua do Acampamento⁴¹, é marcada pela política:

Desde guri, a inquietação política rodeava, em todo o caso, minha família. [...] Situado em frente à minha casa, funcionava o jornal de ‘Gaspar Martins’, dirigido por Júlio Magalhães. Existia, portanto, uma fermentação política muito grande em volta de mim, que eu percebia de modo ainda impreciso, enquanto criança, mas que me teria influenciado muito⁴².

A veia política de Vellino se manifesta, portanto, desde muito cedo, e essa particularidade o favorece em sua conduta como intelectual. Ele carrega consigo as qualidades necessárias ao homem público: diplomacia, astúcia, polidez e ânimo para o embate, o que se reflete nos seus textos

³⁹ HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 10-11.

⁴⁰ José Penna de Moraes (Santa Maria-RS, 1871 - Porto Alegre-RS, 1932), filho de Gabriel dos Santos Moraes e Francisca Penna de Moraes, faz os estudos primários na cidade natal e secundários no colégio N. Sra. da Conceição, em São Leopoldo-RS. Diplomado pela Escola de Farmácia de Ouro Preto-MG, em 1894, trabalha como farmacêutico e promotor público em Santa Maria. Exerce também o cargo de inspetor escolar estadual por dez anos. Fundador e diretor do periódico republicano *A Tribuna*, de Santa Maria, elege-se Deputado na Assembleia Legislativa do RS, 1908-1913. Atua como intendente municipal provisório de Caxias do Sul em 1911; e definitivo em 1912-1918, como diretor da comissão encarregada da defesa da produção vinícola do RS em SP e RJ, e como administrador dos correios em Porto Alegre. Pai do ensaísta e crítico literário Carlos Dante de Moraes (Santa Maria-RS, 1909-1982). MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978. p. 379-380. Constatam registros de diversos documentos em nome de José Penna de Moraes no inventário realizado pelo IHGRGS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – sobre o arquivo de Borges de Medeiros. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL (IHGRGS). Borges de Medeiros. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br/arq_online/inventario_bm/001_Titulo.htm>. Acesso em: 12 jan. 2013.

⁴¹ Na entrevista a Antônio Hohlfeldt, Vellino sinaliza que a rua do Acampamento, onde seu pai se estabelece com o seu armazém geral, é o ponto exato da fundação da cidade de Santa Maria e recebe esse nome devido ao acampamento militar de João de Saldanha, origem da vila.

⁴² HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 10-11.

críticos, na sua atuação como editor da revista cultural *Província de São Pedro*, na polêmica em torno do “brasileirismo” de Sepé Tiaraju: esse espírito de luta ele leva por toda a sua trajetória, na defesa de uma literatura que se emancipe de seu cenário regional e ultrapasse fronteiras.

1.1 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

A intensa produção de Moysés Vellinho sobre a literatura, a cultura e a história do Rio Grande do Sul, bem como a configuração e a inserção dessas questões em dimensão ampla, vinculadas ao cenário nacional e à origem lusa, conduzem-no a um lugar de distinção no meio intelectual. A pluralidade de atividades em diferentes esferas, seja na imprensa e em instituições, seja no meio governamental, demarca sua forte participação na sociedade. Revelando-se por meio dos periódicos como crítico perspicaz e de posicionamento firme, constrói uma carreira marcada por vigorosos debates em prol da vida literária e cultural rio-grandense e, por sua vez, brasileira.

Com base no conjunto de sua produção, e a partir das veiculações da imprensa sobre sua obra, tem-se como objetivo central da presente tese compreender a atuação do intelectual Moysés de Moraes Vellinho no desenvolvimento e na divulgação da literatura e da cultura do Estado do Rio Grande do Sul, nos cenários brasileiro e português, buscando salientar, por meio de seu exercício crítico, sua perspectiva sobre a literatura produzida no Rio Grande do Sul. Considerando a importância dada à obra de Machado de Assis em seus estudos, destaca-se a necessidade de identificar a influência das obras do criador de Capitu no seu posicionamento em relação à literatura concebida no Estado, ao ser um estudioso do autor.

Como objeto principal desta investigação, elegem-se os textos das polêmicas protagonizadas por Moysés Vellinho, no intuito de identificar suas perspectivas críticas em torno da literatura e da cultura sulinas. Tem-se como foco a discussão sobre a obra de Alcides Maya, travada na imprensa em 1925, entre Moysés Vellinho e Rubens de Barcellos, e o embate sobre

mérito de homenagem ao índio Sepé Tiaraju, iniciado no ano de 1955, o qual foi divulgado em periódicos do Estado, e apresenta como figuras centrais Moysés Vellinho e Mansueto Bernardi.

Opta-se pela demarcação do objeto de pesquisa em torno dos debates devido à larga repercussão dessas contendas na imprensa, mas, sobretudo, almeja-se identificar com clareza o pensamento crítico que move Moysés Vellinho desde os primórdios de seu exercício intelectual – momento em que assina suas publicações por meio do pseudônimo Paulo Arinos⁴³ – e verificar, sob o aspecto diacrônico, o desenvolvimento de seu discurso, ao ser um intelectual de destaque no cenário cultural rio-grandense, comprometido com os temas e os motivos da formação do Rio Grande do Sul e com a incursão do Estado nos aspectos constitutivos da identidade nacional.

É na especificidade do relevo fronteiriço que se conjuga no âmago de sua Província que Moysés de Moraes Vellinho identifica o órgão vital que deve estimular o sentido da literatura do Rio Grande do Sul: libertá-la de sua principal característica – a exploração da paisagem. Para a defesa dessa tese, contudo, não permanece apenas na tarefa de crítico literário. A ideia de uma renovação da literatura desenvolvida no Rio Grande do Sul é integrante de sua luta em fomentar a cultura do Estado, na busca de fortalecimento do quadro nacional, o qual favorece o intercâmbio cultural com outras nações, principalmente com Portugal. Essa perspectiva integra e orienta a hipótese desta pesquisa, a qual sugere que a atuação de Moysés Vellinho no cenário cultural rio-grandense e sua intensa produção voltada para a literatura e para a história sulinas configuram-se sobre a marca do regional, superando, porém, as delimitações geográficas, com vistas à promoção e à articulação das produções locais em amplitude nacional e internacional.

Embora o intelectual tenha se fixado geograficamente na Província, ao eleger o Rio Grande do Sul como espaço de vivência e foco de produção, busca-se evidenciar que o autor de *Letras da Província* não se limita a olhar para o seu *locus*; ao contrário, avista para além das fronteiras. O interesse

⁴³ Moysés Vellinho utiliza o pseudônimo de Paulo Arinos em seus textos críticos até o ano de 1939, quando passa a assinar sua produção pelo nome de registro. As polêmicas abrangem esses dois momentos do escritor.

pela obra de Machado de Assis⁴⁴ talvez esteja vinculado à amplitude dessa visão, uma vez que a perspectiva machadiana permite vislumbrar uma literatura que extrapole o contorno das coxilhas, pensando, assim, numa perspectiva de renovação da literatura desenvolvida no Estado.

A consagração de Moysés Vellinho como figura expoente no cenário da cultura alcança reconhecimento nos níveis regional, nacional e internacional. O exame de sua produção crítica, portanto, exige sua identificação como sujeito social, para que se observe seu percurso como intelectual no contexto em que vive. Para isso, gera-se a necessidade de assinalar informações de ordem política, social e cultural, que permitam elucidar o lugar ocupado por Vellinho na sociedade de sua época e, assim, reconhecer a proeminência e o impacto de sua produção crítica no espaço rio-grandense em seu período de atuação, de maneira a possibilitar o alcance dos objetivos, construídos com base nas seguintes questões norteadoras:

- a) *Questão geral*: Como a atuação do intelectual Moysés de Moraes Vellinho contribui para o desenvolvimento e a divulgação da literatura e da cultura do Estado do Rio Grande do Sul, nos cenários brasileiro e português?
- b) *Questões específicas*: Qual é a tendência crítica de seus textos? Que ideias são expressas em seu exercício crítico sobre a literatura produzida no Rio Grande do Sul? De que forma Moysés Vellinho se apresenta inserido no cenário político, social e cultural de sua época? Qual é a influência das obras de Machado de Assis no seu posicionamento em relação à literatura produzida no Estado, ao ser um estudioso do autor? Como se desenvolve o seu discurso, enquanto um intelectual comprometido com os temas e os motivos da formação do Rio Grande do Sul e a construção da identidade nacional? De que

⁴⁴ A partir da conferência proferida em comemoração ao centenário do nascimento de Machado de Assis no Salão Nobre da Biblioteca Pública do Estado, em 21 de junho de 1939, que Moysés Vellinho deixa de utilizar o pseudônimo de Paulo Arinos e passa a assinar suas críticas por seu nome de registro. O Anexo G, no volume 2 deste trabalho, apresenta a transcrição do discurso de Moysés Vellinho em tal evento.

forma a literatura e a cultura portuguesas se mostram em seu discurso? Quais intelectuais e personalidades nacionais e internacionais com que o crítico mantinha contato? Como sua atuação como intelectual favorece o intercâmbio das produções literárias e culturais desenvolvidas no Estado com intelectuais do Brasil e de Portugal? Como os materiais de imprensa expressam a vinculação do autor às origens do gaúcho e com as literaturassulina, nacional e internacional?

O referencial teórico que dá amparo a este estudo concentra-se nas concepções acerca do papel do intelectual, de maneira que auxiliem no entendimento e na definição da atividade de Moysés Vellinho, na época de seu exercício sociopoliticocultural, as décadas de 1920 a 1980. Devido ao lato referencial em torno do tema, elegem-se as abordagens de Antônio Gramsci, Edward Said e Beatriz Sarlo como base teórica, incluindo-se, no desenvolvimento do texto, exposições de outros pensadores, ao se perceber aspectos que revigoram as reflexões e encaminham a novas conceituações em torno do tema, considerando o propósito deste trabalho em compreender a função de Moysés Vellinho como intelectual. Ao se entender que as teorias devem colaborar para a elucidação dos propósitos investigativos, as considerações teóricas são utilizadas na desenvolvimento do texto na medida em que se identifica possibilidades para esclarecimento das questões que aqui são objeto de análise.

No levantamento sobre os estudos centrados em Moysés Vellinho⁴⁵, registram-se o ensaio “Ribeiro Dantas e Moysés Vellinho” (1993), de Ruy Rodrigo Brasileiro de Azambuja, que resgata aspectos biográficos do escritor; a obra organizada por Carlos Alexandre Baumgarten, denominada *Ensaaios Literários: Moysés Vellinho* (2001), a qual reedita parte de seus textos de crítica literária, como forma de homenagem pelo centenário de seu nascimento; os comentários “Moysés Vellinho e as virtudes da raça” (2001) e “Capitania d’El Rei” (2006), e a entrevista “Capitania d’el-Rei: aspectos

⁴⁵ Entre outros espaços de pesquisa, destaca-se: Banco de Teses da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior, Periódicos Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

polêmicos da formação rio-grandense” (2006), de Mário Maestri, nos quais o autor reitera sua crítica sobre a perspectiva historiográfica de Vellinho⁴⁶; a dissertação de mestrado de Tatiana Zismann, intitulada *A construção da identidade nacional nos discursos crítico-literário e historiográfico de Moysés Vellinho (2006)*, orientada pela professora Dra. Maria Cristina dos Santos, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, em que a autora propõe a construção, pelo intelectual, de um discurso caracterizador da identidade do País; a tese intitulada *Da crítica à história: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação – 1925-1964 (2006)*, de Mara Cristina de Matos Rodrigues, orientada pelo professor Dr. Temístocles Cezar, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, a qual se destina a compreender como se realizava o processo de delimitação das fontes por historiadores, baseando-se em textos produzidos por Moysés Vellinho. Assinala-se também o artigo “O debate historiográfico entre Moysés Vellinho e Manoelito de Ornellas” (2007), publicado por Carina Santos de Almeida, na *Spartacus*: revista eletrônica dos discentes de História da UNISC, que se propõe a comparar distintos posicionamentos sobre a organização territorial do Rio Grande do Sul⁴⁷.

⁴⁶ Em diversos textos, Mário Maestri faz referência à produção historiográfica de Moysés Vellinho, direcionando sua abordagem ao caráter ideológico dos textos, como, assim, caracteriza-os. Há outros estudos de Maestri sobre a perspectiva histórica exposta por Vellinho em suas obras, além dos títulos ora citados.

⁴⁷ Referências na ordem de aparecimento no texto: AZAMBUJA, Ruy Rodrigo Brasileiro de. *Ribeiro Dantas e Moysés Vellinho*. Porto Alegre: Instituto dos Advogados, 1993. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.) *Ensaio literários: Moysés Vellinho*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2001.

MAESTRI, Mário. Moysés Vellinho e as virtudes da raça. *La insignia*. 6 mai. 2001. Disponível em: <http://www.lainsignia.org/2001/mayo/cul_023.htm>. Acesso em: 12 mar. 2012.

MAESTRI, Mário. Capitania d’El Rei. *La insignia*. 28 nov. 2006. Disponível em: <http://www.lainsignia.org/2006/noviembre/ibe_070.htm>. Acesso em: 12 mar. 2012.

MAESTRI, Mário. Capitania d’el-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense. [Entrevista]. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 204, ano VI, nov. 2006. Disponível em:

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=588&secao=204. Acesso em: 23 mar. 2012.

ZISMANN, Tatiana. *A construção da identidade nacional nos discursos crítico-literário e historiográfico de Moysés Vellinho*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da crítica à história: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação – 1925-1964*. 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

As pesquisas sobre Moysés Vellinho encaminham-se, em maior parte, à análise de sua produção historiográfica, em sua atuação como historiador. Esta investigação, ao privilegiar a perspectiva crítica do autor sobre a literatura e a cultura brasileiras, cujo estudo ainda é escasso, aborda um panorama pouco contemplado nos estudos literários. Como resultado, almeja-se contribuir para o fomento de novas discussões, buscando ampliar as possibilidades de compreensão da literatura brasileira, colaborando, assim, para a renovação dos estudos em historiografia literária. Intenciona-se também cooperar para a divulgação da produção e da atividade de Moysés de Moraes Vellinho, ao reunir, sob a forma de Anexos, informações e textos de e sobre sua produção, favorecendo o contato a materiais de restrito acesso.

1.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa é o acervo de Moysés Vellinho, que se encontra ao abrigo do DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, desde 29 de novembro de 2007, data oficial de doação por sua família. Investigam-se as fontes levantadas no acervo, principalmente nos materiais de imprensa, destacando-se os periódicos nos quais a atuação do intelectual é mais intensa, a saber: os jornais *Correio do Povo* e *A Federação*, de Porto Alegre/RS, e a revista *Província de São Pedro*/RS, também de Porto Alegre. Investigam-se também correspondências, bilhetes, anotações e fotografias, os quais tiveram sua publicação autorizada.

Ainda integram o *corpus* o depoimento de Heloísa Vellinho Corso, filha de Moysés Vellinho, assim como os materiais do acervo familiar por ela disponibilizados, e o depoimento de Adriano Moreira, presidente da

ALMEIDA, Carina Santos de. O debate historiográfico entre Moysés Vellinho e Manoelito de Ornellas. *Spartacus*: revista eletrônica dos acadêmicos do curso de História da Universidade de Santa Cruz do Sul. Disponível em: <http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/almeida_carina_santos.pdf>. Acesso em: 21 set. 2011.

Academia das Ciências, em Lisboa – Distrito/PT, responsável por sugerir o nome do intelectual para integrar a Academia Internacional da Cultura Portuguesa, em 1967. As declarações recolhidas pela pesquisadora foram realizadas por meio de contato presencial⁴⁸. Os encontros com Heloisa Vellinho Corso aconteceram em 19/04/2011 e em 30/07/2013, ambos em sua residência em Porto Alegre-RS; a conversa com Adriano Moreira ocorreu em 09/03/2012, na sala da Presidência da Academia das Ciências, em Lisboa–Distrito/PT. Para esta investigação, examinaram-se também correspondências, periódicos, artigos, livros e trabalhos acadêmicos depositados em arquivos públicos brasileiros e portugueses, com destaque:

Brasil:

- a) Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul⁴⁹, em Porto Alegre-RS.
- b) Hemeroteca Municipal⁵⁰, em Porto Alegre-RS;
- c) Acervo do jornal *Correio do Povo*, em Porto Alegre-RS;
- d) Catálogo on-line da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro-RJ;
- e) Acervo do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre-RS;

Portugal⁵¹:

- a) Academia Internacional da Cultura Portuguesa;
- b) Academia Portuguesa de História;
- c) Arquivo Municipal de Lisboa;
- d) Biblioteca Nacional de Portugal;
- e) Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- f) Hemeroteca de Lisboa;
- g) Torre do Tombo.

Quanto aos instrumentos de pesquisa, relacionam-se os seguintes:

⁴⁸ Além desses dois encontros, há contatos telefônicos com Heloisa Vellinho Corso.

⁴⁹ A Biblioteca Pública abriga coleção sobre o Estado, no Setor de Documentação do Rio Grande do Sul, no qual se buscou fontes oriundas do Gabinete Português de Leitura, quando este possuía sede na capital.

⁵⁰ A Hemeroteca Municipal está instalada atualmente no antigo prédio sede de *A Federação*, periódico que Moysés Vellinho atua como redator e diretor.

⁵¹ Todos os espaços citados em Portugal localizam-se na cidade de Lisboa – DT.

- a) textos constantes no acervo do autor⁵², resgatados por meio de fotografia, para leitura e classificação do material;
- b) obras de autores nacionais e estrangeiros que integram o referencial teórico voltado para o aprofundamento dos estudos sobre o papel do intelectual e sobre o contexto da época vivenciada por Moysés de Moraes Vellinho;
- c) documentos de diferentes naturezas, impressos e eletrônicos, que contribuem para o entendimento e a compreensão de sujeitos e eventos que integram a presente análise;
- d) livros e artigos de autores nacionais e estrangeiros voltados à atividade historiográfica e ao trabalho científico com fontes, sob o enfoque metodológico, com a finalidade de adequado manuseio das fontes primárias e apropriada análise do *corpus* de pesquisa, com base nos objetivos;
- e) textos presentes em acervos, bibliotecas e centros de cultura nos quais Moysés Vellinho cooperou, assim como entidades que abrigaram materiais relacionados ao objetivo desta pesquisa.
- f) roteiros de entrevistas, os quais conduziram as perguntas da pesquisadora a Heloísa Vellinho Corso e a Adriano Moreira.

Carlos Bacellar, no texto “Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos”, define o trabalho do pesquisador de fontes primárias como uma atividade artística: “manusear documentos em salas de consulta é uma arte”.⁵³ Ao discorrer sobre o desenvolvimento de pesquisa em fontes documentais, salienta o longo e árduo processo de investigação, destacando algumas dificuldades que o pesquisador provavelmente irá enfrentar.

⁵² No acervo do autor, há materiais que se apresentam em precárias condições, com textos incompletos e sem informações como data, título do periódico ou autoria, mas se opta por não os omitir da pesquisa, considerando o conteúdo neles presente. As citações contidas na Tese foram digitadas pela autora, atualizando-se a ortografia e a pontuação, e corrigindo-se as gralhas, tendo como base o documento *Normas de atualização de textos do CPL – PUCRS* e o Acordo Ortográfico Brasileiro assinado em 2009.

⁵³ BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 57.

Na realização desta tese, o primeiro desafio é marcado pelo número de materiais presentes no Acervo Moysés Vellinho. Encontrou-se uma variedade significativa de documentos de processo⁵⁴: notas, esboços, cartas, bilhetes, telegramas, correspondências passivas, fotografias e publicações de imprensa, dispostos em caixas e álbuns. A quantidade de material, ainda em fase de catalogação⁵⁵, gerou um longo trabalho de identificação e organização dos arquivos para resgate de material de efetiva contribuição para o alcance do propósito investigativo. A coleta de materiais para posterior leitura, classificação e análise de dados foi realizada no acervo em questão, pela pesquisadora, através de registros fotográficos, sem o uso de *flash*, mediante autorização da professora responsável pelo DELFOS⁵⁶ – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, Dra. Alice Therezinha Campos Moreira, no período desta investigação.

O iniciar de uma pesquisa, como salienta Bacellar, “exige **a localização de fontes**”⁵⁷. No caso de investigação com fontes primárias, há um trabalho, por vezes intenso, de levantamento de material, até a formação de um conjunto documental suficiente e adequado para os propósitos investigativos. Nesse sentido, destaca-se que os acessos aos arquivos dos espaços pesquisados requereram, em geral, de autorização para a realização da pesquisa por parte da equipe coordenadora de cada local, além de agendamentos prévios para consultas locais, de acordo com a disponibilidade de horários de funcionário responsável pelos materiais arquivados. Com exceção do catálogo online da Biblioteca Nacional, os demais espaços de investigação tanto no Brasil quanto em Portugal necessitaram de deslocamento físico e adaptação aos horários dos colaboradores locais, tornando-se, dessa forma, obstáculos a serem

⁵⁴ Termo sugerido pela pesquisadora Cecília de Almeida Salles, na obra *Crítica Genética: uma (nova) introdução*. SALLES, Cecília de Almeida. *Crítica Genética: uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC, 2000.

⁵⁵ O acervo de Moysés Vellinho é oficialmente doado pela família do autor ao DELFOS em 29/11/2007.

⁵⁶ O DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS abriga o acervo de Moysés Vellinho como também de outras personalidades. Disponível em: <http://www.pucrs.br/delfos/>. Acessos entre 2009 a 2013.

⁵⁷ BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 51.

transpostos pelo pesquisador. Ressalta-se, nesta pesquisa, o óbice para o contato com o acervo do periódico *Correio do Povo*, de Porto Alegre/RS. Além de procedimento extremamente burocrático, que envolve o pagamento para realização da pesquisa em guichê exterior ao prédio, a visualização de periódicos da década de 1920 ou anterior a esse período somente pode ser realizada por meio de microfilme, e as informações pesquisadas apenas tem prevista apenas a forma manual para registro.

A coleta de materiais, portanto, deve ser identificada como uma importante etapa da pesquisa. Embora documentos isolados possam ser avaliados por seus aspectos qualitativos, amostras diminutas em pesquisa histórica, embora relevantes, limitam a análise, uma vez que a construção investigativa orienta-se pelos documentos levantados. Exemplifica Bacellar:

Documentos isolados têm seu valor, mas não se pode arriscar a generalizar suas informações para o restante da sociedade. Localizar, em um documento qualquer, a menção a um casal de adolescentes não pode, em hipótese alguma, corroborar como a célebre argumentação de Gilberto Freyre sobre uma prática de casamentos pubertários, que nunca pode ser verificada para além de casos isolados. Infelizmente, a exceção chama mais atenção do que a regra, e o historiador tem de tomar muitos cuidados para não cair na tentação de transformar um caso isolado em caso corriqueiro⁵⁸.

Nesse sentido, reforça-se que o empenho na obtenção de uma amostra representativa de fontes, para posterior classificação e análise, contempla a primeira etapa desta pesquisa, e parte desse repertório apresenta-se reunido nos Anexos que acompanham este trabalho. Dessa maneira, busca-se favorecer o contato de materiais sobre Moysés de Moraes Vellinho, ao agrupar documentos, anteriormente esparsos, de e sobre o autor.

No exame dos documentos, buscou-se classificá-los, considerando as fontes primárias, a saber: a) textos: livros, artigos em revistas, artigos em

⁵⁸ BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 62.

jornais, manuscritos; b) paratextos: prefácios, posfácios, capítulos introdutórios, apresentações, ensaios, artigos de crítica, discursos, pareceres, notas necrológicas, atas de reuniões de associações; c) metatextos: crítica literária, crítica jornalística, estudos históricos.

Esta pesquisa caracteriza-se pelo método de procedimento da análise documental, de caráter qualitativo, visando ao levantamento, à identificação, à fixação e à análise de documentação primária de e sobre a produção intelectual de Moysés Vellinho depositados em seu Acervo no DELFOS, e em espaços a que o autor se vincula, privilegiando-se os textos críticos relacionados às polêmicas em torno de Alcides Maya e Sepé Tiarayu, publicados na imprensa, sob sua assinatura.

1.3 PESQUISA EM FONTES HISTÓRICAS

[O pesquisador] precisa questionar, antes de mais nada, as ferramentas intelectuais usadas, que – na qualidade de pressupostos incontornáveis uma vez escolhidas – orientam a sua visão e as escolhas preferenciais em relação aos modos de representação.

*Heidrun Olinto*⁵⁹

Heidrun Olinto demarca a base da atividade de pesquisa na ciência contemporânea ao reconhecer o papel reflexivo do investigador não somente diante dos materiais que intenciona analisar, mas sobre a própria prática investigativa. Ao ter em mente as atuais discussões sobre a complexidade e a heterogeneidade de elementos compositivos a serem considerados na produção do conhecimento científico, a tarefa do pesquisador recai, primeiramente, sobre a abordagem metodológica, entendendo-a, na perspectiva de Minayo, “como a discussão epistemológica sobre o ‘caminho

⁵⁹ OLINTO, Heidrun Krieger. *Historiografia (literária) entre passado e presente*. GT – História da Literatura. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/gthistoria/olinto.php>>. Acesso em: 25 jan. 2013.

do pensamento' que o tema ou o objeto de investigação requer"⁶⁰. Na medida em que a escolha do método, ao conduzir a atividade do pesquisador, prolonga-se nos resultados pesquisados, reconhece-se que a opção procedimental torna-se elementar para o desenvolvimento de um produto que se visa elevar ao *status* científico.

Nesse sentido, a avaliação inicial volta-se ao objeto e ao objetivo de pesquisa ao mesmo tempo em que se passa a indagar sobre a consecução do objeto resultante da atividade científica: a própria tese, e sua inserção na academia, responsável por sua validação. Sua institucionalização através do Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de concentração em Teoria da Literatura, sob a linha de pesquisa *Literatura, História e Memória* já sinalizam o traço orientador que a particulariza e a situa em seu *locus* de legitimação. Essa inscrição, contudo, nesse início do século XXI, traz consigo as conflitivas que envolvem a ciência da literatura, analisada por novos postulados e por novas orientações sobre a atividade do pesquisador. Os sintagmas que estabelecem a pesquisa ora apresentada precisam, portanto, ser observados considerando as abordagens e os critérios científicos vigentes, os quais demandam do pesquisador a habilidade de conjecturar os propósitos do estudo à multiplicidade de questões que os envolvem, de diferentes naturezas e orientações, nos âmbitos interno e externo do texto, que vão desde a autorização de dados e uso de documentos a escolhas teóricas e suas orientações, vinculações de ordem ideológica, política, etc., integrando – conscientemente – sujeitos, objeto, teorias.

Requer, também, um exercício de “articular teorias”⁶¹ de forma consciente, com capacidade de “decisões seletivas que abrangem não só o material, mas também opções em face de modelos estéticos e ideológicos que precisam ser justificados e legitimados”⁶², com noção do caráter provisório que as configuram. Além disso, os novos estudos em torno do papel do

⁶⁰MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2007. p. 44.

⁶¹ OLINTO, Heidrun Krieger. Interesses e paixões: histórias e literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p. 43.

⁶² OLINTO, Heidrun Krieger. Interesses e paixões: histórias e literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p. 42.

historiador sinalizam que o envolvimento do investigador com a pesquisa deve ser conduzido pela ponderação, de forma a não ceder ao encanto do tema e do objeto investigado, na intenção de preservar a capacidade de reconhecê-lo além da subjetividade de quem os analisa. Ao optar pela atividade historiográfica, é preciso, ainda, levar em conta, como ressalta Olinto, a necessidade de essa produção ser alinhada aos “compromissos do historiador, moldados por sua inserção em determinado espaço histórico-social em uma esfera disciplinar institucional que orienta as suas preferências por certas molduras teóricas. E as suas paixões.”⁶³ O desafio do ofício do historiador da literatura atual ainda contempla a capacidade de conceber a diversidade de variantes que envolvem sua atividade, sem reduzi-las a um modelo global e uno, ciente de que esses aspectos são conduzidos atualmente, como expõe Bordini, pelo “pensamento historiográfico dirigido pelo princípio da incerteza”⁶⁴.

“A historiografia literária escreve-se no plural”⁶⁵, afirma Olinto. Isso não permite mais, nas palavras de Certeau, uma “sistematização totalizante”⁶⁶. Os postulados que conduzem à prática historiográfica voltam-se para a compreensão de determinado problema histórico, sem mais a intenção de exauri-lo, ou analisá-lo em sua totalidade. As fontes, para o historiador, tornam-se possibilidades de respostas para suas indagações sobre determinado acontecimento e são elas que concedem credibilidade às hipóteses lançadas. Essa perspectiva para a história indica novas rupturas de análise, não mais desenvolvidas considerando apenas a sucessão de acontecimentos históricos baseados na linearidade do tempo. É preciso reconhecer, portanto, que a construção sobre o objeto investigado não comporta mais modelos teóricos tradicionais. A pluralidade que gera as

⁶³ OLINTO, Heidrun Krieger. Interesses e paixões: histórias e literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p. 42.

⁶⁴ BORDINI, Maria da Glória. Fronteiras entre teoria e história da literatura. [ca. 2000]. *Banco de textos raros em Literatura Brasileira*. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fale/pos/historiadaliteratura/textosraros/fronteiras.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

⁶⁵ OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p. 5.

⁶⁶ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. [1ª edição brasileira]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 32.

histórias da literatura define-se pelo caráter singular que as particulariza. Esse aspecto amplia a complexidade da pesquisa e reforça a incidência sobre o método.

É ao longo do século XX que a história da literatura passa a ter seus critérios questionados. Sua relação, no século XIX, com questões de ordem política⁶⁷, na qual mostra um discurso alinhado à proposta nacionalista do Império, apresenta *status* enfraquecido como disciplina, no momento em que novo cenário político e social começa a se configurar. Sua base científica também entra em julgamento, uma vez que estava ligada a uma estrutura de construção narrativa de caráter linear e progressivo, desencontrando-se, assim, dos atuais padrões historiográficos, evidenciados, em 1929, pela publicação da revista originalmente intitulada de *Annales d'Histoire Économique et Sociale*⁶⁸, sob a tutela de Marc Bloch e Lucien Febvre, da Universidade de Estrasburgo, na França, e o surgimento da Escola dos *Annales*. Essas novas perspectivas, as quais se convencionaram chamar de *Nova História*⁶⁹, conferem um novo paradigma aos estudos históricos, gerando uma modificação na concepção analítica dos eventos. O campo de estudo da história amplia-se, ultrapassando a visão positivista dos eventos. Passa a estabelecer relações com outras áreas do conhecimento, na busca de explicações a grandes transformações políticas ou sociais. Nesse sentido, muda-se a visão e a postura do historiador em relação às fontes; por sua vez, o caráter totalizante e orgânico que a história da literatura propunha à escrita da literatura, e sua responsabilidade por colecionar e consagrar um cânone normativo e homogêneo não se ajusta mais às atuais perspectivas historiográficas.

As incertezas que envolvem os estudos históricos integram também a literatura ao longo do século XX, ao ter em análise os pressupostos que a orientam e lhe conferem o estatuto científico. Questiona-se o próprio objeto

⁶⁷ MOREIRA, Maria Eunice. História da literatura: alguns problemas e (in)certas propostas. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Papéis nada avulsos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 11-20.

⁶⁸ Em português: *Anais de História Econômica e Social*.

⁶⁹ NOVA HISTÓRIA: editorial. *Revista USP*. São Paulo: n. 23, set./nov. 1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/23/EDITORIAL-23.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2012.

que a orienta, seus postulados teóricos, a configuração de sua história, os critérios de instituição do cânone, assim como se contesta o papel exercido pela crítica. A literariedade da literatura e a função do crítico literário ocupam a atenção dos formalistas russos nos anos iniciais de 1900. Nos anos 1930 e 1940, o *New Criticism* apresenta técnicas de leitura e observa o produto da literatura como objeto estético. O estruturalismo de Ferdinand de Saussure, lançado na segunda década do século XX, consagra-se nas décadas de 1950 e 1960, confrontando-se à fenomenologia de Husserl, voltada a compreender os sentidos e os efeitos da obra literária. Entre as discussões sobre as transformações que sofrem o fenômeno literário, demarca-se também a questão introduzida por Hans Robert Jauss, em 1967, em conferência na Universidade de Constança, na Alemanha, sob o título “História da literatura como provocação à ciência literária”⁷⁰. O crítico alemão propõe conceber o horizonte de expectativas do leitor no processo literário, ou seja, aponta a necessidade de se considerar o efeito produzido pela obra nos leitores. A “estética da recepção” contempla as condições sócio-históricas que envolvem a relação autor, leitor e obra. Essa perspectiva modifica o próprio conceito de literatura, que se torna ainda mais complexo e condicionado às condições de comunicação em determinado espaço temporal, voltando-se do texto para o sistema literário, o qual busca observar a moldura na qual os agentes do processo literário estão inseridos.

Como expôs o professor Ivan Teixeira, ao final da década de 1990, em artigo à revista *Cult*, o estruturalismo “representou a maior revolução metodológica nas ciências humanas nos últimos cinquenta anos”⁷¹. Os pressupostos estruturalistas se propagam nos estudos literários, na antropologia, na história intelectual, na psicanálise, na teoria marxista, integrando-se, assim, a distintas correntes de pensamento em diversas áreas do conhecimento. Ao se entender que a obra não é um texto autônomo, alheio a questões externas, mas sim um produto construído pelo

⁷⁰ MOREIRA, Maria Eunice. História da literatura: alguns problemas e (in)certas propostas. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Papéis nada avulsos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 11-20.

⁷¹ TEIXEIRA, Ivan. Fortuna crítica 4: estruturalismo. *Cult*. Out. 1998. Disponível em: <http://textoterritorio.pro.br/alexandrefaria/recortes/cult_fortunacritica_4.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013. p. 34.

discursos singular de um indivíduo inserido em um meio, o discurso torna-se o objeto de investigação do método estruturalista. Ao final do século XX, surgem as teorias pós-estruturalistas, como os feminismos, os marxismos, as teorias psicanalíticas, os historicismos contemporâneos e o desconstrucionismo de Jacques Derrida⁷².

A noção sobre concepções e correntes que contribuem para as profundas mudanças que afetam a sociedade ocidental no século XX auxilia para o entendimento de questões que conduzem o pensamento social e integram os estudos na contemporaneidade, e torna-se salutar nesta pesquisa, ao corresponder ao período de vida e de atuação do sujeito e do objeto centrais deste trabalho: Moysés de Moraes Vellinho. Além disso, a marca temporal é significativa para as concepções teóricas quanto ao conceito e ao papel do intelectual e sua conexão nos processos sociais, bem como contribui para um melhor entendimento do panorama que envolve o rico e complexo estudo de Paul Ricoeur. Ao adotar a ação humana como objeto de sua investigação, as reflexões do filósofo francês integram, sob um espectro amplo de variáveis, subjaz ao objeto em que centra sua análise, o exame da prática historiográfica e do fazer científico. Com base em seu objeto de estudo e seu denso exame em torno da narrativa histórica, a partir da hermenêutica do discurso, elegem-se as considerações de Ricoeur como orientadoras para o desenvolvimento do método desta pesquisa, admitindo-se sua sistematização em três níveis ao discurso histórico, quais sejam: 1) o documental, 2) o da explicação/compreensão, e 3) o da representação literária do passado⁷³. Nesse sentido, salienta-se que os aspectos metodológicos anteriormente explicitados neste capítulo, os quais envolvem o processo de identificação e de organização dos arquivos, com vistas à eleição da documentação primária, são conduzidos a partir da perspectiva riquieriana⁷⁴.

⁷² CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.

⁷³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. p.196.

⁷⁴ Orientam as reflexões, principalmente, as obras *Tempo e narrativa: o tempo narrado* – vol. 3 e *A memória, a história e o esquecimento*, ambas de Paul Ricoeur.

1.4 ESTRUTURAÇÃO DA TESE

Quanto à estruturação dos capítulos, esta investigação parte de capítulo 1 denominado INTRODUÇÃO, o qual visa apresentar Moysés de Moraes Vellinho e suas vinculações com o Rio Grande do Sul, uma vez que seu Estado natal é tema basilar de sua produção e *locus* de sua atividade intelectual. Pretende-se, nessa exposição introdutória, apresentar um panorama de sua atuação, enfatizando os anos iniciais de sua vida. Integram ainda o capítulo primeiro informações a respeito da constituição desta Tese, por meio de: subitem 1.1 *Objetivos e justificativa*, no qual se sinalizam, além dos tópicos evidenciados pelo próprio título, as questões orientadoras e as hipóteses que envolvem este estudo; subitem 1.2 *Aspectos metodológicos*, indica informações sobre o processo de seleção de fontes e de questões sobre o método; subitem 1.3 *Pesquisa em fontes históricas*, no qual se intenciona indicar e justificar o método de pesquisa e apresentar um quadro sinóptico de questões que envolvem a prática historiográfica em literatura; e subitem 1.4 *Estruturação da Tese*, no qual busca-se explicitar sucintamente os conteúdos integrantes na composição de cada capítulo.

O segundo capítulo, o qual se intitula O INTELLECTUAL E A SOCIEDADE, apresenta questões teóricas que contribuem para o desenvolvimento desta investigação. O propósito central encaminha-se para as discussões acerca do papel do intelectual, caracterizando, posteriormente, Moysés Vellinho nessas conceituações. Tem-se como base a perspectiva e as discussões de Antônio Gramsci, Edward Said e Beatriz Sarlo. Nesse capítulo também se incluem questões referentes às conceituações teóricas sobre a pesquisa historiográfica em literatura sob o enfoque de Paul Ricoeur.

O terceiro capítulo, designado O DESPERTAR DO INTELLECTUAL, traz o período inicial da atividade crítica de Moysés Vellinho, buscando evidenciar a conjuntura social em que está inserido. Busca-se destacar sua vinculação a intelectuais e a entidades políticas e culturais.

O quarto capítulo, O INTELLECTUAL E O PAMPA, centra-se na primeira polêmica que protagoniza, com Rubens de Barcellos, sobre a obra

de Alcides Maya, a qual marca sua fase inicial como crítico literário. Visa-se levantar as questões centrais das discussões em torno da literatura produzida no Rio Grande do Sul, por meio de sua produção crítica.

Intitulado O INTELLECTUAL E A PROVÍNCIA, o quinto capítulo foca-se no debate figurado por Moysés Vellinho e por Mansueto Bernardi sobre homenagem ao índio Sepé Tiaraju. Busca-se observar as questões que orientam a discussão, os intelectuais envolvidos, no intuito de analisar que aspectos se relacionam e influenciam no posicionamento do intelectual em suas observações e análises sobre a literatura do Rio Grande do Sul.

O sexto capítulo, O INTELLECTUAL PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS, concentra-se no entendimento da perspectiva de Moysés Vellinho sobre a literatura do escritor Machado de Assis, com o objetivo de vincular sua atuação como intelectual ao autor de *Dom Casmurro*, ao qual dedicou em seus estudos significativa atenção. Busca-se estabelecer relações que permitam compreender qual é a influência do pensamento machadiano no posicionamento de Moysés Vellinho sobre a literatura produzida no Rio Grande do Sul, e como seu posicionamento possibilita a divulgação da literatura e da cultura do Estado do Rio Grande do Sul, em âmbito nacional e internacional, principalmente com Portugal.

ACONCLUSÃO apresenta reflexões e considerações sobre a atividade crítica de Moysés Vellinho, com base nos objetivos da pesquisa, caracterizando sua atuação como intelectual em seu papel como agente literário e cultural do Estado.

Além disso, esta pesquisa integra os seguintes anexos:

Volume 1

ANEXO A – Cronologia do intelectual: Moysés Vellinho – vida e obra;

ANEXO B – Moysés Vellinho: obras publicadas;

ANEXO C – *Curriculum Lattes* da pesquisadora;

ANEXO D – Divulgação de entrevista da pesquisadora com o presidente da Academia das Ciências de Lisboa;

Volume2

- ANEXO E – Paulo Arinos: o jovem intelectual – textos críticos;
- ANEXO F – Paulo Arinos e Rubens de Barcellos – a polêmica sobre a obra de Alcides Maya;
- ANEXO G – Moysés Vellinho e a produção machadiana: *Aspectos da obra de Machado de Assis*;
- ANEXO H – Moysés Vellinho e Mansueto Bernardi – a polêmica sobre a homenagem a Sepé Tiaraju;
- ANEXO I – O intelectual e a vida literária;
- ANEXO J – O intelectual e a Fundação Eduardo Guimarães;
- ANEXO K – O intelectual e a vida social;
- ANEXO L – O intelectual e a política;
- ANEXO M – O mediador cultural: correspondências com intelectuais;
- ANEXO N – O mediador cultural: editoriais da revista *Província de São Pedro*;
- ANEXO O – Relações culturais Brasil-Portugal: a Academia Internacional da Cultura Portuguesa e a Academia Portuguesa de História;
- ANEXOP – Relações culturais Brasil-Portugal: publicações na imprensa brasileira;
- ANEXO Q – Relações culturais Brasil-Portugal: publicações na imprensa portuguesa;
- ANEXOR – *Brazil South*: a repercussão da *Província no Exterior* – a obra Moysés Vellinho prefaciada por Erico Verissimo;
- ANEXOS – Documentos pessoais de Moysés Vellinho.

2 O INTELLECTUAL E A SOCIEDADE

Em vastas extensões do globo, todas as pessoas de determinada idade, independentemente de origens e histórias pessoais, passaram pelas mesmas experiências centrais.

*Eric Hobsbawm*⁷⁵

Eric Hobsbawm caracteriza o século XX como a “Era dos Extremos”⁷⁶. Nesse período marcado por embates e conflitos, o historiador destaca o acontecimento das duas grandes guerras, a Revolução Russa, as rivalidades entre ideologias políticas, a luta entre capitalismo e socialismo, o ressurgimento de crises econômicas, o colapso da União Soviética e chama a atenção para o maior índice de mortes registrado na história mundial. O extremo dos números e confrontos negativos apontados por Hobsbawm nesses cem anos dá-se nos âmbitos científico e tecnológico. Nos anos de 1900, surgem o avião, o computador e a internet, realizam-se viagens espaciais, faz-se o primeiro transplante, lança-se o contraceptivo oral, clona-se o primeiro ser vivo. É também no século XX que a linha de produção industrial de Henry Ford é popularizada, a fibra ótica modifica o ramo das telecomunicações, a Coca-Cola propaga-se por todo o mundo e Albert Einstein publica a teoria da relatividade geral.

As significativas mudanças políticas, econômicas e científicas alteram profundamente a estrutura social e cultural dos países ocidentais, bem como impactam na filosofia e nas formas de pensar. Na política, o regime democrático ganha espaço. Na economia, o capitalismo se consolida. Nas artes, pintores como Paul Klee⁷⁷, já no início do século, apresentam novas

⁷⁵ HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 14.

⁷⁶ HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁷⁷ Paul Klee (Suíça, 1879 – 1940): pintor e poeta suíço naturalizado alemão. Em sua homenagem, foi construído em Berna, na Suíça, o museu Zentrum Paul Klee. Walter Benjamin, em *Tese sobre a Filosofia da História*, sugere que o anjo pintado em *Angelus Novus* possa representar o progresso na história. MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SÃO PAULO. Paul Klee. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/expressionismo/exp_alemao/cavaleiroazul/paul%20klee/index.html>. Acesso em: 17 mar. 2013.

técnicas, materiais e tendências artísticas. Cresce consideravelmente, em todo o mundo, o número de tipografias e editoras, e, por sua vez, avoluma-se uma maior quantidade de periódicos e publicações. Caminha-se da sociedade industrial para o que o sociólogo Manuel Castells⁷⁸ indica como a sociedade informacional ou, conforme a abordagem de Alvin Toffler⁷⁹, transita-se de um período denominado como Segunda Onda para outro, identificado como Terceira Onda, e entendido como o momento em que se traspassa dos recursos fabris ao conhecimento como principal bem econômico gerador de riqueza numa sociedade científico-tecnológica.

Essa perspectiva, inicialmente observada sob enfoque econômico-social, evoca questões apontadas por estudiosos como Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim, integrando-se aos estudos das ciências sociais aplicadas e interferindo nas discussões em torno das humanidades. Nesse sentido, os debates em torno do conceito e do papel do intelectual também são ampliados, acompanhando o cenário de amplas transformações que envolvem as diferentes instâncias sociais.

Observar algumas das tantas mudanças ocorridas nos anos 1900 resgata a ideia de Hobsbawm de considerar “experiências centrais”⁸⁰, ou seja, de levar em conta que determinados eventos, como guerras, mudanças políticas, crises econômicas, impactam nas molduras sociais, estendendo-se, dessa forma, à vida dos indivíduos. Nesse sentido, os estudos humanos e sociais são realizados por sujeitos que também são históricos e envolvidos nas questões presentes na sociedade a que pertencem. Essas reflexões trazidas por Paul Ricoeur permitirão um melhor esclarecimento sobre as

GONÇALVES, Rui Mário. *A arte e a ciência no século XX*. Disponível em: <<http://www.gazetadefisica.spf.pt/magazine/article/653/pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

DOESER, Linda. *Vida e obra de Klee*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

DUPRAT, Marcelo. *Ateliê arte+arte*. Disponível em: <<http://www.marceloduprat.net>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

⁷⁸ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

⁷⁹ TOFFLER, Alvin. *Terceira Onda*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980. Alvin Toffler (EUA, 1928) escreve sobre informação, comunicação e revolução digital. Sugere-se como leitura a entrevista realizada a Alvin Toffler pelo jornalista Rodrigo Amaral: AMARAL, Rodrigo. *Alvin Toffler: '3ª onda' é única opção para o Brasil*. (Entrevista). *BBC Brasil*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020815_eleicoct8ro.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2013.

⁸⁰ HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 14.

posturas teóricas e o papel do intelectual, bem como sobre a atividade de Moysés Vellinho no cenário social.

2.1 O INTELLECTUAL E A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Ao observar a etimologia do termo *intelectual*, percebe-se que sua semântica é carregada de sentidos, os quais permitem densas e abstrusas reflexões sobre seu significado. Assinalar, portanto, quaisquer definições sobre tal sintagma se torna um amplo desafio, na medida em que possibilita evocar numerosas associações sobre seu conteúdo, a partir das reflexões que assinalam os estudos na contemporaneidade:

Do latim *intellectualis*, de que a palavra intelectual deriva, conservou-se o sentido de 'relativo à inteligência'. Decompondo-se a palavra temos: *intus* (para dentro) e *lectus*, particípio passado de *legere* (ler). Ler (para) dentro das coisas, para seu interior. Mas *legere* no seu sentido etimológico guarda, simultaneamente, um sentido, uma qualidade do que sai de si, aquilo que extrapola o indivíduo para abrir-se numa dimensão também social. Ler, pois, pressupõe um movimento para o exterior, para comunicar-se com os outros, fazendo uma leitura do mundo, o que dota a palavra intelectual dos dois movimentos: para dentro de si e para fora de si. Alargando o sentido ainda a partir da etimologia da palavra, saliente-se a condição intermediária do intelectual, sua função mediadora⁸¹.

O caráter etimológico de *intelectual* resgata o sentido do vocábulo *inteligência*, o qual está vinculado diretamente à competência leitora de um indivíduo. É necessário que ele apresente amplabilidade em sua prática de leitura, de maneira que possa efetivamente entender e compreender a si, ao outro e à realidade que os cercam, a ponto de estabelecer relação e mediação entre elas. A capacidade intelectual, portanto, está vinculada ao papel do leitor e à sua habilidade de entendimento e compreensão. Paul Ricoeur discorre sobre essas acepções:

⁸¹CURY, Maria Zilda Ferreira; WALTY, Ivete Lara Camargos (Org.). O intelectual e o espaço público. *Revista da ANPOLL* 26. Belo Horizonte. jul./dez. 2009, p. 224. Disponível em: <<<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/137/145>>. p. 221-232.

A polaridade entre explicação e compreensão na leitura não deve abordar-se em termos dualistas, mas uma dialética complexa e altamente mediada. O termo interpretação deve, pois, aplicar-se não a um caso particular de compreensão, a das expressões escritas da vida, mas a todo o processo que abarca a explicação e a compreensão. [...] Dialética de explicação e compreensão enquanto fases de um único processo [...] um movimento da compreensão para explicação e, em seguida, como um movimento da explicação para a compreensão. Da primeira vez a compreensão será uma captação ingênua do sentido do texto enquanto todo. Da segunda, será um modo sofisticado de compreensão apoiada em procedimentos explicativos. No princípio, a compreensão é uma conjectura. No fim, satisfaz o conceito de apropriação [...] como a resposta a uma espécie de distanciação associada à plena objetivação do texto. **A explicação surgirá, pois, como a mediação entre dois estágios de compreensão**⁸². [Grifo nosso].

As concepções do filósofo remetem à palavra escrita e à interpretação que dela é realizada. Ao se admitir, portanto, que o papel do intelectual está vinculado à compreensão leitora do sujeito, integramos seu conceito à produção do texto e às questões objetivas e subjetivas que assinalam os significados dessa produção. Nesse sentido, a noção de intelectual liga-se aos discursos produzidos sobre a própria vida e sua manifestação ao longo do tempo. A vida e seus significados, portanto, são os objetos de análise que conduzem a atividade intelectual, vinculando-a ao papel do próprio historiador, que, ao expor, em sua narrativa, a compreensão dos eventos que integram os sujeitos ao longo do tempo, realiza um exercício reflexivo de constante análise da realidade. Sob esse aspecto, a competência leitora que caracteriza o termo intelectual se mostra diretamente no trabalho exercido pelo historiador, uma vez que o discurso por ele produzido apresenta resultado equivalente ao desenvolvimento de tal competência. Tal enfoque permite compreender a classificação de Ricoeur ao considerar a etapa explicação/compreensão como um dos níveis do discurso histórico.

⁸² RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976. p. 86.

Como uma “espécie de espiral”⁸³, utilizando-se o conceito do educador Jean Piaget, o conhecimento que se organiza e se adapta internamente no sujeito pesquisador ao longo de sua investigação se realiza por um processo de equilíbrio, manifestando-se internamente no indivíduo pela acomodação e desacomodação das informações. O ato reflexivo contínuo do historiador e sua capacidade de captação e acomodação interna das manifestações que apreende da realidade afetam diretamente seu discurso produzido sobre determinado evento, enquanto sujeito responsável por compreender determinada realidade, de acordo com o tempo e a sociedade que integram sua análise e envolvem seu entorno em seu próprio período histórico.

Sob essa perspectiva, ao se optar pelas abordagens de Paul Ricoeur para conduzir a prática investigativa historiográfica, torna-se importante reconhecer a própria atuação do filósofo como especializado leitor da realidade, a qual se amplia para além da filosofia profissional, contribuindo para diversas áreas do conhecimento. Miguel Baptista Pereira, catedrático de Filosofia da Universidade de Coimbra, afirma que Ricoeur tornou-se “sem dúvida o maior filósofo contemporâneo”⁸⁴. Pesquisadores voltados ao exame de sua vida e obra concluem que Paul Ricoeur fez da filosofia sua condição, como reforça Catherine Goldenstein, conservadora dos arquivos de Paul Ricoeur, ao recordar a sua convivência e amizade com o filósofo e com a esposa Simone:

Um último ponto a acrescentar – ou quem sabe o primeiro: a obra e a vida eram nele inseparáveis. Ele tinha necessidade de participar até mesmo na sua existência da justa afirmação do seu pensamento. Encontrei sob a sua pluma em 1965 esta observação: **“Fazer da filosofia uma**

⁸³ PIAGET, Jean. *Psicologia e epistemologia: para uma teoria do conhecimento*. Lisboa: D. Quixote, 1972. p.114.

⁸⁴ PEREIRA, Miguel Baptista. A hermenêutica da condição humana de Paul Ricoeur. *Revista Filosófica de Coimbra*. n. 24, 2003, p. 235-277. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_hermeneutica_da_condicao_humana>. Acesso em: 20 mai. 2013.

espécie de vida”. E isso resume efetivamente o que eu pude sentir junto dele⁸⁵. [Grifo nosso].

Hobsbawn demarca o século XX como o período em que “a humanidade sobreviveu”⁸⁶. Na efervescência de uma época caracterizada por guerras, a militância socialista de Ricoeur, integrado à esquerda cristã, leva-o a atuar entre os intelectuais em prol do fim da Guerra da Argélia, ao assinar, juntamente a estudantes, professores e sindicalistas, o manifesto intitulado “Em favor de uma paz negociada na Argélia”⁸⁷. Essa petição, publicada na revista *L’enseignement public*, é idealizada no intuito de apoiar o “Manifesto dos 121”, que é constituído, como expõe a pesquisadora Helenice Rodrigues, por documento assinado por 121 intelectuais “detentores do ‘capital cultural’, integrantes da *intelligentsia* da esquerda heterogênea, vinda dos mais diversos horizontes políticos”⁸⁸, durante a luta pela independência da Argélia, contestando a política da França, e alertando a opinião pública sobre a violência cometida pelas tropas francesas na colônia africana.

Nesse aspecto, os estudos de Paul Ricoeur sobre a hermenêutica da linguagem e sobre o exercício historiográfico articulam-se às questões teóricas sobre a definição do papel do intelectual. Contemporâneo de Moysés Vellinho, atua como sujeito social do século XX, trazendo consigo, assim,

⁸⁵ LAUXEN, Roberto. Paul Ricoeur e o desejo de viver. Entrevista feita a Catherine Goldenstein. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. n. 363, ano XI, 30 mai 2011. Disponível em:

<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3897&secao=363>. Acesso em: 20 mai. 2013.

⁸⁶ HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 30.

⁸⁷ RODRIGUES, Helenice. Os 121 contra a guerra da Argélia. [Reportagem]. *Revista Leituras da História*. Disponível em: <<http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/14/artigo117255-1.asp>>. Acesso em: 12 abril 2012.

⁸⁸ Entre os intelectuais que assinaram o Manifesto, estavam Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Jean Pouillon, que faziam parte da equipe de *Les Temps Modernes*; André Breton, Michel Leiris e Maurice Nadeau, da *Lettres Nouvelles*; Robe-Grillet, Nathalie Sarraute, Marguerite Duras, Maurice Blanchot, escritores representantes do estilo literário *Nouveau Roman*; além de importantes nomes das artes e da esquerda francesa, como Simone Signoret, Pierre Boulez, Claude Sautet, François Truffaut, Jean-Pierre Vernant, Pierre Vidal-Naquet, Henri Lefèvre, Hubert Damisch, André Mandouze e Robert Barrat. RODRIGUES, Helenice. Os 121 contra a guerra da Argélia. [Reportagem]. *Revista Leituras da História*. Disponível em: <<http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/14/artigo117255-1.asp>>. Acesso em: 12 abril 2012.

elementos que demarcam esse período, como aborda Hobsbawn. A prática intelectual evidencia que tanto Paul Ricoeur como Moysés Vellinhobuscaram entender a sociedade, objetivando compreender o indivíduo, e, dessa forma, identificar, no homem, o significado e a resposta para a realidade que viviam. Assim como Ricouer empenhou-se em “fazer da filosofia uma espécie de vida”⁸⁹, Vellinho também consagrou sua vida aos estudos da Província: “trata-se de uma ligação tão intensa [com a sua Província] que a ela dedicou sua vida, numa atuação que ultrapassa o âmbito da literatura e adquire uma feição mais ampla, de domínio cultural”⁹⁰.

Tanto um quanto o outro participaram ativamente da vida sociocultural de seu tempo. A biografia e a produção de ambos sinalizam que se voltavam à compreensão do homem e do seu ambiente, no intuito de evidenciar elementos que pudessem conduzir a nova perspectiva de formação social.

2.2 O DISCURSO INTELECTUAL E A PRÁTICA HISTORIOGRÁFICA

Na obra *A memória, a história e o esquecimento*, Paul Ricoeur utiliza o termo “operação historiográfica”⁹¹, expondo sua intenção de indicar o campo percorrido pela análise epistemológica. A expressão, narra o próprio filósofo, é proposta por Michel de Certeau, em 1974, inicialmente como “operação histórica”, na obra organizada por Pierre Nora e Jacques Le Goff, sob o título *Fazer história*. O termo definitivo surge no ano subsequente, na obra publicada por Certeau, intitulada *A escrita da história*. Recorre-se ao texto

⁸⁹ LAUXEN, Roberto. Paul Ricoeur e o desejo de viver. Entrevista feita a Catherine Goldenstein. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. n. 363, ano XI, 30 mai 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3897&secao=363>. Acesso em: 20 mai. 2013.

⁹⁰ CARVALHAL, Tânia Franco. *Discurso de encerramento da XXVI Feira do Livro*. Porto Alegre: 16 nov. 1980. [Documento datiloscrito]. PUCRS. DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural. Acervo Moysés Vellinho.

⁹¹ Expressão de Michel de Certeau, que Ricoeur adota, expondo sua intenção de indicar o campo percorrido por sua análise epistemológica. RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. p. 146.

em que é fixado o termo, buscando observar os aspectos que baseiam a análise do historiador:

A historiografia (quer dizer “história” e “escrita”) traz inscrito no próprio nome o paradoxo – e quase o oximoron – do relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso. Ela tem a tarefa de articulá-los e, onde este laço não é pensável, fazer como se os articulasse. Da relação que o discurso mantém com o real, do qual trata, nasceu este livro⁹².

A ênfase no discurso e sua vinculação à realidade, expressa por Certeau em 1975, também ocupa Ricoeur, o qual publica, em 1976, a obra *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de sentido*. Os quatro ensaios que integram a edição mostram que a análise de Ricoeur se direciona também para o discurso: “um texto escrito é uma forma de discurso, discurso sob a forma de inscrição, então, as condições da possibilidade do discurso são também as do texto”⁹³. Nesses ensaios, Ricoeur dirige-se para uma teoria da interpretação, voltando-se para a análise do símbolo linguístico. Avaliação parte do símbolo dotado de duplo sentido, em cujo interior “há algo de não semântico e também de semântico”⁹⁴, assinalando que sua estrutura não é “puramente semântica”⁹⁵. Ao avaliar o duplo sentido que contém o símbolo, Ricoeur o distingue da metáfora, vista em sua origem, nos estudos de Aristóteles, como um tropo, utilizado como marca retórica para tornar atraente o ato discursivo. A metáfora, integrada na estilística entre as figuras de linguagem, “é uma invenção livre do discurso”⁹⁶, a qual só faz sentido numa enunciação. O símbolo, contudo, vincula-se ao cosmos; seu sentido vai além de um deslocamento de significado e envolve questões subjetivas (ao texto):

O duplo sentido dos símbolos é a marca do discurso literário, o qual se configura por meio da metáfora,

⁹² CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. [1ª edição brasileira]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 11.

⁹³ RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976. p. 35.

⁹⁴ RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976. p. 57.

⁹⁵ RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976. p. 57.

⁹⁶ RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976. p. 61.

marcada pela ambiguidade, envolvendo os sentidos figurativo e o literal dos símbolos, os quais envolvem significações explícitas e implícitas.[...] A metáfora ocorre no universo já purificado do *logos*, ao passo que **o símbolo hesita na linha divisória entre o *bios* e o *logos***. Dá testemunho da radicação primordial do Discurso na Vida. Nasce onde a força e a forma coincidem.⁹⁷ [Grifo nosso].

A análise do símbolo, portanto, orienta a produção e a recepção dos discursos produzidos pelo historiador, em sua narrativa, e pelo intelectual, quando concebemos o manifesto escrito como produto de sua prática. Sua marca no tempo aproxima os discursos e a leitura, enquanto resultados de um sujeito estabelecido em uma realidade em um determinado período histórico. Os símbolos se vinculam ao rastro, às fontes, aos documentos do passado e tornam-se representação da vida através da refiguração da memória a partir do ato da leitura. Ao se unir à vida, a marca simbólica liga-se também à identidade, à força perene da cultura e da tradição. Os símbolos relacionam-se ao que permanece, ao que sobrevive: “Os símbolos têm raízes. Os símbolos mergulham na experiência umbrosa do poder.”⁹⁸

Sob a orientação da simbologia que integra o ato discursivo, retoma-se os três níveis de organização do discurso histórico admitidos pelo filósofo: 1) o documental, 2) o da explicação/compreensão, e 3) o da representação literária do passado⁹⁹. A primeira etapa compreende da “declaração das testemunhas oculares à constituição dos arquivos”¹⁰⁰, estabelecendo-se, assim, a prova documental; a segunda etapa, que o autor entende como o principal desafio epistemológico, é a fase de escrita, com base na intenção historiadora de busca da verdade histórica, “de representar o passado tal como se produziu”¹⁰¹; na terceira, o pensador descreve como a

⁹⁷ RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976. p. 61-71.

⁹⁸ RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976. p. 81.

⁹⁹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. p.196.

¹⁰⁰ RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. p. 146.

¹⁰¹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. p. 147.

“representação literária do passado”¹⁰², prática que se dirige à recordação ativa do passado, é elevada na história ao nível de reconstrução.

Com base nessa sistematização, destaca-se a perspectiva do teórico em relação aos sujeitos de pesquisa: ele define tanto o historiador como os indivíduos investigados – os quais se entendem como as “falas” que emanam das fontes – como sujeitos da investigação, e não objetos, uma vez que a operação historiográfica¹⁰³ resulta da interação entre as “vozes do passado” provenientes dos documentos históricos, os quais direcionam a prática de pesquisa para o objetivo do historiador, considerando sua subjetividade e sua capacidade de compreensão. Percebe-o como elemento social, também em transformação, ao longo do processo de produção do conhecimento.

Ricoeur assinala que o historiador, ao reconstruir o passado por meio da escrita, cria um terceiro tempo, que designa como presente histórico, definindo-o como “espaço comum de experiência”¹⁰⁴. A hipótese que conduz o trabalho de Ricoeur consiste em “tomar a narrativa por guardião do tempo, na medida em que não haveria tempo pensado que não fosse narrado”¹⁰⁵. É através dessa relação entre tempo e narrativa que o texto histórico se aproxima do literário, ao relacionar a composição da narrativa literária à narrativa histórica. O filósofo associa que, assim como o escritor, ao entrelaçar os eventos, constrói a intriga que orienta a narrativa literária, o historiador, ao estabelecer relações entre as fontes através da escrita, é responsável pela tessitura dos eventos históricos – ele organiza os “discordantes” em um todo “concordante”¹⁰⁶.

A prática da narrativa, define Ricoeur, “consiste numa experiência de pensamento mediante a qual nos exercitamos a habitar mundos estranhos a

¹⁰² RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. p. 196.

¹⁰³ Expressão de Michel de Certeau, que Ricoeur adota, expondo sua intenção de indicar o campo percorrido por sua análise epistemológica. RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. p. 146.

¹⁰⁴ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. v. 3. p. 397.

¹⁰⁵ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. v. 3. p. 411.

¹⁰⁶ O autor usa o termo “concordante-discordante” ao se referir à organização da intriga na narrativa.

nós. Nesse sentido, a narrativa exercita mais a imaginação que a vontade, embora continue sendo uma categoria da ação”¹⁰⁷. Tomando como base o “vivido”, que integra a própria complexidade das ações humanas no tempo, o teórico aponta o leitor como sujeito agente nesse processo, ao refigurar o texto no ato da leitura. O leitor, em seu processo de ressignificação do texto, também é responsável, através da leitura, por integrar os tempos do narrado, do narrador e da narrativa ao seu tempo, a partir de sua subjetividade e de sua apreensão do mundo.

2.3 O PAPEL DO INTELECTUAL

Uma das concepções consagradas no século XX sobre o papel do intelectual e que serve de base para novas questões em torno do tema é exposta pelo filósofo italiano Antonio Gramsci. Ele define que “todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais”¹⁰⁸. Ao subdividir os intelectuais em dois grupos, designa-os de *tradicionais* ou *orgânicos*, de acordo com a função que exercem na sociedade.

Professores, clérigos e administradores, ao atuarem de forma semelhante, geração após geração, são demarcados como intelectuais tradicionais; já profissionais que, inseridos ativamente no organismo social, buscam induzir e atrair pessoas para interesses específicos, influenciando opiniões e mentalidades e angariando a aceitação e a adesão de novos clientes para determinadas empresas ou ideologias, Gramsci indica-os como orgânicos. Assim “o empresário capitalista cria junto de si o técnico industrial, o especialista em economia política, os organizadores de uma nova cultura, de um novo sistema legal etc.”.¹⁰⁹ Intelectuais orgânicos,

¹⁰⁷ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. v. 3. p. 422.

¹⁰⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. v. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004. p. 7.

¹⁰⁹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. v. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004. p. 20.

portanto, podem exercer o papel de líderes comunitários, de relações públicas ou qualquer outra atividade que efetivamente contribua para conquistar opiniões, expandir mercados, divulgar culturas ou conquistar poder.

É possível reconhecer o conceito de intelectual exposto por Gramsci¹¹⁰, na primeira década do século XX, ao se analisar a quantidade de novas profissões que foram criadas devido ao progresso industrial e tecnológico. O intelectual orgânico gramsciano é aquele que atua na sociedade, percebendo-a como um organismo vivo, e, por sua vez, dinâmico, de caráter particular, em certo período histórico:

Um determinado momento histórico-social jamais é homogêneo; ao contrário, é rico de contradições. Ele adquire “personalidade”, torna-se um “momento” do desenvolvimento, graças ao fato de que uma certa atividade fundamental da vida nele predomina sobre as outras, representando uma “ponta” histórica¹¹¹.

Na obra *Concepção dialética da história*, Gramsci salienta a relevância do período histórico para a análise da realidade, ao afirmar que é em espaço temporal específico que se torna possível identificar como se estabelecem as relações humanas, compreendendo, dessa maneira, a ideologia que as orienta. A perspectiva histórica que integra sua avaliação conduz à abordagem sociológica e, por sua vez, à análise do homem e da sua relação com o meio. Nesse sentido, a cultura adquire papel fundamental para a elevação social.

Retoma-se, sob esse enfoque, a etimologia do termo intelectual, vinculada à capacidade de compreensão leitora do indivíduo. Condutas, crenças, comportamentos e hábitos que são manifestados na sociedade sinalizam a ideologia vigente e se revelam pela cultura. De acordo com seu meio cultural e seu tempo histórico é que o homem pensa em si e no outro, e

¹¹⁰ Antonio Gramsci (Itália, 1891-1937).

¹¹¹ GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978. p. 5.

no espaço onde vive. A habilidade desenvolvida como leitor condiciona a reflexão que faz sobre sua realidade:

Ao colocarmos a pergunta “o que é o homem” – queremos dizer: o que é que o homem pode *se tornar*, isto é, se o homem pode controlar o seu próprio destino, se ele pode “*se fazer*”, se ele pode criar sua própria vida. Digamos, portanto, que o homem é um processo, precisamente o processo de seus atos. Observando ainda melhor, a própria pergunta **“o que é o homem” não é uma pergunta abstrata ou “objetiva”**. Ela nasce do fato de termos refletido sobre nós mesmos e sobre os outros; e de querermos saber, de acordo com o que vivemos e refletimos, aquilo que somos, aquilo que podemos ser, se realmente – e dentro de que limites – **somos “criadores de nós mesmos”, da nossa vida, do nosso destino**. E nós queremos saber isso “hoje”, nas condições de hoje da vida de “hoje”, e não de uma vida qualquer e de um homem qualquer.¹¹² [Grifo nosso].

Gramsci atribui ao homem a tarefa de ser o agente responsável pelo *destino* da sociedade. Para execução de tal ofício, ele deve ser capaz de *ler* seu meio, a ponto de vê-lo holisticamente. Sob esse aspecto que Gramsci assinala o papel da educação como responsável pela transformação social, na medida em que ela oportuniza a elevação intelectual do indivíduo, ao fomentar o desenvolvimento das capacidades de análise e de reflexão que as permitirão compreender o mundo e identificar características do ambiente social em que vive. Com base nessa perspectiva é que o homem se torna responsável por formar o *bloco histórico*, “isto é, unidade entre a natureza e o espírito”¹¹³. Cabe ao indivíduo propiciar situações que estimulem a educação e promovam a reflexão e a produção do conhecimento. Através de um olhar universal para especificidade histórica de cada sociedade, o intelectual age de maneira a realizar o que Gramsci aponta como “filosofia da práxis”.

A arte e a cultura adquirem suma importância para que a filosofia da práxis se realize, na medida em que o conhecimento oportuniza a formação

¹¹²GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995. p. 38.

¹¹³GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. v. 3. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002. p. 26.

de um *novo homem*, que gerará novas relações humanas, um reposicionamento de valores e, por sua vez, uma nova conduta social:

A literatura não gera literatura, etc., isto é, as ideologias não geram ideologias, as superestruturas não geram superestruturas senão como inércia e passividade: elas são geradas, não por “patogênese”, mas pela intervenção do elemento “masculino”, a história, a atividade revolucionária que cria o “novo homem”, isto é, novas relações sociais¹¹⁴.

A prática educativa, portanto, é meio de aprimoramento e de emancipação da sociedade, uma vez que ela fomenta o exercício reflexivo. Ela permitirá ao povo ter consciência de sua realidade e da ideologia vigente. Como ideologia, o pensador entende os próprios valores que regem a dinâmica social e que são aceitos de comum acordo. Somente quando são conscientes os valores e as normas que orientam a vida em sociedade, torna-se possível atuar a favor ou contra a ideologia dominante, por meio de uma contraideologia.

Nesse sentido é que surge o conceito de hegemonia de Gramsci, demarcado pela relação de domínio de uma classe social sobre outras, caracterizado principalmente pela liderança cultural-ideológica. A afirmação “toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica”¹¹⁵ sinaliza que as relações de domínio de classe são estabelecidas também pela prática educativa, num processo de ensino-aprendizagem que conduz a uma mudança na estrutura social, que gera uma transformação cultural. Sob essa perspectiva que se forma o conceito de bloco histórico.

O papel intelectual, por estar vinculado à leitura da sociedade, tem, para Gramsci, caráter militante. O ambiente político, portanto, torna-se campo de ação, desde que o interesse partidário não se sobreponha às necessidades sociais ou obstrua a visão analítica do espaço público:

¹¹⁴ GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 2. edição. Civilização brasileira. Rio de Janeiro, 1978. p.11.

¹¹⁵ GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995. p. 37.

A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como ocorre no caso dos grupos sociais fundamentais, mas é “mediatizada”, em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto de superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os “funcionários”.

No partido político, os elementos de um grupo social econômico superam este momento de seu desenvolvimento histórico e se tornam agentes de atividades gerais, de caráter nacional e internacional. Esta função do partido político apareceria com muito maior clareza mediante análise histórica concreta do modo pelo qual se desenvolveram as categorias orgânicas e as categorias tradicionais dos intelectuais, tanto no terreno das várias histórias nacionais quanto no desenvolvimento dos vários grupos sociais mais importantes no quadro das diversas nações, sobretudo daqueles grupos cuja atividade econômica foi predominantemente instrumental.¹¹⁶

A perspectiva de Gramsci é condizente com sua atuação social, a qual se revela na militância política de ideologia marxista e pela participação como jornalista junto a movimentos da classe operária italiana. Nascido na região mais pobre e atrasada da Itália¹¹⁷, em Ales, província de Cagliari, na Ilha de Sardenha, em 1891, Gramsci sofre “duras privações”¹¹⁸ financeiras até ingressar na Universidade de Turim. De intensa participação social, milita como jornalista político e auxilia na fundação do Partido Comunista da Itália. É definido pelo crítico Otto Maria Carpeaux como um dos maiores intelectuais do século XX. Ao escrever sobre a vida de Gramsci e a sua obra, salienta que, embora tenha falecido em 1937, suas ideias repercutem no momento atual, devido ao caráter universal e abrangente de sua produção:

Atinge-nos a atualidade [...] e seu universalismo, válido para toda a gente fora da Itália. A primeira vez foi o exemplo da resistência contra a ditadura terrorista. A segunda vez: a alienação da *intelligentsia* e a necessidade de sua reconstrução em bases nacionais. Agora, na terceira vez, pensamos no latifúndio, na miséria, na democracia formal e na necessidade de uma radical reforma agrária,

¹¹⁶ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. v. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 20-25.

¹¹⁷ CARPEAUX, Otto Maria. A vida de Gramsci. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: 7 maio 1966.

¹¹⁸ CARPEAUX, Otto Maria. A vida de Gramsci. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: 7 maio 1966.

reconhecendo: aquilo que na Itália é o Sul, isto é, exatamente, no Brasil o Nordeste¹¹⁹.

Edward W. Said¹²⁰, na obra *Representações do intelectual*¹²¹, traz, em suas considerações iniciais, os grupos de intelectuais definidos por Gramsci:

Gramsci acreditava que os intelectuais orgânicos estão ativamente envolvidos na sociedade; isto é, eles lutam constantemente para mudar mentalidades e expandir mercados; ao contrário dos professores e dos clérigos, que parecem permanecer mais ou menos no mesmo lugar, realizando o mesmo tipo de trabalho ano após ano, os intelectuais orgânicos estão sempre em movimento, tentando fazer negócios.¹²²

Embora Said tenha vivido um tempo histórico e um espaço cultural distintos da realidade de Gramsci, contempla a abordagem do pensador italiano sobre o papel público do intelectual, ao indicar que seu esforço deve ser orientado para “derrubar estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação”¹²³. A perspectiva de ambos, contudo, diverge no que se refere à questão do desempenho de uma atividade na esfera política governamental. Gramsci salienta que a atribuição de um cargo político pode ser um meio de auxiliar na condução do organismo social, e, portanto, de suma importância para a prática intelectual. Said, por sua vez, entende que o intelectual deve se posicionar como um *outsider*, “um amador”, e um perturbador do *status quo* e, nesse sentido, a atividade política partidária pode prejudicar sua análise da realidade.

Nascido na Palestina, na cidade de Jerusalém, em 1935, Edward Said permanece em sua região até o período de criação do Estado de Israel,

¹¹⁹ CARPEAUX, Otto Maria. A vida de Gramsci. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: 7 maio 1966.

¹²⁰ Edward Wadie Said (Jerusalém-ISR, 1935 – Nova Iorque-EUA, 2003).

¹²¹ Reunião de seis ensaios proferidos semanalmente em um programa denominado Conferências Reith, veiculado pela BBC de Londres.

¹²² SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 20.

¹²³ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 10.

quando se muda para os Estados Unidos, onde ingressa como estudante em Harvard. A condição financeira familiar privilegiada somada à conquista da cidadania norte-americana do pai possibilitam sua formação bilíngue em árabe e em inglês, ao frequentar escolas de origem inglesa e norte-americana. A dualidade cultural que demarca a constituição de sua identidade, na qual coexistem a pátria natal e a vida estadunidense, manifesta-se no exame que faz da sociedade. Na obra autobiográfica *Fora de lugar*, em que narra seu ingresso numa escola americana no Cairo, ele descreve seu sentimento de *deslocamento* e de não pertencimento ao meio: “foi como um filho de negociante americano que não se sentia nem um pouco americano.”¹²⁴

A autobiografia de Said evidencia seu posicionamento a respeito do papel do intelectual, ao conduzi-lo à função de analisar as tradições e os elementos que envolvem a formação cultural e “impedir o desaparecimento do passado”¹²⁵ pelos “representantes da memória oficial”¹²⁶. Ao definir o intelectual como um *outsider*, a abordagem de Said vem ao encontro das diferentes realidades que envolvem as culturas de sua própria formação, distintas pela força política em nível mundial de cada País assim como pela distância geográfica: no Oriente, a queda da Palestina e os conflitos entre árabes e israelenses; no Ocidente, a Primeira Guerra Mundial, que acompanha de perto ao ver o pai lutar no exército dos EUA. Nesse sentido, a partir de sua vivência, Edward Said sinaliza que “o papel do intelectual, de modo geral, é elucidar a disputa, desafiar e derrotar tanto o silêncio imposto como o silêncio conformado do poder invisível em todo lugar e momento em que seja possível”¹²⁷. Salienta que o intelectual deve ser a voz que se manifesta contra o “discurso dominante”, desempenhando o papel de “memória alternativa, que exponha seu próprio discurso alternativo, que não permita que a consciência ignore a realidade ou fique adormecida”¹²⁸.

As reflexões de Said indicam que o intelectual deve se posicionar no espaço social com alguma insegurança, para que, assim,

¹²⁴ SAID, Edward. *Fora de lugar*. memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 126.

¹²⁵ SAID, Edward W. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 38.

¹²⁶ SAID, Edward W. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 39.

¹²⁷ SAID, Edward W. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 35.

¹²⁸ SAID, Edward W. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 40.

ajacautelosamente. Para ele, o intelectual deve procurar se manter numa condição de marginalidade, de maneira que garanta o distanciamento necessário de “autoridades centralizadoras”¹²⁹, o que lhe possibilitará dispor de uma visão mais ampla da sociedade. A situação marginal em relação aos poderes é que permitirá ao intelectual, como integrante de uma nação, assumir o papel de representante do povo: “Em tempos difíceis, o intelectual é muitas vezes considerado pelos membros de sua nacionalidade alguém que representa, fala e testemunha em nome do sofrimento daquela nacionalidade”.¹³⁰ A partir dessa ótica que Said destaca a importância do intelectual ao longo do tempo:

Cada região do mundo produziu seus intelectuais, e cada uma dessas formações é debatida e argumentada com uma paixão ardente. **Não houve nenhuma grande revolução na história moderna sem os intelectuais**; de modo inverso, não houve nenhum movimento contrarrevolucionário sem intelectuais. **Os intelectuais têm sido os pais e as mães dos movimentos e, é claro, filhos e filhas e até sobrinhos e sobrinhas**¹³¹. [Grifo nosso].

A característica do intelectual como *outsider*, defendida por Said, manifesta-se noutro filósofo do início do século XX: Julien Benda. Contemporâneo de Gramsci, consagrado, principalmente, por sua obra *La Trahison des clercs*¹³², escrita em 1927, Benda¹³³ defende que o intelectual deve focar-se nos valores abstratos e universais, detendo-se na análise de questões supremas da civilização e olhando para além da realidade prática, uma vez que, para ele, os leigos não conseguem fazê-lo. Sua perspectiva vem de encontro à de Gramsci, uma vez que condena o vínculo do intelectual à política. Tal pensador indica que os intelectuais deixaram de se interessar

¹²⁹ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 70.

¹³⁰ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 52.

¹³¹ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 25.

¹³² A tradução do termo “clercs” remete a clérigos. O sentido de tal sintagma, contudo, evoca à ideia de “homens de espírito”, estende-se os intelectuais, a quem Benda atribui a responsabilidade de defesa dos valores universais. O intelectual deve atuar em prol da verdade, da razão e da justiça.

¹³³ Julien Benda (Paris-FR, 1867- 1956): crítico, escritor e filósofo francês.

pela verdade para demonstrar sua razão. Em seus escritos, o autor aponta para a traição dos intelectuais modernos que aderiram a “paixões de leigos”, destacando-se a paixão política:

En resume, les passions politiques présentent aujourd’hui un degré d’universalité, de cohérence, d’homogénéité, de précision, de continuité, de prépondérance par rapport aux autres passions, inconnu jusqu’à ce jour; elles prennent une conscience d’elles-mêmes qu’on ne leur avait point vue; certaines d’entre elles, mal avouées jusqu’ici, s’éveillent à cette conscience et s’ajoutent aux anciennes; d’autres deviennent plus purement passionnelles jamais, possèdent le cœur de l’homme en des régions morales où elles n’atteignaient pas, prennent un caractère de mysticité qu’on ne leur voyait plus depuis des siècles; toutes enfin se munissent d’appareils idéologiques par lesquels elles se clament à elles-mêmes, au nom de la science, La suprême valeur et la nécessité historique. En surface comme en profondeur, en valeurs spatiales comme en force interne, les passions politiques atteignent aujourd’hui à un point de perfection que l’histoire n’avait pas connu. L’âge actuel est proprement l’âge du politique¹³⁴.

As considerações de Benda são analisadas por Said, que considera os aspectos positivos do intelectual definido pelo filósofo:

Mas no fundo da retórica combativa da obra basicamente conservadora de Benda encontra-se essa figura do intelectual como um ser colocado à parte, alguém capaz de falar a verdade ao poder, um indivíduo ríspido, eloquente, fantasticamente corajoso e revoltado, para quem nenhum poder do mundo é demasiado grande e imponente para ser criticado e questionado de forma incisiva¹³⁵.

¹³⁴ BENDA, Julien. *La Trahison des Clercs*. Paris: Bernanrd Grasset, 1928. p. 42-43. Em resumo, as paixões políticas apresentam, hoje, certo grau de universalidade, de coerência, de homogeneidade, de precisão, de continuidade, de preponderância em relação às outras paixões, desconhecidas até nossos dias. Elas (as paixões políticas) são plenas de uma consciência de si mesmas, cuja perspectiva não conseguimos apreender totalmente. Algumas delas, mal reconhecidas até aqui, despertam para esta consciência e juntam-se às antigas. Já outras são mais puramente passionais, jamais possuindo o coração do homem naquelas regiões morais onde elas não alcançam, regiões essas dotadas de um caráter místico que não veríamos desde há séculos. Todas, enfim, estão munidas de aparelhos ideológicos por meio dos quais elas propalam a si mesmas, em nome da ciência, como o supremo valor de sua ação e de sua necessidade histórica. Tanto em superfície como em profundidade, tanto em valores espaciais como em força interna, as paixões políticas alcançam hoje um ponto de perfeição que a história ainda não havia conhecido. A era atual é, pois, a era do político. [Tradução: Odi Alexander Rocha da Silva.]

¹³⁵ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 23.

A perspectiva do francês Julien Benda pode ser comparada às noções de Karl Mannheim¹³⁶ que, na Alemanha de 1929, apresenta a obra *Ideologie und Utopie*. Sob o olhar do teórico italiano Norberto Bobbio, voltado aos estudos que relacionam os intelectuais e o poder, é que se destaca a comparação entre Benda e Mannheim:

Ao passo que Benda escreve como moralista, repreendendo os intelectuais, chamando-os ao senso das suas responsabilidades, indicando-lhes a estrada do dever se recompensas mundanas, Mannheim propõe-lhes uma tarefa simultaneamente teórica e prática. A vida política de uma nação está caracterizada pelo fato de que nela coexistem várias ideologias, cada uma das quais representativa de um ponto de vista parcial. Se não se deseja que essas ideologias contrastem entre si sem trégua, deve-se tentar a síntese, isto é, deve-se tentar alcançar uma visão compreensiva (dinâmica e não estática) dos vários pontos de vista em conflito. **Segundo Mannheim, esta síntese só pode ser obra de uma categoria que, diferentemente de todos os demais agrupamentos que produzem ideologias sociais, não tem uma composição de classe e está desancorada da sociedade, desvinculada de interesses e funções específicas: essa categoria, não classe, é dos intelectuais, que ele chama, seguindo A. Weber, de freischwebende [livre-flutuante]**¹³⁷[Grifo nosso]

Pode-se entender a abordagem de Mannheim de forma semelhante à de Benda, no sentido de que ele eleva os intelectuais, considerando-os como seres acima das classes e das categorias. Por uma mesma perspectiva, contudo de uma forma mais incisiva, Ortega y Gasset¹³⁸ traz a ideia de uma elite dirigente, uma casta intelectual, à qual cabe a renovação política da sociedade, ou como pronunciou em sua conferência “Vieja e nueva política”, de 1914, “o primeiro objetivo de um intelectual é promover a organização de uma minoria encarregada da educação política das massas”.¹³⁹

¹³⁶ Karl Mannheim (Budapeste, 1893 – Londres, 1947): sociólogo judeu nascido na Hungria.

¹³⁷ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 32-33.

¹³⁸ José Ortega y Gasset (Madri, 1883 – Madri, 1955): doutor em Filosofia pela Universidade de Madri, foi nomeado catedrático de metafísica da mesma universidade. Opositor da ditadura de Primo de Rivera, atuou como deputado pela província de Leon.

¹³⁹ ORTEGA Y GASSET apud BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 33

Beatriz Sarlo ¹⁴⁰, em sua obra *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*, ao dedicar um capítulo de seu livro à avaliação do papel do intelectual na modernidade, contribui significativamente para tal discussão. Ela traz a questão de que os intelectuais compõem uma categoria cuja própria existência é hoje um problema, uma vez que as intensas mudanças do século XXI também modificaram o papel do intelectual nos dias de hoje. Ela propõe um olhar que se distingue das visões tradicionais como as de Benda, Mannheim e Ortega y Gasset, por pretender desvincular a imagem do intelectual como representante da verdade, e “evitar os equívocos e o orgulho desmedido que a [a categoria dos intelectuais] caracterizaram” ¹⁴¹, libertando-se, dessa forma, da ideia de que cabe a ele descobrir o que a massa não teria condições de perceber por seus próprios meios. Pesquisadora argentina assinala a relevância da figura do intelectual ao longo do tempo, porém destaca que ela deve ser revista, considerando a realidade atual:

A figura do intelectual (artista, filósofo, pensador), tal como criada na modernidade clássica, entrou em seu ocaso. Algumas das funções que essa figura considerava suas, porém, continuam a ser reclamadas por uma realidade que mudou (e que, portanto, já não aceita legisladores nem profetas como guias), mas não tanto a ponto de tornar inútil o que foi o eixo da prática intelectual nos últimos dois séculos: **a crítica daquilo que existe, o espírito livre e anticonformista, o destemor perante os poderosos, o sentido de solidariedade com as vítimas.**¹⁴² [Grifo nosso]

A antropóloga traz a ideia levantada por Benda que o intelectual tem o dever do saber. Sinaliza, contudo, que o dever do saber transformou-se em poder no saber, o que redirecionou o papel dos intelectuais. Sarlo compara a atividade intelectual à função moderna do especialista, o qual, inserido na academia, passa a deter poder por seu domínio em um campo do saber. Ela ressalta, porém, que o problema dos intelectuais no período moderno está no

¹⁴⁰ Beatriz Sarlo (Buenos Aires, 1942): antropóloga argentina.

¹⁴¹ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006. p.11.

¹⁴² SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006. p. 165.

fato de que os vistos como tradicionais perderam sua autoridade, e os intelectuais especialistas de hoje, assim como os intelectuais eletrônicos, não parecem estar preparados para exercer a atividade intelectual. Tal condição se justifica porque a categoria dos especialistas foca-se em um saber específico, que a leva a interesses específicos. Quanto aos intelectuais eletrônicos, isso ocorre, pois necessitam de informação que vá além do que é produzido pela mídia, o que os leva a recorrer aos especialistas, criando um processo cíclico de legitimação. Nessa perspectiva, salientamos o comentário de Said que indica que “o desafio do intelectual está em negar a influência do profissionalismo moderno”¹⁴³.

Ao se considerar intelectual também o ser que influencia e interfere diretamente na sociedade por meio de seu conhecimento técnico e especializado, ter-se-á, além de intelectuais ideológicos, que buscam influenciar mentalidades, intelectuais que contribuirão diretamente para os poderes político e econômico. O sociólogo americano Alvin Gouldner define os especialistas como membros de uma cultura do discurso crítico que possuem uma linguagem especializada, própria dos sujeitos da mesma área.

A função do intelectual definida por Sarlo remete à postura de Émile Zola, ao publicar o artigo *J'accuse* em defesa de Alfred Dreyfus: “a prática intelectual encontra seu impulso na tomada de um partido. Seu terreno é o conflito de valores”.¹⁴⁴ Sarlo apresenta como uma das atividades que podem ser exercidas pelos intelectuais modernos o fomentado pensamento crítico e reflexivo: “seu papel está em interrogar questões que parecem arraigadas na natureza dos elementos, questionando determinismos, a fim de mostrar que as coisas não são inevitáveis”¹⁴⁵. Sob esse aspecto, estabelece relação entre os intelectuais e a cultura, na medida em que eles analisam os valores e as normas que conduzem a sociedade.

¹⁴³ SAID, Edward W. Representações do intelectual. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 14.

¹⁴⁴ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006. p. 170.

¹⁴⁵ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006. p. 10.

Edward Said ressalta que o desafio da atividade intelectual encontra-se, de maneira mais intensa, naqueles que estão no poder e na mídia e moldam a opinião pública, de forma a tornarem-se conformistas e crentes em pequenos grupos que estão no poder. Demarca, nessa perspectiva, que a tarefa dos intelectuais consiste em combater essa realidade:

Pessoas bem relacionadas promovem interesses particulares, mas são os intelectuais que deveriam questionar o nacionalismo patriótico, o pensamento corporativo e um sentido de privilégio de classe, raça ou sexo¹⁴⁶[...] o mundo está mais abarrotado do que nunca de profissionais, especialistas, consultores; numa palavra, povoado de intelectuais cujo papel principal é conferir autoridade com seu trabalho enquanto recebem grandes lucros¹⁴⁷.

Na atualidade, as discussões sobre o papel do intelectual centram-se em torno das aceleradas mudanças que ocorrem na sociedade. O cenário econômico e social configurado pelo capitalismo e pela democracia permite largas manifestações e embates de diferentes ordens e em diversificados espaços, permitindo a ampliação, inclusive, de disputas políticas, as quais ganham mais vigor, uma vez que mais e mais partidos políticos são criados. O papel da mídia reforça esse panorama, na medida em que divulga esses partidos e, por vezes, coopera ou os expõe conforme interesses comuns. A definição do papel do intelectual necessita acompanhar tal estrutura social, que apresenta um índice cada vez mais elevado de grupos que militam por ideologias, pela livre-manifestação de ideias e no combate aos preconceitos em relação a raças, credos, comportamentos. A cena social contemporânea é marcada pela luta e pela defesa de direitos igualitários, gerando uma multiplicidade de opiniões, acirrando disputas. Integra-se a esse quadro, o significativo crescimento do mercado editorial e a larga expansão eletrônica, os quais auxiliam para a disseminação de informações, bem como contribuem com a produção de novas publicações e a divulgação

¹⁴⁶ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 13.

¹⁴⁷ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 14.

de recentes estudos que são lançados diariamente. Tal cenário sociopolíticocultural sinaliza a importância de se trazer novamente à tona os debates sobre o conceito e a função dos intelectuais na sociedade em vigor.

O atual entorno social que estimula a articulação de diferentes discursos também reaviva ao longo do século XX e à atualidade do século XXI os postulados de Gramsci sobre o papel do intelectual orgânico. Ao se engajar na dinâmica social, o intelectual envolve-se com o próprio discurso da sociedade e, ao identificá-lo, torna-se agente responsável por auxiliar na promoção de um ambiente que estimule o exercício reflexivo e amplie a percepção do homem sobre sua realidade, a ponto de transformar a si e o ambiente no qual vive. Embora haja distinção nas abordagens dos teóricos sobre a vinculação do exercício intelectual a atividades ligadas diretamente à política partidária, tanto Gramsci como Said e Sarlo – esses últimos procedentes de um período histórico distinto do primeiro –, suas perspectivas em relação à conduta do intelectual convergem, ao entenderem que o exercício intelectual deve ser executado de maneira ativa, não apenas analisando o espaço que vive, mas atuando diretamente para a transformação social.

Reforça-se, assim, que o papel do intelectual está diretamente associado à cultura e à educação de um povo. A arte e a cultura permanecem, portanto, como meios fundamentais para o desenvolvimento pleno da prática intelectual, na medida em que são responsáveis para a elevação cognitiva do homem, ao estimular sua capacidade crítica, responsável na ampliação de sua perspectiva sobre a realidade que o cerca.

Sob essa perspectiva é que Moysés Vellinho, designado nesta investigação de “o intelectual da Província”, assegura o artigo definido que o caracteriza e reafirma a condição de líder da intelectualidade rio-grandense, indicada por Viana Moog. Sua atuação ativa em prol da cultura e da literatura contribuiu para o desenvolvimento da atividade intelectual do Estado do Rio Grande do Sul, sob diferentes esferas, fomentando a produção cultural tanto de sua Província quanto de seu País.

3 O DESPERTAR DO INTELLECTUAL

O rapaz sentiu-se sucessivamente aturdido, esperançado, temeroso, envaidecido, em pânico. Trabalhou, escreveu, releu, cortou, acrescentou, modificou. Resultado: alguns dias depois viu seu trabalho publicado no *Correio do Povo*.

Léa Brenner¹⁴⁸

É ainda nos bancos escolares que *desperta* o intelectual Moysés de Moraes Vellinho. Na condição de estudante secundarista, características típicas do perfil de um intelectual são reveladas tanto em sua conduta quanto em seus textos. Quem relembra a postura do jovem é Mem de Sá, que foi seu colega no Curso Secundário do Ginásio Anchieta:

Tenho presente ao espírito o assombro em que caímos, eu e o resto da turma, quando vimos sair aos embargos do Padre, professor de português, porque este, com certo ar depreciativo, tentou diminuir Machado de Assis, dando como influenciado por Swift e demais humoristas ingleses. Nosso colega conhecia o assunto como gente grande, saiu da modéstia e botou banca, debatendo com vantagem o tema em que o Padre não parecia estar familiarizado com o mestre de *Memorial de Aires*¹⁴⁹.

O relato de Mem de Sá possibilita identificar a coragem do jovem secundarista, de pouco menos de 20 anos, ao discutir com seu “mestre” em prol daquilo em que acreditava: a qualidade da obra de Machado de Assis. Esse evento mostra que Moysés Vellinho apresenta, ainda em seu período de formação, familiaridade com a obra machadiana. Pela narrativa de Mem de Sá, também se torna possível perceber a relevância dada por Vellinho, desde a juventude, ao autor de *Dom Casmurro*. O conhecimento sobre o assunto que o permitiu debater “com vantagem o tema” somado a habilidade argumentativa que o possibilitou “botar banca” em seu professor sinalizam traços próprios de um intelectual. A perspectiva crítica indica hábitos de leitura e análise, os quais, como expressa Beatriz Sarlo, reforçam-se no

¹⁴⁸ Léa Brenner, na Revista do Globo, sobre o início da atuação de Moysés Vellinho como crítico literário. BRENNER, Léa. *Revista do Globo*, n. 795. Porto Alegre, 1961. p. 43.

¹⁴⁹ MEM DE SÁ. Moysés. *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 6. [Publicação feita pelo *Correio do Povo*, no Caderno de Sábado, em homenagem ao aniversário 78 anos de Moysés Vellinho].

debate: “a prática intelectual encontra seu impulso na tomada de um partido. Seu terreno é o conflito de valores”¹⁵⁰.

O depoimento de Mem de Sá evidencia que algumas das características pessoais de Moysés Vellinho se salientavam em comparação aos demais colegas com quem conviveram na juventude. Ele apresentava singularidades em seu comportamento, que se revelavam, inclusive, em sua aparência. O relato do amigo registra também que a formação sólida de sua personalidade manteve-se íntegra e condizente ao longo dos anos:

A mim apenas compete asseverar que o Moysés de hoje [1979], justamente consagrado, com renome internacional, é o mesmo Moysés de 1918 do Ginásio Anchieta e do quarto da casa na Rua Santo Antônio.[...] Ele era, então, entre os colegas, nas tropelias da adolescência, não um corpo estranho ou um ‘poseur’ indiferente. Ria, participava, mas com a condição de nada ceder de sua pessoa. Tinha o raro segredo de compartilhar da vida comum sem confundir-se nela. [...] Já então esbanjava serenidade, na elegância inata de sua postura. [...] Muitas vezes, de 1918 até hoje, olhando-o à distância, parece-me que ele pertence a este século, sem perder o garbo e o *donaire* de um fidalgo do Renascimento¹⁵¹.

Moysés Vellinho e Mem de Sá vincularam-se por uma forte e duradoura amizade, motivo pelo qual as declarações de Mem de Sá integram o “Caderno de Sábado” do *Correio do Povo* de 6 de janeiro de 1979, data que Vellinho comemora seus 78 anos. A homenagem feita pelo periódico registra, pelas lembranças narradas por Mem de Sá, que o ginásiano já se destacava nas reuniões literárias pelo conteúdo de suas palestras:

Conheci Moysés Vellinho em 1918, no ginásio Anchieta que tinha então frente à Rua da Igreja e levava seus pavilhões até à Rua do Arvoredo. [...] Que me lembre, é minha mais antiga amizade, velha de seis décadas, nunca toldada pela mais leve sombra de dúvida. [...] Na Congregação Mariana¹⁵², que ambos frequentávamos, havia mensalmente

¹⁵⁰ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

¹⁵¹ MEM DE SÁ. Moysés. *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 6.

¹⁵²No AnexoS, no volume 2 deste trabalho, há documentação sobre esse período.

reuniões literárias em que os mais capazes iam mostrando suas sabenças. Pois não é que naquela altura das nossas vidas, já Moysés produzia palestras apreciando a obra de Godofredo Rangel? Imagine-se isto nos dias de hoje¹⁵³.

As peculiaridades de sua personalidade e a elegância de seu comportamento são reiteradas ao longo de sua trajetória, como na reportagem realizada por Germano de Moraes, na qual designa Moysés Vellinho como “príncipe nas letras e na vida”¹⁵⁴. Tal traço distintivo também assinala sua produção crítica, ao ser reconhecido “pela beleza do seu estilo”¹⁵⁵, bem como pela “força da sua opinião e sua cultura”. Tais características levam-no, desde jovem, a um lugar de destaque no meio da crítica literária.

Incentivado por seu professor do Ginásio Anchieta¹⁵⁶, o Padre Henrique Book, o jovem estudante¹⁵⁷ secundarista escreve sobre uma obra que havia adquirido: *A onda verde*¹⁵⁸, de Monteiro Lobato. O estudo intitulado “Monteiro Lobato”¹⁵⁹ e subtítulo “A respeito de *Onda Verde*”¹⁶⁰ assinala a estreia do estudante como crítico literário. Aos vinte anos de idade, Moysés Vellinho vê seu texto integrar a edição número 196, em 16 de agosto de 1921, do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre/RS. A análise exposta em duas colunas no

¹⁵³ MEM DE SÁ, Moysés. *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 6.

¹⁵⁴ NOVAIS, Germano de. Moysés Vellinho: homem público, crítico e ensaísta, diretor da *Província de São Pedro*, presidente da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, um príncipe nas letras e na vida. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 out. 1956.

¹⁵⁵ GOUVÊA, Paulo de. Um fidalgo das letras. *Correio do Povo*, Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 7.

¹⁵⁶ Documentos contendo o registro de Moysés Vellinho no Ginásio Anchieta (atual Colégio Anchieta em Porto Alegre/RS) foram encontrados no arquivo do Colégio Júlio de Castilhos, situado em Porto Alegre/RS, com o auxílio do funcionário Jaime Antônio Sichinel, em 8 de agosto de 2012. Entre os dados apresentados, constam sua filiação e data de nascimento, as notas de aprovação no primeiro ano do Curso Secundário e respectiva matrícula para o grau subsequente e as assinaturas de Moysés Vellinho e do professor responsável, Padre Henrique Book. Essa documentação integra o Anexo S, no volume 2 deste trabalho.

¹⁵⁷ Inicia sua formação secundarista no Colégio Anchieta e a conclui no Colégio Júlio de Castilhos – ambos situados em Porto Alegre –, no período de 1919 a 1921.

¹⁵⁸ A *onda verde* é uma obra de 1921 e apresenta o subtítulo “jornalismo”. Nela estão reunidos crônicas e artigos de Monteiro Lobato, inclusive sobre a questão do café, cultura em ascensão na época. Constam em capa as seguintes informações: Edição da “Revista do Brasil”, Monteiro Lobato & Cia. Rua Boa Vista, 52. São Paulo, 1921.

¹⁵⁹ O texto na íntegra encontra-se no ANEXO E, integrante do segundo volume deste trabalho.

¹⁶⁰ Manteve-se o título conforme publicado no jornal *Correio do Povo*, que não apresenta o artigo “a” no título da obra de Monteiro Lobato: *A onda verde*. ARINOS, Paulo. Monteiro Lobato (A respeito de *Onda Verde*). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1921, n. 196, p. 3.

centro na terceira página do periódico, assinada sob o pseudônimo Paulo Arinos, dá indícios, pela própria escolha da obra, do caminho que por ele será trilhado.

A crítica, enviada a Monteiro Lobato, tem como retorno uma carta, escrita de próprio punho pelo autor, o qual agradece a análise e incentiva Vellinho a continuar no ofício. Lobato publica a recensão na *Revista do Brasil*¹⁶¹. Em depoimento à Lea Brenner, Vellinho sinaliza que tal fato foi uma das grandes emoções de sua vida.¹⁶²

Moysés Vellinho demonstra, portanto, desde o período de ginásio, seu interesse por Machado de Assis e por sua obra. Revela também, em seu primeiro texto de crítica literária publicado, o seu apreço pelos escritos e pela figura de Monteiro Lobato, que à época já se destacava como personalidade atuante. Veiculações em periódicos das décadas de 1920 e 1930 reforçam o interesse de Moysés Vellinho por tais autores, ao noticiarem sua atuação nos cenários social e literário¹⁶³. Identifica-se que a produção desses intelectuais foi cultivada pelo jovem estudante ao longo de sua trajetória, pois características de ambos podem ser reconhecidas através do posicionamento de Moysés Vellinho, revelado tanto em seus textos de crítica literária quanto em seu percurso como intelectual.

3.1 MONTEIRO LOBATO E O NACIONALISMO

Em 1921, Monteiro Lobato é proprietário da *Revista do Brasil* e engaja-se no desenvolvimento de uma empresa editorial. Envolvido com a causa nacionalista, é escritor atuante, tendo suas críticas grande destaque na imprensa. À semelhança de *A onda verde*, obra que reúne textos veiculados em periódicos, publica *Problema vital*, livro que agrupa a série de artigos desenvolvidos no jornal *O Estado de São Paulo* sobre questões do

¹⁶¹ Teve-se acesso apenas a alguns sumários da *Revista do Brasil* e não se obtiveram dados das referências dessa publicação. A *Revista do Brasil* era de propriedade de Monteiro Lobato desde 1918. Como intelectual engajado na causa nacionalista, nela buscou divulgar obras de artistas modernistas iniciantes e consagrados.

¹⁶² Cf. BRENNER, Léa. *Revista do Globo*, n. 795. Porto Alegre, 1961, p. 44.

¹⁶³ Tais veiculações estão reunidas nos Anexos E, I, J, K e L, no volume 2 deste trabalho.

saneamento e da saúde pública. Nessa época, já tinha alcançado ampla repercussão a sua personagem Jeca Tatu¹⁶⁴, lançada no mesmo periódico¹⁶⁵, em 1914, no texto *Urupês*. Por meio desse caipira pobre, ignorante, preguiçoso e avesso aos hábitos de higiene, personagem totalmente distinta dos perfis idealizados dos sertanejos e dos indígenas do Romantismo, o autor aponta problemas sociais, expondo a precariedade da saúde no ambiente rural. A adesão de Monteiro Lobato à campanha sanitária da década de 1920 mostra-se na transformação de Jeca Tatu, o qual adquire hábitos de higiene que possibilitam a melhora da sua saúde e sua prosperidade. O intuito de contribuir para a educação sanitária da população leva Lobato a criar, em 1924, a personagem Jeca Tatuzinho, que, via radiotransmissão, expunha às crianças brasileiras noções de higiene e saneamento.

A saúde e a educação são itens constituintes do discurso nacionalista, o qual busca reforçar aspectos definidores da identidade brasileira. A relação do nacionalismo com a literatura remonta principalmente à segunda metade do século XVIII e início do século XIX, em função da necessidade de identificação de traços distintivos nas nações da Europa e, mais adiante, nas ex-colônias americanas. O Romantismo literário surge na Europa nesse período de agitação, de grandes mudanças sociais, em que se configura o liberalismo político, em um ambiente artístico de rejeição das regras que orientam o espírito clássico, e do racionalismo e da objetividade do Iluminismo. Privilegiam-se o indivíduo, as emoções, e a ânsia de elucidação identitária das novas nações. O próprio conceito de nação, que aflora e é debatido nesse momento, é destacado por Ernest Renan por sua

¹⁶⁴ Monteiro Lobato herdou de seu avô, em 1911, a Fazenda do Buquira, localizada na Serra da Mantiqueira, para onde se transferiu com a família. Sua vivência no campo impactou em sua produção, como o artigo intitulado “Uma velha praga”, publicado em *O Estado de S. Paulo*, em novembro de 1914, denunciando as queimadas no Vale do Paraíba. Ver: *Monteiro Lobato*. Disponível em: <http://lobato.globo.com/lobato_Biografia.asp>. Acesso em: 16 ago. 2012; e CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). Fundação Getúlio Vargas. *MonteiroLobato*. 2012. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/monteiro_lobato>. Acesso em: 23 ago. 2012

¹⁶⁵ MONTEIRO LOBATO. Disponível em: <http://lobato.globo.com/lobato_Biografia.asp>. Acesso em: 16 ago. 2012.

subjetividade: “una nación es un alma, um princípio espiritual”¹⁶⁶. A definição da nacionalidade é gerada, portanto, no espírito, na alma singular do coletivo, a qual remonta ao passado e analisa o presente: “La nación, como el individuo, es la consecuencia de um largo pasado de esfuerzos, de sacrificios y de desvelos”¹⁶⁷.

No Brasil, o discurso romântico fortalecido pela Independência política em 1822 é centrado na afirmação nacional. Candido¹⁶⁸ ressalta que o empenho do Romantismo brasileiro se volta para a construção de uma consciência literária, motivo que levou os mais destacados críticos do final do século XIX, Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo, a adotarem o “critério da nacionalidade” na análise de autores e obras. A crítica nacionalista de origem romântica, como designa Candido, vai, contudo, perdendo força, na medida em que o novo cenário político e social se configura, com o fim da monarquia.

As transformações científicas e tecnológicas que se consagram no século XIX e orientam o pensamento filosófico geram doutrinas, como o darwinismo, o marxismo e o positivismo, que repercutem no Brasil, contribuindo para a formação de um quadro marcado por amplas modificações, que se refletem em todas as instâncias reguladoras do País, assim como na produção literária nacional. O caráter científico que as orienta é instituído, na literatura brasileira, pelas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que assinala o Realismo e a segunda fase da produção de Machado de Assis, e pelo Naturalismo, através do romance *O mulato*, de Aluísio de Azevedo. Reverberam no País as profundas mudanças ocorridas no quadro geral europeu – como os ideais da Revolução Francesa –, impelindo eventos como a queda do Império, a Guerra do Paraguai e a campanha abolicionista, os quais conduzem a nação a novos rumos nos cenários político, econômico e social. A decadência da economia açucareira

¹⁶⁶ Conferência realizada na Sorbonne, em 11 de março de 1882. RENAN, Ernest. *Qué es una nación?* Cartas a Strauss. Madrid: Alianza Editorial, [1987]. p. 82.

¹⁶⁷ RENAN, Ernest. *Qué es una nación?* Cartas a Strauss. Madrid: Alianza Editorial, [1987]. p. 82.

¹⁶⁸ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 124.

fortalece o desenvolvimento agrário e pecuário, sobretudo, nas zonas rurais de São Paulo e Minas Gerais (o café com leite), e a expansão do movimento republicano intensifica a autonomia das Províncias¹⁶⁹. A vida social e cultural do País, influenciada pelas ideias liberais, socialistas, positivistas, cientificistas, ganha vigor e se acentua com o veloz processo de urbanização que marca os primeiros anos do século XX.

Nos anos iniciais de 1900, retomam-se, na produção literária brasileira, o subjetivismo e o espiritualismo, por meio das concepções do Simbolismo e do Parnasianismo. Candido vincula a esses movimentos o “fermento de renovação literária”¹⁷⁰ nacional que se esboça no período da Primeira Guerra Mundial. Nesse início de século, para Stegagno-Picchio, o intelectual brasileiro vivencia uma “realidade nacional provocativa”¹⁷¹, caracterizada pela emigração externa e interna, pelos velhos-novos problemas do sertão nordestino e pela aceleração da urbanização. Acrescenta-se a isso a formação de uma burguesia industrial incipiente, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, e o surgimento de profissionais liberais, apontando, assim, para uma estrutura econômica e social em transformação.

A causa nacionalista de Lobato é decorrente, portanto, dessa reconfiguração do cenário brasileiro, que evoca a necessidade de delineamento da identidade brasileira, inclusive para a manutenção e o fortalecimento da unidade político-geográfica. O período republicano leva a formações partidárias que acentuam as discussões a respeito da condução do País e de aspectos que caracterizam a constituição da nação; levantam-se movimentos separatistas, como o do Rio Grande do Sul, que levou Alcides Maya, contrário ao movimento, a escrever, em 1898, o panfleto *O Rio Grande*

¹⁶⁹ Sobre o cenário desse período, Pinheiro ressalta que atender às reivindicações dos liberais de descentralização e autonomia é, para os republicanos, “condição de êxito de quaisquer reformas políticas”, uma vez que mantém liberais e republicanos unidos. PINHEIRO, Israel de Oliveira. O regionalismo no Brasil Império. *Revista Ágora*. Vitória, n. 9, 2009, p. 21. Disponível em: <http://www.ufes.br/ppghis/agora/Documentos/Revista_9_PDFs/agora_Israel%20de%20Oliveira%20Pinheiro.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2013.

¹⁷⁰ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 124.

¹⁷¹ STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p. 380.

independente, onde considerou que¹⁷²: “a organização federal há de garantir vida longa a Pátria Brasileira”¹⁷³. Nesse sentido, na segunda década do século XX, há um direcionamento para atenuar as questões que reforçam, principalmente no âmbito social, as disparidades do País.

O Relatório Médico-Científico¹⁷⁴, publicado em 1916 por Artur Neiva e Belisário Pena, apresenta a viagem que esses cientistas realizam em 1912 por diversas cidades dos Estados da Bahia, de Pernambuco, Piauí e Goiás. Promovida pelo Instituto Oswaldo Cruz, por requisição da Inspetoria de Obras contra as Secas, órgão do Ministério dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas, o objetivo da viagem consiste em investigar as condições de salubridade da população e averiguar as principais enfermidades que estavam acometendo os moradores dessas áreas. O Relatório divulga imagens e descrições detalhadas da infinidade de doenças a que o povo sertanejo estava exposto – entre elas o bócio e a doença de Chagas – bem como expressa o isolamento dos habitantes dessas localidades, visto que não há contato com os Estados da região sudeste do País, onde se fixam os poderes político e econômico: “o abandono em que jazem as populações do Brasil Central muito contribuiu para aumentar o natural espírito de rotina que os domina, [...] praticamente são impermeáveis ao progresso”.¹⁷⁵

¹⁷² A questão da identidade pode ser evidenciada pela própria epígrafe inserida no panfleto, de Emílio Castelar, grande orador, Presidente da Primeira República Espanhola, a respeito do conceito de nação: *Uma nação não é somente um agregado de indivíduos; é algo mais que isso – é um grande corpo pela distribuição de funções e pelos limites geográficos; é um verdadeiro espírito pelas idéias, pelas tradições, pelas leis. É um indivíduo superior, animado, com as mesmas faculdades do homem, mas desenvolvidas é certo, com vida própria, submetida a leis tão reais como as leis da natureza.* MAYA, Alcides. *O Rio Grande independente*. Porto Alegre: Tipografia da Agência Literária, 1898. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br/bibli_online/alcides_maya/rio_grande_indep/livro_rg_indep.htm>. Acesso em: 30 abr. 2013.

¹⁷³ MAYA, Alcides. *O Rio Grande independente*. Porto Alegre: Tipografia da Agência Literária, 1898. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br/bibli_online/alcides_maya/rio_grande_indep/livro_rg_indep.ht>. Acesso: 30 abr. 2013.

¹⁷⁴ NEIVA, Artur; PENA, Belisário. *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Brasília, DF: Academia Brasiliense de Letras, 1984.

¹⁷⁵ NEIVA, Artur; PENA, Belisário. *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Brasília, DF: Academia Brasiliense de Letras, 1984. p. 173.

Além disso, o relato de Neiva e Pena evidencia a falta de noção do sertanista em relação à geografia do território brasileiro: “Uma mulher com que conversávamos aí não soube dizer se era pernambucana ou baiana – ‘sou da banda de cá’ era só o que explicava”.¹⁷⁶ Esse documento é um registro importante para entender a luta social na qual Monteiro Lobato estava engajado: exemplifica as distintas realidades sociais e econômicas do Brasil nas primeiras décadas do século XX e permite que se observe a falta de sentimento de pertencimento e de identidade nacional por parte dessa população. O relato dos viajantes deixa explícita a falta de integração do sertanejo:

Raro o indivíduo que sabe o que é o Brasil. Piauí é uma terra, Ceará outra terra, Pernambuco outra [...]. O governo é para esses párias um homem que manda todos os anos cobrar-lhes os dízimos (impostos). Perguntados se essas terras [...] não estão ligadas entre si, constituindo uma nação, um país, dizem que não entendem disso. Nós éramos para eles gringos, lordaços (estrangeiros fidalgos). A única bandeira que conhecem é a do Divino.¹⁷⁷

O Relatório reeditado pela Academia Brasiliense de Letras em 1984 é prefaciado pelo escritor Cassiano Nunes¹⁷⁸. Em seu texto, o autor expõe trechos de correspondência escrita por Belisário Pena a Monteiro Lobato e destaca a luta do autor de *Urupês* no combate às precárias condições de vida no sertão: “ficou bem demonstrado o seu [de Monteiro Lobato] interesse pela organização e modernização do Brasil subdesenvolvido, primitivo,

¹⁷⁶ Neiva, Artur; PENA, Belisário. *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Brasília, DF: Academia Brasiliense de Letras, 1984. p. 187.

¹⁷⁷ Neiva, Artur; PENA, Belisário. *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Brasília, DF: Academia Brasiliense de Letras, 1984. p. 191.

¹⁷⁸ Cassiano Nunes (Santos-SP, 1921-Brasília-DF, 2007) é poeta, escritor, crítico literário e professor. No período da reedição do Relatório, exerce a docência na Universidade de Brasília, onde atua por 25 anos – de 1966 a 1991. Entre suas atividades, estão as de secretário-executivo da Câmara Brasileira do Livro, professor de literatura brasileira na Universidade de Heidelberg, na Alemanha, e professor visitante na *New York University*, nos EUA. Tem diversos estudos voltados à obra de Monteiro Lobato.

desatualizado.”¹⁷⁹. Esse diário de viagem, apontado pelo prefaciador também por suas qualidades literárias, manifesta questionamento e crítica às descrições “arcádicas” que pintam um quadro do País completamente distinto da realidade presenciada:

Concorre muito para esse estado de coisas, as falsas informações dos que viajam por essas regiões, pintando em linguagem florida e imaginosa, quadros de intensa poesia da vida bucólica, feliz e farta. Nós, se fôramos poetas, escreveríamos um poema trágico, como a descrição das misérias, das desgraças dos nossos infelizes sertanejos abandonados. A poesia das paisagens e dos panoramas ficaria apagada pela tragédia, pela desolação e pela miséria dos infelizes habitantes sertanejos, nossos patrícios. Os nossos filhos, que aprendem nas escolas que a vida simples de nossos sertões é cheia de poesia e de encantos, pela saúde de seus habitantes, pela fartura do solo, e generosidade da natureza, ficariam sabendo que nessas regiões se desdobra mais um quadro infernal, que poderia ser magistralmente descrito pelo Dante imortal^{180, 181},

O Relatório contribui para a criação, em 1918, por representantes das elites política e intelectual, da Liga Pró-Saneamento do Brasil, dirigida por um desses autores, Belisário Pena. No ano posterior, em 1919, institui-se o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), avultando os serviços sanitários federais¹⁸².

A atuação de Monteiro Lobato como ficcionista e jornalista em prol da campanha sanitária faz parte do movimento de um grupo da sociedade que não somente busca denunciar a disparidade econômica¹⁸³, mas também está

¹⁷⁹ Neiva, Artur; PENA, Belisário. *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Brasília, DF: Academia Brasiliense de Letras, 1984. p. VII.

¹⁸⁰ Essa descrição pode se somar a própria definição de Monteiro Lobato a seu personagem Jeca Tatu: “Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!”. LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 37. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 90.

¹⁸¹ Neiva, Artur; PENA, Belisário. *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Brasília, DF: Academia Brasiliense de Letras, 1984. p. 222.

¹⁸² CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). Fundação Getúlio Vargas. *Movimento Sanitarista*. 2012. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/QuestaoSocial/MovimentoSanitarista>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

¹⁸³ A concentração de poder nas mãos dos fazendeiros, principalmente dos cafeicultores, contribui para o desenvolvimento das regiões Sul e Sudeste de forma contundente,

envolvido no fortalecimento da unidade territorial e política do Brasil. Sob esse enfoque, destaca-se o comentário de Bosi a respeito da ativa atuação de Lobato no cenário social: “[Cabe] à vivência brasileira de Monteiro Lobato o papel histórico de mover as águas estagnadas da *belle époque*, revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional”¹⁸⁴.

Anterior ainda à obra de 1921, que foi objeto de análise de Moysés Vellinho, *A onda verde*, o engajamento de Monteiro Lobato à causa nacionalista está expresso na publicação, em 1920, de sua primeira história infantil: *A menina do narizinho arrebitado*. Através da boneca Emília, de Dona Benta, do Visconde de Sabugosa, entre outros, Monteiro Lobato leva para o Sítio do Pica-Pau Amarelo as lendas do folclore nacional e recupera costumes do interior do País. Por meio de obras de ficção, da sua atuação como jornalista e como editor, Lobato envolve-se na discussão sobre os problemas sociais e, por conseguinte, no debate sobre os traços compositivos que representam o indivíduo típico de sua pátria: o brasileiro – o qual, sujeito às diversidades inerentes à extensa área do Brasil, traz em seu perfil o caráter plural que assinala sua formação.

É sobre essa personalidade que Moysés Vellinho concentra seu primeiro exercício de crítica. O texto registra uma redação na qual é perceptível uma postura resoluta, que, sem rodeios, deixa explícito seu pensamento e sua admiração por Monteiro Lobato, ao defini-lo como “um dos mais, se não o mais brasileiro dos escritores brasileiros”¹⁸⁵.

A afirmação, somada à análise da obra, indica que o jovem estudante, mesmo geograficamente distante do centro econômico e cultural do País, estava atento às manifestações que lá se realizavam, inclusive em relação à obra de Monteiro Lobato. Vellinho mostra-se leitor de Lobato, traçando um paralelo entre as suas criações, quando afirma que há, em *A onda verde*, “a

aumentando a disparidade social do Nordeste que entrara em declínio em razão da crise da cana-de-açúcar.

¹⁸⁴ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 307.

¹⁸⁵ ARINOS, Paulo. Monteiro Lobato (A respeito de “Onda Verde”). *Correio do Povo*. Porto Alegre, 16 ago. 1921, n. 196, p. 3.

continuidade do critério superiormente adotado nas *Ideias de Jeca Tatu*: o sentimento nacional”¹⁸⁶.

Essa publicação inaugural sinaliza o interesse do jovem crítico pelas discussões de cunho nacionalista. A própria figura de Monteiro Lobato e o título da obra, *A onda verde*, já sugerem tal conteúdo e direcionamento. Pela mesma via, o estudante segue, manifestando que seu espírito, tal como o de Lobato, se prende na busca da “alma¹⁸⁷” brasileira nas produções nacionais:

Monteiro Lobato quer que o Brasil seja, antes de tudo, brasileiro: **e debatera contra as correntes que a isso se opõem**; quer que cultivemos, na ara da arte as nossas tradições: e analisa, ferozmente, as insinuações externas, que as vão as reduzindo e pondo à margem; quer que os nossos costumes de hoje seja a evolução dos nossos costumes d’antanho: **que a arte brasileira seja o reflexo do nosso solo, e a reação do nosso ambiente. E tem razão, em não se conformando com a ausência de nossa alma em nossas obras**¹⁸⁸. [Grifo nosso].

A defesa de Lobato em prol de uma arte típica do País, da valorização das tradições e o crédito por ele dado à fisionomia característica do povo brasileiro – um povo liberto – são, para Paulo Arinos¹⁸⁹, uma lição: “notável escritor paulista nos ensina a amar a pátria. Não a concebe sem tradições, sem costumes e arte próprios¹⁹⁰”. Tal qual o autor de *A onda verde*, o crítico gaúcho, em sua trajetória, também “debate” contra as correntes que se opõem àquilo que vai de encontro à ideia de um Brasil *brasileiro*, que não valorizam seus costumes e seu legado cultural – herança dos antepassados portugueses.

¹⁸⁶ ARINOS, Paulo. Monteiro Lobato (A respeito de “Onda Verde”). *Correio do Povo*. Porto Alegre, 16 ago. 1921, n. 196, p. 3.

¹⁸⁷ ARINOS, Paulo. Monteiro Lobato (A respeito de “Onda Verde”). *Correio do Povo*. Porto Alegre, 16 ago. 1921, n. 196, p. 3.

¹⁸⁸ ARINOS, Paulo. Monteiro Lobato (A respeito de “Onda Verde”). *Correio do Povo*. Porto Alegre, 16 ago. 1921, n. 196, p. 3.

¹⁸⁹ Utilizar-se-á o pseudônimo Paulo Arinos para indicar sua atuação como crítico literário até 1939, quando passa a assinar Moysés Vellinho. Ver: Biografia (ANEXO A).

¹⁹⁰ ARINOS, Paulo. Monteiro Lobato (A respeito de “Onda Verde”). *Correio do Povo*. Porto Alegre, 16 ago. 1921, n. 196, p. 3.

3.2 UM OLHAR AO LONGE

Seguindo o conselho dado por Monteiro Lobato, o jovem continua a escrever. Antes de um ano de seu lançamento na imprensa, é possível encontrar artigos de sua autoria no próprio periódico de estreia, *Correio do Povo*– Porto Alegre/RS, no qual se torna responsável pela coluna “Livros e Autores”, sob o pseudônimo de Paulo Arinos. Seus textos, assinalados por um espírito destemido e uma firmeza de opinião, prenunciam os certames que integrarão seu percurso como intelectual. O estágio inicial do escritor é registrado por Augusto Meyer:

Moysés Vellinho, saído apenas do Ginásio Anchieta, mas dono de uma prosa enxuta, governada com pulso de homem, nos dera a todos o bom exemplo, com mais de um artigo publicado no mesmo jornal. Não só me acodem à lembrança alguns daqueles artigos, mas guardei em meus gavetões os recortes com a assinatura: Paulo Arinos. Santa Maria, centro geográfico do estado, acabava de lhe dar um crítico de raça, que nascia feito. Suas colaborações na seção Vida Literária¹⁹¹, escritas numa prosa límpida, revelavam séria vocação para o exercício da crítica. O equilíbrio, a ponderação, a fina sensibilidade, o espírito sisudo, mas temperado pela ironia manifestavam-se em perfeita consonância, dentro de alguns palmos de coluna¹⁹².

O relato de Augusto Meyer expressa características do homem e de seu texto, manifesta a relação de Moysés Vellinho com a sua origem em Santa Maria e destaca o crítico empenhado, alerta aos movimentos de sua Província e às manifestações oriundas do centro¹⁹³cultural do País. Tais aspectos se revelam desde os anos iniciais de sua atuação como crítico, ao publicar, poucos dias após a realização da Semana de Arte Moderna¹⁹⁴, no *Correio do*

¹⁹¹ Paulo Arinos foi responsável no *Correio do Povo* pela seção “Livros e Autores”. A seção “Vida Literária” integra a *Revista do Globo*, periódico que Paulo Arinos também colaborou.

¹⁹² MEYER, Augusto. *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. p. 128.

¹⁹³ No artigo *Bendita vaia!*, Arinos faz referência a um “ruidoso telegrama” recebido de São Paulo. ARINOS, Paulo. *Bendita vaia*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

¹⁹⁴ A Semana de Arte Moderna, também conhecida como Semana de 22, ocorreu no Teatro Municipal da cidade de São Paulo, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922.

Povo, o artigo “Bendita vaia!”¹⁹⁵, mostrando-se atento a um contexto social mais amplo que o da sua região.

Sob a assinatura de Paulo Arinos¹⁹⁶, comenta a vaia que sofreram quatro representantes do movimento modernista: Ronald de Carvalho, Menotti delPicchia, Oswald de Andrade e Nascimento Filho. A primeira crítica exposta na mídia sulina sobre as manifestações modernistas¹⁹⁷ deixa clara a sua oposição àqueles a quem denominou de futuristas:

Reza a notícia que, tendo eles se apresentado em um recital consagrado exclusivamente à arte futurista, foram ruidosamente vaiados. Certo, tal foi a revoada de absurdos que começou a voejar, azoicante, em volta às cabeças dos espectadores espantados, que, unânimes, não lhes houve calar um estardalhante protesto, sob a forma de apupos. Bendita vaia!¹⁹⁸

O texto é iniciado com uma “ode à capital do grande Estado”¹⁹⁹, alusão à obra *Pauliceia desvairada*, de Mario de Andrade – inspirada na cidade de São Paulo – e a seu “Prefácio interessantíssimo”, no qual indica as bases estéticas do Modernismo. A ode, assim como o próprio título, já revela explicitamente o desacordo do escritor à estética modernista, ao ressaltar, a partir da referência ao livro, a rejeição do público:

Bem hajas, oh! Pauliceia, que soubeste repudiar valerosa,
os desequilíbrios de uma pretensa arte!
Bem hajas, oh! Pauliceia, que vadaste, uníssonas, as
loucuras perigosas do futurismo!
Bem hajas, oh! Pauliceia, que atentaste uma cultura
bastante para tripudiar sobre os troféus de uma arte
infeliz, que já nasceu morta!...²⁰⁰

¹⁹⁵ ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

¹⁹⁶ Utilizar-se-á ao longo do texto o pseudônimo Paulo Arinos para indicar sua atuação como crítico literário até 1939, quando passa a assinar Moysés Vellinho. Ver: Biografia (Anexo A).

¹⁹⁷ CHIAPPINI, Ligia. *Modernismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. p. 38.

¹⁹⁸ ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

¹⁹⁹ ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

²⁰⁰ ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

Em plena efervescência do movimento, Paulo Arinos define a “pretensa” arte “futurista” como natimorta. Ele desaprova a incompreensibilidade da proposta e a ataca sem reservas, por meio de vocábulos que a caracterizam como criminosa em sua essência, por atentar contra a cultura, além de desequilibrada: “O futurismo, caso tenha centro de gravidade, é nos pés.”²⁰¹

Arinos compara o movimento modernista a um “adubo diabólico” do deserto, o cultivo do que é ruim no ermo:

E o futurismo? Reação, talvez, da infecundidade, não é o futurismo mais que um **adubo diabólico, fertilizante de saaras, nos quais desenvolve plantas monstruosas**, que, apenas medradas, as tisma o bafo causticamente das soalheiras do deserto. Ou é isto, ou, então. Um veneno viperino que mata, implacável, as mais belas florescências de um espírito destinado a rumos concretos, para os quais devera a abalar. [Grifo nosso].

Tatiana Zismann²⁰², em sua dissertação de Mestrado sobre a construção da identidade nacional nos discursos crítico-literário e historiográfico de Moysés Vellinho, analisa a crítica de Arinos como uma “reação à infecundidade parnasiana” e estabelece relações entre os vocábulos *infecundidade* e *adubo*, os quais dão “lugar ao paroxismo presente na função do *adubar infecundo*, fazendo igualar em aridez o novo movimento àquele que pretendia suplantar em potencialidades”²⁰³. Soma, a esses dois, um terceiro, o da morte, que se associa ao “veneno viperino que mata”²⁰⁴.

O texto de Arinos mostra um autor que entoia a infelicidade de uma arte “que já nasceu morta”. Sua postura crítica combativa reforça a característica do intelectual, ao se resgatar a abordagem de Sarlo, que demarca o espaço da prática intelectual: “seu terreno é o conflito de

²⁰¹ ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

²⁰² ZISMANN, Tatiana. *A construção da identidade nacional nos discursos crítico-literário e historiográfico de Moysés Vellinho*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Porto Alegre, 2006.

²⁰³ ZISMANN, Tatiana. *A construção da identidade nacional nos discursos crítico-literário e historiográfico de Moysés Vellinho*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Porto Alegre, 2006.

²⁰⁴ ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

valores”²⁰⁵. O jovem de 21 anos expõe com ousadia sua perspectiva sobre a arte proposta na Semana de Arte Moderna, e encerra sua crítica manifestando, ironicamente, compaixão pela “insustentável e desajeitada escola futurista”, a qual dá “respeitosas condolências”.²⁰⁶

A Semana de Arte Moderna ocorre nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, com a palestra de abertura do idealizador, o escritor Graça Aranha, acompanhada de poemas de Guilherme de Almeida. Ao proclamar por uma renovação das artes e da cultura, livre de concepções puramente europeias, a Semana é, como destaca Bosi, o “ponto de encontro das várias tendências que desde a Primeira Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio”²⁰⁷.

Nas primeiras décadas do século, as problemáticas sociais e culturais são despertadas por obras como *Os Sertões*, de Euclides de Cunha, apresentando o triste cenário nordestino e a luta do povo sertanejo, fadado a desaparecer. A busca, portanto, pela marca nacional que orientou o Romantismo, o “certo instinto de nacionalidade” mencionado por Machado de Assis em 1873, o olhar para o destino da nação transpassa as décadas e se acentua nas manifestações modernistas, ao buscar definições ao nacional. A Semana de Arte Moderna, como sinaliza Stegagno-Picchio “é mais um ponto de chegada que de partida”²⁰⁸.

O Modernismo, em prol de uma arte brasileira, expressão própria da cultura, introduz-se “numa tomada de consciência de um processo há muito tempo em ação”²⁰⁹. Embora os próprios integrantes do movimento ainda não estivessem certos a respeito de suas produções artísticas²¹⁰, as programações

²⁰⁵SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

²⁰⁶ ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

²⁰⁷ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 340.

²⁰⁸ STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p. 473.

²⁰⁹ STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p. 463.

²¹⁰ A afirmação de Oswald de Andrade contribui para o entendimento do pensamento dos modernistas: “Não sabemos o que queremos, mas sabemos o que não queremos.” TV CULTURA. *Cultura no intervalo: modernistas*. Disponível em:

da Semana contribuem para o lançamento do espírito modernista, ao apresentar novas convenções no plano estético, bem como uma abordagem distinta sobre os traços representativos do brasileiro e da nação, possibilitando, assim, amenizar o conservadorismo cultural que ainda permanece nas criações e no gosto público.

Dentre os elementos desencadeadores da Semana de Arte Moderna está a crítica de Monteiro Lobato intitulada “A propósito da Exposição Malfatti”²¹¹, a respeito da Exposição de Pintura Moderna de Anita Malfatti²¹² realizada em São Paulo, entre 12 de dezembro de 1917 e 11 de janeiro de 1918. Imagens que alteram as formas humanas, como as obras *A boba* e *O homem amarelo*, geram polêmica entre a classe artística e levam Lobato a expor sua indignação em sua coluna “Artes e Artistas”, em *O Estado de São Paulo*: “Embora eles se deem como novos, precursores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranoia e com a mistificação.”²¹³

A postura de Lobato ante as manifestações modernistas é reforçada por Paulo Arinos. Percebe-se, inclusive, que o posicionamento crítico audaz é característica comum²¹⁴ aos dois escritores. À arte definida por Lobato como

<<http://www2.tvcultura.com.br/culturainterval/perfil.asp?programaid=40>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

²¹¹ Este texto é referenciado em manuais de literatura, como o de Sergius Gonzaga, sob o título “Paranoia ou mistificação?”. LOBATO, Monteiro. A Propósito da Exposição Malfatti. São Paulo, *O Estado de S. Paulo*, Edição da Noite, 20 dez. 1917. In: Arquivo Estado. Estadão.com.br/Blogs. Disponível em:

<<http://blogs.estadao.com.br/arquivo/2012/02/11/a-proposito-da-exposicao-malfatti-por-monteiro-lobato/>>. Acesso em: 24 dez. 2011. GONZAGA, Sergius. *Manual de Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

²¹² Anita Catarina Malfatti (São Paulo-SP, 1889-1964. é artista plástica, desenhista, professora. Filha do engenheiro italiano Samuel Malfatti e da norte-americana Betty Krug, estuda pintura em escolas de arte na Alemanha e nos Estados Unidos, onde tem contato com o Modernismo. Em sua passagem pela Alemanha, em 1910, aproxima-se do Expressionismo. Em 1922, participa da Semana de Arte Moderna brasileira. Ela faz parte do Grupo dos Cinco, composto por Malfatti, Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia.

²¹³ LOBATO, Monteiro. A Propósito da Exposição Malfatti. São Paulo, *O Estado de S. Paulo*, Edição da Noite, 20 dez. 1917. In: MAC USP – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Disponível em

<<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/educativo/paranoia.html>>. Acesso em: 24 dez. 2011.

²¹⁴ A semelhança se mostra também pela atividade de críticos, enquanto responsáveis por coluna literária de denominações análogas: “Livros e Autores” – “Artes e Artistas”, no *Correio do Povo* e em *O Estado de São Paulo*, respectivamente.

“teratológica”, Arinos a classifica como “adubo diabólico, fertilizante de saaras, nos quais desenvolve plantas monstruosas”. Ambos defendem que a arte incompreensível, distorcida, desequilibrada, natimorta, deve ser substituída por uma expressão inteligível, equilibrada, viva, evidenciadora da realidade e dos traços definidores da nação – uma arte que o jovem crítico encontra na produção do autor a quem ele classificou como o maior de todos os representantes do movimento beletrista²¹⁵: “Monteiro Lobato encarnou uma arte legítima e compreensiva, como, aliás, soem ser todas as criações duradouras, uma arte que dispensa intérpretes, outros que a mesma alma nacional, que todos temos, latejante.”²¹⁶

Paulo Arinos sustenta a ideia de que a perenidade da arte vincula-se à possibilidade de compreensão da obra artística, na medida em que seja possível entendê-la como produção resultante de um fecundo cultivo semeado em solo nacional, cujas sementes trazem, em seu DNA, a marca da tradição ²¹⁷. Quando o modernismo se orienta para esse aspecto, principalmente a partir de 1925, período que demarca a difusão do modernismo pelos Estados brasileiros, Arinos passa a se manifestar de forma favorável ao movimento modernista, principalmente no que se refere à busca da “alma” brasileira na literatura. De acordo com Candido, “o nacionalismo literário, e a busca de modelos novos, nem clássicos nem portugueses, davam um sentimento de libertação à pátria mãe.”²¹⁸ A atividade intelectual passa, portanto, a ter “tarefa patriótica na construção do nacional”²¹⁹. Sob essa perspectiva, Paulo Arinos mantém-se na mesma “trilha” do pensamento nacional.

Nas páginas do *Correio do Povo*, Arinos desempenha “tarefa patriótica” e explicita sua ânsia por uma arte propriamente brasileira. Salienta,

²¹⁵ ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

²¹⁶ ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

²¹⁷ Zismann propõe que o discurso crítico e historiográfico de Vellinho são direcionados para a construção de uma identidade nacional. Ver: ZISMANN, Tatiana. *A construção da identidade nacional nos discursos crítico-literário e historiográfico de Moysés Vellinho*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Porto Alegre, 2006.

²¹⁸ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. v. 2 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, . p. 11.

²¹⁹ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. v. 2. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. p. 11.

contudo, que os primeiros traços culturais são provenientes do colonizador português. Dessa forma, ele sugere a comunhão das características europeias aos traços particulares da cultura do Brasil, concebendo uma arte marcada pelo ritmo brasileiro:

Da Europa trouxemos, com os primeiros colonizadores, uns rudimentos de cultura e civilização, de que guardamos a mais obstinada memória, – o que embarga uma identificação absoluta com o meio. Quando aportamos à Terra de Santa Cruz, já não éramos mais intelectualmente ingênuos. O nosso cérebro já se achava conformado. Por isso, há de acompanhar-nos, sempre, a sombra da Europa... Mas isto não quer dizer que cerramos as portas ao sol americano. Pelo contrário: deixemo-lo que nos banhe cheio e que nos queime a epiderme delicada. Não é que pretendamos neutralizar a ancestralidade lusitana que trazemos. Nem queremos, tampouco, anular-nos dentro da nossa natureza. **Mas comunguemos com ela tanto quanto possível, invoquemos a sua força, emprestamos-lhe o nosso gênio, que breve teremos um ritmo nosso, inconfundível, diferente de todos os ritmos. É tempo de criá-lo. Vivamos a nossa vida. Sejamos mestres de nós mesmos. Somemos os nossos caracteres dispersos e formemos uma personalidade nossa.**²²⁰ [Grifo nosso].

Na busca de uma personalidade definida como brasileira, Arinos estabelece relação entre elementos indissociáveis: sol e sombra – o sol americano, que projeta a sombra do colonizador europeu. O sol, na literatura grega, representa a verdade. Na literatura e na cultura do Brasil, Arinos indica que a verdadeira arte nasce da especificidade de sua constituição. A formação do povo deve trazer à luz suas particularidades, reunindo os “caracteres dispersos” em seu vasto território. O fulgor da arte tipicamente nacional é irradiado pelos “gênios” que se manifestam através das culturas regionais e formam a nação brasileira, de ascendência lusitana.

Esse pensamento vem ao encontro dos novos contornos que a questão da identidade nacional passa a assumir a partir de 1925, quando o movimento modernista passa a buscar o delineamento de aspectos nacionais

²²⁰ ARINOS, Paulo. O sonho dos modernos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27 jul. 1924.

pelo viés regional. Em 1926, o Grupo Modernista-Regionalista²²¹ de Recife, que tem como seu representante máximo Gilberto Freyre, promove o I Congresso Regionalista, evento que reúne intelectuais como José Lins do Rego e José Américo de Almeida. A proposta do grupo consiste em pensar as especificidades da cultura regional, no intuito de valorizar tradições, considerando as intensas transformações socioculturais que ocorrem desde meados do século XIX na capital pernambucana.

No Rio Grande do Sul, o regionalismo se aviva nesse período pelo contato de personalidades gaúchas com o verde-amarelismo do Centro – momento em que os novos escritores formam o Grupo da Globo²²². Essa designação alude ao conjunto de personagens do cenário sociopoliticocultural que tinha por hábito ir à Livraria do Globo, uma das poucas livrarias e editoras no sul do Brasil que consegue competir com as grandes casas editoriais do centro cultural do País.

3.3 O GRUPO DA GLOBO E O REGIONALISMO

Mansueto Bernardi, orientador literário da Editora do Globo, congrega, em seu gabinete, a nova geração de escritores e consagrados intelectuais do Estado do Rio Grande do Sul. Erico Verissimo, na obra em que escreve a biografia de Henrique Bertaso – filho de José Bertaso, sócio da Livraria do Globo e responsável por influenciar Henrique na gestão da Editora Globo – narra o hábito de figuras expressivas da cena gaúcha frequentarem a Globo:

Alguns literatos de Porto Alegre cultivavam o hábito de se reunirem à tardinha à porta da Livraria do Globo, onde ficavam a fumar, discutir política e/ou literatura e a olhar a colorida parada das calçadas. Getúlio Vargas, mesmo depois de eleito presidente do Estado, continuaria, uma vez que outra, a reunir-se ao grupo²²³.

²²¹ Entre os integrantes do regionalismo nordestino estão Graciliano Ramos, Alfredo Pirucha, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Rachel de Queirós, Jorge Amado e João Cabral de Melo Neto.

²²² LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978. p. 19 e p. 30.

²²³ VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 6.

Além do político Getúlio Vargas, Erico Verissimo narra que pelos espaços da Livraria do Globo transitaram o escritor Zeferino Brasil, denominado “Príncipe dos Poetas Gaúchos”; o crítico literário e secretário do Governo de Borges de Medeiros, João Pinto da Silva; o deputado estadual João Neves da Fontoura; o bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais Oswaldo Aranha; o autor de *Rodeio de estrelas*, Manoelito de Ornellas; o diretor do Suplemento Literário do *Correio do Povo*, De Souza Júnior; o autor de *Terra impetuosa*, Pedro Vergara; o professor de Direito e poeta Ruy Cirne Lima; os autores Athos Damasceno Ferreira, Augusto Meyer e Theodemiro Tostes; o criador de *Trem da serra*, Ernani Fornari; o jurista Darcy Azambuja, os jornalistas Roque Callage e Rubens de Barcellos, além dos escritores Alcides Maya e Moysés Vellinho.

O estreito vínculo estabelecido entre os integrantes do Grupo da Globo pode ser comprovado através do registro de seus depoimentos, pelo relato de familiares, por reportagem em periódicos e pelos livros de memórias que resgatam o ambiente cultural na capital gaúcha nos anos de 1920 e 1930. Nesse período, a atividade de escritor soma-se, em geral, à atuação jornalística e à execução de atividades no espaço político, promovendo a aproximação dos componentes do Grupo em diferentes esferas. Moysés Vellinho²²⁴, em 1928, vincula-se politicamente a Oswaldo Aranha, o que o conduz, em 1930, ao posto de Oficial de Gabinete do, então, recém-nomeado Ministro da Justiça. Esse novo cargo de Oswaldo Aranha obriga-os a se transferirem para o Rio de Janeiro, motivo que também contribui para estreitarem os laços de amizade²²⁵.

Após breve morada na capital carioca, Moysés Vellinho retorna a Porto Alegre e passa a trabalhar com outro integrante do Grupo da Globo: Pedro Vergara. Assim que se fixa na cidade, em 1932, Vellinho desempenha a função de advogado no escritório de advocacia de propriedade de Vergara. No

²²⁴Utiliza-se o nome civil, nessa e em outras passagens do texto, a seguir, nas referências à Moysés Vellinho, e não o pseudônimo Paulo Arinos, adotado pelo autor até 1939, uma vez que não se está reportando diretamente a sua atividade crítica.

²²⁵Em homenagem ao amigo, Moysés Vellinho publica, em 1978, *Oswaldo Aranha: pequenos registros à margem de uma grande personalidade*, pela Editora Lima, de Porto Alegre.

ano seguinte, Vellinho passa a integrar o grupo de redatores do jornal *A Federação*, quando Pedro Vergara assume a direção desse periódico.

Lígia Chiappini Morais Leite²²⁶, em seu estudo intitulado *Regionalismo e Modernismo*, salienta que os “escritores novos” formavam um grupo de intelectuais vinculados “à ideologia dominante”, sendo detectável por meio da semelhança de linguagem e de interesses “não só a maior parte dos escritores eram filhos de fazendeiros, como mantinham uma convivência estreita com os novos políticos, entre os quais Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas”²²⁷. A forte amizade com Getúlio Vargas é, inclusive, o motivo que leva Mansueto Bernardi²²⁸ a participar do movimento que provoca a Revolução de 1930 e conduz Vargas à presidência do País. Em sua eminente trajetória no espaço público, Bernardi alcança projeção a partir de 1914, ao trabalhar à frente da inspeção de Coletorias e da revisão do Imposto Territorial na fronteira e no centro-oeste do Estado, ofício que gera manifestação honrosa do Presidente da Província, Antônio Augusto Borges de Medeiros. Torna-se, então, Oficial de Gabinete e, posteriormente, passa a exercer o cargo de Secretário da Presidência do Estado. É eleito Intendente Municipal da cidade de São Leopoldo/RS, renunciando o posto após três anos de mandato. Exerce a função de diretor do Expediente da Secretaria de Obras Públicas, abandonando a atividade em 1924, quando assume a direção da Livraria do Globo – local em que já atua, desde 1912, como mentor literário –, onde permanece até 1931. Sua colaboração na Revolução de 1930 ocorre como dirigente do Serviço Oficial de Informações e Controle de Notícias. Em 1931, Getúlio Vargas, então Chefe do Governo Provisório da República, nomeia-o diretor da Casa da Moeda do Brasil.

²²⁶ As publicações da autora nas décadas de 1970 e 1980 apresentam o sobrenome LEITE como referência principal. Por adotar nas produções mais recentes o sobrenome CHIAPPINI, optou-se por referenciar todos os textos da autora citados neste trabalho pelo sobrenome utilizado em suas publicações na atualidade.

²²⁷ CHIAPPINI, Lígia. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978. p. 21.

²²⁸ VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Globo, 1973.

MARINELLO, Adiane Fogali. *Quando o poeta toma partido: literatura e política em Mansueto Bernardi*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul, 2005. Disponível em: <http://tede.uces.br/tde_arquivos/1/TDE-2006-12-12T153008Z-59/Publico/DISSERTACAO%20Adiane%20F%20Marinello.PDF>. Acesso em: 24 jun. 2012.

Além da função administrativa na Editora Globo, Mansueto Bernardi escreve poesia e prosa. Seu interesse pela obra do frade São Francisco de Assis leva-o a reunir seus textos em *Poemas franciscanos*. Antes disso, já havia publicado o livro de poesias *Terra convalescente*. Nascido em Ásolo, na província de Treviso, na Itália, em 20 de março de 1888, vem ainda menino para o Brasil. Como agente literário, contribui para que importantes obras estrangeiras sejam traduzidas para a língua portuguesa. A tarefa na Livraria do Globo permite larga inserção no âmbito cultural, o que o possibilitou divulgar emergentes escritores, como Alcides Maya, Rubens de Barcellos, Erico Verissimo e Mário Quintana. Moysés Vellinho integra esse grupo como crítico literário, colaborador da *Revista do Globo* e como editor da revista *Província de São Pedro*.

Mansueto Bernardi é responsável pela primeira reunião em um único volume de *Contos gauchescos* (1912), e *Lendas do Sul* (1913), de Simões Lopes Neto, em 1926. Entre as suas publicações, que percorrem o âmbito da poesia, do ensaio histórico e da crítica literária, destacam-se *O primeiro caudilho rio-grandense*, de 1957, e *O governo temporal das Missões e o padre Antônio Sepp*, de 1958. Esta se refere ao padre jesuíta Antônio Sepp²²⁹, fundador, em 1697, da redução de São João Batista, nas Missões Jesuíticas. Aquela se reporta ao índio missioneiro Sepé Tiaraju, figura consagrada pela Batalha de Caiboaté, nas Missões. Essa obra retoma parte da polêmica protagonizada por Bernardi e Vellinho, através das páginas de periódicos gaúchos²³⁰, sobre a qual se manifestaram integrantes do Grupo da Globo.

²²⁹ Padre Antônio Sepp, nome de registro Anton Sepp von Rehegg (Kalern-Tirol, AUT, 1655-São João Batista-Missões-RS [?], 1733) é considerando, conforme informações do Instituto Humanitas Unisinos, um dos grandes gênios das reduções guaranis por sua atividade de músico, com sólida formação artística europeia. Sob sua orientação, os índios confeccionam instrumentos musicais de sua orquestra, bem como sinos e ferramentas agrícolas. Encontrou-se distintas informações sobre o local de seu falecimento; optou-se pelos dados da obra de Athos Damasceno, uma vez que é atribuído a Sepp a fundação da redução de São João Batista. INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *A música nos sete povos das missões*. 26 set. 2006. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-antiores/423-a-musica-nos-sete-povos-das-missoes>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

DAMASCENO, Athos. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1970. p.13.

²³⁰A polêmica em torno do nome de Sepé Tiaraju consta no Capítulo 5 deste trabalho.

Na narrativa de Erico Verissimo sobre os integrantes do Grupo da Globo, destaca-se a passagem em que ele conta a primeira vez que conversa com Moysés Vellinho, antes de o autor de *O tempo e o vento* trabalhar na Livraria do Globo:

Em Porto Alegre bati em muitas portas, em busca dum emprego, mas sem nenhum resultado positivo. Em desespero de causa, resignei-me à ideia de ser empregado público e, como me tivessem informado de que havia uma vaga na Secretaria do Interior, para lá me atirei. Fui levado à presença de Moysés Vellinho (que naquele tempo fazia crítica literária sob o pseudônimo de Paulo Arinos). O chefe do gabinete de Oswaldo Aranha recebeu-me com grande cordialidade, e me declarou que havia lido com grande agrado vários contos meus – o que me surpreendeu, lisonjeou e animou. Diante daquele homem insinuante, de maneiras tão finas e vestido com tão sóbria elegância, experimentei um sentimento de inferioridade como o que eu sentira tantas vezes no Colégio Cruzeiro do Sul, aos domingos, ao comparar as fatiotas de meus colegas, trajados no rigor da moda, com a minha “roupa de domingo” feita pelo pior alfaiate de Cruz Alta e do mundo.²³¹

Anos mais tarde, a obra de Erico Verissimo passa a integrar significativamente o rol de estudos de Moysés Vellinho. Revelando-se admirador confesso do exímio ficcionista criador de Ana Terra, os ensaios críticos de Vellinho destinados a autores sulinos voltam-se, sobretudo, para a arte de Verissimo²³². O interesse de ambos por literatura e pela história do Rio Grande do Sul e a estima mútua transcendem as relações de trabalho e manifestam-se nos elos de amizade formados por suas famílias. Heloísa Vellinho Corso, filha de Moysés Vellinho, relembra o momento em que os dois escritores estreitaram os laços afetivos e como isso se refletiu em sua história:

Em 1939, nós veraneamos em Gramado, no Parque Hotel. E lá estavam as duas famílias, e, então, houve uma

²³¹ VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 20. Esse comentário também se encontra nos escritos biográficos de Erico Verissimo: *Solo de Clarineta*.

²³² BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.) *Ensaaios literários: Moysés Vellinho*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2001. p. 32.

aproximação normal, digo normal por os dois terem interesses em comum, já se conheciam, mas ali que se tornaram realmente amigos. A Dona Mafalda [esposa de Erico Verissimo] aprendeu a fazer tricô com a minha mãe. Eu, inclusive, usufruí dessa amizade, porque quando eu fui aos EUA, eu fui com meus avós, eu tinha 19 anos, [...] aí eu passei por Washington. E fiquei na casa da Dona Mafalda e do Erico. Eles foram importantíssimos na minha vida inteira, sou muito amiga deles, tenho mil coisas, livros que o Erico me deu, 22 guardanapos bordados pela Dona Mafalda e todas as minhas filhas ganharam sapatinhos bordados por ela [...]. Ela dizia que eu era muito “filhenta”.²³³.

Os integrantes do Grupo da Globo compõem a cena político-cultural gaúcha, atuando na capital com especial vigor na década de 1920, quando as manifestações modernistas somam-se ao agitado cenário político que se assenta no Estado, com a Revolução de 1923. Esse evento acirra a atenção para as questões regionais, favorecendo a inserção do Modernismo no Rio Grande do Sul, propagado pela visita do poeta Guilherme de Almeida a Porto Alegre, em setembro de 1925, ocasião em que realiza a conferência “Revelação do Brasil pela poesia moderna”, proferida também em Recife e Fortaleza. O primeiro modernista a ser eleito para a ABL – Academia Brasileira de Letras²³⁴ proclama o olhar para o presente, em direção ao futuro: “o presente move-se do eterno para o eterno, do passado para o futuro”²³⁵. Guilherme de Almeida ressalta que os eventos da Semana de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo são orientadores dos novos destinos da literatura nacional: “abriram-se as chaves e as porteiras: ficaram-nos os trilhos livres. Luz verde. E prosseguimos, apitando, para a frente.”

Pozenato, no ensaio *O regional e o universal na literatura gaúcha*, salienta que a própria constituição gráfica do termo regionalismo demarca o

²³³Entrevista realizada pela pesquisadora, em 19/04/2011, na residência de Heloísa Vellinho Corso, em Porto Alegre/RS.

²³⁴ Eleito em 6 de março de 1930, recebe, em 1937, o modernista Cassiano Ricardo como integrante da Academia Brasileira de Letras - ABL. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Cassiano Ricardo*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=604&sid=186>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

²³⁵ GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Cultura: Casa das Rosas faz releitura de palestra de Guilherme de Almeida. Publicação em: 28/05/10. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=210240&c=552&q=Casa+das+Rosas+faz+releitura+de+palestra+de+Guilherme+de+Almeida>>. Acesso em: 30 mai. 2013.

elemento ideológico essencializado pelo sufixo *ismo*. A definição do regionalismo carrega em si, pois, a representação do regional, mas sob a orientação de um “programa, a uma vontade de fazer, a um projeto elaborado segundo as convenções e a ideologia do que se pode denominar um movimento literário²³⁶”. Destaca-se, portanto, que o sufixo que assinala as escolas literárias confere à obra artística a responsabilidade de congregar a complexa e conflituosa relação de valores e interesses que se manifestam em seu tempo. Essa máxima expressão, a que Paulo Arinos designa de “alma”, é para onde orienta sua atividade crítica. Para ele, a vida literária brasileira germina pelo cultivo em solos regionais:

De tudo se chega à seguinte conclusão: enquanto o Brasil se desconhecer, enquanto não formarmos, de norte a sul, uma só mentalidade, um só sentimento, resultantes de um largo, de um intenso intercâmbio cultural, e afetivo, só faremos arte verdadeiramente representativa se nos limitarmos a um ambiente certo, e não incerto, definido por traços reais, e não arbitrários. Daí, a legitimidade do regionalismo. Não esqueçamos nunca que o maior livro **brasileiro** – *Os Sertões* – é legitimamente brasileiro por ser legitimamente regional²³⁷.

Tal afirmação, publicada em *A Federação*, no ano de 1933, permite identificar que a perspectiva manifestada por Paulo Arinos em seus primeiros textos críticos se mantém. Ao longo desse período, sua postura e seu exercício intelectual o aproximam do que Antônio Gramsci designou de intelectual orgânico. Além da atividade crítica sob a assinatura de Paulo Arinos, Moysés Vellinho participa ativamente dos cenários político e social, defendendo o fomento da produção artística nacional por meio do intercâmbio cultural entre as regiões. Esse pensamento, exposto no ano de 1933, é reforçado, na segunda metade dos anos 1920, pela polêmica que protagoniza com Rubens de Barcellos sobre a obra de Alcides Maya. Tal debate permitirá compreender o conceito de regionalismo entendido por Paulo Arinos nesse período de disseminação do Modernismo nos Estados.

²³⁶ POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974. p. 15.

²³⁷ ARINOS, Paulo. Modernismo e regionalismo. *A Federação*, Porto Alegre: 14 set. 1933, quinta-feira, p. 3

4 O INTELLECTUAL E O PAMPA

Foi aqui mesmo [no Quartel-General próximo à Praça da Harmonia, no Centro de Porto Alegre], de um lado da rua para o outro, que Oswaldo Aranha e Flores da Cunha comandaram o assalto, na Revolução de 30²³⁸.

Augusto Meyer

A década de 1920 configura-se como um cenário de intensa agitação em todos os setores da sociedade. Além das diversas manifestações artísticas e culturais, os movimentos políticos intensificam-se, gerando disputas partidárias acirradas. Nesse período, o PRR – Partido Republicano Rio-Grandense domina o governo gaúcho, na figura de Antônio Augusto Borges de Medeiros, líder do partido desde 1903, quando morre o patrono do PRR, Júlio de Castilhos²³⁹.

Antônio Augusto Borges de Medeiros atua como Presidente do Estado do Rio Grande do Sul por 25 anos, durante a República Velha (1889-1930), nos períodos de 1898 a 1908 e de 1913 a 1928. Denominados castilhistas ou pica-paus, os integrantes do PRR têm como opositores os gasparistas ou maragatos, seguidores de Gaspar da Silveira Martins, fundador do Partido Federalista do Rio Grande do Sul, em 1892. Tal partido defendia o fortalecimento do Brasil como União Federativa, o sistema parlamentar de governo e a revisão da Constituição do Rio Grande do Sul de 1891, escrita por Júlio de Castilhos, e considerada excessivamente positivista.

A Revolução Federalista, guerra civil ocorrida entre fevereiro de 1893 e agosto de 1895, marca as contendas entre os *chimangos*, sob a tutela de Júlio Prates de Castilhos e os *maragatos*, seguidores do liberal Gaspar Silveira Martins, o “Tribuno do Império”. Os liberais, conservadores, disputam a liderança política do Estado contra os republicanos, de orientação positivista. Nesse quadro de confrontos, expõe Léa Masina, “a formação de partidos políticos, as adesões e as desistências de apoiadores na

²³⁸ MEYER, Augusto. *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. p. 127.

²³⁹ Na Praça da Matriz, em Porto Alegre-RS, há um monumento em homenagem a Júlio de Castilhos, eleito o “Patriarca” do Rio Grande do Sul.

formação das legendas partidárias, que oscilavam entre liberais e republicanos, definiram a circunstância inicial em que o poema foi escrito e lido ²⁴⁰”. A pesquisadora refere-se ao surgimento do poema “Antônio Chimango²⁴¹.”

Escrito, em 1915, pelo jornalista, médico e político Ramiro Barcellos²⁴², sob o pseudônimo de Amaro Juvenal, *Antônio Chimango*²⁴³ é uma sátira à figura de Antônio Augusto Borges de Medeiros, adversário político de Ramiro Barcellos, principalmente durante o período de passagem do Império para a República. O impacto social do poema ocorre pela circunstância em que foi escrito: um período de muitas transformações sociais em todo o País, de pouco mais de duas décadas de regime republicano.

Cyro Martins, em ensaio publicado em *Páginas soltas*²⁴⁴, comenta o ambiente da época:

Em 1920 eu tinha doze anos. De acontecimentos memoráveis, de ordem nacional, recordo de ouvir comentar que Rui Barbosa perdera a eleição presidencial para Epitácio Pessoa. Em 1921 houve o traslado dos restos

²⁴⁰ MASINA, Léa. Relendo o poema Antônio Chimango. *Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise* Cyro Martins. Disponível em: <http://www.celpcyro.org.br/v4/Fronteiras_Culturais/RelendoopoemaANTONIOCHIMANGO.htm>. Acesso em: 20 jun. 2012.

²⁴¹ No que se refere à grafia do termo, o dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa apresenta as formas /ximango/ e /chimango/, com acepções semelhantes. HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

²⁴² Ramiro Fortes de Barcellos (Cachoeira do Sul-RS, 1851 – Porto Alegre-RS, 1916), político, escritor, jornalista e médico, em 1877 ingressou na política como deputado provincial. Na área médica, chefiou os serviços de cirurgia da Santa Casa de Misericórdia. Como jornalista, foi um dos fundadores do jornal *A Federação*, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense. Nesse jornal, utilizava-se literariamente do pseudônimo Amaro Juvenal, com o qual assinou o poema *Antônio Chimango*. Após a proclamação da República, foi nomeado Ministro Plenipotenciário no Uruguai e de 1890 a 1899 e de 1900 a 1906, elegeu-se senador da República pelo Rio Grande do Sul.

²⁴³ A partir da publicação, Borges e os borgistas passaram a ser chamados de chimangos por seus opositores. O personagem Antônio, na ilustração da capa, é apresentado graficamente como um chimango, pequena ave de rapina, vestido com um pala, uma roupa tipicamente gauchesca. JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

²⁴⁴ MARTINS, Cyro. A década de 20. In: *Páginas soltas*. Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins. Disponível em: <http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=236>. Acesso em: 20 jun. 2012.

mortais de Gaspar da Silveira Martins²⁴⁵ de Montevideu para Bagé, sua terra natal. O chefe federalista falecera na capital uruguaia, repentinamente, em 1901. A viagem dos restos do tribuno se constituiu numa trajetória gloriosa. Em Porto Alegre, fazia muitos anos que não se via um explodir de emoção cívica e oposicionista tão veemente como naquela oportunidade. Foi o princípio da arrancada antiborgista que se desencadearia no ano seguinte, quando foi lançada a candidatura de Joaquim Francisco de Assis Brasil à presidência do Estado para tentar evitar a quinta investidura do Papa Verde, vulgo Chimango, como os adversários, políticos de Antônio Augusto Borges de Medeiros o chamavam desde a publicação do poemeto satírico de Ramiro Barcellos, em 1915.

O traslado do corpo de Gaspar Silveira Martins de Montevideu para Bagé ativa ainda mais os embates políticos no Estado. Em 1922, em oposição à quinta eleição de Borges de Medeiros, sendo a terceira consecutiva, o Partido Federalista²⁴⁶, liderado por Joaquim Francisco de Assis Brasil e Raul Pilla, engaja-se na Revolução de 1923, conflito civil gaúcho que opôs chimangos (partidários de Borges de Medeiros) e maragatos (partidários de Assis Brasil). Esse contexto promove a larga repercussão da satírica biografia de Barcellos a seu primo e rival político. O poema *Antônio Chimango* apresenta, no formato de versos heptassílabos, uma linguagem que caracteriza o regional e descreve o ambiente da estância e seus costumes (sextilhas 113 e 114):

Co tempo o Coronel Prates
 Se foi sentindo pesado;
 Tinha muito trabalhado
 Naquela vida campestre,
 Onde ele, com mão de mestre,
 Tinha tudo preparado.

Um dia chamou o Chimango
 E disse: “escuta, rapaz,
 Vais ser o meu capataz;
 Mas, tem uma condição:
 As rédeas na minha mão,
 Governando por detrás.”²⁴⁷

²⁴⁵ Gaspar Silveira Martins (Cerro Largo-URY, 1834- Montevideu-URY, 1901) nasce na estância avoenga a 5 de agosto de 1904, porém é batizado a 5 de março de 1835. Em 1892, fundou o Partido Federalista do Rio Grande do Sul.

²⁴⁶ O Partido Federalista do Rio Grande do Sul origina, em 1928, o Partido Libertador.

²⁴⁷ JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978. p. 47.

A perspectiva de Paulo Arinos sobre o poema *Antônio Chimango* pode ser identificada na crítica veiculada em 1924, no *Correio do Povo*. Sob o título “O balanço de nossas letras”, Paulo Arinos analisa a obra então lançada de João Pinto da Silva, *História Literária do Rio Grande do Sul*, expondo sua surpresa pela omissão do nome de Amaro Juvenal na publicação em questão:

Passando, porém, à página seguinte, não pôde deixar de surpreender-me a omissão do nome de Amaro Juvenal, autor do notável poema regional, cujas sextilhas correm de boca em boca por todo o Estado, tanto sabe ao nosso paladar o profundo pitoresco das suas imagens. Trata-se, realmente, de um dos documentos mais expressivos da literatura cavalheiresca, – e não de certo, pelo seu aspecto político, de interesse limitado e passageiro, mas sim pelo largo sentimento local de suas paisagens, pela frescura e sabor de seus conceitos. De outro lado, a independência de espírito que o ilustre escritor manifesta, regularmente, não justificaria, de modo nenhum, o falso pensamento de que essa exclusão tenha provindo de um inexplicável respeito ao momento político. Será que, segundo o seu critério, sem dúvida diverso do meu, o precioso poema, pelo seu fundo satírico, não cabe na resenha da vida literária do Rio Grande? Ainda que eu tema pela sua justeza, manda a mais rudimentar sabedoria que o receba com o acatamento devido a todos os pontos de vista sinceros.²⁴⁸

Antônio Chimango é representativa, por ser uma das obras que contribui para reforçar o regional na produção literária sulina. A orientação política somada à linguagem vulgar que marca o gaúcho campeiro, da estância, do mundo rural, favorece a identificação popular com o poema, levando-o às rodas campeiras e aos “bolichos”²⁴⁹. Cyro Martins, em 1944, comenta sobre a repercussão do poema:

²⁴⁸ ARINOS, Paulo. O balanço de nossas letras. *Correio do Povo*, Porto Alegre: set.1924.

²⁴⁹ Expressão contemporaneamente utilizada para se referir a um comércio de beira de estrada, que se caracteriza pela rusticidade e por vender utensílios e bebidas. Costumes como o hábito de tomar chimarrão, reunir-se em CTGs – Centro de Tradições Gaúchas e o uso de vocabulário específico e uma linguagem marcada pela 2ª pessoa do singular /tu/ são utilizadas para reforçar a figura do gaúcho herói. Isso pode ser identificado pela estruturação da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha, “Entidade Maior do Movimento Tradicionalista Gaúcho Brasileiro”, como assim define seu Estatuto. Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha. Disponível em: <<http://www.cbtg.com.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

Outro grande regionalista que as gerações atuais desconhecem: Ramiro Barcellos. O seu poema satírico *Antônio Chimango* embebedou a gauchada. Mas não foi uma bebedeira entorpecente. Foi, sim, um trago largo e salutar, que encorajou o gaúcho, alegrou-lhe a alma de bom riso e lhe aguçou o senso do ridículo.²⁵⁰.

É nesse contexto que o regionalismo soma-se ao movimento Modernista e favorece as manifestações nacionalistas. Pozenato assinala a dimensão social da realidade como o traço condutor do programa regionalista do Modernismo. Diferentemente do regionalismo romântico, no Modernismo há “uma visão entusiástica pelo futuro”²⁵¹, é o *prosseguir, apitando para a frente*, como expõe Guilherme de Almeida em sua fala em Porto Alegre. “No modernismo, as próprias deficiências, reais ou aparentes, são apresentadas com superioridade, como obstáculos a serem transpostos”²⁵², sinaliza Pozenato. Leite destaca que o Modernismo favoreceu uma releitura da tradição e propiciou a incrementação do regionalismo²⁵³.

Nesse sentido, a busca do nacionalismo vem ao encontro da própria especificidade que delinea a história do Rio Grande do Sul: a marca da luta, da defesa de território, do cultivo das tradições. O ideal de liberdade que orienta a Revolução Farroupilha²⁵⁴ é o adubo que pode fertilizar a literatura rio-grandense e enriquecer a cultura nacional. É nesse momento que Paulo Arinos torna-se favorável ao modernismo, na medida em que o movimento não mais busca ser “fertilizante de saaras”, que abala “as mais belas florescências de um espírito destinado a rumos concretos”²⁵⁵, como expõe

²⁵⁰ MARTINS, Cyro. *Visão Crítica do Regionalismo* (1944). *Sem rumo*. Introdução. Porto Alegre, Movimento, 1997. 6. ed., p. 14 et seq. (1. ed., 1937). Ensaio originalmente publicado em 1944. Disponível em: <http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=291>. Acesso em: 20 jun. 2012.

²⁵¹ POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974. p. 15.

²⁵² POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974. p. 15

²⁵³ CHIAPPINI, Lígia. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978. p. 21.

²⁵⁴ A Revolução Farroupilha será tomada, mais tarde, pelos correspondentes do Partenon Literário, que, escrevendo sobre temas locais, determinaram não só a linha de produção literária rio-grandense, mas, sobretudo, desencadearam um movimento mais amplo – o Regionalismo. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; MOREIRA, Maria Eunice. *Literatura sul-rio-grandense: ensaios*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2000. p. 173.

²⁵⁵ ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

em sua crítica, publicada em 26 de fevereiro de 1922, ou seja, nove dias depois do último evento que marca a Semana de Arte Moderna.

Baumgarten e Moreira (2000, p. 147) apontam que os dez anos de guerra, que levaram o Rio Grande do Sul à condição de República, trouxeram também a marca de heróis: “o tratamento literário, associado à palavra dos historiadores, consagrou um tipo – o gaúcho – e uma ideologia – a regionalista”²⁵⁶. Chiappini, em uma análise comparativa sobre os contos regionalistas desse período, observa “um código narrativo comum e uma mensagem-padrão por eles veiculada – o mito do gaúcho-herói”²⁵⁷. A pesquisadora destaca que os contos apresentavam a função de propagandear os valores gaúchos, auxiliando na luta pela projeção política e econômica do Rio Grande do Sul junto ao poder Central. Buscam o aperfeiçoamento da retórica de exaltação da terra e da raça gaúchas, mais tarde largamente empregada pela propaganda da Aliança Liberal e da Revolução de 30.²⁵⁸

A Revolução Farroupilha, por seu caráter separatista e regional, consolida o processo de idealização, em que se confundem mito e realidade. De outra parte, o regionalismo, enquanto corrente literária, está ligado ao separatismo sul-rio-grandense, cuja origem se encontra no episódio farroupilha e nos ideais que o cercam: valorização da liberdade, exaltação da terra gaúcha e do farrapo, sobre o qual recaem todos os atributos positivos do homem sulino.²⁵⁹

O Rio Grande do Sul, na década de 1920, é, portanto, comandado pelo Partido Republicano Rio-Grandense, por Borges de Medeiros e, na sua sucessão, por Getúlio Vargas, até a Revolução de 1930²⁶⁰, quando este

²⁵⁶ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; MOREIRA, Maria Eunice. *Literatura sul-rio-grandense: ensaios*. Rio Grande: Editora da FURG, 2000. p. 147.

²⁵⁷ CHIAPPINI, Lígia. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978. p. 21.

²⁵⁸ CHIAPPINI, Lígia. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978. p. 21.

²⁵⁹ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; MOREIRA, Maria Eunice. *Literatura sul-rio-grandense: ensaios*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2000. p. 153.

²⁶⁰ A Revolução de 1930 foi o movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o Golpe de 1930, que depôs o Presidente da República Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha. Em 1929, lideranças de São Paulo romperam a aliança com os mineiros, conhecida como *política do café com leite*, e indicaram o

assume o Governo Provisório, em 3 de novembro de 1930, data que marca o fim da República Velha. Na primeira metade dos anos 1920, o crítico Paulo Arinos é responsável pela coluna “Livros e Autores”, no *Correio do Povo*. O contexto político e social, principalmente a partir da Revolução de 1923, favorece e reforça a repercussão das críticas literárias de Paulo Arinos. As manifestações do crítico sobre a obra de Alcides Maya, veiculadas nas páginas do *Correio do Povo* (Porto Alegre-RS) desde 1923, ganham destaque no debate que protagoniza com Rubens de Barcellos, em 1925, nesse mesmo periódico.

4.1 ALCIDES MAYA

Neto de estancieiro pela linhagem materna, Alcides Maya²⁶¹ nasce em 15 de setembro de 1878, na cidade de São Gabriel²⁶², localizada no sudoeste rio-grandense, onde o avô, Manuel Coelho Leal, possuía duas frações de campo, denominadas Tarumã e Guabiju. A infância passa na estância de Jaguari, também do avô, localizada no município de Lavras do Sul, a qual se torna cenário presente em seus textos, principalmente no romance *Ruínas vivas*.

Sua produção soma 13 obras²⁶³ e muitos artigos em periódicos, principalmente no *Correio do Povo*, de Porto Alegre/RS. Grande parte de sua publicação são ensaios, críticas e textos que o evidenciam como ensaísta e jornalista voltado às questões políticas e culturais²⁶⁴. Sua obra de estreia

paulista Júlio Prestes como candidato à presidência da República. Em reação, o Presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada apoiou a candidatura oposicionista do gaúcho Getúlio Vargas. Em 1º de março de 1930, foram realizadas as eleições para presidente da República que deram a vitória ao candidato governista, que era o presidente do estado de São Paulo, Júlio Prestes. Ele, porém, não tomou posse, em virtude do golpe de Estado desencadeado a 3 de outubro de 1930, e foi exilado. Getúlio Vargas assumiu a chefia do Governo Provisório em 3 de novembro de 1930, data que marca o fim da República Velha.

²⁶¹ Alcides Castilho Maya (1878 – 1944) também assinou vários artigos pelo pseudônimo Guys.

²⁶² Cidade palco da batalha de Caiboaté, onde atualmente está erigido o monumento de Sepé Tiarayu, personagem que será alvo de intensos debates entre intelectuais gaúchos, em periódicos do Estado.

²⁶³ ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Na trilha de um andarengo: Alcides Maya (1877-1944)*. Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994. p. 285.

²⁶⁴ As obras de ficção contribuíram para que Maya se destacasse por todo o País como escritor, o que o tornou o primeiro rio-grandense a ingressar na ABL – Academia Brasileira de Letras,

é *Pelo futuro*.

Como ficcionista, escreve o romance *Ruínas vivas*, de 1910, o volume de contos *Tapera*, de 1911, e a reunião de contos *Alma bárbara*, de 1922. Integrante, a partir de 1897, da redação do periódico *A República*, órgão da dissidência republicana, chegou a ocupar a direção do jornal. Anos após, em 1918, ingressa na Câmara dos Deputados pelo Rio Grande do Sul, pelo mesmo partido. Em 1889, quando passa a residir na capital do Estado, ingressa como aluno do Colégio Rio-Grandense e tem como mestre o fundador do Partenon Literário, Apolinário Porto Alegre, que prefacia²⁶⁵, em 1898, o panfleto *O Rio Grande independente*. Expondo sua oposição ao movimento pró-Independência do Rio Grande do Sul, Apolinário Porto Alegre declara que Alcides Maya “representa brilhantemente **a nova geração**”²⁶⁶. [Grifo nosso]. Porto Alegre eleva-o da condição de aluno, ao caracterizá-lo como mestre, e compara-o a grandes personalidades brasileiras que se destacam, principalmente, pelo dom da oratória: “chamem Andrade Figueira, Gaspar Martins, Afonso Pena, Rui Barbosa, enfim, todos os homens que serviram gloriosamente o Império, e a República será salva gloriosamente, e a mocidade, representada em Alcides Maya, terá mestres de que precisa”²⁶⁷.

Alcides Maya viaja pela primeira vez ao Rio em 1903, quando se estabelece em uma “república de intelectuais”, na aristocrática rua das Laranjeiras, na casa de número 2. Nesse período, o seu nome já era conhecido nos centros culturais do País e a vivência nessa república contribuiu para que Maya tivesse contato com diversas personalidades da nova geração brasileira, como Fábio Barros, Afonso Aquino, Gregório da Fonseca, Marcolino Fagundes, Bastos Tigre, Brás do Revoredo entre outros. Djalma de Castilho Maya, irmão de Alcides Maya, depõe sobre a vivência na

eleito em 1913.

²⁶⁵ Prefácio datado da Casa Branca, em 6 de março de 1898.

²⁶⁶ MAYA, Alcides. *O Rio Grande independente*. Porto Alegre: Tipografia da Agência Literária, 1898. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br/bibli_online/alcides_maya/rio_grande_indep/livro_rg_indep.htm>. Acesso em: 30 abr. 2013.

²⁶⁷ MAYA, Alcides. *O Rio Grande independente*. Porto Alegre: Tipografia da Agência Literária, 1898. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br/bibli_online/alcides_maya/rio_grande_indep/livro_rg_indep.htm>. Acesso em: 30 abr. 2013.

casa da rua das Laranjeiras, caracterizando-a como um “recanto espiritual” para onde convergiam para palestrar e para conversar, nomes como Felipe D’Oliveira, Álvaro Moreyra, Coelho Neto, Olavo Bilac, Euclides da Cunha. Nessa casa é que Maya também conhece pessoalmente o escritor a quem dedicou estudos: Machado de Assis. Esse primeiro contato ocorre logo após a publicação de seu artigo no jornal *O País* acerca da obra *Esaú e Jacó*²⁶⁸; é nesse período que o ilustríssimo morador do Cosme Velho visita-o.

No Rio de Janeiro, colabora para os jornais cariocas *O País*, *O Imparcial*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Comércio*. Em Porto Alegre, em 1908, funda um jornal matutino, o *Diário da Manhã*, que dura um ano. Seu envolvimento com a política leva-o, anos mais tarde, a colaborar com o movimento revolucionário de 1930, através da imprensa carioca. Em sua morada em Porto Alegre, assume a direção do mais antigo museu do Estado, o Museu Júlio de Castilhos²⁶⁹, período que também escreve para o *Correio do Povo*. Vive no Rio de Janeiro seus últimos anos de vida. Cinco anos após sua morte, seus restos mortais foram trasladados para o Panteão Rio-Grandense, localizado na capital do Rio Grande.

Por essa alternância de moradas entre Rio de Janeiro e Porto Alegre, Augusto Meyer designou Alcides Maya de andarengo²⁷⁰, por ser um homem que vivia em trânsito. A tese de Marlene Medaglia Almeida²⁷¹ configura-se sob essa perspectiva, ao denominar os capítulos de seu trabalho com base nas idas e vindas do escritor entre a “metrópole” e a “província”, referindo-se às suas estadas em Rio de Janeiro e Porto Alegre, respectivamente. Sobre

²⁶⁸ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Alcides Maya. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=74&sid=107>>. Acesso em: 12 maio 2012.

²⁶⁹ O Museu Júlio de Castilhos localiza-se no centro da cidade de Porto Alegre, na rua Duque de Caxias, 1231 e 1205, e foi construído em 1887. O projeto, desenvolvido pelo coronel de engenheiros Catão Augusto dos Santos Roxo, herói da Guerra do Paraguai, destinava ser sua residência. Em 1897, foi aberta uma subscrição entre os membros do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) para aquisição do palacete para fixar residência o presidente do Estado Júlio de Castilhos, o qual passou a ocupá-lo, com sua esposa Honorina e seus seis filhos, entre 1898 e 1903, data de sua morte. Após o falecimento da viúva, em 1905, o prédio foi comprado pelo governo do Estado, para onde foi transferido o acervo do museu. Em sua memória, foi mantida uma sala, reconstituindo o antigo dormitório do casal e seu gabinete.

²⁷⁰ ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Na trilha de um andarengo*: Alcides Maya (1877-1944). Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994. p. 25.

²⁷¹ ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Na trilha de um andarengo*: Alcides Maya (1877-1944). Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994.

essa questão, Marlene Almeida aponta o conflito entre seu espaço de atuação intelectual, uma vez que o Rio de Janeiro era o centro cultural da época, e sua relação emocional com o Estado natal:

Relatados postumamente por Raul Bittencourt, Fernando Borba, Fábio Barros, Waldemar de Vasconcellos, Manoelito de Ornellas, e vários outros, em ensaios que focalizaram o *homem* Alcides Maya, a par do *escritor*, estes testemunhos indicam que a condição de “andarengo” não deve ser interpretada como fuga às origens, mas como contingência. Enquanto, por um lado, a premência em desenvolver suas potencialidades intelectuais, inibidas no meio provinciano, o impelia para o centro cultural do país, por outro, sua identidade emocional com o ambiente que vivenciara na infância e na adolescência na estância do avô materno, o instigava a retornar ao Pago²⁷².

Baumgarten, em seus estudos sobre a crítica literária no Rio Grande do Sul, destaca a relevância dos ensaios críticos de Alcides Maya, apontando o crítico como “o primeiro, dentre os gaúchos, a apresentar uma produção crítica continuada e harmônica”²⁷³. O estudioso define Alcides Maya como “nosso primeiro crítico de nota”²⁷⁴, considerando a variedade de sua produção, e afirma que “a partir de Alcides Maya, portanto, a crítica literária no Rio Grande do Sul consolidou-se definitivamente como uma prática constante e cada vez mais especializada”²⁷⁵.

Na biografia de Alcides Maya, no site da Academia Brasileira de Letras, o autor é descrito como “homem de caráter e refinado esteta”. É definido seu perfil como “o tipo de intelectual talhado para sentir-se à vontade na capital do país. Seu gauchismo sem jaça era a expressão da autenticidade do seu nacionalismo atuante”²⁷⁶.

²⁷² ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Na trilha de um andarengo: Alcides Maya (1877-1944)*. Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994. p. 25.

²⁷³ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.) *Ensaaios literários*: Moysés Vellinho. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2001. p. 26.

²⁷⁴ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.) *Ensaaios literários*: Moysés Vellinho. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2001, p. 27.

²⁷⁵ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.) *Ensaaios literários*: Moysés Vellinho. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2001. p. 27.

²⁷⁶ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Alcides Maya*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=74&sid=107>>. Acesso em: 12 maio 2012.

É com base nesse “gauchismo sem jaça” que Paulo Arinos analisa, sob viés sociológico, as obras *Tapera* e *Ruínas vivas*, de 1910 e 1911, respectivamente, escritas quando Alcides Maya residia no Rio de Janeiro. O nomadismo entre o Rio de Janeiro e Porto Alegre, que lhe deu a alcunha de “Andarengo”, como indica Almeida, “expressou numa tensão insuperável²⁷⁷”. O fato de *Ruínas vivas* – cenário de sua infância – ter sido escrito entre 1905 e 1907 na cidade carioca, torna-se “extremamente revelador da longevidade e perseverança desse processo nostálgico irresolvido²⁷⁸”. As críticas de Paulo Arinos, divulgadas no *Correio do Povo/RS*, resgatam essas questões de amor e distanciamento do pago. Tais textos geram debates e alcançam larga repercussão no ambiente sociocultural de Porto Alegre, já em efervescência pelo contexto político que se configura nesse período.

4.2 OS RUMOS DO PAGO

Ao publicar o artigo *Alcides Maya (sobre um asserto)*²⁷⁹, Paulo Arinos denuncia, em 1922, a discussão que será travada, em 1925, com Rubens de Barcellos, nas páginas do *Correio do Povo*, sobre as obras *Ruínas vivas* e *Tapera*, de Alcides Maya. Na primeira crítica a Alcides Maya, datada de 7 de setembro de 1922, Paulo Arinos inicia seu texto contrapondo os comentários de Tristão de Ataíde²⁸⁰ a respeito do regionalismo de Maya, exposto na obra intitulada *Afonso Arinos*²⁸¹.

A crítica de Paulo Arinos vem de encontro ao posicionamento de Tristão de Ataíde, que define Maya como o “melhor representante do

²⁷⁷ ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Na trilha de um andarengo: Alcides Maya (1877-1944)*. Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994. p. 26.

²⁷⁸ ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Na trilha de um andarengo: Alcides Maya (1877-1944)*. Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994. p. 26.

²⁷⁹ ARINOS, Paulo. Alcides Maya (sobre um asserto). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 set. 1922.

²⁸⁰ Tristão de Ataíde é o pseudônimo usado por Alceu Amoroso Lima (1893-1983). Membro eleito na ABL em 1935, atuou como crítico literário, professor, escritor. Foi Conde Romano, pela Santa Sé Apostólica.

²⁸¹ O site da ABL indica que essa obra foi publicada em 1926. A crônica de Arinos, de 1922, já aponta, no entanto, a existência da obra.

regionalismo espontâneo do pampa”²⁸². Para o crítico, o problema do regionalismo de Alcides Maya está exatamente em não apresentar a espontaneidade como característica, pois, segundo ele, o discurso de Maya é marcado pela intencionalidade: “Em Alcides Maya houve, pois, graças ao poder evocativo que tem, uma inversão de influências. Ele é um regionalista intencional, não espontâneo.”²⁸³

Para Arinos, o artista e o seu temperamento são o que aparecem em suas obras de ficção. O ambiente não é exposto tal como ele é – Maya não mostra a força da paisagem, a vida pulsante que evidencia a “alma nacional, que todos temos, latejante”²⁸⁴:

Em suas páginas, nem sempre é o minuano que uiva, frio e cortante, [eri]çando o pelo do gado, sorumbático, à beira das aguadas, levando, para longe, o relinchar dos poldros assanhados: vezes frequentes parece adormentar seus ímpetos nas afastadas gargantas da serra, quebrantado, para deixar que um sopro de arte dominante transforme o quadro, iluminando aqui, correndo, além, uma cortina, erguendo o pano de fundo, mais longe, para a visão de novos deslumbramentos.²⁸⁵

Os textos regionalistas passam a destacar aspectos próprios da terra e do ambiente, características essas que, na maioria das vezes, ficavam em segundo plano, devido às influências europeias a que estavam presos grande parte dos intelectuais brasileiros, ou, como definiu Cyro Martins, pela configuração da “arte de reflexos estrangeiros”²⁸⁶. A crítica de Paulo Arinos a Alcides Maya, portanto, apresenta um contexto inflamado por discussões sobre o futuro da literatura nacional. Um futuro que os modernistas procuravam inscrever no presente. Sob essa moldura histórica e essa perspectiva, Paulo Arinos define as obras de Maya como saudosistas.

²⁸² ARINOS, Paulo. Alcides Maya (sobre um asserto). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 set. 1922.

²⁸³ ARINOS, Paulo. Alcides Maya (sobre um asserto). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 set. 1922.

²⁸⁴ ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 fev. 1922, n. 49, p. 3.

²⁸⁵ ARINOS, Paulo. Alcides Maya (sobre um asserto). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 set. 1922.

²⁸⁶ MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Introdução. 6. ed. Porto Alegre: Movimento, 1997. p. 14 et seq. (1. ed. 1937). Ensaio originalmente publicado em 1944. Disponível em: <http://www.celpsyro.org.br/v4/Estante_Autor/visaoCriticaRelionalismo.htm>. Acesso em: 14 jun. 2012.

Interessadona definição do gaúcho, Arinos compara o gaúcho de Maya ao sertanejo produzido por Afonso Arinos:

O grande regionalista mineiro [Afonso Arinos] sentiu o sertanejo, e comoveu-se. De igual modo, o autor de “Alma Bárbara” sentiu o gaúcho. Ao revés de comover-se, porém, pôs-se a estudá-lo. Assim que os **seus personagens não são bem homens: são tipos mais que homens. A identidade entre o meio sertanejo e o autor de “Pelo sertão” foi a mais completa.** Ainda nos “boulevards” de Paris, não perdia de vista o Pedro Barqueiro, nem lhe esquecia o Joaquim Mironga. Já com Alcides Maya não é o mesmo que se dá. Nunca se lhe chega a confundir o colarinho alvo e rebrilhante com o lenço negligente que o guasca traz ao pescoço.²⁸⁷ [Grifo nosso].

Na concepção de Paulo Arinos, as personagens de Maya são tipos construídos e não resultados da soma dos “caracteres dispersos”²⁸⁸, que poderiam formar uma “personalidade” própria da terra. A crítica de Arinos volta-se para a falta de “alma” na figura do gaúcho. O germe desse pensamento pode estar associado à fusão que estabelece entre o autor e o meio, no caso, Afonso Arinos e o sertão nordestino, que, nessa relação a identidade “foi a mais completa”²⁸⁹. Esse aspecto pode explicar a admiração de Moysés Vellinho pelo regionalista mineiro, de quem adotou o sobrenome²⁹⁰ para compor seu pseudônimo como crítico literário. Ao defender o homem como sujeito capaz de expressar a identidade de seu meio, talvez Paulo Arinos encontrasse na produção de Afonso Arinos a forma capaz de o homem trazer consigo o seu meio, através de sua identidade, de seu espírito.

A sua primeira atividade crítica publicada elogia a postura e a obra de Monteiro Lobato diante das reações modernistas, por defender uma arte que seja proveniente dos elementos tipicamente nacionais: “[Monteiro Lobato] quer que os nossos costumes de hoje sejam a evolução dos nossos costumes

²⁸⁷ ARINOS, Paulo. *Alma bárbara*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 set. 1923.

²⁸⁸ ARINOS, Paulo. O sonho dos modernos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27 jul. 1924.

²⁸⁹ ARINOS, Paulo. *Alma bárbara*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 set. 1923.

²⁹⁰ Informação fornecida na entrevista realizada pela pesquisadora, em 19 de abril de 2011, na residência de Heloisa Vellinho Corso em Porto Alegre.

d'antanho: que a arte brasileira seja o reflexo do nosso solo, e a reação do nosso ambiente. E tem razão, em não se conformando com a ausência de nossa alma em nossas obras”²⁹¹. Paulo Arinos procura a alma, o elemento vivo na literatura regional. Seu interesse está no homem.

Paulo Arinos se posiciona contra a estilística de Alcides Maya. Nunca compartilhou, contudo, dos ataques modernistas à linguagem acadêmica e à forma tradicional de escrita. Essa postura pode ser ilustrada pela fala de Afonso Arinos de Melo Franco²⁹², em Sessão Plenária²⁹³ no Conselho Federal de Cultura, em 1º de setembro de 1980, por ocasião da morte de Moysés Vellinho:

Ele não gostava de Guimarães Rosa. Aqui, no Conselho de Cultura, eu mineiro, devoto de Rosa, tive, mais uma vez, entreveros com Moysés Vellinho, porque repudiava Guimarães Rosa. E eu dizia: “- É um criador espetacular. É uma figura inteiramente indiscutível. É uma glória internacional.” E ele respondia: “- Mas em que língua escreve? Você traduza. Traga para mim, para que eu possa lê-lo.” Eu não dizia nada, porque gostava de ambos. Na verdade, o que o repugnava, em Rosa, era a invenção estilística, o malabarismo da forma, aquilo que ele considerava uma espécie de acrobacia inútil com a linguagem.

Para Arinos, nem a linguagem tipificada de Maya, nem a criação de uma linguagem repleta de neologismos, como a do regionalista mineiro Guimarães Rosa, configuram uma literatura tipicamente brasileira. O crítico condena o estilo de Maya, uma vez que contribui para afirmar a construção do tipo gaúcho por ele elaborado. Para Paulo Arinos, a arte necessita ser sentida e se comunicar dispensa-se intérpretes, tal qual a arte regionalista de Afonso Arinos e a obra do *brasileiro* Monteiro Lobato. A questão da linguagem e o regionalismo de Alcides Maya, expostas por Paulo Arinos nos

²⁹¹ ARINOS, Paulo. Monteiro Lobato (A respeito de “Onda Verde”). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1921, n. 196, p. 3.

²⁹² Afonso Arinos de Melo Franco (1905 a 1990) – jurista, professor, político, historiador, crítico, ensaísta e memorialista – era sobrinho do regionalista homônimo, que inspirou o pseudônimo de Moysés Vellinho. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Afonso Arinos de Melo Franco* (1905 a 1990). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=26&sid=257>>. Acesso em: 15 maio 2012.

²⁹³ CONSELHO FEDERAL DE CULTURA. *Sessão plenária à memória de Moysés Vellinho*. Rio de Janeiro, 1º de setembro de 1980.

anos de 1922 e 1923, voltam a ser discutidos por Paulo Arinos em 1925, quando retoma esse assunto por meio das páginas do jornal *Correio do Povo*.

4.3 O EMBATE

Em 1925 ocorreu um acontecimento literário relevante naquela Porto Alegre provinciana, mas não pacata, de 200 mil habitantes. Refiro-me à iniciativa do jovem e ardoroso Moysés Velhinho, que num dado momento resolveu investir contra a endeusada obra de Alcides Maya, rompendo barreiras críticas através das páginas do *Correio do Povo*. [...] Por esse título [o papel da nova geração] já se vê que havia ali um toque do espírito modernista iconoclasta, sobretudo se levarmos em conta que Alcides era acadêmico e a academia, num conceito futurista, era o castelo onde se refugiavam os escritores passadistas.²⁹⁴

Aos 24 anos, em 1925, Paulo Arinos, na época estudante de Direito, assinala sua presença como crítico no jornal *Correio do Povo* por meio do debate que estabelece com Rubens de Barcellos²⁹⁵ em torno de duas obras literárias de Alcides Maya: o romance *Tapera*, publicado em 1911, e o volume de contos *Ruínas vivas*, lançado em 1912.

Sob o título de *O papel da nova geração*²⁹⁶, a crítica publicada no domingo de 16 de agosto de 1925, no *Correio do Povo*, introduz o primeiro de uma série de cinco artigos que abrigam a polêmica²⁹⁷. Nele, Arinos critica a forma como o pampa e o gaúcho são expostos nas obras de Maya: “Tapera... Ruínas vivas... Que são ruínas, que é tapera, senão destroços? Lembranças de coisas que se foram... Coisas mortas ou morrendo...”²⁹⁸ Rubens de Barcellos vem à público, no domingo seguinte, em 23 de agosto de 1925,

²⁹⁴ MARTINS, Cyro. O Regionalismo segundo Alcides Maya. *Zero Hora*, Segundo Caderno, Cultura, Porto Alegre, 11 set. 1973. p. 9.

²⁹⁵ Rubens Reis de Barcellos: nasceu em Porto Alegre em 18 de dezembro de 1896 e faleceu em 15 de dezembro de 1951. Bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito de Porto Alegre em 1918. Atuou como jornalista n’A *Federação*. Foi também sociólogo e membro de IHRGS. Bibliografia: Esboço da formação social do Rio Grande, estudo sociológico. In: Rio Grande do Sul – *Imagem da terra gaúcha*, 1942. *Estudos Rio-Grandenses: motivos de história e literatura* (coligidos por Moysés Vellinho e Mansueto Bernardi), publicado postumamente pela editora Globo. Conforme: MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978. p. 67.

²⁹⁶ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

²⁹⁷ Os textos da polêmica compõem o Anexo F, no volume 2 deste trabalho.

²⁹⁸ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

fazendo referência ao texto de Paulo Arinos por meio do título de seu artigo “O regionalismo e o papel da nova geração”²⁹⁹. Barcellos defende o regionalismo e o gaúcho apresentado por Maya, retomando considerações feitas pelo “jovem crítico”³⁰⁰:

Assim, nas reticências, esquece ser *Tapera* o título duma paisagem, pertencente a um livro múltiplo e vário pelo conteúdo. [...] *Ruínas vivas* é a denominação do romance gaúcho do Sr. Alcides Maya. Mas o jovem crítico esconde o qualificativo da vida nas ruínas, com a sua reticente malícia, para ver tão-só destroços.³⁰¹

A contrarréplica é publicada no domingo subsequente, em 30 de agosto de 1925, sob o título “Guerra à saudade”³⁰². No sábado seguinte, em 5 de setembro de 1925, Rubens de Barcellos publica “Regionalismo e realidade”³⁰³. O debate é suspenso pelo artigo “Pessimismo e realidade”³⁰⁴, publicado na terça-feira, 15 de setembro de 1925, por Paulo Arinos.

Em suas críticas às obras de Maya, Arinos reforça que elassão voltadas à ideia da morte, de um gaúcho tipificado em meio às ruínas, de um pampa em destroços. Há um olhar nostálgico para o passado, que se confunde com o presente: “assim, a memória de uma vida que, no seu sentir, tinha passado, a sua obra é essencialmente evocativa. Uma lembrança comovida. Um canto de saudade. Vibrante, sim. Mas sempre de saudade.”³⁰⁵

Arinos afirma que as obras de Maya marcam o surgimento do saudosismo na literatura rio-grandense: “Estava, pois, criado o ‘saudosismo’ na literatura local.”³⁰⁶ Ele expõe que o sentido das criações de Maya derivaram para outros escritores, formando, assim, “o partido dos que acreditavam no passado e desconfiavam do presente. Partido desencantado e

²⁹⁹ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³⁰⁰ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³⁰¹ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³⁰² ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

³⁰³ BARCELLOS, Rubens. Regionalismo e realidade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 set. 1925.

³⁰⁴ ARINOS, Paulo. Pessimismo e realidade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15 set. 1925.

³⁰⁵ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³⁰⁶ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

melancólico.”³⁰⁷ É sobre esse partido, o “partido sem fé”³⁰⁸, que Paulo Arinos indica que “as novas florações mentais têm de se insurgir”³⁰⁹.

O termo saudosismo, na literatura portuguesa, refere-se ao movimento literário³¹⁰ que teve início em 1910, com a fundação da revista literária e científica *A Águia*, órgão da Renascença Portuguesa, publicada no Porto, em Portugal, que circulou até 1932, ao longo de três fases. A segunda fase da revista, iniciada em 1912, teve a direção de Teixeira de Pascoaes, o qual se tornou a figura de maior destaque do Saudosismo na sua geração, como expõe Massaud Moisés:

A saudade, preconiza ele [Teixeira de Pascoaes], é palavra sem equivalente noutras línguas, e, por isso, é um ‘sentimento-ideia’, ‘emoção refletida’, ‘promessa de uma nova civilização lusitana’, em suma, uma religião, uma filosofia, uma política tipicamente portuguesas.³¹¹

Estudioso do pensamento português, Arinos faz referência em “O papel da nova geração” ao sentimento *saudosista* presente nesse movimento. Zismann³¹² sugere que o termo utilizado por Arinos para caracterizar as obras de Maya não foi casualmente adotado, mas indica, com base na leitura de Guilhermino César, que Arinos faz uso do conceito de saudosismo no influxo da ideia de reatualização da cultura lusitana, na qual estava engajado o ensaísta português Antônio Sérgio³¹³. Percebe-se no texto de Arinos a ânsia de “insurgir”³¹⁴ nas “novas florações mentais”³¹⁵ o movimento de renovação literária no Rio Grande do Sul.

³⁰⁷ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³⁰⁸ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³⁰⁹ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³¹⁰ Cf. MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 435.

³¹¹ MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 435.

³¹² ZISMANN, Tatiana. *A construção da identidade nacional nos discursos crítico-literário e historiográfico de Moisés Vellinho*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2006. p. 47.

³¹³ *A Águia*. In: *Infopédia* [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. [Consult. 2012-12-19]. Disponível na www: <URL: <[http://www.infopedia.pt/\\$a-aguia](http://www.infopedia.pt/$a-aguia)>. Acesso em: 15 abr. 2012.

³¹⁴ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³¹⁵ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

A revista *Águia*, que teve, inclusive, a colaboração do jovem Fernando Pessoa, com a série de artigos “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”, surge com o propósito de promover a cultura nacional, destinada a “fazer renascer o espírito português atolado numa decadência de três séculos já diagnosticada por Ribeiro da Silva, Alexandre Herculano, Antero de Quental e outros”³¹⁶. O clima ‘profético’, contudo, gera a acusação de apresentar caráter passadista, idealista e utópico. Isso decorre de polêmica³¹⁷ entre Teixeira de Pascoaes e Antônio Sérgio, o que provoca a dissidência de integrantes da *Águia*, conduzindo alguns deles à formação da revista *Seara Nova*, fundada em Lisboa, em 1921, por Raul Proença, tendo Antônio Sérgio como colaborador.

Arinos encontra a explicação do olhar saudosista para o passado e da produção de obras que apresentam o gaúcho em ruínas nas vivências infantis de Maya. Filho da campanha, neto de estancieiro, descendente de maragatos, o crítico ressalta a dor da criança que vê seus heróis vencidos. Para o crítico, a lembrança de Maya da derrota de seus ascendentes na Revolução Federalista, que frequentemente fora reativada pelas acirradas disputas eleitorais, justifica por que a realidade do Rio Grande é retratada com tanta dureza e opressão em sua obra. “Ele vira nas ruínas de seu lar político o alarmante sintoma de uma desagregação total”.³¹⁸

Cyro Martins reforça o perfil saudosista de Alcides Maya:

Alcides Maya foi sempre um nostálgico, vivendo em perpétuo estado de evasão das circunstâncias ambientais,

³¹⁶ ALMEIDA, Onésimo Teotónio (Brown University). A saudade e os saudosistas – uma revisitação da polêmica entre Antônio Sérgio e Teixeira de Pascoaes. *Via Atlântica*, n. 7, out. 2004. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2004. p. 131. Disponível em: <http://www.filch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via07/via07_12.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2012.

³¹⁷ Sobre a polêmica, ver: ALMEIDA, Onésimo Teotónio (Brown University). A saudade e os saudosistas – uma revisitação da polêmica entre Antônio Sérgio e Teixeira de Pascoaes. *Via Atlântica*, n. 7, out. 2004. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2004. p. 131. Disponível em: <http://www.filch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via07/via07_12.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2012.

³¹⁸ VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 19.

amando confiar-se ao sonho e às reminiscências. Nas suas manifestações mais fundamentalmente expressivas, embora vagasse por mundos longínquos, notava-se a presença constante de um elemento telúrico exercendo irresistível fascinação sobre seu espírito, à maneira de pauta para a estabilidade. Com efeito, o pampa estava sempre presente em todas as suas horas, mesmo falando de Byron³¹⁹.

A saudade exposta por Maya não permite, no entender de Arinos, que o gaúcho se renove. O crítico defende um gaúcho vibrante, latente, vívido: “Saudade trai afastamento: e nós estamos perto de nós mesmos. Saudade trai decadência: e nós ainda somos no período das grandes assimilações.”³²⁰ Ressalta que, o caminho da literatura sulina está muito próximo a ser encontrado: “Ainda nos sacode esse fecundo sentimento, misto de inquietação e de esperança, próprio de quem não encontrou ainda o seu caminho, mas conta achá-lo muito logo. **Vivemos – eis tudo.**”³²¹ (Grifo nosso).

A própria história do gaúcho, marcada por frequentes lutas, é argumento utilizado por Arinos para defender o “instinto cívico do guasca”³²². O crítico sustenta que o heroísmo do gaúcho é o mesmo das tantas batalhas que marcam sua história: “quando lhe ferem o amor-próprio, ele destrói os aramados e restabelece os primitivos latifúndios, reconstruindo, num repente de loucura e de heroísmo, o cenário das velhas batalhas.”³²³

O gaúcho e a literatura que defende Paulo Arinos mostram-se desde sua primeira crítica publicada, quando afirma que a arte brasileira deve ter a “alma”³²⁴ do brasileiro. O termo “alma” carrega em sua essência o princípio vital que se opõe à ideia de morte: “o que queremos é que eles revelem a nossa terra tal como ela é: não um cemitério de lendas, mas um jardim de

³¹⁹ MARTINS, Cyro. *Visão Crítica do Regionalismo* (1944). *Sem rumo*. Introdução. Porto Alegre, Movimento, 1997. 6. ed., p. 14 et seq. (1. ed., 1937). Ensaio originalmente publicado em 1944. Disponível em: <http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=291>. Acesso em: 20 jun. 2012.

³²⁰ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³²¹ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³²² ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³²³ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³²⁴ ARINOS, Paulo. Monteiro Lobato (A respeito de “Onda Verde”). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1921, n. 196, p. 3.

palpitantes realidades.”³²⁵

É nessa perspectiva que Paulo Arinos chama a atenção de “romancistas, *conteurs*, poetas, sociólogos e historiadores”³²⁶ para o fato de as tradições viverem: “estamos em presença de todas as nossas tradições. Deem saúde à sua forma, coragem ao seu pensamento, franqueza às suas intenções. Franqueza, coragem e saúde – atributos muito nossos”³²⁷.³²⁸

Em defesa do regionalismo de Alcides Maya, Rubens de Barcellos escreve seu artigo reportando-se, diversas vezes, ao “jovem amigo Paulo Arinos”. Barcellos sustenta que Arinos encontrou na obra de Maya uma finalidade existente na literatura de qualquer autor, o sentido dramático da vida, que carrega em si a morte: “Mas não é a morte a finalidade de toda a existência individual?”³²⁹

Para Barcellos, não há homem que sofre e luta que não esteja ligado à terra e aos seus ancestrais. Lembrar o passado, para o crítico, não significa saudosismo, que ele aponta como uma definição marcada pela contemplação e pela tendência regressiva pela “propugnação do retorno a formas e expressões extintas da vida”³³⁰. Ele alega nunca ter encontrado “o mais leve traço de semelhante mira”³³¹ que indique uma literatura saudosista. Define a obra de Maya como completa: “um largo pensamento, a visão dum sociólogo vazada em superiores moldes da arte”³³², a qual estaria incompleta se não houvesse se reportado ao passado.

O que Arinos caracteriza como saudosismo na obra de Maya, Barcellos define como elementos caracterizadores da atualidade. O resgate do passado

³²⁵ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³²⁶ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³²⁷ Essa ideia pode ser relacionada à perspectiva de Antônio Gramsci. Para o autor, características do homem são reveladas pelas tradições e manifestam-se nas artes, inclusive no texto literário.

³²⁸ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

³²⁹ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³³⁰ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³³¹ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³³² BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

por meio da memória, feito por Maya, no qual expõe as mudanças nos costumes regionais, indicando a evolução dos hábitos, marca, para Rubens de Barcellos: “flagrante verdade poderosamente expressa numa criação palpitante de atualismo”³³³.

O gaúcho exposto por Maya traz, para Barcellos, “alguns dos traços específicos ‘mais salientes e gerais’ da gente rio-grandense, com sua mentalidade característica, mostra e explica o que há de permanente e fixo na alma regional, ao lado do passageiro e transitório.”³³⁴ A *alma* da literatura brasileira, portanto, é vista por Rubens de Barcellos na obra de Alcides Maya. Para ele, Maya consegue perceber as transformações que ocorrem ao longo do tempo, sem perder a ciência da perenidade dos seres. O “lance de observação exato”³³⁵, como define o crítico sobre a análise de Arinos, contudo, não é suficiente para caracterizar as obras de Maya.

O espírito heroico do gaúcho evidenciado por Arinos, na visão de Barcellos, não condiz com o gaúcho de seu tempo. O resgate de uma época onde as situações eram resolvidas de forma intempestiva e pela força bruta perde o sentido na medida em que crescem as aspirações culturais e o aperfeiçoamento intelectual. A expressão de rebeldia e o “resto de passado caudilhesco e tumultuário”³³⁶ sinalizam para Barcellos um anacronismo em relação à evolução cultural e aos aspectos definidores de um gaúcho *moderno*:

Só a cegueira do sentimento, a miopia da paixão furta-se de ver os efeitos destruidores das condições de vida atual nas manifestações do caráter da população gaúcha. O ímpeto aventuroso, o nomadismo, o individualismo orgulhoso e extremado, – a rebeldia libertária dos campeadores sulinos, sempre irritável e pronta para os arranques de mão,

³³³ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³³⁴ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³³⁵ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³³⁶ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

irredutível na sua firmeza, perderam muito o sentido e vão aos poucos limitando-se³³⁷.

Barcellos questiona a postura heroica, aproximando-a daquela que considera o objetivo derradeiro da vida: a morte – a qual define como “companheira do homem”³³⁸: “E o heroísmo, na alta expressão dos seus impulsos, será mais do que a negação consciente, a rebeldia contra a morte?”³³⁹.

As referências infantis de Maya, como aspecto caracterizador de seus textos, criticadas por Arinos, são vistas como atributos positivos por Barcellos, uma vez que julga contribuir para a ação no enredo, não se limitando a retratos, imagens fixas da vida campesina. A influência da memória de Maya em sua obra demarca o *movimento* – sinal próprio daquilo que possui vida: “o que está dentro da tapera é o sopro ardente da vida, de ontem, de hoje, de todos os tempos”³⁴⁰. Barcellos reforça essa questão comentando sobre a personagem Miguelito, de *Ruínas vivas*; as narrativas do avô Chico Santos “inflamam a imaginação” de um guri que vive em um período distinto do momento heroico do avô, um tempo que não mais apresenta uma sociedade em que imperam “as soluções sangrentas dos dissídios gaúchos”³⁴¹. As histórias do avô orientam o comportamento de Miguelito: “Miguelito pretende ser como o avô, também quer ser herói. Quer afirmar-se, acutillar, vencer. [...] Surgisse uma guerra, e Miguelito, alistado numa partida gaúcha, teria sido herói”³⁴².

Rubens de Barcellos indica que o apelo feito por Paulo Arinos aos leitores não é realizado nem por ele em suas análises. Sob essa perspectiva, levanta a questão sobre a intencionalidade de seu discurso:

³³⁷ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³³⁸ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³³⁹ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³⁴⁰ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³⁴¹ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³⁴² BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

O meu jovem amigo pede aos novos franqueza, coragem, saúde no pensamento. Pois desses atributos carece o seu artigo, cuja intenção se esconde em insinuações, e cujo pensamento, longe de se externar à plena luz, busca as entrelinhas e espia das reticências. E isto é só franqueza.³⁴³

O excerto ora citado integra o segundo texto da polêmica, o primeiro artigo dos artigos escritos por Rubens de Barcellos. Na análise dos dois primeiros textos, quais sejam, “O papel da nova geração” e “O regionalismo e o papel da nova geração”, percebe-se que as discussões possuem um caráter prospectivo, ao se ter em mente o termo *papel*, caracterizador da função dos novos escritores e críticos da “nova geração”. Nesse sentido, é possível compreender que Paulo Arinos busca na fusão do homem autor e do homem apresentado na obra a representação do gaúcho.

Essa ideia se reforça desde os seus primeiros textos críticos destinados à obra de Alcides Maya, nos quais Paulo Arinos designa o regionalismo de Maya como intencional, uma vez que afirma que a personalidade do autor se sobrepõe ao sujeito e à paisagem expostos em suas obras. Essa abordagem é reafirmada ao destacar que “identidade entre o meio sertanejo e o autor de “Pelo sertão” foi a mais completa³⁴⁴. Tal afirmação também permite identificar que antes mesmo de vir à tona tal debate, essas questões já conduziam e despertavam o interesse de Paulo Arinos.

O artigo de Rubens de Barcellos provoca a contestação de Paulo Arinos, que publica, no domingo seguinte, “Guerra à saudade”. Seu texto inicia com uma lenda do filósofo Schuré³⁴⁵, que Arinos utiliza para destacar que, nas obras de Maya, a personalidade do autor “chocou-se”³⁴⁶ com o ambiente, “reduzindo tudo ao seu caráter”³⁴⁷. No seu processo de criação, o imperativo

³⁴³ BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

³⁴⁴ ARINOS, Paulo. Alma bárbara. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 set. 1923.

³⁴⁵ Édouard Schuré (1841 – 1929), filósofo francês, atuou como poeta, dramaturgo, romancista, crítico de música e jornalista.

³⁴⁶ ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

³⁴⁷ ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

de sua personalidade “solidamente cimentada”³⁴⁸ por seu vasto conhecimento e leitura se sobrepõe à realidade abordada: “Na sua literatura, as coisas não têm voz. Quem fala é ele. Fala por elas, mas nem sempre diz o que elas diriam, caso as deixasse falar”³⁴⁹.

Em “Guerra à saudade”, Arinos resgata algumas das considerações apresentadas no artigo *Alcides Maya* (sobre um asserto)³⁵⁰, publicado em 1922, em repúdio à definição de Tristão de Ataíde ao indicar Alcides Maya como o “melhor representante do regionalismo espontâneo do pampa”³⁵¹. Arinos defende que o alto espírito de Maya gera uma obra na qual a “inteligência prefere ao instinto”³⁵², o que gera uma “desconexão entre o estilo e o assunto”³⁵³.

Arinos qualifica a obra de Maya como “verdadeiramente notável como expressão individual e não como expressão coletiva ou social”. Sob essa restrição quanto ao aspecto sociológico é que o crítico a caracteriza como “inatual”. Para Arinos, o papel dos “novos” escritores – “eles, que vivem num ambiente mais desafogado e mais saudável” – está em “revelar a nossa realidade, a nossa bela e forte realidade”, a qual é totalmente distinta do ambiente exposto em *Tapera* e *Ruínas vivas*.

Quanto a Miguelito, personagem central de *Ruínas vivas*, Arinos aponta sua miséria como “a miséria da raça”. Para reforçar sua abordagem, remete à definição apresentada por João Pinto da Silva, em sua obra *História literária do Rio Grande do Sul*, na qual caracteriza o herói de Maya como “símbolo de uma estirpe heroica e rude, que se acaba. A alma de Miguelito é uma projeção alegórica do Passado” Arinos reforça a exposição do historiador João Pinto da Silva, sinalizando Miguelito como representante de “toda uma coletividade em trágica desagregação”.³⁵⁴

Arinos cita excertos da obra de Maya para desenvolver seu argumento

³⁴⁸ ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

³⁴⁹ ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

³⁵⁰ ARINOS, Paulo. Alcides Maya (sobre um asserto). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 set. 1922.

³⁵¹ ARINOS, Paulo. Alcides Maya (sobre um asserto). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 set. 1922.

³⁵² ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

³⁵³ ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

³⁵⁴ ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

e contrapõe as considerações de Barcellos – a quem se refere como “meu querido contraditor”³⁵⁵ – sobre a definição de tapera como paisagem: “*Tapera* não é uma paisagem. É um símbolo. Símbolo triste.”³⁵⁶ Diante das ruínas, Alcides Maya não mostra o estímulo próprio do gaúcho de renovar-se diante das adversidades. O “simbolismo doloroso” de *Tapera e Ruínas vivas* não se coaduna com a realidade vívida e forte do gaúcho: “o coração do guasca ainda pulsa”. O crítico aponta que o conceito de gauchismo está nas virtudes fundamentais que formam o substrato da raça, o qual é anterior ao ciclo de lutas; considera que “a fonte profunda das nossas energias” e a vocação bélica do gaúcho é que lhe permitem conviver com as atualidades: “o gaúcho ainda se sente bem de saúde ao lado da locomotiva, do automóvel, do telégrafo, do aeroplano, do jazz-band”³⁵⁷. Sob essa perspectiva, Arinos reafirma o aspecto saudosista que caracteriza as obras de Maya:

Diante dos destroços, o Sr Alcides Maya, ao contrário do que faria meu ilustre contraditor, não rejubila. Lamenta-se, largamente, sem crer que as ruínas poderiam remoçar. E morde-o, fundo, a saudade dos bons tempos, a saudade da sua raça que morria, a saudade de si mesmo...
Por conseguinte, por que não saudosismo?³⁵⁸

Arinos conclui seu artigo indicando que a “nova geração do Rio Grande” tem consciência da sua própria vitalidade:

Diante de tudo isto, não nos fora a saudade, que é a lembrança comovida dos fatos passados, o mais absurdo dos sentimentos? Deixemo-la para as sociedades decadentes, onde a gente vive com os olhos fincados em glórias ávitas, incapaz de reeditá-las.
Guerra à saudade!
Mas eu sei: o Sr. Rubens de Barcellos sorrirá de tudo, buscando convencer-se de que tudo é uma ilusão. Só assim poderá continuar no livre exercício do seu ceticismo elegante e incômodo.

As críticas a Maya como ficcionista não impediram que Paulo Arinos

³⁵⁵ ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

³⁵⁶ ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

³⁵⁷ ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

³⁵⁸ ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

o designasse como um austero homem de pensamento e apontar sua reação como “exemplar e comovente”³⁵⁹ diante das manifestações separatistas resultantes da Revolução Federalista. As consequências do movimento que fizeram, segundo Arinos, o ficcionista “criar” seu gaúcho em ruínas, também incitaram o jovem escritor a refutar as ideias de cunho separatista no Estado. Contra a “pequena pátria rio-grandense”, o panfleto “O Rio Grande independente”³⁶⁰ mostrou a vivacidade e o ímpeto da jovialidade: “A vida não lhe ensinara ainda as reservas e o comedimento que só se aprendem com a experiência e as dúvidas da maturidade”³⁶¹ O prefácio do panfleto foi feito por Apolinário Porto Alegre, o qual busca na “revolução de 1835 a matriz da cultura regional”³⁶².

O gaúcho passa a ser a reafirmação dos valores do passado. O ideário farrapo em prol da liberdade. A caracterização do gaúcho de Maya não era um tipo que poderia “enfrentar o tempo e transpô-lo”.³⁶³ A “**viva** ³⁶⁴ simplicidade” que caracterizou os escritos de Maya tornou-se, nas palavras de Arinos, “ostentações de um verbalismo laborioso e enfático.”³⁶⁵ O alto espírito de Alcides Maya não combinava com a ficção; mais que isso, era “um estranho no mundo da pura criação literária”³⁶⁶. Sua grande capacidade verbal, sua escrita eloquente, que o levaram ao mais alto círculo de intelectuais e o consagraram como o primeiro rio-grandense a ingressar na casa de Machado³⁶⁷, foi também o que o traiu – “o mal do estilismo”.

Arinos defende que o estilo de Maya não combina com a rudeza e a simplicidade do homem dos pampas. Sua prosa rebuscada, de sintaxe

³⁵⁹ VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1944. p. 7.

³⁶⁰ MAYA, Alcides. *O Rio Grande independente*. Porto Alegre: Tipografia da Agência Literária, 1898. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br/bibli_online/alcides_maya/rio_grande_indep/livro_rg_indep.htm>. Acesso em: 30 abr. 2013.

³⁶¹ VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1944. p. 8.

³⁶² MAYA, Alcides. *O Rio Grande independente*. Porto Alegre: Tipografia da Agência Literária, 1898. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br/bibli_online/alcides_maya/rio_grande_indep/livro_rg_indep.htm>. Acesso em: 30 abr. 2013.

³⁶³ VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 19.

³⁶⁴ Grifo nosso.

³⁶⁵ VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1944. p. 8.

³⁶⁶ VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1944. p. 8.

³⁶⁷ Alcides Maya é eleito na Academia Brasileira de Letras em 6 de setembro de 1913, como segundo ocupante da Cadeira 4, na sucessão de Aluísio Azevedo.

complexa, evidencia em sua obra o escritor, não o tipo social por ele evidenciado: “O argumento, a paisagem, a fabulação...”³⁶⁸Essa perspectiva tipificada das personagens de Alcides Maya retornará nas críticas de Paulo Arinos, ao censurar seu verbalismo, que compara ao de Coelho Neto. O príncipe dos prosadores brasileiros passa, no período modernista, a ser combatido e criticado: “o modernismo condenou-o como representante do passadismo, acusado de afetação, palavreado rebuscado e enfático, abuso de termos incomuns, prolixidade e helenismo”.³⁶⁹ A linguagem rebuscada que a ambos propagou é a que acabou por condená-los a intensas críticas.

A influência do impressionismo no projeto realista cresce, ao exercício de apreensão da realidade objetiva, a captação desse real por meio dos sentidos. Essa alteração que marca a captação da realidade provoca uma forte mudança linguística nas artes, ao ter de essencializar a complexidade psicológica na descrição do real lógico. A linguagem rebuscada que propaga a obra de Coelho Neto, elevada à “estatura caricatural”³⁷⁰, é uma das razões pelas quais será objeto de intensas críticas por parte dos modernistas, critério que Paulo Arinos também adotará, ao levantar a subjetividade presente nos textos de Alcides Maya.

Alcides Maya passou a ser discutido e reavaliado por todos. “Assim como valorizavam a obra de Simões Lopes, os escritores novos combatiam enfaticamente a de Alcides Maya, por retrógrada, parnasiana e saudosista”. Antes disso, Simões Lopes já era proposto como modelo pelos novos escritores.

³⁶⁸ VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1944. p. 8.

³⁶⁹ COUTINHO, Afrânio; GALANTE, J. *Enciclopédia da Literatura Brasileira*. São Paulo: MEC, 1990.

³⁷⁰ POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na Literatura Gaúcha*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974. p. 45.

5 O INTELLECTUAL E A PROVÍNCIA

As décadas de 1940 e 1950 podem ser demarcadas como um dos períodos mais vigorosos e diversificados de atuação de Moysés Vellinho no cenário cultural. Em intensa atividade como editor da revista *Província de São Pedro* desde 1945, participa, em 1950, do I Colóquio sobre Estudos Luso-Brasileiros³⁷¹, em Washington D.C., EUA, onde permanece por três meses em programa de intercâmbio de intelectuais brasileiros. Esse evento ocorre entre os dias 15 e 20 de outubro de 1950, reunindo diversos intelectuais brasileiros.

Em 1952, passa a presidir a OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre – junto ao maestro Pablo Komlós. Em 1954, ocupa a posição de vice-presidente no Congresso Internacional de Escritores em São Paulo, patrocinado pelo IV Centenário da Cidade de São Paulo. A importância desse congresso pode ser demarcada pela presença de reconhecidos escritores estrangeiros como Paul Rivet, William Faulkner e Rodolfo Mattei, a que se somam o escritor brasileiro João Cabral de Melo Neto e o filólogo português Manuel Rodrigues Lapa. Durante o evento, é realizada uma homenagem póstuma ao escritor paulista Oswald de Andrade, por ser autor de obras fundamentais da literatura brasileira e intelectual importante no desenvolvimento da Semana de Arte Moderna e do movimento modernista no Brasil. Ainda em 1954, Vellinho também é convidado para proferir uma conferência no curso Fundamentos da Cultura Rio-Grandense, realizado na UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul³⁷².

³⁷¹ Encontrou-se um registro desse material na Biblioteca da Universidade do Porto, em Portugal: *Atas do Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Nashville: The Vanderbilt University Press, 1953. 353 p.

³⁷² De acordo com a pesquisa de Rodrigues (2002, p. 75-102), desde 1943, o corpo docente inicial da Faculdade de Filosofia e do curso de Geografia e História da UFRGS vinha contando com a presença, pela ausência de concursos, de alguns intelectuais e políticos destacados do Estado, que emprestaram seu prestígio à instituição que se estabelecia. Foram os casos de Coelho de Souza, o então Secretário de Educação do RS; de Moysés Vellinho, escritor, historiador e político de renome, e de Edgar Schneider, que além de ser o reitor da UPA, também era uma reconhecida liderança política local. Ver: RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. O papel da universidade no “campo da história”: o curso de Geografia e História da UPA/UFRGS na década de 1940. In: *Métis: história & cultura*. Revista de História da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, v. 2, n. 2, p. 75-102, jul./dez. 2002.

Para além das tarefas atinentes a essas diversas atividades, Moysés Vellinho, ao final dos anos 1940, passa também a atuar como historiador. O interesse do intelectual pela história pode ser comprovado pelo seu ingresso, em 30 de agosto de 1949, como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), entidade na qual se torna segundo vice-presidente no ano seguinte, mantendo-se no cargo até 1956.

A participação de Vellinho no IHGRS faz com que o autor adense seus estudos no âmbito historiográfico e se vincule ainda mais com a sua Província. Isso gera, além da produção de diversos artigos relacionados com personalidades e com a história do Estado, sua mais destacada obra: *Capitania d'El Rey: aspectos polêmicos da história do Rio Grande do Sul*, publicada pela Editora Globo, de Porto Alegre, em 1964. Resultante de suas pesquisas sobre a origem do Rio Grande do Sul e a formação do gaúcho, aprofundadas no período em que esteve vinculado ao IHGRS, *Capitania d'El Rey* assinala fortemente a presença de Vellinho no cenário intelectual, conduzindo-o, inclusive, ao cenário internacional, com a publicação nos EUA da versão em inglês³⁷³ do livro, quatro anos após o lançamento da edição brasileira.

É nessa moldura que, em 1955, Vellinho irá discutir, mais uma vez, as questões que conduziram efetivamente a sua produção: os elementos caracterizadores da nacionalidade brasileira, por meio das especificidades regionais. Na condição de integrante do IHGRS, tem um papel determinante em uma polêmica de grande repercussão no Estado do Rio Grande do Sul: a proposta de ereção de um monumento em homenagem ao índio Sepé Tiaraju, herói das guerras missioneiras.

³⁷³ Sob o título *Brazil South: Its Conquest Settlement*, publicado nos EUA pela Alfredo A. Knopf Inc., de Nova York, com tradução de Linton Lomas Barret e Marie Mac David Barret.

5.1 A ORIGEM DO DEBATE SOBRE HOMENAGEM A SEPÉ TIARAJU

Ao final do ano de 1955, um oficial do Exército, o Major João Carlos Nobre da Veiga, dirige-se ao Governador do Estado, Ildo Meneghetti³⁷⁴, por meio de documento escrito, sugerindo a construção de um monumento ao índio Sepé Tiaraju, em comemoração do bicentenário da morte dessa personagem lendária, a transcorrer a 7 de fevereiro de 1956. Em sua proposta, o militar – que se tornará, ao final da década de 1970, presidente da FUNAI³⁷⁵ – justifica sua sugestão de homenagem, ao designar o principal representante indígena na Guerra das Missões como um verdadeiro brasileiro:

Ao que tudo indica, era este verdadeiro brasileiro, na acepção pura da palavra, o principal chefe dos guaranis, na resistência heroica que estes ofereceram ao cumprimento

³⁷⁴ Esse evento ocorre no primeiro mandato de Ildo Meneghetti (1895-1980) como governador do Estado (1955 a 1959), cargo que ocupará novamente em 1963 até 1966, quando é substituído por Walter Peracchi Barcelos, integrante da ARENA – Aliança Nacional Libertadora, partido político criado em 1965, favorável à Ditadura Militar instituída no Brasil por meio do Golpe de 1964. Meneghetti, integrante do PSD – Partido Social Democrático, nesse período, já havia ocupado o cargo de prefeito de Porto Alegre e de presidente do Sport Club Internacional, de Porto Alegre/RS.

³⁷⁵ Em novembro de 1979, o, então, Coronel João Carlos Nobre da Veiga assume a presidência da FUNAI até outubro de 1981. Dados sobre sua biografia referem-se apenas ao período de sua atuação no órgão. Há informações nas páginas de internet do Instituto Socioambiental (ISA) e da Fundação Astrogildo Pereira. Nesta segunda, há uma carta, datada de 2 de fevereiro de 2011, destinada a Márcio Meira, presidente da FUNAI de abril de 2007 a abril de 2012, na qual, seu autor, Odenir Pinto de Oliveira, apresentando-se como sertanista aposentado, compara a atuação de Márcio Meira à de João Carlos Nobre da Veiga: "*Pois bem, Márcio Meira, parece que foi ontem. Vinte e oito anos depois de Nobre da Veiga, você assume a presidência da FUNAI e, como seu antecessor de vinte e oito anos atrás, você veio para implementar um 'novo indigenismo oficial', desta vez com muita ideologia neoliberal e com muita política partidária – mas tão parecida com a de Nobre da Veiga e Zanoni – que fico imaginando que o tempo não passou.* O autor da carta salienta a forte conotação político-ideológica, de ação estratégica militar, que orienta a gestão de Nobre da Veiga, motivo que o leva a demitir 39 profissionais, entre indigenistas e antropólogos. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Povos indígenas no Brasil. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/politicas-indigenistas/orgao-indigenista-oficial/galeria-dos-presidentes-da-funai>>. Acesso em: 14 jul. 2012. Fundação Astrogildo Pereira. Disponível em: <<http://www.fundacaoastrojildo.com.br/index.php/genero-e-etnia/1224-uma-carta>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

dos artigos do Tratado de Madrid, assinado por portugueses e espanhóis em 13 de janeiro de 1750.³⁷⁶

O projeto de Nobre da Veiga é encaminhado pelo Governador à Secretaria de Educação, que remete o documento ao órgão responsável pelas questões historiográficas do Estado, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Ao dar entrada no processo, o IHGRS encaminha a petição à Comissão de História, constituída nesse período por Othelo Rosa (relator), Moysés Vellinho e Afonso Guerreiro Lima³⁷⁷. Na reunião realizada no dia 18 de outubro de 1955, na sala de sessões do IHGRS, a Comissão de História rejeita à construção de monumento a Sepé, resolução essa que é firmada e ratificada pelo IHGRS.

O parecer chega a público na íntegra através do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, a 26 de novembro de 1955, trinta e nove dias após a decisão do IHGRS, sob o título “Sepé Tiaraju e o Rio Grande”³⁷⁸. A decisão em pauta está calcada no questionamento do mérito de Sepé Tiaraju e da validade de erigir-se um monumento em sua homenagem, tendo em conta sua representação histórica e cultural, bem como a da região por ele representada – as Missões. Refutando a perspectiva do Major Nobre da Veiga, os pareceristas não reconhecem Sepé como um *verdadeiro brasileiro*³⁷⁹, e ainda argumentam que a conduta do índio na Guerra Guaranítica foi uma ação adversa aos interesses do Estado e do País:

A conclusão parece-nos irretorquível: não só é inaceitável o “brasileirismo” de Sepé, como ainda não é admissível

³⁷⁶ ROSA, Othelo. (relator) Sepé Tiaraju e o Rio Grande. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 de novembro de 1955. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 151-154.

³⁷⁷ Afonso Guerreiro Lima (1870-1959), professor, autor didático e pesquisador, desempenhou durante vários anos a função comissionada de Diretor da Instrução Pública e foi professor da Escola Normal de Porto Alegre. Conforme: FRANCO, Sérgio da Costa. Homens de letras e a política: a política rio-grandense ao tempo do castilhismo-borgismo. *MÉTIS: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 4, p. 263-271, jul./dez. 2003.

³⁷⁸ Na revista *Província de São Pedro*, número 21, de 1957, o parecer está publicado sob o título “Sugestão sobre um monumento a Sepé Tiaraju” p. 228-231. Nesse mesmo ano, Mansueto Bernardi reproduz o texto no Apêndice de sua obra *O primeiro caudilho rio-grandense*.

³⁷⁹ Expressão utilizada por Veiga em sua proposta, segundo o parecer da Comissão de História. ROSA, Othelo. (relator) Sepé Tiaraju e o Rio Grande. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 de novembro de 1955. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 153.

encará-lo como uma expressão do sentimento, das tendências, dos interesses, da **alma coletiva, enfim, do povo gaúcho, que se estava formando ao signo da civilização portuguesa.**[Grifo nosso]³⁸⁰

O autor do projeto define Sepé como o primeiro caudilho Rio-Grandense. Os pareceristas, no entanto, questionam a representatividade de Sepé no Estado, considerando sua postura diante das tropas portuguesas:

que noção ele [Sepé Tiaraju] poderia ter do Rio Grande do Sul e se nos será lícito praticar a grave injustiça de conferir-lhe um título a quem tem inconcusso e líquido direito um Rafael Pinto Bandeira, o fronteiro do Sul, que delineou as nossas fronteiras e que, com ingente esforço, criou e consolidou esse Rio Grande do Sul, que **Sepé valentemente combateu, opondo-se quanto pode, ao destino histórico de sua inclusão na civilização lusitana e no Brasil?**³⁸¹ [Grifo nosso].

Pode-se perceber que um dos argumentos expostos pela Comissão de História assenta-se na ascendência lusa que envolve a formação histórica do Rio Grande do Sul. A polêmica em torno da figura de Sepé reaviva os debates entre os historiadores em torno da origem do Estado, iniciados no final dos anos 1800. Como assinala Ieda Gutfreind: “a partir do final do século XIX e inícios do XX, o discurso historiográfico muda de tom e de direção. Surge um grupo de historiadores que valoriza as relações que o Rio Grande mantém com o Prata”³⁸². O caso Sepé resgata o Tratado de Madri, firmadona cidade de Madri, em 1750, por D. João V, de Portugal, e D. Fernando VI, da Espanha, no intuito de redefinir os limites das terras sul-americanas, uma vez que a demarcação territorial firmada pelo Tratado de Tordesilhas, realizado entre essas Coroas em 1494, já não era mais cumprido.

O Tratado de Madrid prevê que a cidade de Colônia do Santíssimo Sacramento, no atual Uruguai, bem como o estuário do Prata, na posse

³⁸⁰ ROSA, Othelo. (relator) Sepé Tiaraju e o Rio Grande. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 de novembro de 1955. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 153.

³⁸¹ ROSA, Othelo. (relator) Sepé Tiaraju e o Rio Grande. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 de novembro de 1955. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 153.

³⁸² GUTFREIND, Ieda. *A historiografia sul-rio-grandense*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998. p. 18.

dos portugueses, passam a ser possessão castelhana. Em contrapartida, Portugal receberia da Espanha os Sete Povos das Missões, atualmente demarcado na região oeste do Rio Grande do Sul. Essa redefinição de limites apresenta resistência, principalmente na região das Missões. É nesse contexto que surge a figura de Sepé Tiaraju, ao se tornar elemento central da Guerra Guaranítica, ocorrida de 1752 a 1756.

Sepé Tiaraju adquire relevo na batalha de Caiboaté³⁸³, o embate mais importante da Guerra Guaranítica. O confronto, de acordo com Tau Golin³⁸⁴, tem seu início em 1753, marcado pela reação dos índios contra a mudança de governo de suas terras. Os 30.000 índios que viviam na margem oriental do Rio Uruguai, onde se localizavam os Sete Povos das Missões, que passavam para o domínio dos portugueses, deveriam abandonar essas terras e transmigrar para o lado ocidental do Rio Uruguai – atual Argentina – e para o sul do Rio Ibicuí, possessões castelhanas. Nos Sete Povos, seriam instalados colonos açorianos. O primeiro combate da batalha de Caiboaté ocorre no dia 7 de fevereiro de 1756, quando Sepé Tiaraju, índio das Missões e corregedor de São Miguel, é morto no território da atual cidade de São Gabriel.

Ao final do século XIX, o discurso historiográfico retoma eventos sobre a formação do Estado, “no intento de enfatizar a singularidade do Estado sulino e a possibilidade de sua sobrevivência sem o auxílio do Império, posteriormente República”³⁸⁵. Percebe-se que, nesse período, o foco totalmente político visa reforçar as manifestações separatistas que insurgem no Estado. Na década de 1920, os debates em torno do nacionalismo geram, utilizando-se o termo consagrado por Gutfreind, duas matrizes historiográficas: a matriz lusitana e a matriz platina, as quais

³⁸³ Atualmente Caiboaté localiza-se no interior da cidade de São Gabriel, no RS.

³⁸⁴ GOLIN, Tau. Em questão de minutos. *Revista de História.com.br*: Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/em-questao-de-minutos>>. Publicado em: 6/7/2011. Acesso em: 6 dez. 2011. O professor Tau Golin aborda essa questão no texto “Cartografia da Guerra Guaranítica”, apresentado no I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/GOLIN_LUIZ_CARLOS_TAU.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2011.

³⁸⁵ GUTFREIND, Ieda. *A historiografia sul-rio-grandense*. Porto Alegre 1991, p. 1 [artigo datiloscrito depositado da Biblioteca da PUCRS].

orientam a definição da identidade política e cultural do território sul-riograndense.

O IHGRGS³⁸⁶ é criado em 1853, por Cansansão de Sinimbu, então Presidente da Província. Foi, porém, em 1920, que Octavio de Faria, o capitão Manoel Joaquim de Faria Corrêa, o tenente Souza Docca, Aurélio Porto e o Padre Hafkelmeyer, juntamente com o Desembargador Florêncio Carlos de Abreu e Silva, na condição de presidente do Instituto, com o apoio decisivo do Governador Borges de Medeiros, recriaram-no, realizando, a 5 de agosto de 1920, a primeira sessão desse novo momento do Instituto, tendo assentado sua fundação a 19 de novembro daquele mesmo ano. Do discurso inaugural de Souza Docca³⁸⁷ pode-se perceber que a intenção que preside à criação do Instituto visa, principalmente, esclarecer aspectos da constituição histórica do Estado. A partir de seu discurso, depreende-se também o compromisso que Souza Docca considera ser a tarefa do intelectual: resgatar a expressão e o caráter da nação:

Estamos convencidos de que sem este instituto o Rio Grande do Sul continuará a ter e produzir muitos historiadores ilustres, mas temos as nossas dúvidas se a sua história será escrita como é mister que o seja, visto que para tanto nos parece indispensável o trabalho conjugado e harmônico de muitos. É assim que se tem realizado as mais perfeitas e mais proficuas obras humanas.
[...] a nossa preocupação capital seja como [...] disse o nosso presidente, “a verdade, só a verdade, sempre a verdade”. A história, segundo o conceito de Renan, “é a mais alta e mais digna ocupação de um homem votado aos labores intelectuais”, não se subordina nem se subjuga a interesse algum, e por isso ela só é digna, inatacável, duradoura, eterna quando é imparcial e justa e sempre que “apreciando os fatos na linguagem calma, desapaixorada, apresentar os vivos e os mortos, tais quais são ou tais foram” [...] ³⁸⁸

A reinauguração do IHGRS insere-se num período de mudanças políticas, no qual se amplia o discurso nacionalista. Por ser um espaço

³⁸⁶ INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL (IHGRGS). Disponível em: <<http://www.ihgrgs.org.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

³⁸⁷ REVISTA do IHGRS. I Trimestre, Ano I, 1921, p. 130-131.

³⁸⁸ DOCCA, Souza. Discurso de inauguração do IHGRS. *Revista do IHGRS*, I Trimestre. Ano I. 1921, p. 129-131.

que integra historiadores e outras personalidades de vulto da cena social do Estado, essa entidade tem importante representação no cenário social e político no período da polêmica sobre Sepé. Por o Rio Grande do Sul apresentar, nesse período, um quadro de forte apelo regionalista, uma vez que o fim da II Guerra Mundial abre caminho para uma sociedade urbanizada, na qual o *american way of life* se disseminava. Nesse contexto surgem o Movimento Tradicionalista Gaúcho e o Centro de Tradição Gaúcha, cuja intenção é resgatar elementos que simbolizam a cultura nativa, de forma a manter “acesa a chama crioula”, estreitando os laços com o passado, reavivando símbolos próprios da terra. Barbosa Lessa comenta sobre isso no texto *Porteira Aberta*:

Pior ainda era o fato de integrarmos a geração Coca-Cola. Sob o prestígio da vitória alcançada na II Guerra Mundial, a cultura norte-americana começou a entrar avassaladoramente em nosso País e nos cercava por todos os lados. Na música, no disco, no cinema, nas histórias em quadrinhos, na moda, na gíria, em tudo. [...] foi aí que um outro aluno *noturno* [refere-se à Paixão Cortes] do Júlio de Castilhos e funcionário da Secretaria da Agricultura “prende o grito”, em setembro de 1947³⁸⁹ e mostrou novamente a Porto Alegre a bandeira rio-grandense desaparecida já havia dez anos. [...] Nessa mesma semana Paixão Cortes instituiu, com meia dúzia de gatos-pingados, a Chama Crioula, ponto de partida para as comemorações populares da Semana Farroupilha. [...] iniciava-se dessa maneira [...] o movimento tradicionalista. Meses depois, em abril de 48, em torno de um fogo de chão, era fundada uma entidade que pretendia restabelecer, no meio urbano, o espírito solidário do pago. Ela poderia se denominar Crioula ou Campeira, mas foi preferida a sonoridade, a eufonia da palavra Gaúcha. Centro de Tradições Gaúchas. Para os íntimos, CTG. CTG “35”.³⁹⁰

³⁸⁹ João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes (1927) escreveu vários livros sobre o folclore do Rio Grande Sul. Sua imagem “típica” do gaúcho consagrado do pampa serviu de modelo para a estátua do Laçador feita, em 1954, pelo escultor Antônio Caringi, a qual em 1992, foi escolhida símbolo da cidade de Porto Alegre. Em 2010, foi eleito patrono da 56ª Feira do Livro de Porto Alegre. Em 1947, o folclorista já trabalhava na Secretaria da Agricultura desde os seus 17 anos, na função de classificador de lã. FISCHER, Luís Augusto; WOLF, Eduardo. [Reportagem]. Paixão Côrtes. *Zero Hora*, Caderno de Cultura, Porto Alegre, sábado, 15 maio 2004.

³⁹⁰ LESSA, Barbosa. *Porteira Aberta*. In: FISCHER, Luís Augusto; GONZAGA, Sergius (Org.) *Nós, os gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1993. p. 72-76.

Heloísa Vellinho Corso, filha de Moysés Vellinho relembra³⁹¹ desse momento referido por Barbosa Lessa, enfatizando que seu pai também posiciona-se favoravelmente ao movimento tradicionalista:

Ele gostava de tudo o que era gaúcho e ele foi criado no 35 (CTG), que é o berço de todo esse movimento tradicionalista. E eles tiveram lá em casa... o Paixão Cortes. Tudo o que acontecia em Porto Alegre, meu pai estava no meio, ou para apoiar, ou para buscar apoio. Meu pai gostava muito de gaúcho e de saber que a nossa música era ligada muito à música açoriana.

Os tradicionalistas também participam das discussões sobre a homenagem ao índio missioneiro. No momento da polêmica, já haviam surgido CTGs por todo o Estado e, embora haja “uma inclinação maior pró-Sepé”, não houve um consenso entre esses grupos. O movimento tradicionalista, na medida em que se amplia, passa a reforçar a imagem mítica de Sepé Tiaraju, ao resgatá-lo como defensor da marca identitária da terra em detrimento de influências estrangeiras. É sob esse viés que se consagra a expressão atribuída ao índio no momento do embate na Guerra de Caiboaté: *Esta terra tem dono!*³⁹²

Moysés Vellinho, embora estivesse presente no momento da criação dos movimentos tradicionalistas e dos CTGs, mantém sua posição lusitanista, o que o leva a discordar de manifestações realizadas pelos integrantes do 35 CTG³⁹³ em favor de Sepé Tiaraju. Sua assinatura no parecer emitido pela Comissão de História ratifica sua postura em relação a Sepé e à iniciativa de tornar o índio um símbolo da tradição brasileira, por meio do aspecto regional.

³⁹¹ Entrevista realizada pela pesquisadora, em 19 de abril de 2011, na residência de Heloísa Vellinho Corso em Porto Alegre.

³⁹² Mansueto Bernardi reforça essa questão no texto “Pá de cal sobre o assunto Sepé”: “Sepé Tiaraju, além de ser genuinamente rio-grandense, é o protótipo do gaúcho, o condutor de homens de sua querência que primeiro gritaram em face de espanhóis e portugueses que “Esta terra tem dono! Esta terra é nossa!” BERNARDI, Mansueto. *Pá de cal sobre o assunto Sepé*. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 185.

³⁹³ O posicionamento do 35 CTG é assinado por Cyro Dutra Ferreira e Plínio de Moura em reportagem no *Correio do Povo*, 14 jan. 1956.

No parecer, consta que Sepé somente tem representatividade como figura mítica, e não como personagem histórica. Os pareceristas afirmam que até mesmo a narrativa dos historiadores sobre Sepé encontra-se envolvida por sua mística. O discurso “histórico”, conforme o relato escrito por Othelo Rosa, mostra-se “crivado de inverossimilhanças, pois que só ele se adapta, não ao tipo real, mas à figura mítica. E o mito, em Sepé, é sempre o que predomina, e a tudo vence e a tudo se superpõe.”³⁹⁴ Para a Comissão de História, homenagear um herói lendário, que se destaca pelo mítico e sobre o qual não há fontes e informações quanto à sua origem e nascimento, contradiz o rigor científico que caracteriza, inclusive, a ciência da atividade histórica. Ao designá-lo São Sepé, reconhecem que o índio pode ser incorporado ao âmbito das lendas, sinalizando, porém, que, enquanto sujeito histórico, não contribuiu para a formação de um Estado nacional sob a égide lusitana.

Acentuemos de logo, que essa figura de Sepé, ou melhor, de São Sepé, que a imaginação popular criou, nos é de todo interessante e simpática. Incorporada ao acervo das nossas lendas, das nossas crendices, das nossas superstições, ela deve ser considerada como um dos elementos que configuram e enriquecem o nosso patrimônio cultural. No rigor histórico, porém o caso é diferente. Uma elementar honestidade mental determina que a personagem histórica seja situada no seu papel exato e verdadeiro, desnudada de fantasias e mistérios, encarada na sua expressão legítima analisada em face dos motivos determinantes das suas atitudes e de seus atos³⁹⁵.

No âmbito literário, Sepé surgiu por meio do poema *O Uruguai*³⁹⁶ de Basílio da Gama, publicado em 1769, treze anos após o término da Guerra Guaranítica (1752-1756). *O Uruguai*, destaca Chaves³⁹⁷, é “considerado por

³⁹⁴ ROSA, Othelo. (relator) Sepé Tiaraju e o Rio Grande. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 de novembro de 1955. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 152.

³⁹⁵ ROSA, Othelo. (relator) Sepé Tiaraju e o Rio Grande. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 de novembro de 1955. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 152 e 153.

³⁹⁶ Em *O Uruguai*, Basílio da Gama apresenta como herói o comandante do exército português Gomes Freire de Andrade. Sepé é caracterizado como o bravo índio que deve entregar suas terras à Coroa portuguesa.

³⁹⁷ A pesquisadora responsável pelo Instituto de Cultura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa dedica-se ao estudo de Basílio da Gama também nas obras *O*

diversos críticos o melhor poema épico da Literatura Brasileira do Período Colonial e uma das mais importantes fontes de inspiração do nosso Indianismo romântico”³⁹⁸. Sepé está presente também em obras literárias de escritores gaúchos, o que de certa forma contribui para que se fortaleça a imagem lendária do índio guarani. O mito de Sepé também aparece nos textos “O Lunar de Sepé” (1913), integrante do livro *Lendas do Sul*³⁹⁹, de João Simões Lopes Neto; *Tiaraju* (1945), de Manoelito de Ornellas; no capítulo “A fonte”, de *O Continente* (1949), primeiro volume da trilogia *O Tempo e o Ventode* Erico Verissimo; e *Sepé Tiaraju: o romance dos Sete Povos das Missões* (1975), de Alcy Cheuiche.

Além disso, há produções diversas em torno da figura de Sepé. Entre elas destacam-se as publicações realizadas pela Câmara dos Deputados, intituladas *Sepé Tiaraju: herói guarani, missioneiro, rio-grandense e, agora, herói brasileiro*⁴⁰⁰; e *Sepé Tiaraju: o índio, o homem, o herói*⁴⁰¹. Essas obras o consagram como um índio guerreiro, como um santo popular brasileiro e exaltam seu heroísmo. Tais produções reforçam a Lei Estadual nº 12.366, de 2005, que o declara Herói Guarani Missioneiro Rio-grandense, e a Lei Federal nº 12.032, de 2009, que o designa Herói da Pátria.

A repercussão de Sepé Tiaraju nas narrativas historiográficas, nas obras ficcionais e nos movimentos tradicionalistas contribui para que as discussões sobre sua homenagem ultrapassem o âmbito do IHGRS.

Uraguai e a Fundação da Literatura Brasileira, publicada em 1997, e *O Despertar do Gênio Brasileiro*, de 2000, nas quais realiza ampla fortuna crítica da obra.

³⁹⁸ CHAVES, Vania Pinheiro. Brasilienses Aurifodinae, de José Basílio da Gama: um desconhecido poema iluminista luso-brasileiro? *Revista Convergência Lusitana*, 24. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro – Centro de Estudos. 2º Semestre – 2007. pp. 134-144. Disponível em: <<http://www.realgabinete.com.br/PortalWeb/LinkClick.aspx?fileticket=wI6FJruTle4%3D&tabid=78&language=en-U>>. Acesso em: 20 out. 2012.

³⁹⁹ Conforme exposto no capítulo 3, Mansueto Bernardi é o responsável pela primeira reunião em um único volume, em 1926, das obras *Contos gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913), de Simões Lopes Neto.

⁴⁰⁰ *Sepé Tiaraju: herói guarani, missioneiro, rio-grandense e, agora, herói brasileiro* Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. 51 p. – (Série obras comemorativas. Personalidades ; n. 1) Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/3243>>. Acesso em: 12 maio 2013.

⁴⁰¹ *Sepé Tiaraju: o índio, o homem, o herói*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 60 p. – (Série obras comemorativas. Personalidades: n. 2). Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/4384>>. Acesso em: 12 maio 2013.

Odebate, ao despertara atenção de sujeitos representativos da cena intelectual, alcançam a sociedade, por meio dos periódicos do Estado, os quais se tornam o veículo principal das discussões a respeito do assunto..

Moysés Vellinho e Mansueto Bernardi consagram-se como personalidades principais da polêmica que envolve Sepé Tiaraju. Moysés Vellinho, que nesse período é vice-presidente do IHGRS, cargo que ocupa de 1950 a 1956, é, nas palavras de Gutfreind⁴⁰², “um líder de sua geração”. A pesquisadora refere-se à forte atuação do intelectual em prol da origem luso-brasileira do Estado, manifestada desde os primórdios de sua produção crítica. Mansueto Bernardi, contudo, forte estudioso da figura de Sepé, em 1926 já sinaliza seu interesse pelo índio missioneiro, quando o elege como tema da palestra “O primeiro caudilho rio-grandense”⁴⁰³, proferida no Museu Histórico Júlio de Castilhos, a convite de Alcides Maya, então diretor da entidade. Em 1956, Bernardi lidera um movimento a favor do monumento a Sepé, consagrado pelo artigo “Pá de Cal sobre o assunto Sepé”, publicado em 27 de setembro de 1956, no *Correio do Povo*, e posteriormente republicado em sua obra “O primeiro caudilho rio-grandense”, de 1957.

5.2 A POLÊMICA

No sábado seguinte à veiculação do parecer do IHGRS nas páginas do *Correio do Povo*, ou seja, em 3 de dezembro de 1955, o jornalista Carlos Reverbel publica, nesse mesmo periódico, o texto “Sepé Tiaraju e o Instituto Histórico”. No artigo, retoma excertos do parecer da Comissão de História, revelando-se favorável à decisão de não construir monumento ao índio Sepé. Para embasar sua opinião e fortalecer o parecer do IHGRS, o jornalista resgata outros pareceres não aprovados anteriormente pela Comissão de História. Um dos pareceres evidenciados pelo jornalista refere-se a uma obra escrita pelo padre Luís Gonzaga Jaeger S. J., a qual ele pretendia intitulá-la

⁴⁰² GUTFREIND, Ieda. A historiografia sul-rio-grandense. Porto Alegre 1991, p. 4 [artigo datiloscrito depositado da Biblioteca da PUCRS].

⁴⁰³ O texto dessa palestra está publicado no número 5 da revista *Província de São Pedro* em 1946, páginas 32-42.

de *Os três primeiros mártires rio-grandenses*. Na ocasião, ano de 1954, Moysés Vellinho, responsável pelo parecer, avalia o título como inverossímil, uma vez que o autor se utilizou do termo rio-grandense para se referir a acontecimentos anteriores a 1801, ano em que o Estado é integrado definitivamente no mapa do Brasil. Moysés Vellinho considera a origem do Rio Grande do Sul a partir desse período, razão pela qual expõe entender como inadequado o uso do gentílico “rio-grandense” no título pretendido pelo padre Jaeger S. J.

Ao recuperar esses motivos, o texto de Reverbel instiga o revide de historiadores pró-Sepé, tornando-se, assim, o estopim para a série de manifestações sobre a representação cultural e histórica do monumento a Sepé Tiaraju. Por meio de diversos jornais de todo o Estado, dá-se início a um intenso debate entre expressivos sujeitos do cenário intelectual ao longo dos anos de 1955, 1956 e 1957.

A primeira manifestação contrária à conclusão do IHGRS ocorre cinco dias após o artigo de Reverbel, em 8 de dezembro de 1955, no *Jornal do Dia*⁴⁰⁴, de Porto Alegre, por meio do texto do padre Luís Gonzaga Jaeger S. J., a partir de reportagem do jornalista Astrogildo Fernandes, sob o título *Em defesa do intrépido gaúcho, o capitão José Tiaraju, o lendário São Sepé*⁴⁰⁵. A reportagem retoma o parecer e desenvolve um longo texto caracterizando o índio sobre três enfoques, assim denominados: o Tiaraju da história, o Tiaraju da lenda e o Tiaraju gaúcho.

Jaeger S. J. sinaliza que “a douta Comissão precipitou a sua lógica, confundindo inicialmente duas personalidades bem distintas: o Capitão Tiaraju da História dos Sete Povos, e São Sepé da lenda ou do mito”⁴⁰⁶.

⁴⁰⁴ Periódico de Porto Alegre, de circulação diária, mantido pela Cúria Metropolitana. Sugere Prietsch que esse vínculo com a Igreja e “consequentemente com o projeto de evangelização do gentio” tem uma adesão franca pró-Sepé. PRITSCH, Eliana Inge. *As vidas de Sepé*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, novembro de 2004. I Tomo, p. 43.

⁴⁰⁵ Este texto foi republicado no livro *O caudilho rio-grandense*, de Mansueto Bernardi, de 1957, sob o título “Refutação do parecer da Comissão de História”. p. 158-168. BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957.

⁴⁰⁶ REFUTAÇÃO DO PARECER DA COMISSÃO DE HISTÓRIA. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 159; PRITSCH, Eliana Inge. *As*

Quanto ao primeiro aspecto, o histórico, aponta como questão indiscutível a existência histórica do guarani, uma vez que Sepé foi morto pelo próprio comandante das tropas espanholas, Joaquim de Viana:

[...] é uma figura nitidamente histórica. Os documentos mais insuspeitos das fontes jesuíticas, hispânicas e lusitanas o confirmam. (Cônego Gay, Visconde de São Leopoldo, Tasso Fragoso, Aurélio Porto, Mansueto Bernardi, etc.). Foi a alma da resistência indígena ao cumprimento do tratado de Madrid de 1750. A maior parte das 75 testemunhas de caciques ouvidas, sobre juramento após a luta, o confirmam.⁴⁰⁷

Jaeger rebate os argumentos dos pareceristas, questionando, inclusive, a maneira como as fontes são por eles consultadas, ao utilizar o nome de Serafim Leite como referência para evidenciar que os Sete Povos das Missões estavam enquadrados em um regime político da monarquia espanhola. Esse historiador é classificado por Jaeger como não sendo oficial da Companhia de Jesus, não devendo, portanto, ser a única fonte teórica para consulta. Além disso, o padre acusa os pareceristas de fazerem mal uso das informações levantadas por Serafim Leite: “Ademais, a douta Comissão errou abertamente, generalizando o que Serafim Leite atribui exclusivamente a alguns jesuítas.”⁴⁰⁸

Sepé defendeu seu povo da injustiça, de ser expulso de sua terra, e destaca que, por sua natureza selvagem, agiu tal qual seus instintos: “Tiaraju reagiu como legítimo índio, sem calma e reflexão, e sem medir as consequências”⁴⁰⁹. Na defesa, resgata “o chefe supremo” dos índios, o cacique “Dom Nicolau Nenguiru, morubixaba de Japeju”, denunciando-o como o motivador do comportamento rebelde de Sepé. Jaeger afirma ainda que o cacique declara resistência à invasão das terras, posicionando-se contra os próprios missionários, ao desobedecer as suas ordens. Nesse sentido,

vidas de Sepé. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, novembro de 2004. II Tomo, p. 16.

⁴⁰⁷ REFUTAÇÃO DO PARECER DA COMISSÃO DE HISTÓRIA. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 158-168.

⁴⁰⁸ REFUTAÇÃO DO PARECER DA COMISSÃO DE HISTÓRIA. p. 158-168. BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 160.

⁴⁰⁹ FERNANDES, Astrogildo. [Reportagem]. *Em defesa do intrépido gaúcho, o capitão José Tiaraju, o lendário São Sepé*. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 8 dez.1955. p. 17.

ele permite entrever o erro de Sepéao ter se orientado com um cacique e não com um padre:

Se tivesse ouvido um padre amigo, outra teria sido a sua atitude. Mas devemos compreendê-lo na sua índole de selvagem meio civilizado. De todas as maneiras, sua figura é empolgante, dominada por um sentimento inato e espontâneo de reação contra uma clamorosa injustiça⁴¹⁰.

Jaeger defende que Sepé Tiaraju agiu intempestivamente diante das tropas portuguesas e espanholas exatamente por apego exagerado à sua querência, “à gleba que o vira nascer”, e que essa é uma característica dos índios guaranis “gaúchos”. Sobre os quais, exemplifica que, no período dos bandeirantes, optaram por se esconder em bosques e até correram o risco de se tornarem prisioneiros a ter de emigrarem para a outra banda do Rio Uruguai. Considerando esse perfil do guarani, o padre questiona:

Queremos nós exigir do índio dos Sete Povos uma indiferença, uma insensibilidade estoica perante a mudança tão contrária aos seus sagrados interesses? Que tinha ele a ver com as rivalidades de duas Cortes lá do outro lado do oceano?⁴¹¹

Para valorizar Sepé enquanto lenda, Jaeger recupera um excerto do discurso do ensaísta e poeta Cassiano Ricardo⁴¹², quando de sua posse na Academia Brasileira de Letras (ABL):

Disse o grande ensaísta e poeta Cassiano Ricardo, no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras: “Houve escritores que inventaram gigantes: os nossos gigantes, porém, não foi preciso que nenhum escritor os inventasse.

⁴¹⁰ FERNANDES, Astrogildo. [Reportagem]. *Em defesa do intrépido gaúcho, o capitão José Tiaraju, o lendário São Sepé*. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 8 dez.1955. p. 17.

⁴¹¹ FERNANDES, Astrogildo. [Reportagem]. *Em defesa do intrépido gaúcho, o capitão José Tiaraju, o lendário São Sepé*. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 8 dez.1955. p. 17.

⁴¹² Cassiano Ricardo (C. R. Leite), jornalista, poeta e ensaísta, nasceu em São José dos Campos, SP, em 26 de julho de 1895, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 14 de janeiro de 1974. Eleito em 9 de setembro de 1937 para a Cadeira n. 31, na sucessão de Paulo Setúbal, foi recebido em 28 de dezembro de 1937 pelo acadêmico Guilherme de Almeida. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Guilherme de Almeida*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=390&sid=295>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

A própria vida se incumbiu de os criar, mais interessantes e mais verdadeiros”. E mais adiante continua: “Nenhum historiador tem o direito de desencantar um povo da magia do seu passado” – “nesta última hipótese, o artista adquire mesmo o direito de corrigir o historiador”⁴¹³.

O padre apropria-se da argumentação de Cassiano Ricardo para defender que o aspecto lendário de Sepé passa a ser também elemento integrante da vida e, portanto, do próprio discurso do historiador. A questão em pauta é sobre a cientificidade do discurso histórico e o posicionamento do historiador diante das fontes. O documento do parecer da Comissão de História sinaliza que o relato dos historiadores acerca do objeto de pesquisa, no caso, Sepé Tiaraju, é “crivado de inverossimilhanças”, por indicarem que a figura de um Sepé *gaúchosamente* tem sustentação na condição do mito. Jaeger refuta essa abordagem, defendendo Sepé pela marca da memória: que se mostra viva e pode ser documentada, inclusive, pelos registros de seu nome em município, cidade, coxilha, arroios e por entidades pertencente a integrantes do 35 CTG, sediada no município de São Luís.

O longo texto de Padre Jaeger fundamenta também um terceiro aspecto em torno do *protagonista* da polêmica, o “Tiaraju Gaúcho”, ao discorrer sobre a procedência do próprio gaúcho:

O gaúcho, como tal, não tem nacionalidade determinada. Encontramo-lo nas coxilhas rio-grandenses, no gaúcho uruguaio, argentino e paraguaio. Distingue-se por seu amor à querência, ao torrão natal. Quanto a Tiaraju, vemo-lo dominado por um grande destemor, uma altivez impressionante, uma abnegação a toda prova⁴¹⁴.

Ao apresentar o gaúcho sem origem definida, Jaeger ataca o posicionamento lusitanista que afirma que o período em que viveu Sepé não integra a história do Rio Grande do Sul. O autor de *Capitania d’El Rei*⁴¹⁵ retomará essa questão, uma vez que define a condição de unidade histórico-

⁴¹³BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 165-166.

⁴¹⁴BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 166.

⁴¹⁵VELLINHO, Moysés. *Capitania d’El Rei: aspectos polêmicos da história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1964. p.112.

cultural do Estado como “legado orgânico do expansionismo luso-brasileiro⁴¹⁶, indicando que as tentativas de apropriação territorial por parte dos jesuítas não contribuíram para a formação do Rio Grande do Sul.

O pensamento de Vellinho sobre Sepé, exposto ao longo da polêmica, é evidenciado em *Capitania d’El Rei*, publicada em 1964, onde se concentra na história do Estado e na essência portuguesa de sua origem. Por meio desse livro, Vellinho divulga o Rio Grande do Sul internacionalmente, uma vez que esse estudo oportuniza o contato com intelectuais estrangeiros, como Adriano Moreira, que o convida para sócio-correspondente na Academia Internacional da Cultura Portuguesa⁴¹⁷, e com o editor americano Alfred Knopf, que em sua visita a Porto Alegre demonstrou interesse em publicar em sua conceituada editora⁴¹⁸ *Capitania d’El Rei* na versão traduzida para o inglês.

Essa obra ratifica, quase dez anos após o início do embate, que a atenção do intelectual está orientada preferentemente para as discussões que retomam os elementos da identidade nacional. Quanto à Sepé, integrante do campo *inimigo*, de origem espanhola, não pode, por isso, ser um herói rio-grandense e, muito menos, nacional. Homenagear Sepé, para Vellinho, significa cultuar o inimigo, deturpar a verdadeira história do Brasil, transgredindo suas fronteiras:

Não nos parece de bom aviso relegar este caso de Sepé Tiaraju ao domínio das coisas destituídas de importância. Ele é irrelevante apenas na aparência. **Nem por sermos hoje, mais que bons vizinhos, amigos dos povos que nos cercam, devemos tolerar a falsificação da história a ponto de se tentar confundir no mesmo culto os nossos heróis de verdade e aqueles que do campo adverso os guerrearam como inimigos.** Será que se pretende converter a história rio-grandense, tão inteiriça, tão vigorosa no seu sentido e suas afirmações, numa espécie de terra

⁴¹⁶ VELLINHO, Moysés. *Capitania d’El Rey*: aspectos polêmicos da história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1964. p.112.

⁴¹⁷ No ANEXO O, integrante do volume 2 deste trabalho, consta a carta enviada por Adriano Moreira, presidente da referida instituição, em 1966.

⁴¹⁸ BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 2012. p. 138.

neutra, indiscriminada, sem caráter nacional? Que é que se esconde aí?⁴¹⁹ [Grifo Nosso].

Para Jaeger, o fato de Sepé ter sido morto pelo governador de Montevideú, José Joaquim de Viana, prova que o índio não lutava junto as tropas espanholas, portanto, não pertencia ao “campo inimigo”. Sua ampla argumentação busca alcançar todas as perspectivas questionadas em Sepé: o elemento historiográfico, a lenda e o gaúcho. A defesa de Jaeger assinala Sepé como sujeito nascido em berço gaúcho, capaz de representar o Rio Grande do Sul:

A resposta final foi que a Comissão de História apenas opinara que o motivo de se erguer um monumento a São Sepé como expressão de **brasilidade** não cabia dentro do nosso modo de sentir. Portanto, que a Comissão estava certa não se tendo preocupado do caso, se Tiaraju merecia uma homenagem por **outros títulos**, como, por exemplo, o de ser gaúcho, um homem estimado pela lenda rio-grandense.⁴²⁰

Na mesma data da publicação de Jaeger, o periódico *Estado do Rio Grande*, da cidade de Rio Grande, divulga o texto *Cartas ao Negrinho do Pastoreio*⁴²¹, assinado por Blau Severo, pseudônimo de Walter Spalding. Dirigindo-se ao *Negrinho do Pastoreio* –figura do folclore gaúcho de origem africana –, o autor conduz seu texto de forma irônica e contrária ao posicionamento lusitanista, quando invoca diretamente o personagem lendário:

Precisamos, Negrinho amigo, defender, custe o que custar, contra os DONOS pretensos de nossa História as nossas glórias e as nossas Tradições. Por isso, convido-te a percorrer este sagrado Rio Grande do Sul e pregar, por todos os recantos os nobres e sãos ensinamentos de nossa História maravilhosa. E pede à tua Santa Madrinha, meu caro Judiado, que nos fortaleça e ampare nos nossos direitos cobrindo-nos com sua santa bênção.

⁴¹⁹ VELLINHO, Moysés. *Capitania d’El Rey: aspectos polêmicos da história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1964. p. 130.

⁴²⁰ BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 167.

⁴²¹ SEVERO, Blau. *Cartas ao Negrinho do Pastoreio*, *Estado do Rio Grande*, Rio Grande, 08 dez. 1955.

Assim como as manifestações de padre Jaeger e de Walter Spalding (Blau Severo), outras opiniões contrárias ao parecer expostas na imprensa eram de autoria, na maior parte das vezes, de historiadores que pertenciam ao quadro de sócios do IHGRS. Spalding, no entanto, não abrandou as críticas a essa instituição, questionando, inclusive, sua credibilidade:

O IHGRS, num gesto infeliz, acaba de condenar, reduzindo-o ao simples mito, depois de negar-lhe o direito sacrossanto de ser rio-grandense, porque, alegam eles, Sepé estaria a serviço de Espanha. **Essa afirmativa é a prova mais cabal de que o Instituto Histórico, só o é de nome, pois ignora os mais comensuráveis fatos de nossa História**⁴²². [Grifo Nosso].

Dez dias após a publicação do longo pronunciamento do padre Jaeger – “voto vencido” na votação do IHGRS que ratifica o parecer – o repórter Astrogildo Fernandes realiza nova reportagem no *Jornal do Dia*, intitulada “Intelectuais gaúchos manifestam-se sobre o valor histórico do Índio Sepé Tiaraju”⁴²³. A entrevista feita a Manoelito de Ornellas, Walter Spalding (Blau Severo) e Tarcísio Antônio Costa Taborda⁴²⁴, como expressa o repórter, intenciona levantar as opiniões de “sócios que não estiveram presentes à reunião onde foi aprovado o mencionado parecer, além de outras personalidades diretamente vinculadas ao assunto e capacitadas a se manifestarem a respeito”⁴²⁵. Todos os entrevistados, adeptos da vertente platinista, defendem a ideia de um Estado de heranças espanholas, jesuíticas e missionárias. Astrogildo Fernandes caracteriza Sepé como o “intrépido centauro dos pampas que tombou heroicamente em Caiboaté, aos 7 de fevereiro de 1756”.⁴²⁶Essas reportagens provocativas têm continuidade

⁴²² SEVERO, Blau. Cartas ao Negrinho do Pastoreio, *Estado do Rio Grande*, Rio Grande, 08 dez. 1955.

⁴²³ FERNANDES, Astrogildo. [Reportagem]. Intelectuais gaúchos manifestam-se sobre o valor histórico do Índio Sepé Tiaraju. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 18 dez. 1955.

⁴²⁴ Referenciado na reportagem: historiador bageense, o jovem juiz de direito de Pinheiro Machado, doutor Tarcísio Antônio Costa Taborda.

⁴²⁵ FERNANDES, Astrogildo. [Reportagem]. Intelectuais gaúchos manifestam-se sobre o valor histórico do Índio Sepé Tiaraju. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 18 dez. 1955.

⁴²⁶ FERNANDES, Astrogildo. [Reportagem]. Intelectuais gaúchos manifestam-se sobre o valor histórico do Índio Sepé Tiaraju. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 18 dez. 1955.

onze dias após essas declarações, em 29 de dezembro de 1955, quando o jornalista traz a público nova entrevista, dessa vez com o historiador Dante de Laitano, que se manifesta em prol do *herói*.

Todas as manifestações sobre o assunto veiculadas no *Jornal do Dia* ratificam a relevância histórica e lendária de Sepé. Entre elas, consta o texto “Terá Sepé seu monumento?”⁴²⁷, que se refere ao ofício dirigido ao Governador do Estado Ildo Menegheti pelo 35 CTG e aborda a ida de uma Comissão do 35 ao Palácio Piratini, no dia 20 de dezembro de 1955, na condição de representante de tradicionalistas de todo o Estado que se uniam em prol de Sepé Tiaraju. Com a chamada: “A epopeia de Sepé foi a primeira manifestação de uma legítima consciência de Pátria no Rio Grande”, o *Jornal do Dia* publica na íntegra o ofício encaminhado ao Governador.

No texto de apresentação do documento, o *Jornal do Dia* ressalta a importância dos centros tradicionalistas como responsáveis por manter a “chama de nossos mais lídimos princípios de amor ao pago”, por isso “sentiram que uma verdadeira chicoteada foi desferida em um dos vultos maiores de nossa formação pátria, afirmação soberba de um nacionalismo exuberante e altivo”⁴²⁸. A expressiva apresentação do *Jornal do Dia* busca reforçar Sepé como sinônimo de conduta heroica para o homem do interior: “seu nome vem ecoando entre a peonada do pampa, por entre arrebois de exaltação e com o mais vivo sentimento de admiração àquele que foi um verdadeiro esteio de nossa formação histórica.” É nesse periódico, inclusive, que muitas manifestações pró-Sepé são veiculadas, motivadas pela reportagem de Astrogildo Fernandes.

5.3 A SIMBOLOGIA DO PAGO

Ao trazer a consideração as análises de Paul Ricoeur, e aplicá-las a esse episódio, identifica-se que os discursos a respeito do herói missioneiro permitem uma refiguração de sua identidade. A polêmica em torno de

⁴²⁷ TERÁ SEPÉ SEU MONUMENTO?, *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 21 dez. 1955.

⁴²⁸ TERÁ SEPÉ SEU MONUMENTO?, *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 21 dez. 1955.

Sepé reforça seu caráter simbólico, que carrega os mesmos ideais e o mesmo espírito que construíram a aura de representação do gaúcho na Guerra dos Farrapos, ou seja, a coragem e a bravura em defesa da *pátria rio-grandense*:

Se o índio Sepé morreu para ver livre a sua terra e seus índios da pressão invasora e autoritária, Sepé é um símbolo e um símbolo imortal. Símbolo, sr. Governador, da nossa afirmação de independência, como pátria livre, sem senhores feudais. Nele esteve a primeira galhardia e a primeira altivez do gaúcho rio-grandense⁴²⁹.

Em artigo intitulado “Defesa do Parecer da Comissão de História”⁴³⁰, Moysés Vellinho vem a público para rebater os ataques ao julgamento emitido pela Comissão e ratificar que a luta guaranítica não se orientava em prol do território nacional:

Não discuto o abominável episódio do despejo das reduções nem as violências praticadas do nosso lado, mesmo porque em matéria de abominações e violências, na história dos povos e até na história das religiões, ninguém pode atirar a primeira pedra. Por mais piedosos que tenham sido, em si mesmos, os intuitos do sonho jesuítico em terras do Rio Grande do Sul, não resta a menor dúvida que eles aqui operaram como elemento de desintegração nacional, não podendo figurar, portanto, entre os fatores de afirmação da nossa história.⁴³¹

Os massacres ocorridos na Guerra Guaranítica e a luta de Sepé que ocasiona sua morte não são, para o intelectual, motivos para consagrá-lo como herói. Embora enfatize a valentia do índio missioneiro, ressalta que sua inscrição deve permanecer apenas como mito, uma vez que sua coragem não era orientada por um sentimento de integração e patriotismo:

Podem nos comover as façanhas de Sepé, podem e devem nos comover, mas a verdade é que o bravo chefe missioneiro se bateu e morreu por uma causa que não era a nossa, que

⁴²⁹ TERÁ SEPÉ SEU MONUMENTO?, *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 21 dez. 1955.

⁴³⁰ Utiliza-se aqui o título constante no Apêndice da obra de Mansueto Bernardi já referida. Nos Anexos da Tese de Eliana Pritsch, a autora recupera este texto do periódico *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 dez. 1955, apresentado pelo título “Sepé Tiaraju e o Rio Grande”.

⁴³¹ VELLINHO, Moysés. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 dez. 1955. BERNARDI, 1957, Defesa do Parecer da Comissão de História, p. 155.

era, pelo contrário, abertamente oposta à causa que teve como efeito histórico a integração do Brasil meridional em suas divisas atuais. Que Sepé continue no domínio da lenda, de onde a pena de Manoelito de Ornellas foi buscá-lo para o belo poema em prosa que com justiça lhe consagrou⁴³². Daí não devemos tirá-lo⁴³³.

Suas análises, que frequentemente englobam a perspectiva sociológica, permitem que se perceba a relação entre a postura do homem e o espaço sociogeográfico ao qual está vinculado. Depreende-se, a partir da leitura de sua produção e da sua experiência como advogado, que a avaliação de Vellinho sobre Sepé leva em conta os estudos jurídicos que envolvem a estruturação do Estado, não apenas sob o aspecto político tradicional, mas contempla também as recentes abordagens teóricas sobre o assunto, integrando a concepção culturalista do Direito, a qual reconhece a formação do Estado enquanto fenômeno também de ordem cultural, a ser compreendido através da sociologia e da história.

Esses novos estudos mostram que a prática social se revela bastante distinta da abordagem teórica tradicional. Essa abordagem pode ser evidenciada na argumentação de Vellinho, quando sustenta em seu artigo que determinadas linhas teóricas são marcadas pelo caráter utópico, ao apresentar traços valorativos ideais de conduta e de aspectos morais humanos. A causa de Sepé consiste na defesa de seu território, não como brasileiro ou rio-grandense, mas como membro de uma tribo, na função de corregedor, ou seja, enquanto líder que luta pela manutenção de seu posto:

Se fôssemos cidadãos de um mundo impossível, o mundo que os modernos utopistas chamam “um mundo só”, seria admissível encarar com isenção ou neutralidade os atos ou fatos que direta ou indiretamente se opuseram ao processo da nossa formação. O certo, porém, é que todos nós que vivemos dentro de uma nacionalidade, temos uma tradição cultural, um passado em comum que não podemos renegar sem mentir à própria contingência humana. **O homem é**

⁴³² Vellinho faz referência ao conto ilustrado “A morte de Tiaraju”, de Manoelito de Ornellas, publicado na primeira edição da revista *Província de São Pedro*, em 1945, p. 94-98.

⁴³³ VELLINHO, Moysés. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 dez.1955. BERNARDI, 1957, Defesa do Parecer da Comissão de História, p. 156.

mais fiel à sua Geografia e à sua História do que desejariam os devaneios de certos ideólogos.

Em conclusão: por mais piedosos que tenham sido, em si mesmos, os intuitos do sonho jesuítico em terras do Rio Grande do Sul, não resta a menor dúvida que eles aqui operaram como elemento de desintegração nacional, não podendo figurar, portanto, entre os fatores de afirmação da nossa história⁴³⁴.

Vellinhotrata como “devaneios de certos ideólogos” o discurso teórico que sustenta a condição heroica de Sepé como brasileiro. O sonho jesuítico se revela no Rio Grande do Sul como questão de desintegração nacional, não sendo, portanto, condição para a afirmação da história brasileira. Esse posicionamento será reforçado em publicação no *Correio do Povo*, de 5 de janeiro de 1957, intitulada “Augusto Meyer e os manes do Padre Teschauer e de João Ribeiro”.

Em *Capitania d’ElRey*, Vellinho mantém sua posição diante da questão, defendendo a formação lusa e bandeirante do Estado, exposta na introdução de sua obra:

O certo é que os equívocos proliferam, e às vezes sob as formas mais desconcertantes. Ah! A frequência com que o Rio Grande tem sido encarado como um corpo mais ou menos estranho, ou estranho de todo, ao complexo luso-brasileiro! É como se fôssemos uma porção de terra e de gente que se tivesse incorporado ao Brasil menos por um imperativo orgânico da própria expansão e afirmação da nacionalidade do que pelos caprichos ou acasos da História! Nada mais que uma excrescência na configuração sociológica do Brasil.⁴³⁵

Para Moysés Vellinho, no período em que ocorreu a Batalha de Caiboaté, na qual Sepé Tiaraju foi morto, “a fronteira política do mundo luso-brasileiro ainda não havia alcançado o território das reduções missioneiras”⁴³⁶. Para Vellinho, o avanço das divisas rio-grandenses ocorreu aos poucos e só mais de quarenta depois da morte de Sepé é que as terras da região das Missões foram incorporadas, em 1801, ao Brasil.

⁴³⁴VELLINHO, Moysés. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 dez.1955. BERNARDI, 1957, Defesa do Parecer da Comissão de História, p. 156.

⁴³⁵VELLINHO, Moysés. *Capitania d’El Rey*: aspectos polêmicos da história do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1970. p. 6.

⁴³⁶VELLINHO, Moysés. Editorial 21. *Província de São Pedro*. Porto Alegre: n. 21, 1957.

Vellino entende que o chefe guarani nasceu em território que não integrava a região do Rio Grande Sul, por, nesse período, a região missioneira estar sob a alçada castelhana. Sepé Tiaraju, portanto, “esteve de armas furiosamente voltadas contra os conquistadores luso-brasileiros”⁴³⁷. Além disso, Vellino salienta que Sepé não simboliza o típico brasileiro, muito menos o gaúcho: “quanto aos nossos heróis, eles estão dentro e não fora ou à margem do nosso processo histórico. São símbolos de integração e não de desintegração nacional”⁴³⁸.

A polêmica em torno do índio Sepé Tiaraju reafirma a postura crítica que Moysés Vellino assume desde seus primeiros escritos, quando ainda utilizava o pseudônimo Paulo Arinos. Em sua prática intelectual, mantém sua busca pela unidade e coesão nacional “sujeitas ao denominador comum da tradição luso-brasileira”⁴³⁹

⁴³⁷ VELLINHO, Moysés. Editorial 21. *Província de São Pedro*. Porto Alegre: n. 21, 1957.

⁴³⁸ VELLINHO, Moysés. Editorial 21. *Província de São Pedro*. Porto Alegre: n. 21, 1957.

⁴³⁹ Este excerto integra o texto intitulado Nota da 1ª Edição, referente ao lançamento de *Letras da Província*, em 1944. A segunda edição, revista e ampliada, publicada em 1960, mantém o texto, o qual é precedido por Nota à 2ª Edição. VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960, p. XI.

6 O INTELLECTUAL PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS

Sua obra [de Machado de Assis] descobre, nitidamente, um nobre sentido de libertação cultural. Nela o espírito se emancipou da contingência geográfica, reivindicando para o homem a preeminência que lhe cabe na paisagem, ainda que como irônica compensação às misérias que o atormentam⁴⁴⁰.

Moysés Vellinho

Ao resgatarmos os relatos do amigo e colega Mem de Sá sobre a postura de Moysés Vellinho nos tempos de ginásio, percebe-se que a figura e a obra de Machado de Assis *despertam* sua conduta como intelectual ainda em tenra idade. O jovem, que “conhecia o assunto como gente grande”⁴⁴¹, ao partir para o debate com seu professor, em defesa do criador de Capitu, sinaliza o importante papel que Machado de Assis ocupará por toda a sua trajetória.

Ávido leitor, Moysés Vellinho precocemente reconhece, na produção de Machado de Assis, o símbolo que deve nortear a vida literária sulina: a representação do homem desprendido de sua geografia, sem, contudo, desvincular-se de sua origem. Ao declarar, ao gaúcho, sua autonomia, ele passa a não mais depender da paisagem pampiana para se manter vivo. Ao tirá-lo das *ruínas* que compõe a paisagem da obra de Maya, o crítico o anima, revigora seu espírito. E é nele, no espírito do gaúcho que Vellinho aloca o lugar do Rio Grande.

O homem sulino, ao deixar de ser inscrito apenas como registro telúrico que configura a paisagem, adquirindo vida própria, conquista a possibilidade de transcender as fronteiras do pampa, mantendo segura sua identidade e sua permanência no tempo. Carregando em seu espírito, em sua “alma”, as características de sua região natal, conduz, para além das fronteiras, a cultura de sua origem. Ao tornar o *gaúcho universal*, a literatura rio-grandense também se reanima e permite que se mantenha viva as tradições da Província.

⁴⁴⁰ VELLINHO, Moysés. Um brasileiro contra a paisagem. In: *Machado de Assis e histórias mal contadas*. Porto Alegre: Globo, 1960.

⁴⁴¹ MEM DE SÁ. Moysés. *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 6.

6.1 A UNIVERSALIDADE DO HOMEM

No texto crítico *Notícia da atual literatura brasileira*: instinto de nacionalidade, publicado no ano de 1873, Machado de Assis orienta sobre os caminhos para independência literária:

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura [...] e perguntarei mais se o Hamlet, o Otelo, o Júlio César, **a Julieta e Romeu têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakespeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês.** Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região, mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. **O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço**⁴⁴². [Grifo nosso]

Ao analisar o posicionamento de Moysés Vellinho em sua produção de crítica literária, percebe-se a influência exercida por Machado de Assis em seus textos. A manifestação sobre “o geral desejo de criar uma literatura mais independente” que envolve a atmosfera do romantismo é expressa pelo autor de *Ressurreição*, sob a defesa de que se deve desprender a arte literária da ideia de “localização” como elemento indicativo para a nacionalidade da literatura. Machado sinaliza que uma literatura de expressão nacional está no autor, o qual, enquanto indivíduo social, deve ser *nutrido* por um “sentimento íntimo” que o torne sujeito “do seu tempo e do seu país” para que possa expressar isso em sua obra. Para que isso aconteça, designa como responsabilidade da crítica atarefada apontar o rumo que devem tomar os escritores:

⁴⁴² ASSIS, Machado de. *Notícia da atual literatura brasileira*: instinto de nacionalidade. Coleção Digital Machado de Assis. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact25.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2012. p. 3.

Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelecê-los, se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, correspondente ao que ela é em outros países. Não a temos. Há e tem havido escritos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influência quotidiana e profunda que deveram exercer. **A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura;** é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e **caminhe aos altos destinos que a esperam**⁴⁴³. [Grifo nosso]

A crítica machadiana indica os caminhos que devem ser traçados e as lacunas a serem preenchidas para que se desenvolva uma expressão literária nacional de *gênio* universal. A partir de seus textos críticos e de sua obra ficcional, o grande escritor revela como a literatura brasileira pode conquistar sua independência: concentrando-se no espírito nacional através do homem, que carrega consigo as particularidades de seu meio. Dessa forma, Moysés Vellinho *desperta* para a crítica literária de seu tempo orientado sob a perspectiva do mais representativo escritor brasileiro.

Por meio da imprensa, Vellinho demonstra seu interesse desde o início de sua atividade crítica pelo mestre Machado e evidencia o quanto se dedica à leitura e à análise de suas obras. Sob o pseudônimo de Paulo Arinos, ele realiza palestras, comenta produções que abordam Machado de Assis e advoga em defesa do grande literato, uma vez que os discursos sobre as obras do fundador da Academia Brasileira de Letras não eram uníssonos, embora mesmo em vida tenha tido notável reconhecimento. Sílvio Romero (1851-1914), um dos grandes críticos contemporâneos de Machado de Assis, destaca-se pelas severas e ácidas críticas ao autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Sílvio Romero é considerado o primeiro crítico a *historiar* a literatura brasileira ao publicar, em 1888, a sua *História da Literatura Brasileira*, que,

⁴⁴³ ASSIS, Machado de. *Notícia da atual literatura brasileira*: instinto de nacionalidade. Coleção Digital Machado de Assis. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact25.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2012. p. 3.

nas palavras de Bosi, apresenta “a primeira visão orgânica de nossas letras”⁴⁴⁴. Edison Bariani, em seu texto *Machado de Assis e as críticas de José Veríssimo e Sílvio Romero*⁴⁴⁵ refere que, na 1ª edição de *História da Literatura Brasileira*, de Romero, Machado de Assis não é objeto de análise, sendo mencionado apenas numa passagem (2º volume, página 1233), sob a designação de “o autor de Iaiá Garcia”⁴⁴⁶. Sua investigação indica que Machado só passou a fazer parte do compêndio de Romero a partir da 3ª edição – póstuma (1943), quando organizada e ampliada pelo filho do autor, Nelson Romero:

O filho acrescentou [...] um capítulo sobre Machado, incluído no último tomo, no capítulo ‘X – Terceira época ou período de transformação romântica (prosa) – teatro e romance’. Nessa 3ª edição [...] Machado de Assis está colocado como o momento final do romance brasileiro. **Com isso, o filho quis amenizar o juízo do pai**⁴⁴⁷. [Grifo nosso]

O comentário em destaque torna-se indício importante na busca de esclarecimentos sobre as críticas de Sílvio Romero, considerando o entorno que as envolve, uma vez que sua grande representatividade influencia outras análises da obra machadiana, inclusive, em período posterior, quando da atuação de Paulo Arinos⁴⁴⁸. De fato, ao se ter acesso à obra de Romero de 1888, identifica-se que, embora o nome de Machado de Assis seja citado algumas vezes, não há uma análise detalhada de sua obra, diferente do que ocorre na edição consultada de 1980, que reproduz a terceira versão, na qual a análise sobre a obra machadiana é incluída. A publicação de 1888

⁴⁴⁴ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 250.

⁴⁴⁵ BARIANI, Edison. *Machado de Assis e as críticas de José Veríssimo e Sílvio Romero*. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/40/bariani_40.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2012. p. 5.

⁴⁴⁶ BARIANI, Edison. *Machado de Assis e as críticas de José Veríssimo e Sílvio Romero*. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/40/bariani_40.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2012. p. 5.

⁴⁴⁷ BARIANI, Edison. *Machado de Assis e as críticas de José Veríssimo e Sílvio Romero*. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/40/bariani_40.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2012. p. 5.

⁴⁴⁸ Utilizar-se-á, ao longo de todo o texto, o pseudônimo Paulo Arinos nas referências a Moysés Vellinho, mantendo, assim, sua assinatura como crítico nas décadas de 1920 e 1930; além disso, essa denominação torna-se significativa para a compreensão de sua obra e sua relação com Machado de Assis.

traz, contudo, uma longa nota de rodapé, a qual se transcreve um fragmento, na ortografia atual:

O nome do autor de *Iaiá Garcia*, contra quem escrevi alguma coisa na *Crença* em 1870 e no opúsculo *O Naturalismo em Literatura* em 1882, exige que lance aqui uma nota explicativa. O meu leitor terá notado que o tom deste livro, até quando me refiro a Machado de Assis, é mais brando e cordato do que o foram alguns de meus antigos trabalhos sobre literatos e escritores brasileiros. Isto que, para espíritos sérios, se não é motivo para elogios, está muito longe de merecer censuras, tem-me valido da parte de trêfegos e intransigentes adversários, bom número de descomposturas. Arrebentam os bofes denunciando a contradição!... O que há de mais interessante é que os censores da *moderação* deste livro são justamente os mesmos do *rigorismo* dos seus anteriores... Eu é que me contradigo, eles não!

Mas ora, vamos e venhamos, queriam estes senhores que um grande livro de *história*, que pretende dar uma ideia geral do complexo da literatura do país fosse escrito no mesmo tom de pequenos livros de *reação* e *polêmica* movidas contra as fatuidades que andavam ali endeusadas? Era isto possível? Não era um verdadeiro disparate? O tom do livro de Taine sobre *Os Filósofos Clássicos de França* no século XIX será o mesmo da *História da Literatura Inglesa*? Ora, tenham mais senso, meus senhores⁴⁴⁹.

Ao se acatar como válida a informação de que o filho de Romero teve a intenção de abrandar posicionamentos do pai, na década de 1940, ou seja, mais de 50 anos depois da primeira publicação, sugere-se que há novos juízos sobre a obra de Machado que demarcam sua relevância nas letras brasileiras, a ponto de levar Nelson Romero a alterar a estrutura da obra do pai, mesmo ciente dos embates protagonizados entre Silvio Romero e Machado de Assis. Sabe-se que o distanciamento temporal que envolve a atualização da obra permite uma avaliação que assimila as modificações que integram o contexto dos sujeitos e do objeto de análise. No caso, esse intervalo cronológico entre a 2^a e a 3^a edições da *História da Literatura Brasileira* de Romero integra o momento da vigorosa atividade crítica de Paulo Arinos.

⁴⁴⁹ ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1888. Tomo segundo (1830-1877). p. 1233-1234.

Nesse sentido, verificar, mesmo que brevemente, o posicionamento de Machado de Assis, em sua tarefa como crítico, e sua conduta, diante do julgamento e dos debates nos quais se envolveu, podem auxiliá-la na compreensão sobre a importância *do autor de Iaiá Garcia* na formação crítica de Paulo Arinos, revelada ainda na juventude. Por revelar ao longo de toda a sua trajetória interesse e admiração pela obra machadiana, torna-se elementar identificar que aspectos de Machado se manifestam no posicionamento de Arinos em relação à literatura produzida no Estado e no seu desempenho enquanto intelectual.

Na publicação da referida obra de Romero, a qual se teve acesso a edição de 1980, observa-se que as análises do crítico sobre o grande romancista são provenientes da obra *Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira*⁴⁵⁰. Buscou-se e privilegiou-se, portanto, citar a produção de Romero voltada para o literato carioca:

Machado de Assis, como já ficou acidentalmente dito, não tem grande fantasia representativa, ou antes, não possui quase essa faculdade. Em seus livros de prosa, como nos de versos, falta completamente a paisagem, falham as descrições, as cenas da natureza, tão abundantes em Alencar, e as da história e da vida humana, tão notáveis em Herculano e no próprio Eça de Queirós. O estilo de Machado de Assis, sem ter grande originalidade, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a fotografia exata do seu espírito, de sua índole psicológica indecisa. Correto e maneiroso, não é *vivace*, *nem rutilo*, *nem grandioso*, *nem eloquente*. É plácido e igual, uniforme e compassado. Vê-se que ele apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra. Sente-se o esforço, a luta. “Ele gagueja no estilo, na palavra escrita, como fazem outros na palavra falada”, disse-me uma vez não sei que desabusado num momento de expansão, sem reparar talvez que me dava destarte uma verdadeira e admirável notação crítica⁴⁵¹.

⁴⁵⁰ ROMERO, Silvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmbrt, 1897.

⁴⁵¹ ROMERO, Silvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmbrt, 1897. p. 83-84.

Identifica-se que o juízo de Romero sobre Machado envolve exatamente o mesmo item que Arinos irá se utilizar para criticar a literatura sul-riograndense: a descrição da paisagem. Enquanto Romero sinaliza a falta da paisagem, da natureza, em detrimento do espírito, um espírito semelhante ao do autor, Arinos encontra nesse aspecto o direcionamento da literatura sul-riograndense e brasileira.

Embora valorize a sensibilidade e a capacidade imaginativa de Machado, Romero critica seu estilo pouco desenvolvido, sem clareza, marcado por um repertório lexical exíguo, que estorva a fluidez da leitura. Nota-se que, embora contemporâneos, os juízos literários de Romero e Machado mostram-se completamente distintos:

Machado de Assis repisa, repete, torce e retorce tanto suas ideias e as palavras que as vestem, que deixa-nos a impressão dum tal ou qual tartamudear. [...] Com um punhado de ideias pouco extensas, com um vocabulário que não é dos mais ricos, faz muitas e repetidas voltas em torno dos fatos e das noções que lhe deixam na inteligência, orientada por um imperturbável bom senso, que lhe supre a imaginação e ajuda a observação que não deixa de ser notável.⁴⁵²

Na leitura a respeito da crítica machadiana, identifica-se que para uma emancipação literária nacional é necessário que haja produções que concebam a obra como produto da arte, portanto, primando por seu estilo. Nesse sentido, a crítica deve ter como dogma esse quesito, não permitindo que correntes se sobreponham à análise estilística da arte. Em *Notícia da atual literatura brasileira*: instinto de nacionalidade, observa-se que Machado já indica a quase que nula crítica brasileira capaz de analisar as produções por esse critério.

Em 1879, Machado de Assis escreve o artigo *A nova geração*. Nessa produção, ele critica explicitamente as abordagens de Sílvio Romero:

⁴⁵² ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980. v. 5. p. 1504-1508.

Sr. Sílvia Romero conclui que a nova intuição literária nada conterà dogmático, — será um resultado do espírito geral de *crítica* contemporânea. Esta definição, que tem a desvantagem de não ser uma definição estética, traz em si uma ideia compreensível, assaz vasta, flexível, e adaptável a um tempo em que o espírito recua os seus horizontes. Mas não basta à poesia ser o resultado geral da crítica do tempo; e sem cair no dogmatismo, era justo afirmar alguma coisa mais. Dizer que a poesia há de corresponder ao tempo em que se desenvolve é somente afirmar uma verdade comum a todos os fenômenos artísticos. Ao demais, há um perigo na definição deste autor, o de cair na poesia científica, e, por dedução, na poesia didática, aliás inventada desde Lucrécio⁴⁵³.

Ao se ter referência da postura combativa de Machado de Assis enquanto intelectual, pode-se perceber o quanto esse comportamento se revela na atuação intelectual de Moysés Vellinho. Suas críticas aos eventos da Semana de Arte Moderna e, principalmente, às obras de ficção de Maya, sinalizam que os aspectos expostos por Machado em sua produção crítica também são contemplados por Paulo Arinos.

O primeiro texto crítico de Paulo Arinos sobre a obra de Alcides Maya intitula-se “O papel da nova geração”. Tal designação se assemelha à crítica publicada por Machado em 1879: “A nova geração”. Tais semelhanças permitem identificar que o mestre Machado de Assis foi, de fato, quem inspirou a postura do jovem crítico Paulo Arinos e orientou suas primeiras reflexões literárias.

Na condição de intelectual orgânico, Moysés Vellinho envolve-se com sua Província, buscando a *elevação* cultural do espaço social ao qual pertence. Seu empenho em prol da cultura origina-se em sua atividade crítica, ao buscar compreender o seu ambiente e a sua cultura, manifestada através a arte literária. É por meio dela que percebe o quanto a geografia estava suprimindo o homem, e, por sua vez, sua condição de perpetuar sua espécie, cultivar seu ambiente e disseminar seus valores e sua tradição. Eis que identifica em Machado de Assis a perspectiva para a renovação da literatura sul-rio-grandense. É em Machado de Assis também que Vellinho

⁴⁵³ ASSIS, Machado de. *A nova geração*. Coleção Digital Machado de Assis. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact29.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2012. p. 3.

encontra inspiração para se engajar na causa do homem através da arte: a única capaz de mantê-lo perene.

6.2 A FORTUNA CRÍTICA DOS TEXTOS DE MOYSÉS VELLINHO SOBRE MACHADO DE ASSIS

Considerando a relevância que Moysés Vellinho concedeu em seus estudos à produção de machadiana, realizou-se uma pesquisa no Acervo Moysés Vellinho, presente no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, elegendo-se como *corpus* base as publicações de imprensa relacionadas com a vida e a obra do escritor brasileiro Machado de Assis. Para angariar dados para esta pesquisa, registros fotográficos foram feitos dos materiais liberados para este fim, de modo a possibilitar a leitura. As citações aqui contidas foram digitadas pela pesquisadora, tendo como base informações publicadas pela imprensa constantes no acervo em questão, e foram digitadas atualizando-se a ortografia e corrigindo-se as gralhas. Há materiais que se apresentam em parcas condições, com textos incompletos e sem informações como data, título do periódico ou autoria, contudo, optou-se por não omiti-los da pesquisa, considerando o conteúdo neles presente. Buscou-se seguir o critério cronológico, na medida do possível, ou pelas datas expressas no material, ou por informações dos próprios textos que pudessem indicar um provável período ou uma sequência de informações. Tal levantamento visa levantar mais dados sobre a vinculação da produção de Vellinho e da obra machadiana, uma vez que se identificou que o autor de *Dom Casmurro* teve grande representatividade ao longo de toda a trajetória intelectual de Moysés Vellinho.

O primeiro registro a que se tem acesso no acervo do crítico depositado no DELFOS é assinado por Paulo Arinos em julho de 1926. Com o título “Machado de Assis e seu tempo”⁴⁵⁴, publicado no *Correio do Povo*, em 3 de agosto do mesmo ano, o autor inicia seu texto questionando a explicação para o obstinado ceticismo presente nas obras da segunda fase de Machado.

⁴⁵⁴ ARINOS, Paulo. Machado de Assis e seu tempo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 ago. 1926.

O crítico menciona que há dois posicionamentos: os dos maldizentes de Machado, que o justificam como capricho literário e filosófico, e os daqueles que o querem compreender com honestidade, os quais indicam que a questão explica-se por fatores pessoais de Machado de Assis, condizentes com seu temperamento. Parte daí sua argumentação. Vellinho aponta que Machado de Assis foi amadurecendo em um momento “pouco americano da história nacional”⁴⁵⁵, período do Segundo Império, por isso pode fechar-se em si “para construir uma das obras mais tristes da literatura universal”⁴⁵⁶. O meio em que o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* vivia não trazia algo novo, que pudesse estimular o escritor a desenvolver seus escritos de uma forma menos pessimista. O autor era de um período em que não tinham nenhuma repercussão social as disputas de “dois velhos partidos políticos”. Embora fosse época do movimento abolicionista, Vellinho expõe que o abolicionismo caracterizou-se como um “movimento do coração” e representou “apenas uma cruzada piedosa e não de exaltação nacional”. Vellinho definia assim a tese de que não havia no meio estímulo ou motivo para que Machado compusesse sua obra. “As idéias de então não eram mais do que eco frouxo das idéias que no Velho Mundo se debatiam.”⁴⁵⁷

A partir daí, devido a esse contexto social e político que, segundo o crítico, podemos entender aspectos da própria personalidade do autor e de como isso repercutiu em sua obra. “Pois foi aí, foi nesse meio incolor, mórbido, sem significação nacional, que se desenrolou o espírito amargurado de Machado de Assis.”⁴⁵⁸ Diferentemente da abordagem regionalista criticada por Vellinho e até então em voga nos romances brasileiros, qual seja, a tematização do meio, o crítico marca o olhar humanizador de Machado, que se foca no homem, sendo o ambiente um elemento componente e não central em seus textos. “Machado de Assis recolheu-se para humanizar-se. [...] O certo é que, se Machado de Assis deixou de

⁴⁵⁵ ARINOS, Paulo. Machado de Assis e seu tempo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 ago. 1926.

⁴⁵⁶ ARINOS, Paulo. Machado de Assis e seu tempo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 ago. 1926.

⁴⁵⁷ ARINOS, Paulo. Machado de Assis e seu tempo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 ago. 1926.

⁴⁵⁸ ARINOS, Paulo. Machado de Assis e seu tempo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 ago. 1926.

colaborar na causa brasileira, foi para dar-se a uma causa maior e talvez mais justa – a do homem contra a injustiça da lei universal.⁴⁵⁹”

Em outro texto, veiculado no jornal *Correio do Povo*, sem data, mas ainda assinando como Paulo Arinos, Vellino aborda a monografia que tematiza Machado de Assis, como o título do artigo indica: “Machado de Assis: a propósito de uma monografia de Lucia Miguel-Pereira”⁴⁶⁰. Nesse artigo, Vellino elogia a abordagem de Pereira sobre Machado de Assis e apresenta a monografia de Lucia como a mais compreensiva que se escreveu sobre Machado, uma vez que não analisou as obras isoladamente, buscando descobrir as relações com a nossa tradição cultural. O crítico afirma que Lucia Miguel-Pereira destacou Machado de Assis como um homem que retratava os costumes de sua época e que o meio é utilizado pelo escritor como “acessório do homem”⁴⁶¹.

É no enfoque no homem e não no ambiente que Vellino reforça a genialidade e o diferencial do autor de *Quincas Borba*. Ele introduz o artigo apresentando a questão do meio como elemento caracterizador das obras de literatura brasileira até Machado de Assis:

Venha-se depois, pelos séculos adiante, comparem-se todos os mestres da ficção indígena até o último dos romancistas contemporâneos. E o que fica enfadonho ba[?] é apenas esta irremediável decepção! Literalmente, ainda somos pouco mais do que simples emanção na paisagem... A terra continua a ser, para nós, uma tentação inibidora, reduzindo o homem, com seus velhos problemas, a uma tímida réplica aos assomos traiçoeiros ou imperiosos da natureza envolvente. [...] Por toda a parte horizontes vazios sem a compensação que denuncie a presença subjetiva do homem. Quando este aparece, é um ser sem consciência de si mesmo, perdido entre outros acidentes da paisagem⁴⁶².

⁴⁵⁹ ARINOS, Paulo. Machado de Assis e seu tempo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 ago. 1926.

⁴⁶⁰ ARINOS, Paulo. Machado de Assis: a propósito de uma monografia de Lucia Miguel-Pereira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [19--]. O autor refere-se à obra: MIGUEL-PEREIRA, Lucia. *Machado de Assis*. 2 ed. Porto Alegre: Editora Nacional, 1939.

⁴⁶¹ ARINOS, Paulo. Machado de Assis: a propósito de uma monografia de Lucia Miguel-Pereira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [19--].

⁴⁶² ARINOS, Paulo. Machado de Assis: a propósito de uma monografia de Lucia Miguel-Pereira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [19--].

Vellino segue seu pensamento destacando o autor como um marco na literatura, uma vez que ele “liberta” a literatura do espaço geográfico, voltando-se ao homem que habita nele e sua relação com a sociedade:

[...] a grandeza de Machado de Assis está precisamente em haver ele se sobreposto ao domínio dessas leis. Sua obra tem assim um nobre sentido de libertação cultural, podendo até ser considerada como uma nítida expressão revolucionária, já que propõe uma direção inteiramente desconhecida das gerações que o precederam. Nela o espírito se emancipou da contingência geográfica, reivindicando para o homem a preeminência que lhe cabe na paisagem, ainda que como irônica compensação às misérias que o atormentam⁴⁶³.

A relação com o regionalismo pode ser evidenciada na seguinte passagem: “Lucia não recuou em conhecer o mais universal dos nossos escritores regionalistas”⁴⁶⁴. Essa afirmação retoma a hipótese de que o crítico encontrou em Machado referência e modelo de que o caráter regional não está restrito à paisagem e que não é ela quem define o homem. Ele faz parte do meio, sem ser determinado por ele. Essa questão, muito discutida entre os escritores sul-rio-grandenses, fora o ponto alto da argumentação de Vellino, somado ao que o crítico ressalta que a obra de Machado fora influenciada pela sua própria biografia, na qual se destaca a infância humilde, de poucos recursos, e sua origem negra, somados aos aspectos de sua personalidade, o que, além do caráter pessimista observado em suas obras, marcou-a com ironia e humor: “Machado de Assis venceu rudes caminhos até chegar à afirmação do espírito. Daqui, empurrado pelos seus complexos e inferioridade, o solitário pioneiro envesgou para o atalho que havia de fazer dele o maior humorista das línguas neolatinas”⁴⁶⁵.

⁴⁶³ ARINOS, Paulo. Machado de Assis: a propósito de uma monografia de Lucia Miguel-Pereira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [19--].

⁴⁶⁴ ARINOS, Paulo. Machado de Assis: a propósito de uma monografia de Lucia Miguel-Pereira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [19--].

⁴⁶⁵ ARINOS, Paulo. Machado de Assis: a propósito de uma monografia de Lucia Miguel-Pereira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [19--].

O regionalismo do autor de *Esau e Jacó* é visto como acidental, uma vez que seu olhar era “insistente e agudo no instinto humano”⁴⁶⁶. O crítico ressalta que as obras de Machado são “um documentário precioso da maneira de ser e parecer da sociedade.”⁴⁶⁷ Ele considera, contudo, que as obras machadianas são uma forma de o autor exprimir seus anseios e angústias internos, resultado de sua própria identidade:

A necessidade de sonegar ao mundo a origem que o humilhava inspirou a Machado de Assis a adoção de um figurino convencional para o trato com os homens: seria uma compensação social. [...] Mas essa necessidade engendrava outra mais impositiva, embora em sentido oposto: a de dar vazão ao tormento interior⁴⁶⁸.

Embora não tenha data registrada, acredita-se que o texto seguinte, considerando-se o critério cronológico, como já evidenciado, seja o de Mario de Medeiros, intitulado “Machado de Assis”⁴⁶⁹, desenvolvido para o periódico *A Nação*. Nessa publicação, o autor apresenta tópicos sobre a obra de Machado e cita Vellinho por seu pseudônimo: “Paulo Arinos tem razão: [...] Machado de Assis é, em verdade, o único filão rigorosamente inesgotável do nosso subsolo literário [...] cresce à medida que o tempo passa”⁴⁷⁰.

O ano de 1939 é um marco para o crítico de Machado de Assis. Nesse ano, Moysés Vellinho deixa de utilizar o pseudônimo Paulo Arinos e passa a assinar seus textos com seu nome de batismo. Essa mudança ocorre em 21 de junho desse ano, quando realiza a conferência denominada de “Machado de Assis: aspectos de sua vida e de sua obra” na sessão comemorativa do primeiro centenário de Machado de Assis, promovida pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul e realizada no salão nobre da Biblioteca Pública de Porto Alegre. Nessa data, foram destinadas, no Caderno Suplemento, do

⁴⁶⁶ ARINOS, Paulo. Machado de Assis: a propósito de uma monografia de Lucia Miguel-Pereira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [19--].

⁴⁶⁷ ARINOS, Paulo. Machado de Assis: a propósito de uma monografia de Lucia Miguel-Pereira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [19--].

⁴⁶⁸ ARINOS, Paulo. Machado de Assis: a propósito de uma monografia de Lucia Miguel-Pereira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [19--].

⁴⁶⁹ MEDEIROS, Mario de. Machado de Assis. *A nação*, [s.l.: 19--].

⁴⁷⁰ MEDEIROS, Mario de. Machado de Assis. *A nação*, [s.l.: 19--].

Jornal do Estado, as duas páginas introdutórias e a sexta página à transcrição de seu discurso. Como elemento central da primeira página, há um desenho de Nelson Boeira denominado *Ritmos Outonais*⁴⁷¹. A segunda página contém, além do discurso de Vellinho, um texto de Medeiros de Albuquerque, com o título “Machado de Assis funcionário público” e uma coluna denominada “Pensamentos de Machado de Assis”.

Em seu discurso, Vellinho resgata a trajetória do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e introduz sua argumentação apresentando a vida do autor e a improbabilidade de que seu destino poderia lhe reservar diante de sua infância pobre. Dessa maneira, destaca que somente pela sua competência e genialidade é que Machado de Assis pode modificar a previsibilidade de sua história, a ponto não só de mudar sua condição de pobreza, mas dese tornaro grande nome da literatura nacional.

Menos que plebeu, provindo das camadas mais grosseiras da sociedade, pode erguer-se, sem outro auxílio que não o de seu próprio gênio, ao mais legítimo patriciado do espírito, através de uma obra que é a expressão mais alta do nosso patrimônio intelectual⁴⁷².

Essa mudança no percurso do destino se deu exatamente porque Machado de Assis carregou consigo as marcas de sua infância sem recursos no momento de desenvolver a sua obra:

[...] se Machado de Assis logrou realizar uma literatura que se distingue sobretudo como um milagre de refinamento, foi porque no *substratum* de suas páginas está sempre vigilante, como um fantasma impiedoso, o seu pobre passado, do qual ele procura libertar-se pela crescente sublimação das faculdades da inteligência⁴⁷³.

⁴⁷¹ A página introdutória foi digitalizada e encontra-se no Anexo G, no volume 2 desta tese.

⁴⁷² VELLINHO, Moysés. Machado de Assis: aspectos de sua vida e de sua obra. *Jornal do Estado*, Porto Alegre, 21 jun. 1939. Caderno Suplemento, p. 1, 2, 6.

⁴⁷³ VELLINHO, Moysés. Machado de Assis: aspectos de sua vida e de sua obra. *Jornal do Estado*, Porto Alegre, 21 jun. 1939. Caderno Suplemento, p. 1, 2, 6.

No jornal *Imparcial*, registrado a caneta em arquivo do DELFOS como sendo de São Luiz do Maranhão, Cleomenes Campos introduz o texto intitulado “Machado de Assis”⁴⁷⁴ com a seguinte assertiva: “A última descoberta literária do Brasil foi Machado de Assis, [...] cerca de meio século após o seu desaparecimento”⁴⁷⁵. A partir dessa afirmativa, resgata e comenta diversos livros, conferências e artigos que abordam Machado de Assis e sua obra, tentando, assim, definir o grande literato brasileiro. Nessa linha, destaca Moysés Vellinho na sua conferência em Porto Alegre: “Raramente foi ele interpretado com tamanha agudeza e (completamos nosso pensamento) bom senso, virtude que falta a tanto crítico de Machado”⁴⁷⁶. Cleomenes Campos expõe aspectos da obra machadiana por meio da conferência feita por Vellinho e finaliza sua reportagem:

Moysés Vellinho está na obrigação de desenvolver o seu interessantíssimo trabalho e dar-nos um livro completo sobre Machado. Os que o conhecem sabem perfeitamente que não estamos pedindo o impossível. Mesmo porque, no terreno literário, para um machadiano do seu porte, não há impossíveis⁴⁷⁷.

A *Revista do Globo*, em 8 de julho de 1939, aponta Moysés Vellinho como um dos “mais destacados ensaístas e críticos brasileiros, apesar de não ter publicado nenhum livro até hoje.”⁴⁷⁸ A reportagem indica:

Seus estudos críticos, aparecidos outrora na imprensa diária do país sob o pseudônimo de Paulo Arinos, revelaram em Moysés Vellinho um escritor de raras qualidades e seu pensamento literário conquistou uma auréola indelével para o seu nome. Dono de um estilo, cuja finura e clareza se adaptam aos mais requintados gostos dos leitores, e possuidor de uma franqueza de opiniões capaz de valer por si só o interesse dos seus

⁴⁷⁴ CAMPOS, Cleomenes. Machado de Assis. *Imparcial*. São Luiz do Maranhão, [19--].

⁴⁷⁵ CAMPOS, Cleomenes. Machado de Assis. *Imparcial*. São Luiz do Maranhão, [19--].

⁴⁷⁶ CAMPOS, Cleomenes. Machado de Assis. *Imparcial*. São Luiz do Maranhão, [19--].

⁴⁷⁷ CAMPOS, Cleomenes. Machado de Assis. *Imparcial*. São Luiz do Maranhão, [19--].

⁴⁷⁸ REVISTA DO GLOBO, Rio de Janeiro: Editora Globo, 8 jul. 1939.

escritos, Moysés Vellinho é hoje um nome que um vasto público ainda espera ver no cabeçalho de um livro de sucesso⁴⁷⁹.

Em 27 de abril de 1940, na mesma revista, foi publicada “Carta de Paris: uma carta de João Pinto da Silva a Paulo Arinos”⁴⁸⁰, de origem e data marcadas: Paris, 20 de março de 1940. Nessa carta, João Pinto da Silva, historiador rio-grandense, agradece ao amigo a oferta da publicação referente à conferência proferida em Porto Alegre por ocasião do centenário de Machado de Assis. Pinto aponta, em suas considerações iniciais, a relevância de Machado para a literatura portuguesa: “Você não ignora a velha admiração que me inspira o imortal criador de Brás Cubas, de Quincas Borba e de D. Casmurro, imperecível trilogia que é um dos pontos culminantes da literatura portuguesa, na América e na Europa”⁴⁸¹, e acrescenta: “Machado de Assis é, sem dúvida, o maior romancista da língua.”⁴⁸² Seguindo com considerações sobre a obra do autor de *Memorial de Aires*, Pinto destaca, então, a qualidade de Vellinho enquanto crítico do grande escritor: “Li quase todos os estudos recentemente publicados, a propósito do caso Machado de Assis. Não hesito em colocar o seu, meu caro Paulo Arinos, entre os mais agudos, mais densos de emoção e de pensamento. São páginas que consagram, definitivamente, seus méritos de ensaísta.”⁴⁸³

Quatro anos depois, em 20 de maio de 1944, também na *Revista do Globo*, na seção Crítica, há uma reportagem denominada *Letras da Província*. Nesse espaço, são extraídas, de diferentes jornais do País, impressões da crítica a respeito do livro de Moysés Vellinho. Há considerações de Sergio Milliet, de o *Estado de São Paulo*, de São Paulo; de Guilherme Figueiredo, de

⁴⁷⁹ REVISTA DO GLOBO, Rio de Janeiro: Editora Globo, 8 jul. 1939.

⁴⁸⁰ SILVA, João Pinto da. Carta de Paris: uma carta de João Pinto da Silva a Paulo Arinos. *Revista do Globo*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1940. Tal carta encontra-se no Anexo G, no volume 2 deste trabalho.

⁴⁸¹ SILVA, João Pinto da. Carta de Paris: uma carta de João Pinto da Silva a Paulo Arinos. *Revista do Globo*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1940.

⁴⁸² SILVA, João Pinto da. Carta de Paris: uma carta de João Pinto da Silva a Paulo Arinos. *Revista do Globo*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1940.

⁴⁸³ SILVA, João Pinto da. Carta de Paris: uma carta de João Pinto da Silva a Paulo Arinos. *Revista do Globo*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1940.

o *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro; Osmar Pimentel, de o *Diário de São Paulo*, de São Paulo; Eloy Pontes, de *O Globo*, do Rio de Janeiro; de Aluizio de Souza, de *O Dia*, de São Paulo, entre outros em página subsequente, com destaque para a crítica de Roberto Lyra, do jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro:

Cumprimos, por ocasião do centenário de Machado de Assis, o dever de louvar a contribuição do Sr. Moysés Vellinho, que já mobilizava atributos de primeira ordem para privilegiado renome de crítico. [...] O seu método se pronuncia pela consideração e pelo serviço da arte como fenômeno social e, muitas vezes, os seus ensaios críticos convivem com o histórico, o político ou o religioso para a totalização do fato social. É uma inteligência cordial, aparelhada, honesta, ativa, que, cada vez mais, consolida a sua posição na defesa da própria vida do pensamento e da cultura.

Em “Machado de Assis e a abolição”⁴⁸⁴, um texto em duas partes, sem data e referência de periódico, Moysés Vellinho resgata as considerações feitas por diversos críticos sobre a omissão de Machado na campanha pela abolição da escravatura. Entre eles, aponta José do Patrocínio, contemporâneo do romancista: “Na sagrada fúria com que despejou o verbo em favor da libertação dos escravos, o rude demagogo negro não podia compreender as evasivas e os escamoteios de que Machado de Assis se socorria para disfarçar seu fundo constrangimento moral em face da cruzada libertadora”⁴⁸⁵, e justifica o comportamento do autor de *Dom Casmurro*:

O escritor, que carregava no espírito a humildade de sua origem, era, como se sabe, um temperamento trabalhado por toda a sorte de escrúpulos. Por isso mesmo nada haveria de doer-lhe tanto por dentro como ver-se ostensivamente engajado numa campanha que ele próprio, nas raízes de sua sensibilidade ofendida, se julgava objeto: não era ele, porventura, um descendente de escravos?⁴⁸⁶

⁴⁸⁴ VELLINHO, Moysés. Machado de Assis e a abolição. [s.n.], [s.l.], [19--].

⁴⁸⁵ VELLINHO, Moysés. Machado de Assis e a abolição. [s.n.], [s.l.], [19--].

⁴⁸⁶ VELLINHO, Moysés. Machado de Assis e a abolição. [s.n.], [s.l.], [19--].

Vellino traz o depoimento de Graça Aranha, amigo de Machado, ao qual relatar que o escritor carioca se entusiasmou com o movimento dos jornalistas aclamando Joaquim Nabuco e outros envolvidos com o movimento da Abolição. Vellino ainda acrescenta: “Podemos até afirmar que o comentário menos convencional, mais vivo e palpitante, que a vida dos escravos nos deixou, se encontra, nos textos de Machado de Assis, através de pequenos e inesquecíveis flagrantes.”⁴⁸⁷ O crítico recorre a uma citação de Astrogildo Pereira, definido por ele como crítico moderno e absolutamente insuspeito: “Machado de Assis, diz ele, não via na escravidão apenas o aspecto sentimental, mas sim o fenômeno social em seu conjunto – e sobre esse fenômeno é que incindia sua lente de analista, servindo-se dos indivíduos como componentes e como expressão de um todo complexo”⁴⁸⁸.

Na segunda parte do texto, Vellino indica que um trecho do conto *Pai contra mãe* marca o posicionamento do autor e a sua preocupação com a escravatura. O crítico seleciona o seguinte fragmento: “Ora, pegar escravos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras.”⁴⁸⁹

Em outro excerto do artigo, ainda afirma a preocupação do escritor com a sociedade e o movimento abolicionista:

Suas vivas anotações sobre a escravidão, que são freqüentes em seus livros, prova que sua sensibilidade de escritor não se manteve alheia ao grande problema social e político da sua época. O que ele nunca quis fazer, porém, o que ele não fez jamais foi comprometer sua posição de artista e de homem de pensamento.⁴⁹⁰

Vellino ainda resgata um escrito de Machado a José de Alencar sobre a impressão que lhe causou a obra de Castro Alves, no qual, como indica o

⁴⁸⁷ VELLINHO, Moysés. Machado de Assis e a abolição. [s.n.], [s.l.], [19--].

⁴⁸⁸ VELLINHO, Moysés. Machado de Assis e a abolição. [s.n.], [s.l.], [19--].

⁴⁸⁹ VELLINHO, Moysés. Machado de Assis e a abolição. [s.n.], [s.l.], [19--].

⁴⁹⁰ VELLINHO, Moysés. Machado de Assis e a abolição. [s.n.], [s.l.], [19--].

crítico, Machado, antes do movimento abolicionista, já estabelecia relação da figura de Preto Luiz à idéia de abolição.

Também presente no Acervo Moysés Vellinho, no DELFOS, há um texto de 28/05/57, sem identificação de periódico, denominado “Machado de Assis no Estrangeiro”⁴⁹¹. Nesse artigo, Vellinho comenta sobre sua viagem no ano de 1950 para São Francisco (EUA), onde cruzou a baía dirigindo-se a Berkeley para visitar uma seção da Universidade de Califórnia, a fim de encontrar o Dr. Benjamin Woodbridge, que conhecera em um Colóquio sobre Estudos Luso-Brasileiros realizado em Washington, no qual Woodbridge apresentou sua tese de formatura sobre Machado de Assis. Vellinho destaca a importância e o interesse de intelectuais estrangeiros por Machado de Assis, mesmo após os 50 anos de sua morte.

No periódico *Divulgação*, n. 5, de setembro e outubro de 1960, Massaud Moisés, em “Um estudioso de Machado de Assis”⁴⁹², retoma os quatro estudos de Vellinho sobre Machado: *Um brasileiro contra a paisagem*, *Motivos de crítica social*, *Um machadiano* e *Histórias mal contadas*. Em seu texto, Moisés faz uma crítica à abordagem de Vellinho e ressalta que, embora ele apresente uma tese defensável e procedente, seu posicionamento não se utiliza das obras de Machado como base argumentadora, mas das circunstâncias biográficas do autor. “O biografismo, aliás, que enferma os demais estudos, acaba levando, pois assim tinha que ser, a inevitáveis lapsos em que a hipótese supre a falta duma argumentação documentada.”⁴⁹³

No *Correio da Manhã* de 1º de outubro de 1960, na coluna intitulada “Livros da Semana”⁴⁹⁴, há um comentário sobre a publicação de Vellinho, denominada *Machado de Assis, histórias mal contadas e outros assuntos*, e a comunicação da editora São José sobre seis obras de Machado que serão reeditadas. O autor, não identificado, questiona: “Por que não se reedita

⁴⁹¹ VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis no Estrangeiro*. [s.n; s.l.], 28 maio 1957.

⁴⁹² MOISÉS, Massaud. Um brasileiro contra a paisagem, motivos de crítica social, um machadiano e histórias mal contadas. *Divulgação*, [s.l.], n. 5, set./out.1960.

⁴⁹³ MOISÉS, Massaud. Um brasileiro contra a paisagem, motivos de crítica social, um machadiano e histórias mal contadas. **Divulgação**, [s.l.], n. 5, set./out.1960.

⁴⁹⁴ Livros da Semana, *Correio da Manhã*, Porto Alegre: 1 out. 1960.

também o Machado de Assis de Alfredo Pujol, que foi a primeira fonte de subsídios biográficos sobre o escritor?” E expõe: “Os trabalhos reunidos por Moysés Vellinho no referido volume são tão longo espaço de tempo bem poucas ‘emissões’”. Indica, porém, a escrita regular e precisa de Vellinho.

Estão presentes nos textos de Vellinho a constante biografia do escritor de *A mão e a luva*, seus tormentos, aspectos de sua personalidade como elementos que influenciaram no modo de composição do literato. Ele indica também que sua obra mostra uma preocupação social, não estando alheia à sociedade e ao movimento abolicionista, como levantaram alguns críticos do autor. Além disso, Vellinho salienta a questão humanizadora presente nos textos de Machado de Assis como elemento diferencial na literatura, questionando a abordagem regionalista do meio como elemento central da obra. Quanto ao posicionamento de Moysés Vellinho, a imprensa mostra a grande contribuição do crítico para a interpretação da obra de Machado de Assis. Mesmo os autores da década de 60, embora levantem algumas questões sobre a tese e o motivo pelo qual se deu destaque à publicação de Vellinho sobre Machado, ressaltam a tese “defensável” do crítico e a clareza de sua obra.

6.3 A REPERCUSSÃO DA OBRA DE MOYSÉS VELLINHO

O jornal *Zero Hora*, de 27 de agosto de 1980, por ocasião da morte de Moysés Vellinho, apresenta em sua página introdutória a seguinte chamada: *Uma das figuras mais representativas da cultura gaúcha morreu ontem: Moysés Vellinho, de 79 anos*⁴⁹⁵. Identificado em nota como historiador, ensaísta, crítico literário e jornalista, Vellinho recebeu manifestação de grandes personalidades da cena intelectual brasileira. Os pronunciamentos de pesar pelo seu falecimento disseminaram-se pelos periódicos do País e diversas entidades destacaram a importância do intelectual em suas variadas frentes de sua atuação no cenário gaúcho e brasileiro.

⁴⁹⁵ Uma das figuras mais representativas da cultura gaúcha morreu ontem: Moysés Vellinho, de 79 anos. *Zero Hora*, Porto Alegre: 27 ago. 1980.

O Conselho Federal de Cultura do Rio de Janeiro, ao qual o crítico pertencia, publica seu Boletim referente à sessão plenária ocorrida em 1 de setembro de 1980 com o título “À memória de Moysés Vellinho”⁴⁹⁶. Os depoimentos dos Conselheiros permitem resgatar informações significativas sobre a personalidade e a atuação do crítico em prol da literatura e da cultura gaúcha. Vale destacar, como aspecto introdutório, as considerações de Arthur Cezar Ferreira Reis:

Homem dedicado a estudar o passado do Brasil, na parte Sul, inscreve-se entre as grandes figuras que dignificam o patrimônio cultural do País. Não é, apenas, uma figura do Rio Grande. Não é, apenas, um provinciano, como se pode pretender. É uma figura que pertence ao quadro cultural do Brasil. [...] Moysés Vellinho engrandece a paisagem intelectual do Brasil⁴⁹⁷.

Arthur Cezar Ferreira Reis também ressalta a importância de *Capitania d’El Rey* e lembra que a obra fora traduzida para o inglês com a denominação de *Brazil South*. Reis indica que nela o intelectual gaúcho preocupou-se em mostrar o sentido brasileiro que havia no Rio Grande e o fez com absoluta segurança: “Mais de uma vez invadido [o Rio Grande do Sul], foram os próprios gaúchos, com tropas vindas de outros pontos do Brasil, que reagiram e expulsaram o invasor, que não abandonava a idéia de ampliar o território e o espaço do que, mais tarde, seria o Vice-Reinado do Prata.”⁴⁹⁸ Reis também se refere a larga produção de Vellinho, com o intuito de salientar sua significativa participação na vida literária, política e cultural do País, sobretudo, na do Rio Grande do Sul.

Reis também elogia sua posição como historiador, afirmando sua imensa preocupação em que seus registros não pudessem ser contestados, tinha um sentido pragmático da verdade histórica. E lembra que Moysés

⁴⁹⁶ REIS, Arthur Cezar Ferreira. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro, 1980. p. 86.

⁴⁹⁷ REIS, Arthur Cezar Ferreira. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro, 1980. p. 86.

⁴⁹⁸ REIS, Arthur Cezar Ferreira. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro, 1980. p. 86.

Vellino definia a revista *Província de São Pedro* como sua “menina dos olhos”⁴⁹⁹.

Reis ainda retoma a afirmação de Gilberto Freyre sobre este intelectual gaúcho: “Vellino é o Brasil meridional.” Afirmação que o deputado Nélon Marchezan, líder do governo na Câmara na época, reitera no jornal *Zero Hora* de 27 de agosto de 1980, igualmente por ocasião da morte de Moysés Vellino. Em sua fala, Marchezan ainda afirma: “perdem as letras do Rio Grande um dos seus maiores nomes e o Brasil uma de suas grandes figuras.”⁵⁰⁰

Viana Moog⁵⁰¹, nessa mesma reunião do Conselho Federal de Cultura, ressalta o amor de Vellino por Porto Alegre, sua postura polida e contida que contrastava com os gestos largos de Oswaldo Aranha, grande companheiro de Vellino. Destaca seus escritos “ferinos” contra Getúlio Vargas, sua admiração por Machado de Assis, seu desejo de integrar a Academia Brasileira de Letras, sobrelevando três grandes produções de Vellino: a obra *Capitania d’El Rey*, a fundação da revista *A Província* e o livro sobre sua viagem a Portugal, Grécia e a todos os Estados do Mediterrâneo, o qual Moog define como uma das coisas primorosas da literatura riograndense.

Por meio do relato de Moog, pode-se perceber a repercussão da obra *Capitania d’El Rey*:

As obras que deixou não são muitas. Mas são definitivas. A principal delas é, positivamente, a *Capitania d’El Rey*, onde combate uma tese que vinha desde Capistrano de Abreu, dizendo que, no Rio Grande, era imensa a influência castelhana; que o Rio Grande não era bem Brasil. Isso era repetido, inclusive, por riograndenses da fronteira. Moysés, porém, escreveu a *Capitania d’El Rey*, que faz um *looping the loop* na historiografia e na sociologia brasileira nesse sentido, porque mostra, de uma maneira total, que, se há um Estado definitivamente brasileiro, é o Rio Grande.[...] Só começou o Rio Grande, quando botou todos os castelhanos

⁴⁹⁹ REIS, Arthur Cezar Ferreira. À memória de Moysés Vellino. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro, 1980. p. 86.

⁵⁰⁰ *Zero Hora*, Porto Alegre: 27 ago 1980.

⁵⁰¹ MOOG, Viana. À memória de Moysés Vellino. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 83.

para fora. Aí começou o povoamento do Rio Grande. Esse serviço ele prestou à nossa Terra e à nossa gente⁵⁰².

O Conselheiro Gilberto Freyre destaca o ânimo provinciano que os aproximou. Relata o interesse em criar um eixo interprovinciano Rio Grande do Sul-Pernambuco por meio da ampliação da revista *Província de São Pedro* (no original citada como *Província do Rio Grande*) com o intuito de animar os provincianismos no Brasil: “éramos provincianistas e não, apenas, provincianos, os dois. O apego, que parece ser um dos meus característicos, com relação à cidade do Recife, era seu apego amoroso, sensualmente amoroso, até, a Porto Alegre”⁵⁰³. Freyre defende o “provincianismo” de Vellinho, termo que podemos entender como o de interesse pelas questões peculiares, próprias do Rio Grande do Sul, destacando sua formação histórica e aspectos culturais, que o sociológico afirma serem elementos que contribuem para a formação da própria história brasileira. Retomando a fala de Moog sobre os contrastes na personalidade do intelectual, Freyre estende essa questão aos contrastes de formação do País.

Viana Moog referiu-se aos contrastes que havia na personalidade de Vellinho. Poderia ter-se estendido, referindo-se aos contrastes que formam o Rio Grande do Sul, psicologicamente, sociologicamente, intelectualmente, e que dão a essa parte do Brasil, tão brasileira, como deixou evidente a obra de Moysés Vellinho, essa característica. Esses contrastes rio-grandenses do Sul é que dão riqueza e colorido a essa contribuição provinciana, no bom sentido, do Rio Grande do Sul, à totalidade brasileira, que é feita de províncias. Há um mau provincianismo de certo. Mas, sem dúvida, há um bom, um criativo, um preciso provincianismo, de que o Brasil não deve nunca se desprender: o provincianismo que dá relevo à Bahia de Pedro Calmon, ao Amazonas de Arthur Reis e a cada parte do Brasil.⁵⁰⁴

⁵⁰²MOOG, Viana. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 83.

⁵⁰³FREYRE, Gilberto. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 84.

⁵⁰⁴FREYRE, Gilberto. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 84.

Gilberto Freyre indica o interesse de Vellinho por Machado de Assis, definindo-o como um quase perfeito discípulo do autor na cultura brasileira, a ponto de compará-los: “foi Machado de Assis, na ensaística”⁵⁰⁵ e o “Machado de Assis da historiografia, da pesquisa histórica...”⁵⁰⁶ Finaliza seu discurso ressaltando que a morte de Vellinho é uma perda para o Rio Grande do Sul, mas é também uma perda para o País: “O Brasil, sobretudo a historiografia brasileira, fica manco, incompleto, sem a presença de Moysés Vellinho”⁵⁰⁷.

Após o discurso de Freyre, Pedro Calmon aborda em seu relato a intensa defesa pelo intelectual da genuína brasilidade de sua província. E recorda um acontecimento, no qual ambos relembrou um comentário de Lauro Müller sobre uma possível eleição de Pinheiro Machado para presidente da República: “- Aí vem os castelhanos”. Calmon ressalta a contra-argumentação furiosa de Vellinho: “Castelhanos, não. Nós somos mais brasileiros do que vocês, porque sofremos por isso, fazendo do nosso povo o antemural, para a resistência à invasão estrangeira.”⁵⁰⁸ Calmon ainda destaca a crença do autor no desenvolvimento e no futuro de seu Estado e indica que “o crítico trouxe a público a presença esplêndida do pensamento coletivo [...] da alma riograndense.”⁵⁰⁹ E conclui: “A morte de Moysés Vellinho empobrece o patrimônio cultural do País”⁵¹⁰.

Eurico Nogueira França foca-se em mais um aspecto cultural no qual Vellinho empenhou-se: o setor musical. Destaca seus esforços na manutenção da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre – OSPA, da qual foi presidente por 20 anos. França salienta que seu empenho e amor é que a tornaram uma das principais orquestras sinfônicas do Brasil.

⁵⁰⁵ FREYRE, Gilberto. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 88.

⁵⁰⁶ FREYRE, Gilberto. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 88.

⁵⁰⁷ FREYRE, Gilberto. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 89.

⁵⁰⁸ CALMON, Pedro. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 89.

⁵⁰⁹ CALMON, Pedro. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 89.

⁵¹⁰ CALMON, Pedro. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 89.

Clarival Valladares reitera o que foi dito pelos outros conselheiros e considera o fato de Moysés Vellinho ter optado por permanecer cada vez mais tempo em Porto Alegre:

Mas, como o Rio Grande do Sul fala bem mais alto do que toda a História do Brasil, ele preferiu um endereço, talvez, mais acolhedor à sua natural grandeza de espírito. Reverencio-o, como companheiro, naquela posição que Rachel de Queiroz hoje ocupa.⁵¹¹

O próximo Conselheiro a expor sua fala é Afonso Arinos de Melo Franco. Ele define a relação que teve com Vellinho como uma límpida camaradagem intelectual. Caracteriza a forma de escrita de Vellinho e dos escritores sulinos,

de uma redação límpida, que carrega a característica lusitana de uma linha de pureza estilística, que marca os escritores rio-grandenses no terreno da inteligência, da literatura, numa espécie de vanguarda brasileira contra as influências inortodoxas (p. 91)

Por essa questão da linguagem que Arinos relembra os entrevistos que teve com Vellinho por causa do estilo de Guimarães Rosa. Arinos, mineiro, e, como se definiu, devoto de Rosa, defendia o autor Rosa, alegando ser um criador espetacular, uma figura inteiramente indiscutível, uma glória internacional, enquanto Vellinho definia a invenção estilística de Rosa como uma espécie de “acrobacia inútil com a linguagem.”⁵¹² O mineiro ainda rememora a argumentação de Vellinho:– “Mas em que língua escreve? Você traduza. Traga para mim, para que eu possa lê-lo.”⁵¹³

Francisco de Assis Barbosa revela que sua admiração pelo intelectual gaúcho assenta na leitura de suas críticas literárias, reunidas em *Letras da Província*, e na de sua obra *Capitania d’El Rey*, comenta que esta produção

⁵¹¹ VALLADARES, Clarival. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 91

⁵¹² MELO FRANCO, Afonso Arinos. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 92

⁵¹³ MELO FRANCO, Afonso Arinos. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 92

se caracteriza por sua singularidade ao mostrar que, de todos os Estados brasileiros, o “Rio Grande do Sul foi o único que, realmente, lutou para ser brasileiro”⁵¹⁴. Barbosa recorda também a impressão que teve do crítico quando o conheceu pessoalmente na livraria do Globo: “Estávamos, Erico Verissimo, Moysés Vellinho, Maurício Rosenblat e eu. Nessa tarde muito agradável, guardei a impressão da polidez e da inteligência invulgar de Moysés Vellinho.”⁵¹⁵

Após o registro das falas dos conselheiros, o *Boletim do Conselho Federal de Cultura* traz um texto de Josué Montello, intitulado *Um mestre gaúcho*⁵¹⁶, que fora publicado no *Jornal do Brasil* em 2 de setembro de 1980. Nesse escrito, Montello assegura a posição preeminente de Vellinho no quadro geral das letras brasileiras, como historiador com as páginas magistrais de *Capitania d’El Rey*, com os estudos admiráveis como ensaísta e crítico em *Letras da Província*, pelo estudo sobre o autor de *Os Maias*, intitulado “Eça de Queirós e o espírito de rebeldia”, e ressalta sua grande contribuição à cultura nacional com a direção da excelente *Província de São Pedro*, no período de 1945 a 1957:

Essa revista é bem mais que o espelho da literatura do Rio Grande do Sul – é um dos melhores espelhos da literatura brasileira, sem esquecer que também refletiu a literatura universal, com o debate de livros, autores e correntes estéticas modernas⁵¹⁷.

Além disso, enfatiza o estudo do intelectual sobre a obra de Machado de Assis, ao ser “meticulosamente dissecada”, trazendo, assim, novas abordagens sobre as produções do autor de *Dom Casmurro*. Ao definir Vellinho, se utiliza de definição do próprio crítico em relação a Machado de Assis: “só existe uma medida para o seu julgamento: a dos livros que

⁵¹⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 93.

⁵¹⁵ BARBOSA, Francisco de Assis. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 93.

⁵¹⁶ MONTELLO, Josué. Um mestre gaúcho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 96.

⁵¹⁷ MONTELLO, Josué. Um mestre gaúcho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 96.

escreveu e nos quais se retraiu à curiosidade do mundo. E foi precisamente isso que ele escreveu a propósito de Machado de Assis.⁵¹⁸”

Como homenagem póstuma, Moysés Vellinho fora eleito Patrono da XXVII Feira do Livro de Porto Alegre, realizada em 1980. Em documento datiloscrito, datado de 16 de novembro de 1980, constante no Acervo Moysés Vellinho, no DELFOS, está o discurso de encerramento da Feira do Livro, proferido por Tânia Franco Carvalhal. A abordagem inicial de sua fala revela a criação, pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através do Instituto Estadual do Livro, do Prêmio Literário Moysés Vellinho. Ao longo de seu discurso, Carvalhal expõe aspectos analisados por Vellinho em sua produção: “preocupado com os problemas locais, percorreu a literatura gaúcha numa visão crítica de tendência sociológica que, embora a situasse em seus reais parâmetros, procurava sempre integrá-la num contexto maior, o nacional.”⁵¹⁹

Com o discurso de Carvalhal, podemos reafirmar o comprometimento e a imagem que a figura de Moysés Vellinho representava, por meio de sua produção intelectual, e reafirmar a importância desta investigação:

Melhor e mais alto que tudo que se possa ou se queira dizer sobre a figura humana e sobre o escritor Moysés Vellinho, diz sua própria obra. Ali ele está por inteiro. São seus livros, manifestações de vigilância crítica e agudeza histórica, que, por sua singularidade e valor, garantem sua permanência⁵²⁰.

O interesse de Vellinho talvez justifique a citação de Gylberto Freyre, na ocasião do Conselho Federal de Cultura:

Ele, por exemplo, sem dúvida, foi um quase perfeito discípulo de Machado de Assis, na cultura brasileira. Foi Machado de Assis, na ensaística o Machado de Assis da historiografia, da pesquisa histórica, diferente do Machado de Assis romancista, do Machado de Assis belerista, mas

⁵¹⁸ MONTELLO, Josué. Um mestre gaúcho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 96.

⁵¹⁹ CARVALHAL, Tânia Franco. *Discurso em homenagem à Moysés Vellinho na Feira do Livro de Porto Alegre*, 1980. [Material datiloscrito].

⁵²⁰ CARVALHAL, Tânia Franco. *Discurso em homenagem à Moysés Vellinho na Feira do Livro de Porto Alegre*, 1980. [Material datiloscrito].

com grandes afinidades dos Grande Mestre da arte apolínea do Brasil, porque ninguém, do meu conhecimento sobre os brasileiros que tenho conhecido, foi mais apolíneo que Moysés Vellinho. Todos, aqui, conhecem aquela classificação que ficou celebre na Moderna Antropologia. Já era clássica, mas adquiriu cunho científico sugerido por uma mulher que não hesitaria em dizer que, como a antropologia, foi quase gênio, pelo superior talento. Foi Ruth Beneditta. Ela criou, não só para indivíduos, como para povos, para nações, para grupos humanos, essa classificação, realmente valiosíssima: dionisiacos e apolíneos. Moyses era, caracteristicamente um apolíneo. Como discípulo de Machado de Assis que foi, talvez fosse, no Brasil, o apolíneo máximo,, embora seja certo poder dizer-se que há vários políneo e, dentro deles, verdadeiras fogueiras dionisiacas contidas pelas fleugma apolínea. Foi como opolíneo que Moysés realizou uma obra com muita fama dionisiaca dentro dela⁵²¹.

O intelectual da Província mostra, por toda a sua vida intelectual, que sua preocupação com a literatura sul-rio-grandenses está em sua revigoração e sua inserção no contexto literário brasileiro. Moysés Vellinho defendeu o regionalismo como meio de fortalecer uma identidade nacional de origem lusa. Pelo relato dos conselheiros do Conselho Federal de Cultura, percebe-se que seu empenho em prol da cultura gerou resultados. O reconhecimento de sua atuação intelectual indica que Moysés Vellinho contribuiu, de fato, para a promoção e para a disseminação da cultura sul-rio-grandense no País e no Exterior. Seu envolvimento tais questões reforçam sua condição de intelectual orgânico, que se empenhou em promover possibilitar novos rumos para a sociedade.

⁵²¹ FREYRE, Gylberto. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 83.

7 CONCLUSÃO

Na verdade, Vellinho participou, desde que começou a atuar como crítico literário, de tudo o que de cultural ocorresse na província⁵²².

Antônio Hohlfeldt.

A atuação de Moysés de Moraes Vellinho em diferentes instâncias da organização social inscreve-o como vigoroso participante da dinâmica que movimentava a sociedade, bem como fortalece a perspectiva sociológica de sua produção. O período inaugural de sua atividade, os anos de 1920, como comenta José Aderaldo Castello, é o momento em que as expressões *região* e *regionalismo* adquirem força e “regionalismo se submete então a uma formulação sociológica”⁵²³. Sendo assim, a abordagem crítica que integra suas análises vem ao encontro das manifestações que emergem do próprio âmbito literário.

Nesse sentido, identifica-se que, precocemente, Moysés Vellinho torna-se um hábil leitor social, uma vez que consegue empreender desde os seus primeiros exercícios críticos uma desenvolvida articulação entre *vida* e *obra* em detrimento do olhar apenas para o *autor*. O *autor*, sujeito social em seu tempo histórico, passa a fazer parte do processo de avaliação, juntamente a sua produção. Na conferência que profere em 1939, sobre *vida* e *obra* de Machado de Assis, Vellinho explicita a importância de estabelecer essa relação:

Não deixa de repugnar ao nosso espírito, por menos *tainianos* que possamos ser, a aceitação de uma obra de profundo sentido humano como produto irremediavelmente estranho às condições do seu meio e do seu tempo. Há de haver uma razão para isso, e essa razão não deve ser posta

⁵²² HOHLFELDT, Antônio. Moysés Vellinho: vida e obra. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 31 ago. 1980. p. 32-33.

⁵²³ CASTELLO, José Aderaldo. Regionalismo brasileiro. Uma derivada do nacionalismo romântico. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Alberto. (Coord.) *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas*. Simpósio. Lisboa: Cosmos, 1997. p. 109.

de lado no exame crítico dessa obra, para a exata determinação do seu caráter e conteúdo⁵²⁴.

O caráter subjetivo da vida que se incorpora ao processo de escritura e, de certa maneira, ao próprio texto, é observado com destreza pelo intelectual gaúcho, uma vez que ele consegue apreciar *vida* e *obra* sem esquecer o papel da arte literária e a característica estética que a envolve. Seu apreço pela arte é um dos motivos que leva Germano de Novais a descrevê-lo, em 1956, no *Jornal do Brasil*, como um típico homem da nobreza:

Se há uma palavra que defina bem a Moysés Vellinho, então é a palavra príncipe. Sua aparência aristocrática, seu fino gosto artístico, seu trato amável, sua casa na rua André Puente, 239, tudo, absolutamente tudo, revela nele um príncipe de sensibilidade e de bom gosto.⁵²⁵

De fato, a produção do crítico revela sua capacidade de apreciar uma obra de arte considerando o sujeito artista e o entorno que o envolve, sem, contudo, esquecer de que se trata de uma manifestação artística. Sob esse aspecto, pelo reconhecimento do papel da arte e do artista, resultante de sua acurada percepção da vida, que se soma a seu espírito audaz, Moysés Vellinho é conduzido a um lugar de destaque ainda em tenra idade no âmbito da crítica literária. O olhar de cunho sociológico que o diferencia decorre da larga visão com que observa a sociedade através da convergência com o exame do homem. Esse é o tônus de sua análise. Como expôs Guilhermino César, “a inteligência do investigador adotou um pensamento que chamaríamos sociológico⁵²⁶”, o qual se distingue da abordagem a que se dedica o campo da sociologia da literatura, referida por Castello, na qual a expressão social é o foco de investigação na obra literária.

⁵²⁴ VELLINHO, Moysés. Um brasileiro contra a paisagem. In: VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis e histórias mal contadas*. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 25.

⁵²⁵ NOVAIS, Germano de. Moysés Vellinho: homem público, crítico e ensaísta, diretor da Província de São Pedro, presidente da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, um príncipe nas letras e na vida. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 21 out. 1956.

⁵²⁶ CÉSAR, Guilhermino. Moysés Vellinho e o nacionalismo gaúcho. *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979, p. 3.

Ao longo de sua vida, Moysés Vellinho demonstra o interesse pelas diferentes formas de arte e, em todas elas, exprime a procura pelo movimento próprio emanado da biose dos seres. Expressa isso, quando, em 1925, comenta, no jornal *Correio do Povo*, a produção de Ângelo Guido⁵²⁷:

Ângelo Guido não é apenas o ensaísta culto [...] é ainda pintor, e pintor de raça. [...] Nem desenhista. Nem escultor. Simplesmente pintor, e só pintor. Porque concebe e realiza a pintura dentro de sua legítima finalidade estética: numa arte que é de luz e de cor, deu à cor e à luz a sua preponderância e domínio. **Daí, por certo, a realidade viva e saudável das cenas e paisagens [...] Realidade, sim. Mas a grande realidade**⁵²⁸. [Grifo nosso]

Observa-se que ele se volta para a concepção da arte expressa pelo pintor, ao destacar o aspecto estético que a concebe. Pela pintura de Guido, *Paulo Arinos* ressalta a fusão entre o ambiente e os seres, reforçando que o colorido que compõe a paisagem é resultante do tom dado pela vida nela expressa na refiguração artística.

A análise da pintura de Ângelo Guido sinaliza o que *Paulo Arinos* demonstra ao longo de toda a sua atividade intelectual: ele identifica na arte a possibilidade de expressão máxima e suprema da vida. A obra artística consegue dar a “harmonia necessária”⁵²⁹ aos elementos *discordantes*⁵³⁰, integrando-os e estabelecendo uma correspondência universal entre as coisas e os seres. Através da arte, o cosmos se instaura e organiza a vida numa dinâmica própria:

Tudo vale o mesmo e se relaciona intimamente na integração da paisagem. [...] O que as justifica é o conjunto das circunstâncias que as rodeia, modificando-as transfazendo-as. À medida que essas circunstâncias se alteram, se altera o conjunto, obedecendo a harmonia secreta e profunda, que mantém em constante

⁵²⁷ Trinta anos após esse texto de Moysés Vellinho, em 1955, período da polêmica sobre Sepé Tiaraju, Ângelo Guido tem contato com o intelectual ao integrar o quadro de sócios do IHGRGS. Guido, na data da seção de aprovação do parecer da Comissão de História não participa da reunião.

⁵²⁸ ARINOS, Paulo. Luz e Cor. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 22 set. 1925.

⁵²⁹ ARINOS, Paulo. Luz e Cor. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 22 set. 1925.

⁵³⁰ Tem-se em mente a expressão “Concordante Discordante” utilizada por Paul Ricoeur sobre a organização dos eventos na narrativa.

correspondência de tons tudo que forma uma universalidade de coisas, e de seres [...] é admirável o poder de visão, largo e profundo, com que o artista paulistano acompanha através das suas telas, todas as mutações que sofre uma paisagem, se a luz que a recobre vai mudando de intensidade ou direção. [...] Mora em Santos, ao pé do mar. Ali, convivendo com as águas pode amá-las e compreendê-las⁵³¹.

Ao entender a arte sob esse enfoque, percebe-se que os textos críticos de Paulo Arinos, concentrados, principalmente, na obra literária, procuram garantir a perenidade do homem, numa relação harmônica possível somente através da expressão artística. Como aborda Paul Ricoeur, “a arte de compor consiste em fazer parecer concordante essa discordância”⁵³², consonando com equilíbrio as relações desarmônicas que se estabelecem na realidade cotidiana: “é na vida que o discordante acaba com a concordância”⁵³³.

A crítica aos quadros de Ângelo Guido é veiculada em 22 de setembro de 1925, sete dias após a publicação do último texto que integra a polêmica com Rubens de Barcellos sobre a obra de Alcides Maya, *Pessimismo e realidade*. Imbuído pelo próprio entorno da polêmica, vê-se que ele defende a “Realidade, sim. Mas a grande realidade”⁵³⁴. Uma realidade que expressa a vida que se envolve ao ambiente e o transforma:

Se é verdade que o homem tem uma fisionomia própria, não deixa de sê-lo que também o ambiente em que vive tem a sua, formada não só da luz, da cor e das linhas do seu aspecto físico, senão ainda dos traços morais que caracterizam o seu aspecto social.⁵³⁵

Ao buscar o ânimo do próprio homem e dos seres que dinamizam o ambiente, ao defender a imagem de um gaúcho vivo e dinâmico, organicamente vinculado ao seu espaço, entretanto possuidor de uma fisionomia própria – não estando, dessa maneira, encerrado na paisagem –, Paulo Arinos reivindica para o gaúcho o caráter próprio da arte: o da

⁵³¹ ARINOS, Paulo. Luz e Cor. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 22 set. 1925.

⁵³² RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 77.

⁵³³ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2010., p. 77.

⁵³⁴ ARINOS, Paulo. Luz e Cor. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 22 set. 1925.

⁵³⁵ ARINOS, Paulo. Pessimismo e realidade. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 15 nov. 1925.

transcendência. Permitir que o tipo social do Rio Grande se assente nos escombros e nas ruínas delineadas na paisagem exposta por Alcides Maya em suas obras, significa, para o crítico, sentenciá-lo à morte, ou pior, deixá-lo morrer aos poucos, junto do ambiente em decadência.

Através da literatura, torna-se possível reanimar o espírito do gaúcho que se mostra debilitado social e politicamente na vida real. Ao estar preso na paisagem decadente do pampa, o gaúcho não pode acompanhar a sociedade e a sua evolução, muito menos atuar nesse ambiente em transformação. Mantê-lo restrito em sua paisagem do interior, distante das mudanças da metrópole e do comando político, é inscrevê-lo no isolamento social que o eliminará da própria narrativa da história. Cabe à arte literária conservá-lo vivo, reabilitar sua saúde, revigorando-o, para, assim, atuar na luta que se estabelece no presente, participando do combate da realidade. Cabe à ficção o papel de reanimar o vigor do homem sulino, para que ele possa integrar-se novamente na batalha. Ao preservar sua tradição de glórias, sem arraigá-lo ao passado a ponto de impedir sua evolução e integração no presente, garante sua existência no tempo presente e no tempo histórico, que o registra para o futuro.

O discurso construído pela arte literária tem o poder de refigurar a realidade, gerando os traços simbólicos que se perpetuarão ao longo do tempo. A cultura da arte, portanto, possibilita a preservação da vida, germinando e reforçando, com o passar do tempo, a identidade de um povo, ressaltando os traços que o particularizam e o integram, cultivando-o como nação. A abordagem de Paul Ricoeur sinaliza o caráter transcendente da narrativa ficcional:

A experiência fictícia do tempo é apenas o aspecto temporal de uma experiência virtual do ser no mundo proposta pelo texto. É desse modo que a obra literária, escapando ao seu próprio fechamento, se reporta a..., se dirige para..., em suma, é a respeito de... Para além da recepção do texto pelo leitor e da intersecção entre essa experiência fictícia e a

experiência viva do leitor, o mundo da obra constitui o que o chamaria de uma *transcendência imanente* ao texto.⁵³⁶

O tempo interno da obra de ficção, que possibilita sua compreensão em diferentes tempos históricos, garante a preservação da vida em sua “grande realidade”, perpetuando-se no presente do futuro pelas manifestações sociais e culturais que são e serão inscritas na narrativa histórica, que fixam e fixarão cada período da história. Nesse sentido, a arte mantém a vida e a própria história que a eterniza no tempo.

A competência leitora incomum desenvolvida precocemente por Moysés Vellinho mostra-se na complexidade e no alcance de seu pensamento, identificada desde o período escolar, por colegas e professores. A expressividade e a clareza de ideias expostas já nos seus primeiros textos críticos, ressaltadas nos depoimentos de diversas personalidades de relevo que integram o cenário porto-alegrense nas segunda e terceira décadas do século XX, como Augusto Meyer, Cyro Martins e Mem de Sá, evidenciam o ardor de suas análises e a vitalidade de seu texto, os quais contrastam com a postura calma e reservada de seu comportamento:

Ele era, então, entre os colegas, nas tropelias da adolescência, não um corpo estranho ou um 'poseur' indiferente. Ria, participava, mas com a condição de nada ceder de sua pessoa. Tinha o raro segredo de compartilhar da vida comum sem confundir-se nela⁵³⁷.

Ávido leitor, de comportamento equilibrado e de opiniões firmes, enriquecidas pela sutil ironia, que desde cedo o tornam “dono de uma prosa enxuta, governada com pulso de homem”⁵³⁸, são os motivos que o tornam temporão entre os núcleos de cultura do Estado, ao assumir a seção crítica do *Correio do Povo* e ao conviver com o que se convencionou chamar de o Grupo da Globo. Seu grande amigo Augusto Meyer, ao descrever as qualidades que particularizam o texto crítico de *Paulo Arinos*, sinaliza-as

⁵³⁶ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: a configuração do tempo e a narrativa de ficção*. v. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p.174.

⁵³⁷ MEM DE SÁ. Moysés. *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979.p. 6.

⁵³⁸ MEYER, Augusto. *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. p. 128.

como oriundas de sua vocação, integrantes de sua gênese em sua região natal: “Santa Maria, centro geográfico do Estado, acabava de lhe dar um crítico de raça, que nascia feito. Suas colaborações na seção Vida Literária⁵³⁹, escritas numa prosa límpida, revelavam séria vocação para o exercício da crítica.⁵⁴⁰”

Ao adotar a compreensão de sua obra sob a semelhante ótica sociológica que *Paulo Arinos* empreende em suas análises, pode-se entender que a postura do jovem que debate a favor de Machado de Assis com o seu professor pode ser oriunda dos aspectos contrastantes que envolvem sua iniciação escolar, em Santa Maria. Desde a infância inserido num ambiente marcado pela eloquência própria das disputas partidárias, depara-se com uma batalha que, registrada ao contexto social e familiar em que vive, torna-se ainda mais árdua: a luta individual por sua própria alfabetização. É ele mesmo quem narra esse momento:

Comecei minha alfabetização muito tarde, ainda em Santa Maria. O B-A-BA não me entrava na cabeça, não havia nenhuma razão que me convencesse que **bê** mais **a** teria que soar **ba** e não **beá**. Assim foi que, **ao mudarmos para Porto Alegre, eu vim praticamente analfabeto**. Foi só depois, com o convívio de estudos de meus irmãos mais velhos, a revista ‘Tico-Tico’ e coisas assim, que fui aprendendo a ler devagarinho, por mim mesmo. Lia muito mal. No colégio, **as aulas de leitura eram um mudo sofrimento para mim e me deixavam humilhado quando tinha de soletrar alto**. Santa Maria, na época, era uma cidade muito atrasada, como que imobilizada no tempo. Sem indústrias, a única esperança dos moços consistia em arranjar um emprego nos escritórios da Viação Férrea, cuja sede administrativa, era então, em Santa Maria. Pensando nisso, minha mãe resolveu mudar-se para Porto Alegre. Éramos seis filhos menores, sendo eu o penúltimo da turma⁵⁴¹. [Grifo nosso]

⁵³⁹ Acredita-se que há um equívoco do autor. “Vida Literária” refere-se à seção integrante da *Revista do Globo*, na qual Moysés Vellinho também atua. “Livros e Autores” se refere a seção literária do *Correio do Povo*.

⁵⁴⁰ MEYER, Augusto. *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. 128.

⁵⁴¹ HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979, p. 10-11.

O depoimento integrante a entrevista feita por Antônio Hohlfeldt para o jornal *Correio do Povo*, no dia 6 de janeiro de 1979, data em que Vellino completou 78 anos. Ao realizar um relato de sua história, percebe-se o poder da narrativa marcada pela memória. No resgate de aspectos que envolvem seu percurso, é possível identificar como o ambiente de sua infância repercute em sua vivência. Aquele que se tornará crítico literário e arguto leitor social encontra na aula de leitura seu combate inicial, em uma briga silenciosa e individual. Além disso, relata que a carência de recursos de sua cidade de nascimento obrigam a migração de sua família – a mãe e os cinco irmãos – para a capital do Estado, para manutenção e progresso. Com pai, falecido em 1903, Vellino pouco teve contato. A presença paterna no ambiente familiar é simbolizada pelo quadro de Silveira Martins que a mãe mantém na sala:

Desde guri, a inquietação política rodeava, em todo o caso, minha família. Meu pai era federalista, e embora eu não o tivesse conhecido (morreu quando eu tinha 1 ano e meio de idade), ficou-me sua memória, transmitida e guardada por minha mãe, que não o esquecia. Esta realidade gasparita de meu pai se concretizava, para mim, numa foto da Gaspar Martins, guardada num dos aparadores da sala.⁵⁴²

A vida política entrelaçada na própria formação familiar e o registro fotográfico de Gaspar Martins entram em disputa com o espírito ardente de José Penna de Moraes. A vivacidade do tio e padrinho reforça em seu meio tanto o combate retórico, ao dirigir o jornal *A Tribuna*, quanto a própria luta civil:

Ele era castilhista, republicano, por assim dizer, histórico. Estudava em Ouro Preto quando se deu a revolta da esquadra e não hesitou: desceu de Minas e engajou-se como soldado de Floriano, para o que desse e viesse. Todo o ardor deste homem, José Penna de Moraes, havia de me marcar sensivelmente, apesar de criança que eu era então⁵⁴³.

⁵⁴² HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979, p. 10-11.

⁵⁴³ HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979, p. 10-11.

A personalidade do tio, que muito se fez presente em sua primeira década de vida, diverge do comportamento reservado e do aspecto franzino de Moysés Vellinho: “Eu era uma criança quieta, mais ensimesmada, sem confiança nas minhas forças físicas. Estava certo de que não ultrapassaria o período da adolescência.”⁵⁴⁴ O jovem não identificava no tio a referência de conduta e expressa isso quando justifica sua tendência política: “A influência do meu tio foi muito grande em mim, e temperou, assim, minha inclinação pelo federalismo”⁵⁴⁵.

A marca da luta integral, desde o nascimento, a paisagem de Moysés de Moraes Vellinho. E nesse sentido, o crítico de raça, diferentemente do que expõe Meyer, não nasce feito, mas está em formação. A representação simbólica da foto de Gaspar Martins impulsiona-o a manter viva as origens do menino franzino e quase analfabeto, que poderia ser “mais uma almazinha anônima”⁵⁴⁶. Ao se mudar para Porto Alegre, o *mudo sofrimentode* quem foi aprendendo a ler *devagarinho*, por si mesmo, encontra o caminho que o possibilitará *soletrar alto* e “erguer-se, sem outro auxílio que o de seu próprio gênio, ao mais legítimo patriciado do espírito”⁵⁴⁷.

O sentimento juvenil dessa identidade em transformação encontra em Machado de Assis sua orientação. A mudança que envolve a origem humilde do escritor fluminense à dimensão que ascende sua vida e sua obra é o exemplo para reverter sua condição:

A mediocridade de sua origem foi assim uma condição de sua arte. **Há forças que só se explicam como reação a impulsos contrários.** Em Machado de Assis, o seu passado foi o seu tormento, mas por isso mesmo chegou a ser também a sua glória⁵⁴⁸. [Grifo nosso]

⁵⁴⁴ HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979, p. 10-11.

⁵⁴⁵ HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979, p. 10-11.

⁵⁴⁶ Tal texto está transcrito no Anexo G, no volume 2 deste trabalho. VELLINHO, Moysés. Um brasileiro contra a paisagem. In: VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis e histórias mal contadas*. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 13.

⁵⁴⁷ VELLINHO, Moysés. Um brasileiro contra a paisagem. In: VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis e histórias mal contadas*. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 14.

⁵⁴⁸ VELLINHO, Moysés. Um brasileiro contra a paisagem. In: VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis e histórias mal contadas*. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 14.

É pela identificação com esse sujeito, e pelo reconhecimento que ele alcança, que Moysés Vellinho adota-o como referência. As produções críticas machadianas vêm ao encontro daquilo que *sente*: a expressão de uma identidade vinculada, mas não reduzida à origem do homem, e que pode ser emancipada por meio da evolução promovida pela arte, principalmente a arte literária, a qual registra pela palavra a própria expressão humana. Assim como o filho do *operário* brasileiro e da *lavadeira* portuguesa, supera o ambiente precário onde nasce, numa condição ainda “menor que plebeu”⁵⁴⁹, Moysés Vellinho luta para vencer *por seu gênio*, buscando em um ambiente vivo e em constante reorganização desvincular-se “da cidade muito atrasada, como que imobilizada no tempo”⁵⁵⁰. Machado de Assis torna-se, efetivamente, seu mestre.

Ao olhar para a sua realidade, e para o ambiente que configura sua cidade natal, Moysés Vellinho percebe o quanto ela pode se elevar. A visão holística que alcança de sua realidade começa pela visão regional-universal representada pelo ambiente interior-metrópole que distingue Santa Maria e Porto Alegre no período de sua adolescência. Na medida em que expande seu universo através da leitura, principalmente orientada pela larga visão de Machado, expressa pelos textos críticos e manifestada pela singularidade artística de sua obra, o jovem vislumbra o horizonte que é alcançado pela cultura, enquanto manifestação intelectual. Ao compreender que a cultura possibilita entender a sociedade, e, assim, o próprio homem, conhecendo os elementos que originam seus valores e configuram sua identidade, Moysés Vellinho envolve-se, efetivamente, com a *causa* cultural.

A habilidade de leitura que desenvolve, ao tentar transpor as barreiras de aprendizagem que o inibiram nas etapas iniciais de sua vida, revela o ímpeto de luta que o orienta em seu íntimo. A raiz da cultura nasce, portanto, no homem. Na busca da mudança de si, percebe que a capacidade de transformação está no indivíduo, que necessita, contudo, estar em solo fértil, apropriado para estimular seu crescimento. Ao expressar a

⁵⁴⁹ VELLINHO, Moysés. Um brasileiro contra a paisagem. In: VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis e histórias mal contadas*. Porto Alegre: Globo, 1960.

⁵⁵⁰ HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979, p. 10-11.

precariedade de sua cidade natal, que gera a necessidade de deslocamento de sua família para um novo espaço, pode-se entender que o meio onde vivia não era suficiente ou não oferecia condições de subsistência, nem de aprimoramento. O espaço social no qual estava estabelecido – embora relacionado à palavra, ao discurso, a partir dos embates políticos irrompidos por meio do periódico do tio – não estimulava um ambiente de elevação mental; pelo contrário, o partidarismo acirrado que configurava o seu entorno talvez até prejudicasse uma visão *para além da paisagem* em que estavam estabelecidos⁵⁵¹.

“Porque a paisagem não é senão um ponto de partida”⁵⁵² demarca o geógrafo Milton Santos, em *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. Santos desenvolve o conceito de paisagem, auxiliando na reflexão sobre os aspectos subjetivos que envolve o termo. Muito mais que uma circunscrição geográfica, há um vínculo de herança e tradição. Santos ressalta a distinção que deve ser estabelecida quanto a definição de espaço, evidenciando a diferença que, por vezes, é desconsiderada ao se utilizar tais sintagmas:

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima. [...] Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico. **A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função**

⁵⁵¹ Essa característica talvez justifique também tamanha cordialidade como aspecto de sua personalidade.

⁵⁵² SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da USP, 2006. p. 20.

atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade.⁵⁵³. [Grifo nosso].

Talvez, é nesse sentido, quando se pensa no próprio conceito de paisagem do geógrafo, que leva à concepção de uma definição próxima a um registro fotográfico de determinada realidade, o qual confirma uma existência, sem, porém, captar a vida que a preenche, é que levou Moysés Vellinho a conduzir sua produção. Ao ter de sair da *paisagem* que vive, para integrar um novo *espaço* que possibilita seu aprimoramento, percebe a necessidade de mudança como elemento de evolução. Contudo, ao manifestar o constrangimento que passava a cada leitura que deveria realizar em voz alta em sala de aula, isso já em escola na capital do Estado, expressa o entendimento de que mesmo já habitando em novo ambiente, ainda está preso a *paisagem* na qual nasceu.

Moysés Vellinho sinaliza em sua obra que compreende que está no homem a paisagem e o espaço que o envolvem: ao olhar pra si, vê a região onde nascera. A leitura “para dentro” (*intrus*) que realiza, evidencia que o registro de sua identidade tem como ponto inicial o espaço geográfico e social de onde se origina. E nesse sentido, aprimorar esse ambiente oportuniza uma melhor condição de transformação do sujeito – ao oferecer suporte para a elevação intelectual –, ciente de que os primeiros elementos que formam sua identidade estão em seu chão, em sua origem e em seu entorno social. Percebe, por sua própria transformação intelectual, que o homem não se resume ao seu *locus*, embora seja preenchido pela vida que nele integra. Nasce aí o sentimento de busca por uma ampliação da perspectiva regional – mesmo que ainda de maneira incipiente e subjetiva.

Imbuído por um contexto também em transformação e de reafirmação identitária, orientar-se, desde o início de sua atividade crítica, ao discurso nacionalista significa, de alguma maneira, reavivar as manifestações machadianas ao seu entorno. Nesse momento, encontra em Monteiro Lobato a representação do sujeito combativo que vincula sua atuação e sua arte

⁵⁵³ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da USP, 2006. p. 66-67.

para promoção cultural, a partir da abordagem de identificação do sujeito que se define pelo outro, na medida em que busca caracterização do tipo social brasileiro, considerando os traços que compõem o povo em suas especificidades regionais. Paulo Arinos expressa isso em sua crítica de estreia, quando elege Monteiro Lobato e sua obra, definindo-o como “um dos mais, se não o mais brasileiro dos escritores brasileiros”⁵⁵⁴. Nesse mesmo sentido, entender a adoção ao nome Paulo Arinos mostra que prematuramente o estudante já tinha uma visão crítica apurada da realidade, a ponto de expressar suas orientações literárias de maneira firme, “como gente grande”⁵⁵⁵. Ao usar em seu pseudônimo o sobrenome do regionalista mineiro Afonso Arinos, dá indicações importantes sobre sua orientação literária.

O mineiro de Paracatu, nascido em 1868, formado em Ciências Jurídicas e Sociais, crítico na *Revista Brasileira*, na qual escreve uma série de artigos sobre o sertão, sob o pseudônimo de Gil Cássio, é escritor regionalista apresentado atualmente pela Academia Brasileira de Letras como o “mestre do regionalismo brasileiro”⁵⁵⁶. Ao valorizar a cultura sertaneja como item autêntico de nacionalidade, o ideal de nação que se manifesta nesse período torna-se a sua meta. Como expressa a socióloga Lúcia Lippi Oliveira, no “período do governo republicano, tínhamos um território e um governo, ou seja, um Estado, mas não uma nação – identidade única de um povo – e isso tornou-se o papel do intelectual nesse período”⁵⁵⁷.

A atuação do intelectual Afonso Arinos manifesta-se em sua obra literária, como indica Lúcia Lippi Oliveira, por sua visão localista-universalista:

⁵⁵⁴ ARINOS, Paulo. Monteiro Lobato (A respeito de “Onda Verde”). *Correio do Povo*. Porto Alegre, 16 ag. 1921, n. 196, p. 3.

⁵⁵⁵ MEM DE SÁ, Moysés. *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 6.

⁵⁵⁶ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Afonso Arinos de Melo Franco (1905 a 1990)*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=26&sid=257>. Acesso em: 15 maio 2012

⁵⁵⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado. In: *A revolução de 30: seminário realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro, set. 1980. Brasília, Editora Universidade de Brasília, cl983. p. 520.

Dentro das características que seriam específicas do mineiro (oriundo do isolamento geográfico, do predomínio do tipo lusitano em sua formação étnica, do processo de endogamia), haveria em Minas um regionalismo que não se revestiu de um provincianismo estreito ou de um "localismo pitoresco". **Afonso Arinos, por exemplo, se de um lado é considerado por Alceu como a "fina flor do regionalismo literário mineiro", por outro produziu uma literatura profundamente localista e universalista**⁵⁵⁸. [Grifo nosso]

No dia 16 de agosto de 1921, ao assinar sua primeira crítica como Paulo Arinos, pode-se afirmar, portanto, que o rapaz de 20 anos já apresenta os qualificativos basilares para a prática intelectual. Ao se resgatar concepções mais tradicionais sob o conceito e a função do intelectual, como a de Julien Benda ou Ortega y Gasset, que afirmam ser tarefa do intelectual a concepção sobre os valores morais que conduzem o povo – até mesmo a aceção de Benedetto Croce (que toma cultura, sem admitir, no entanto, vínculo com partido político), percebe-se que Paulo Arinos, ao refletir sobre valores, sociedade e comportamento humano, principalmente através da arte literária, e por sua visão holística, já se distingue como pensador⁵⁵⁹.

Afonso Arinos, Monteiro Lobato e Machado de Assis formam a tríade de personalidades que assentam a perspectiva crítica de Paulo Arinos, e se perpetuam, de certa forma, ao longo de toda a atuação intelectual de Moysés Vellinho, uma vez que o direcionamento de seu trabalho reforça seus posicionamentos expressos no início de sua produção. Afonso Arinos, em seu papel intelectual, delineia aspectos regionais que demarcam a nação e reforça por sua obra de ficção visão ampla da literatura regional. Monteiro Lobato fortalece o quadro nacional, ao atuar no cenário social e político, além de desenvolver uma produção ficcional que busca assentar as características da arte típica brasileira. Quanto a Machado de Assis, trata-se

⁵⁵⁸ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado. In: *A revolução de 30: seminário realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro, set. 1980. Brasília, Editora Universidade de Brasília, cl983. p. 520.

⁵⁵⁹ Aqui se tem em mente as relações de compreensão e entendimento expostas por Ricoeur, abordada no Capítulo 2 desta investigação.

de sua própria referência intelectual, a gênese que o permite compreender sua própria identidade enquanto indivíduo e sujeito social. O fundador da Academia Brasileira de Letras é seu mestre e seu exemplo de homem de relevo: é o sujeito de origem luso-brasileira que representa a alma nacional por seu *gênio universal*.

A relação da região e sua vinculação a uma dimensão mais ampla, Moysés Vellinho *sente* no período de transformação próprio da juventude. Pode ser esse um dos motivos que integram o diferencial de sua produção: antes de ser compreendida, ela é sentida. O vínculo emocional que o aproxima de sua terra e que orienta sua atuação intelectual é o que ele “exige”⁵⁶⁰ – como o mestre Machado orienta – de Alcides Maya ao expressar o homem do pampa. Ao manifestar que Alcides Maya já havia “perdido a ingenuidade do coração”⁵⁶¹, expõe que seu espírito não mais consegue sentir o pampa – e, assim, o gaúcho perde seu conteúdo, sua essência, sua alma e passa a ser forma, a ser estilo, a ser representação – aquela que é vinculada à memória e o traço sentimental que ela traz: a de recordação; a refiguração do tempo pretérito pelo sujeito presente. A subjetividade que envolve as lembranças e a infância do autor de *Ruínas vivas* e *Tapera* é a explicação de *Paulo Arinos* para a expressão do homem pampiano como tipo social em ruínas: ele significa a própria vivência de Maya que presencia o declínio de sua família ao ser derrotada na Revolução Federalista.

No período da polêmica com Rubens de Barcellos, *Paulo Arinos* está imbuído em um meio de rica participação social, que o integra de forma intensa na cena intelectual, está cercado pelo contexto de efervescência cultural, proveniente da Semana de Arte Moderna, e político, que estabelece a Revolução de 1923. Em 16 de agosto de 1925, exatamente quatro anos após sua publicação de estreia, quando ocorre a veiculação do primeiro texto que inaugura a discussão com Barcellos, Arinos é um formando em Ciências Jurídicas e Sociais, que aproveita a oportunidade surgida pela promoção de

⁵⁶⁰ ASSIS, Machado de. *Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade*. Coleção Digital Machado de Assis. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact25.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2012. p. 3.

⁵⁶¹ VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960. p. 13.

seu curso acadêmico e do periódico no qual já atua como crítico literário para expor seu manifesto intelectual em prol da *causa* literária, na qual acredita, e principalmente *sente*. A vida que envolve o futuro bacharel de 24 anos impulsiona a crítica ao gaúcho de Maya. Paulo Arinos não pode permitir que o gaúcho morra na própria paisagem de sua procedência:

Vivemos – eis tudo. Vivemos a nossa infância. Ainda não voltamos à última página do primeiro capítulo de nossa história. Os lances repetem-se. E dizem sempre a mesma coisa. E querem sempre a mesma coisa... Não sabemos distinguir presente do passado. Pela identidade do seu ânimo e do seu caráter, ambos se fundem num mesmo tempo. A revolução de dois anos atrás mostramos o passado rompendo para diante, na ânsia de renovar-se e de se fazer presente. Não são esses frágeis cercados de arame, que talham e retalham as grandes extensões de campo, que hão de intimidar e tolher as expansões do instinto cívico do gaúcho. Quando é tempo, quando lhe ferem o amor-próprio, ele destrói os aramados e restabelece os primitivos latifúndios, reconstruindo, num repente de loucura e de heroísmo, o cenário das velhas batalhas. Nada de esmorecimentos. A capacidade heroica do gaúcho é sempre a mesma⁵⁶².

O resgate do passado deve ser visto como *rastro* e não como *resto*, na acepção de Paul Ricoeur. Apenas ao se revitalizá-lo, é que se torna possível manter o passado vivo e coexistir com o presente, mesmo que de maneira refigurada. Em diversos depoimentos, principalmente no decênio anterior ao de seu falecimento, Moysés Vellinho reafirma que não é saudosista. Entende-se sua afirmação como válida, na medida em que se percebe que ele busca, ao longo de toda sua trajetória, manter vivos no presente os vestígios do passado a que pertenceu – ou que sinalizam o seu pertencimento.

E, sob esse aspecto – sem ajuizar sua atividade enquanto historiador, a qual necessitaria de um estudo e de um aprofundamento teórico enquanto pesquisadora – entende-se que a inclinação para o estudo e a formação regional de identidade luso-brasileira traz para o presente a própria origem: manter viva a ascendência portuguesa reaviva sua geração e, por sua vez, seu pai, integrado ao seu presente muito mais pelos rastros deixados do que

⁵⁶² ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

pelas lembranças: “Saudade trai afastamento: e nós estamos pertos de nós mesmos. [...] Notai bem: generalizando, o Sr. Alcides Maya diz ‘raça’ e não ‘família’. Tapera não é uma paisagem. É um símbolo. Símbolo triste”.⁵⁶³

O símbolo, indica Ricoeur, está vinculado ao cosmos⁵⁶⁴ e é responsável por dar o “testemunho da radicação primordial do Discurso na Vida”⁵⁶⁵. Na refiguração de uma identidade (e de uma tradição) tornam-se maiores, mais vívidos, alcançam a grandiosidade com que podem ser *sentidos*. A interpretação do símbolo se perpetua a cada “si”. O “si”, como assinala Ricoeur, trata-se do pronome reflexivo de todas as pessoas gramaticais, que abrange as pessoas unipessoais e que ainda exerce a forma reflexiva que envolve o “designar-se a si mesmo”⁵⁶⁶. O “si” reforça uma tradição, por ser preenchido de significação por distintos sujeitos que se assemelham e se vinculam sob traços identitários de caráter moral, de valores, de crenças comuns, que reforçam marcas comuns do pretérito no presente.

No conceito de identidade coexistem a ideia de semelhança e de diferença. Ao se definir, torna-se distinta do outro. E, nesse sentido, percebe-se a orientação de Moysés Vellinho para questões que envolvem a história do Rio Grande do Sul. A definição da história do Estado é necessária para que possa verificar os traços que unem o organismo social, os quais são provenientes do seu solo e alimentados por sua cultura. Os valores, a tradição, os elementos que definem o gaúcho carregam a marca histórica do embate pela demarcação territorial.

Sob essa perspectiva, tornar-se “um líder de sua geração”⁵⁶⁷, como assinala Gutfreind, na defesa da origem luso-brasileira do Rio Grande do Sul, sinaliza o esforço de Moysés Vellinho em estabelecer a diferença com o outro – no caso a região do Prata e a origem espanhola – e reforça a busca do traço identitário no âmbito político e geográfico como aspecto fundamental para que se possa manifestar uma cultura de raiz local. É necessário o solo fértil que seja capaz de desenvolver uma rica e vasta produção, em condições de

⁵⁶³ ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

⁵⁶⁴ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976. p. 57.

⁵⁶⁵ RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976. p. 71.

⁵⁶⁶ RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Papyrus, 1991. p. 12.

⁵⁶⁷ GUTFREIND, Ieda. *A historiografia sul-rio-grandense*. Porto Alegre 1991, p. 4 [artigo datiloscrito depositado da Biblioteca da PUCRS].

alimentar a população de seu País, bem como oportunizar os recursos necessários para que seu povo tenha acesso aos frutos culturais produzidos em outros solos.

O discurso nacionalista, voltado à questão de identidade e cultura, também se faz presente na literatura portuguesa em suas diferentes fases. Cleonice Berardinelli, em “Nacionalismo, linha mestra da literatura portuguesa”, apresentada no Simpósio sobre Regionalismo e Nacionalismo nas Literaturas Lusófonas, realizada em Lisboa/PT, em 1997, conclui sua exposição com a seguinte assertiva: “assim, parece-me viável concluir que o Nacionalismo está na raiz de tudo na cultura portuguesa”⁵⁶⁸.

A afirmação das fronteiras regionais reforça a demarcação nacional e, nesse sentido, pode-se entender a afirmação sobre a literatura regionalista expressa por Cícero Lopes: “como a identidade é um estar sendo, a literatura identitária é um processo contínuo de autoconhecimento.”⁵⁶⁹ Sob esse panorama, identifica-se, sob a perspectiva da época atual, a conjuntura de esforços para a perpetuação de Sepé Tiaraju e sua representação simbólica na contemporaneidade. Por meio da literatura, ao reincidir em diversas obras na condição de personagem, somada ao discurso histórico vinculado aos historiadores da matriz platina – reforçando sua identidade enquanto sujeito histórico – e gaúcho, e brasileiro –, e pelo discurso tradicionalista, ambientado principalmente nos CTGs – os quais reavivam a lenda e refiguram valores em torno de seu nome – conduzem o índio missioneiro aoreconhecimento simbólico em nível cultural e governamental, em âmbito regional e nacional⁵⁷⁰.

A repercussão sobre Sepé reforça, sob a marca da oposição, o esforço de Moysés de Moraes Vellinho em torno de uma manifestação literária e

⁵⁶⁸ BERARDINELLI, Cleonice. Nacionalismo, linha mestra da literatura portuguesa. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Alberto. (Coord.) *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas*. Simpósio. Lisboa: Edições Cosmos, 1997. p. 78.

⁵⁶⁹ LOPES, Cícero. O regionalismo e a busca de expressão. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Alberto. (Coord.) *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas*. Simpósio. Lisboa: Edições Cosmos, 1997. p. 255.

⁵⁷⁰ A lei nº 12.366, de 03 de novembro de 2005, declara Sepé Tiaraju como Herói Guarani Missioneiro e insere a data de sua morte, 7 de fevereiro, no Calendário Oficial de Eventos do Estado do Rio Grande do Sul, e a lei nº 12.032, de 21 de setembro de 2009, assinada pelo Presidente da República na época, José Alencar Gomes da Silva, o inscreve no Livro dos Heróis da Pátria.

cultural luso-brasileira, na medida em que se engaja na produção de obras de cunho histórico em prol da reafirmação de uma identidade vinculada à tradição e à história portuguesa. Esse envolvimento, que se manifesta em sua atuação no IHGRGS, nas publicações sobre Sepé no *Correio do Povo* e na revista *Província de São Pedro*, mostra-se também pelas obras *Capitania d'El Rei* e *Fronteira*. São esses textos que projetam seu nome para no Exterior, permitindo sua vinculação às AICP – Academias Intercional de Cultura Portuguesa e à APH – Academia Portuguesa de História, em Portugal, estabelecendo contato com personalidades representativas da cultura em Portugal, como Adriano Moreira, a quem Gilberto Moraes designou “uma das mais altas inteligências”⁵⁷¹ de Portugal. No período de sua posse na AICP, registram-se, pelo menos, onze⁵⁷² veiculações na imprensa portuguesa sobre seu nome e sua obra.

Além disso, o contato com essas entidades estrangeiras leva à publicação de artigos e a convites como o de representar a comunidade luso-brasileira em Moçambique⁵⁷³, no encontro das Comunidades Lusitanas realizadas nesse País. No Brasil, destaca-se o convite do Presidente da República, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, eleito como intelectual para o Conselho Federal de Cultura e, entre outros, como homenagem póstuma, a decisão favorável da Câmara de Vereadores de Porto Alegre à proposta do vereador Isaac Ainhorn, que sugeriu o nome de Moysés Vellinho para o Arquivo Histórico de Porto Alegre.

Quanto à participação de Moysés Vellinho no âmbito governamental, na condição de deputado e ministro, ele atua diretamente nos poderes legislativo e executivo. Como sujeito vinculado ao Governo, sabe que a formação política constitutiva do Estado é definida, basicamente, – sem se deter nas diversas e complexas formulações teóricas vinculadas a correntes ideológicas e históricas do termo – pelo território, pelo povo e pelo governo. O terceiro item que consagra os três poderes em um governo democrático, qual

⁵⁷¹ MORAES, Gilberto. Moyses, o hispânico. *Correio do Povo*. Caderno de Sábado, Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 2.

⁵⁷² Levantamento realizado pela pesquisadora, de janeiro a abril de 2012, na Hemeroteca Municipal de Lisboa, em Portugal.

⁵⁷³ Ao estar impossibilitado de ir do evento, Guilhermino César participa como representante brasileiro.

seja, o elemento jurídico, não é exercido por Moysés Vellinho na esfera pública, mas, em sua condição de advogado – e leitor diferenciado –, tem ciência dos estudos que envolvem o ordenamento jurídico e a discussão dos elementos atrelados a tríade que demarca sua conceituação.

A obra do jurista Miguel Reale, *Teoria do Direito e do Estado*, publicada em 1940, discute o que ele denomina “a solução culturalista tridimensional”, a qual ele define que em “todo fato jurídico se verifica uma integração de elementos sociais em uma ordem normativa de valores, uma subordinação da atividade humana aos fins éticos da convivência”⁵⁷⁴. De repercussão internacional, a teoria de Reale supera o culturalismo jurídico da época de Tobias Barreto, alargando a perspectiva do normatismo jurídico que se concentrava nos ambientes acadêmicos e jurisprudenciais. Ao analisar a teoria de Reale, percebe-se que o modo como o jurista afirma seu período, assinalando a ciência do Direito vinculada às manifestações culturais e ao *substratum* sociológico, converge com a atuação de Moysés Vellinho. Expressa Reale:

Podemos dizer que a nossa época assinala um poderoso movimento de reafirmação de confiança no homem, o que contrasta, de maneira impressionante, com as tendências que deram fisionomia às doutrinas jurídicas que inspiraram o constitucionalismo da democracia de tipo liberal. [...] Só uma concepção culturalista do Direito nos permite compreendê-las harmonicamente, a exigência da lei e a exigência de razoável liberdade na aplicação da lei. Com efeito, o Direito, como realidade tridimensional que é, apresenta um *abstractum* sociológico, no qual se concretizam os valores de uma cultura, e ao mesmo tempo é norma que surge da necessidade de segurança na atualização desses valores, segundo modelos obrigatórios de conduta. [...] Nós pensamos, entretanto, que a Ciência Jurídica é ciência do ser enquanto dever ser, é ciência que culmina em juízos de valor e se resolve em imperativos, mas depois da apreciação dos fatos sociais: não se passa diretamente do fato à norma. O fato e o valor são as condições, por assim dizer, naturais da regra de Direito, e o Estado não pode ser compreendido senão como um fenômeno de ordem cultural, à luz dos dados imprescindíveis da Sociologia e da História. [...] ⁵⁷⁵.

⁵⁷⁴ REALE, Miguel. *Teoria do Direito e do Estado*. Cidade: Editora, 1940. p. 28.

⁵⁷⁵ REALE, Miguel. *Teoria do Direito e do Estado*. Cidade: Editora, 1940. p. 28-31.

A orientação de Moysés Vellinho e sua atuação na sociedade estão cientes desses novos estudos e sua conduta ratifica, sob todas as instâncias, sua participação ativa no organismo social, consciente do ambiente que integra. A causa cultural é o maior e o mais longo processo em que Moysés Vellinho engaja-se a defender ou, como expressa Guilhermino César “defendendo a necessidade de se atentar à dinâmica própria do Rio Grande”⁵⁷⁶

O vínculo político, portanto, diferente das concepções tradicionais que o “eliminarium” do conceito de intelectual, tem reforço no conceito de intelectual abordado por Antônio Gramsci, sob a designação de “novo intelectual” – também denominado de *orgânico* –, definido por um sujeito atento às transformações sociais, ciente de seu período histórico e operante político. A designação de orgânico já expressa a imanência desse indivíduo para a ordenação e para a manutenção do organismo social, por meio de sua compreensão leitora da realidade, de maneira a estabelecer relações da teoria com a prática. O papel do intelectual vincula-se à ação, apresenta um caráter militante, imbuído do traço identitário comum que vincula política e cultura:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa **inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”**, já que não apenas orador puro – mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho, **chega à técnica-ciência e à concepção humanista** ⁵⁷⁷, sem a qual permanece “especialista” e não se torna “dirigente” (especialista mais político)⁵⁷⁸.

Na medida em que se compreende o funcionamento social e os mecanismos que engendram a sociedade, o intelectual torna-se agente

⁵⁷⁶ CÉSAR, Guilhermino. Moysés Vellinho e o nacionalismo gaúcho. Caderno de Sábado. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 6 jan. 1979.

⁵⁷⁷ O excerto citado também integra a obra *Os intelectuais e a organização da cultura*, de Antonio Gramsci. Na referida obra, o termo [concepção humanista] é completado pelo vocábulo [histórico] (1985, p. 9). GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1985.

⁵⁷⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004. Volume 2. p. 83.

formador do *bloco histórico*, “isto é, unidade entre a natureza e o espírito (estrutura e superestrutura), unidade dos contrários e dos distintos”⁵⁷⁹. Seu compromisso, ciente da estrutura capitalista que o envolve, deve ser o de contribuir com o processo de emancipação da sociedade, por meio de situações que estimulem para a produção do conhecimento. Para que essa “filosofia da práxis” se consolide, é necessária uma visão universalista para cada sociedade histórica em particular, de maneira que seja possível sua análise, compreendendo sua realidade como um dos passos para a emancipação de uma civilização cosmopolita.

O intelecto, portanto, está na base da filosofia de Gramsci. A hegemonia se realiza por meio da prática reflexiva que relaciona o comportamento social e a reflexão crítica de si e do mundo é o exercício introdutório para o processo de elevação da sociedade. A prática intelectual está em compreender não somente os aspectos naturais e objetivos de uma sociedade, mas em refletir sobre as questões culturais e subjetivas que a envolvem, uma vez que esses itens carregam significações e valores, os quais, juntamente com a língua, têm uma função solidificadora e convergente. Os valores e as representações simbólicas expressas na sociedade formam as questões ideológicas que permitem a coesão social.

Ao se refletir sobre os valores e os símbolos sociais, buscando compreender a significação de normas, itens e conceitos, de maneira a levar à consciência a subjetividade imbuída nessas representações que conduzem a ação humana tanto no âmbito individual quanto coletivo é a tarefa do intelectual. O exercício da crítica, o fomento a juízos, o compartilhamento e a disseminação de reflexões sobre questões do cotidiano social – as quais estão arraigadas e/ou são aceitas de forma espontânea pelos membros da sociedade, sem o senso que envolve a atribuição de significados – promove e estimula a vida de uma sociedade, ao elevar intelectualmente seu povo. Ao se entender a sociedade como um organismo, compreende-se que seu adequado e regulado funcionamento está relacionado à própria saúde dos órgãos e a qualidade de sua produção e interação – ou seja, a capacidade de

⁵⁷⁹GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. v. 3. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002. p. 26.

compreensão dos “si”, dos significados e dos discursos que os preenchem, para, dessa forma, serem capazes de fortalecer ou combater os princípios ideológicos que vigem.

A perspectiva teórica gramsciana legitima Moysés de Moraes Vellinho na condição de intelectual. As concepções teóricas de Gramsci indicam que a atividade intelectual deve ser diferenciada em graus, os quais “dão lugar a uma autêntica diferença qualificada”⁵⁸⁰. Sob esse quesito, conduz-se Vellinho a um nível elevado, uma vez que desempenha por toda a sua vida um papel de agente fomentador da cultura em alta escala, resultado de sua sensibilidade humana e sua cosmovisão. Posiciona-se enquanto indivíduo e político, sem se deixar sucumbir por valores partidários a ponto de não rever comportamentos e opiniões:

Quanto a mim, só mais tarde [que seus colegas do curso de Direito] resolvi me filiar a um partido: foi quando se tentou organizar aqui o partido social-democrata, com Alberto Pasqualini, Rubens Maciel e muitos outros, mas depois esse partido perdeu a razão de ser, quando o Partido Comunista foi reabilitado, creio que por 1932, os elementos socialistas que agregavam a nova agremiação, tomaram o rumo do PC. Outro partido que ajudei a fundar, pouco depois, foi o Republicano Liberal, para contrapor-se aos elementos que haviam aderido à revolução de São Paulo contra Getúlio Vargas. Ocorre que os elementos que levaram Getúlio ao Poder, em 1930, em com ele permaneceram no Rio, haviam ficado de uma certa maneira isolados do Rio Grande. Foi necessário então criar um novo partido, com Flores da Cunha à frente, para dar forma concreta ao apoio que os rio-grandenses, responsáveis por 30, deviam ao Governo Federal, desde a formação da chamada Frente Única, que reunira os dois partido(s) tradicionais.

Nunca foi fácil a gente estabelecer uma linha de ação coerente em face de Getúlio Vargas, porque ele tinha o dom de seduzir e enganar. Eu me senti seduzido e enganado por ele duas vezes, primeiro em 1930, quando aceitei a Revolução, e todo o Rio Grande, com raríssimas exceções, colocou-se a seu lado. Depois, ele começou a tomar ares de ditador, mas ditador em nome de coisa nenhuma. Foi então que SP, com o apoio dos descontentes daqui da casa, achou

⁵⁸⁰ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. v. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004. p. 21.

que chegara o momento de restabelecer sua hegemonia e fez a sua revolução⁵⁸¹.

De acordo com Gramsci, Vellinho é “‘homem político’ mais do que ‘homem de partido’”⁵⁸². Por esse motivo, entende-se o fato de se vincular à cultura e às artes com tanto empenho. Esse posicionamento justifica sua atuação como crítico literário:

A literatura não gera literatura, etc., isto é, as ideologias não geram ideologias, as superestruturas não geram superestruturas senão como inércia e passividade: elas são geradas, não por “patogênese”, mas pela intervenção do elemento “masculino”, a história, a atividade revolucionária que cria o “novo homem”, isto é, novas relações sociais⁵⁸³.

A definição de Gramsci traz à cena o homem, o “novo homem”, sob a marca da história e de sua relação social como elemento de transformação da sociedade. Moysés Vellinho é próprio elemento “masculino” abordado por Gramsci. Ao se tornar ele mesmo o representante de uma cultura que revigora o solo nacional, expressa a *fisionomia própria* do gaúcho, deixando em segundo plano a *paisagem*. O fato de nascer num ambiente integrado por dois biomas contribui para que Moysés Vellinho identifique que o pampa diferencia o extremo sul do cenário nacional, aproximando-o da região do Prata. Portanto, a geografia e o clima do seu Estado não mantêm viva a formação sulina vinculada à nacionalidade luso-brasileira.

Apenas ao demarcar as fronteiras, torna-se possível ultrapassá-las. Na medida em que se tem consciência de sua origem, é que se torna possível identificar o outro. Apenas, o gaúcho vivo pode seguir adiante e se transformar. O debate que envolve Sepé Tiaraju sinaliza uma ressignificação dos símbolos que configuram a cultura rio-grandense e, por sua vez, os elementos que traçam a identidade que envolve o gaúcho e seu local de origem. Uma homenagem ao índio missioneiro vem de encontro àquilo que o

⁵⁸¹ HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 10-11.

⁵⁸² GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985. p. 46.

⁵⁸³ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985. p. 11.

crítico traz a público em 1939: “A vida e a obra de Machado de Assis”⁵⁸⁴, quando homenageia o mestre que despertou no menino o caminho para a compreensão do homem para a arte literária. Eis que emana o homem que revela sua identidade. A morte de Paulo Arinos⁵⁸⁵ é decretada na conferência em homenagem ao centenário de nascimento de Machado de Assis, seu mestre! A data de 1939 revela o homem que logo se empenhará em fomentar a vida literária do Estado e alargar as fronteiras culturais do Rio Grande.

Seu intenso e produtivo envolvimento intelectual com a cultura, por meio da crítica, da literatura, da história, sem ficar alheio à organização do Estado sob o aspecto político, jurídico e econômico reforçam o caráter singular de sua atuação intelectual. Ao se compreender o papel de Vellino na sociedade como sujeito agente que de maneira profícua contribui para o debate, para a reflexão em torno da realidade social e para o entendimento de questões subjetivas – origem, identidade, tradição, representatividade – que auxiliam na orientação social, engajado na emancipação social por meio do estímulo à cultura torna-se possível compreender o pensamento de Viana Moog, quando o eleva ao posto de líder da intelectualidade rio-grandense.

Por seu envolvimento com a Província, pode-se afirmar que Moysés Vellino nasce no coração do Rio Grande e traz o Rio Grande no coração. A carga simbólica que envolve a semântica de tal expressão parte de justificativa vinculada à ciência contemporânea. Atuais estudos científicos, como desenvolvido pelo *Hearthmath Institute*, localizado na Califórnia, nos EUA, apresentam novas abordagens sobre a natureza do coração humano e sua relação com a atividade cerebral, indicando maior influência de tal órgão no comportamento humano e nas percepções da realidade processadas pelo cérebro.

Rollin McCraty, pesquisador sênior desse instituto, no artigo “Evidência eletrofisiológica da intuição”: parte 1. O papel surpreendente do

⁵⁸⁴ Título que altera para *Um brasileiro contra a paisagem* em sua publicação sobre Machado de Assis.

⁵⁸⁵ Mario Quintana dedica o soneto “Minha morte nasceu...”, em *A rua dos cataventos*, publicado pela Editora Globo, em 1940.

coração ⁵⁸⁶, e no documentário *I am* ⁵⁸⁷, expressa que as pesquisas desenvolvidas pelo grupo de médicos e profissionais voltados aos estudos comportamentais constestam o paradigma médico dos últimos trinta anos de que o cérebro é o principal órgão de controle de todo o organismo. Segundo o pesquisador, 95% dos nervos são responsáveis por levar toda a informação do corpo ao cérebro e não o revês: “o coração envia muito mais informação ao cérebro que o cérebro ao coração. Em certo sentido, o coração é nosso chefe.”⁵⁸⁸

Ao analisarem o coração humano, observaram que as pausas entre os sinais que demarcam os registros cardiológicos contém informações importantes relacionadas ao aspecto emocional. Decisões que carregam uma bagagem emocional são realizadas no coração e, por isso, afetam a forma como o cérebro percebe e processa as informações: “pode-se entender o coração como uma onda. As emoções modelam o sinal do coração e elas podem inibir o cérebro.”⁵⁸⁹

Sob esse aspecto, a carga simbólica a que se vinculam as novas pesquisas científicas é demarcada pelo próprio sentimento que relaciona aspecto emocional e o papel dos nervos para percepção da realidade pelo cérebro. O local de seu nascimento, portanto, torna-se o lugar originário de onde *sente* o Rio Grande do Sul e o homem que se revela nesse espaço. Na medida em que a paisagem histórica que expressa o Rio Grande do Sul é moldada pela luta e pela busca de pertencimento (e na guerra o aspecto emocional é o que impera) a demarcação das fronteiras, ao se definirem, também conduzem para afirmação de sua identidade enquanto região.

A dimensão do seu acervo no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS revela, de forma significativa, a grandeza de sua vida e obra. Ao se buscar vestígios, encontra-se um manancial de fontes, de diferentes naturezas, que indicam a diversidade de sua atuação. Ao

⁵⁸⁶ Tradução do original: Electrophysiological Evidence of Intuition: Part 1. The Surprising Role of the Heart. Publicado em: Journal of Alternative and Complementary Medicine 2004; 10(1): 133-143. Disponível em: <<http://www.heartmath.org>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

⁵⁸⁷ SHADYAC, Tom. *I am*. Documentário. Estados Unidos: Universal Pictures, 2010.

⁵⁸⁸ SHADYAC, Tom. *I am*. Documentário. Estados Unidos: Universal Pictures, 2010.

⁵⁸⁹ SHADYAC, Tom. *I am*. Documentário. Estados Unidos: Universal Pictures, 2010.

buscar pela homogeneidade e pela harmonia, torna-se plural e singular: na medida em que se conhece sua produção, percebe-se um potencial incomum que o permite participar de tantos *espaços*. Os materiais encontrados em diferentes espaços brasileiros e nas academias, na hemeroteca e em bibliotecas em Portugal reforçam o alcance de produção de Vellinho⁵⁹⁰.

Essa multiplicidade e intensa participação social reforçam sua busca pela universalidade: o crítico, o advogado, o chefe de gabinete, o ministro, o presidente do Tribunal de Contas, o historiador, o editor da *Província de São Pedro*, o dissidente, o presidente da OSPA, o professor, o conselheiro de cultura, o jornalista político, o escritor, o mediador cultural, o presidente dos centros culturais americano, francês, português... Todos esses papéis sociais, tal como apresenta em suas análises, mostram que não é possível que se dissocie vida e obra. Como agente cultural, identifica-se que seu legado reflete-se em sua própria família: as conversas da pesquisadora com Heloísa Vellinho Corso, filha de Moysés Vellinho, permitem, de imediato, identificar a relevância dada à memória cultural, aos livros, à preservação de fontes. Seus depoimentos, como nos textos críticos do pai, voltam-se à vida: a cada documento, a cada fotografia, em cada quadro suspenso nas paredes da casa revelam-se histórias e lembranças... Eis os símbolos que representam Vellinho.

O levantamento de fontes em diferentes espaços possibilitou reunir, sob a forma de Anexos, materiais de e sobre a obra de Moysés Vellinho. Na intenção de tirar do *esquecimento* fontes esparsas, cria-se a possibilidade de novas histórias, bem como de contribuir para a preservação e a divulgação de documentos que possibilitam renovar os estudos em literatura e cultura brasileira.

A trajetória de Moysés de Moraes Vellinho mostra que *o jovem moderno*, de 23 anos, em sua “teimosa aspiração de unidade”⁵⁹¹ sonhou acordado e na vida pelas mais elevadas notas para a expressão de uma grande harmonia

⁵⁹⁰ Salienta-se que a oportunidade de investigação em Portugal, sob a supervisão da profa. Dra. Vania Pinheiro Chaves, permitiu à pesquisadora ter contato com a cultura portuguesa e identificar a valorização da memória coletiva do povo português como traço cultural de relevo.

⁵⁹¹ ARINOS, Paulo. O sonho dos modernos. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27 jun.1924, p. 8.

da alma humana. “Intelectual do mundo”, sua visão dilatada possibilita que ele aja como intelectual em seu *locus* de vivência e produção, contribuindo para elevar o meio que integra. Em vida, busca o *concerto* para a alma humana, inclusive para a sua:

De certo que existe uma harmonia absoluta, que só vagamente pressentimos. Há, no fundo de nós mesmos, herdada dos nossos troncos mais recuados, uma teimosa aspiração de unidade. Sonhamos uma lei universal que presida a todas estas pequenas desarmonias, dentro das quais vivemos, e as transfigure numa grande música, de que elas sejam apenas notas soltas, sostenidos desgarrados. **Vivemos a buscar o concerto do nosso desconcerto.** Vivemos em procura de uma grande harmonia, congraçadora de tudo quanto vemos e do mais que, fugindo-nos à vista, mal adivinhamos⁵⁹².

Moysés de Moraes Vellinho assinala que “onde está o homem está o universo”. É na vida, portanto, que está o mundo. No interior, busca a identidade da alma; no exterior, as notas para o seu *concerto*. Atua como homem universal em seu mundo regional. No *sonho moderno* da arte literária, vive a cultura, que o faz transcender para além da dimensão da vida. Inscrito no presente, desperta mais uma vez na história, sob a legítima designação de “o intelectual da Província”.

⁵⁹² ARINOS, Paulo. O sonho dos modernos. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27 jun.1924, p. 8.

REFERÊNCIAS

A Águia. In: *Infopédia*. Porto: Porto Editora, 2003-2012. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$a-aguia](http://www.infopedia.pt/$a-aguia)>. Acesso em: 19 dez. 2012.

RIO GRANDE DO SUL. *Lei nº 12.366*, de 03 de novembro de 2005. Declara Sepé Tiaraju como Herói Guarani Missioneiro Rio-grandense e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.366.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

BRASIL. *Lei nº 12.032*, de 21 de setembro de 2009. Inscreve o nome de Sepé Tiaraju no Livro dos Heróis da Pátria. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12032.htm>. Acesso em: 18 jul. 2013.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Afonso Arinos de Melo Franco* (1905 a 1990). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=26&sid=257>>. Acesso em: 15 maio 2012.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Alcides Maya*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=74&sid=107>>. Acesso em: 12 maio 2012.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Cassiano Ricardo*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=604&sid=186>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Guilherme de Almeida*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=390&sid=295>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. Lisboa-Portugal. Visitas entre os meses de janeiro a abril de 2012.

ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA. *Acervo*. Lisboa-Portugal. Funcionária colaboradora: Carla Arvanas. Visitas entre os meses de janeiro a abril de 2012.

ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA. *Acervo*. Lisboa-Portugal. Visitas entre os meses de janeiro a abril de 2012.

COLÉGIO JÚLIO DE CASTILHOS. *Acervo*. Porto Alegre-RS. Funcionário colaborador: Jaime Antônio Sichinel. Data da pesquisa: 8 ago. 2012.

ALMEIDA, Carina Santos de. O debate historiográfico entre Moysés Vellinho e Manoelito de Ornellas. *Spartacus*: revista eletrônica dos acadêmicos do curso de História da Universidade de Santa Cruz do Sul. Disponível em: <http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/almeida_carina_santos.pdf>. Acesso em: 21 set. 2011.

ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Na trilha de um andarengo*: Alcides Maya (1877-1944). Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL, 1994.

ALMEIDA, Onésimo Teotônio (Brown University). A saudade e os saudosistas – uma revisitação da polêmica entre Antônio Sérgio e Teixeira de Pascoaes. *Via Atlântica*, n. 7, out. 2004. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2004. p. 131. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via07/via07_12.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2012.

AMARAL, Rodrigo. *Alvin Toffler*: '3ª onda' é única opção para o Brasil. (Entrevista). *BBC Brasil*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020815_eleicaoct8ro.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2013.

ARAÚJO, José Francelino de. *João Cezimbra Jacques*. Academia Rio-Grandense de Letras. Disponível em: <http://www.arl.org.br/patronos/joao_jacques.htm>. Acesso em: 12 mar. 2013.

ARINOS, Paulo. “Monteiro Lobato” (A respeito de *Onda Verde*). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1921, n. 196, p. 3.

ARINOS, Paulo. Alcides Maya (sobre um asserto). *Correio do Povo*, Porto Alegre, 7 set. 1922.

ARINOS, Paulo. Alma bárbara. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 set. 1923.

ARINOS, Paulo. Bendita vaia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, n. 49, p. 3, 26 fev. 1922.

ARINOS, Paulo. Guerra à saudade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 ago. 1925.

ARINOS, Paulo. Luz e Cor. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 set. 1925.

ARINOS, Paulo. Machado de Assis e seu tempo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 ago. 1926.

ARINOS, Paulo. Machado de Assis: a propósito de uma monografia de Lucia Miguel Pereira. *Correio do Povo*, Porto Alegre, [s.d.].

ARINOS, Paulo. O papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 ago. 1925.

ARINOS, Paulo. O sonho dos modernos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27 jul. de 1924.

ARINOS, Paulo. Pessimismo e realidade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15 set. 1925.

ASSIS, Machado de. *A nova geração*. Coleção Digital Machado de Assis. Disponível em:
<<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact29.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2012. p. 22.

ASSIS, Machado de. *Instinto de Nacionalidade*. Coleção Digital Machado de Assis. Disponível em:
<<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact29.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2012. p. 22.

ASSIS, Machado de. *Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade*. Coleção Digital Machado de Assis. Disponível em:
<<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact25.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2012. p. 3.

ASTROGILDO Fernandes. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 08 dez. 1955. Em *Defesa do Intrépido Gaúcho, o capitão José Tiaraju, o lendário São Sepé*.

AZAMBUJA, Ruy Rodrigo Brasileiro de. *Ribeiro Dantas e Moysés Vellinho*. Porto Alegre: Instituto dos Advogados, 1993.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

BANCO DE TESES DA CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw>>. Acesso em: 14 set. 2011.

BARCELLOS, Ramiro Fortes de. *Antônio Chimango*. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/nacionais/ebookpro.html>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

BARCELLOS, Rubens. O regionalismo e papel da nova geração. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 ago. 1925.

BARCELLOS, Rubens. Regionalismo e realidade. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 set. 1925.

BARIANI, Edison. *Machado de Assis e as críticas de José Veríssimo e Sílvio Romero*. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/40/bariani_40.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2012. p. 5.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.) *Ensaaios literários: Moysés Vellinho*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2001.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; MOREIRA, Maria Eunice. *Literatura sul-rio-grandense: ensaios*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2000.

BENDA, Julien. *La Trahison des Clercs*. Paris: Bernanrd Grasset, 1928.

BERARDINELLI, Cleonice. Nacionalismo, linha mestra da literatura portuguesa. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Alberto. (Coord.) *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas*. Simpósio. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 166.

BERNARDI, Mansueto. Pá de cal sobre o assunto Sepé. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 185.

BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 2012.

[BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES \(BDTD\)](http://bdtd.ibict.br/). Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>>. Acesso em: 14 set. 2011.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Setor de Documentação do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS. Período: 2011 a 2013.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 32-33.

BORDINI, Maria da Glória. Fronteiras entre teoria e história da literatura. [ca. 2000]. *Banco de textos raros em Literatura Brasileira*. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fale/pos/historiadaliteratura/textosraros/fronteiras.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Sepé Tiaraju: herói guarani, missioneiro, rio-grandense e, agora, herói brasileiro* Brasília: Câmara dos Deputados, , 2010. (Série obras comemorativas. Personalidades, n. 1). Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/3243>>. Acesso em: 12 maio 2013.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Sepé Tiaraju: o índio, o homem, o herói*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010. (Série obras comemorativas. Personalidades, n. 2). Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/4384>>. Acesso em: 12 maio 2013.

BRENNER, Léa. *Revista do Globo*, n. 795. Porto Alegre, 1961. p. 43.

CALABRE, Lia. *Intelectuais e política cultural: o Conselho Federal de Cultura*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Atas do Colóquio Intelectuais, Cultura e Política no Mundo Ibero-Americano. Rio de Janeiro: 17-18 de maio de 2006. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_LiaCalabre_Intelectuais_e_PoliticaCultural.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2012.

CAMPOS, Cleomenes. Machado de Assis. *O Imparcial*, São Luís, MA [ca. 1939/1940].

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. Volume 2.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARPEAUX, Otto Maria. A vida de Gramsci. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: 7 maio 1966.

CARTA de Paris: uma carta de João Pinto da Silva a Paulo Arinos. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 16, 27 abr. 1940.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Discurso em homenagem à Moysés Vellinho na Feira do Livro de Porto Alegre*, 1980. [Material datiloscrito].

CARVALHO, Alberto (Coord.) *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas*. Simpósio. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

CASTELLO, José Aderaldo. Regionalismo brasileiro. Uma derivada do nacionalismo romântico. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Alberto. (Coord.) *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas*. Simpósio. Lisboa: Cosmos, 1997. p. 109.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). Fundação Getúlio Vargas. *MonteiroLobato*. 2012. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/monteiro_lobato>. Acesso em: 23 ago. 2012.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). Fundação Getúlio Vargas. *Movimento Sanitarista*. 2012. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/QuestaoSocial/MovimentoSanitarista>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. [1ª edição brasileira]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CÉSAR, Guilhermino. Moysés Vellinho e o nacionalismo gaúcho. *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979, p. 3.

CÉSAR, Guilhermino. Moysés Vellinho: vida e obra. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 ago. 1980, p. 32-33.

CHAVES, Vania Pinheiro. Brasilienses *Aurifodinae*, de José Basílio da Gama: um desconhecido poema iluminista luso-brasileiro? *Revista Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 134-144, 2º Semestre – 2007. Disponível em: <<http://www.realgabinete.com.br/PortalWeb/LinkClick.aspx?fileticket=wI6FJruTle4%3D&tabid=78&language=en-U>>. Acesso em: 20 out. 2012.

CHIAPPINI, Ligia. *Modernismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. A autora também é conhecida como Lígia

CHIAPPINI, Ligia. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo: Ática, 1978.

CLEMENTE, Elvo. *Folhas do caminho: 150 anos de Lobo da Costa e outros artigos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

CÓDIGO DE REDAÇÃO INTERINSTITUCIONAL DOS ESTADOS-MEMBROS DA UNIÃO EUROPEIA. Disponível em: <<http://publications.europa.eu/code/pt/pt-370100.htm>>. Acesso em: 2 mar. 2013.

COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, *Atas...* Nashville: The Vanderbilt University Press, 1953.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA. Disponível em: <http://www.cbtg.com.br/>. Acesso em: 25 mar. 2013.

CONSELHO FEDERAL DE CULTURA. *Sessão plenária à memória de Moysés Vellinho*. Rio de Janeiro, 1º de setembro de 1980.

CONSELHO FEDERAL DE CULTURA. *Sessão plenária à memória de Moysés Vellinho*. Rio de Janeiro, 01 set. 1980.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Banco de Teses. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

CORSO, Heloísa Vellinho. Depoimento da filha de Moyses Vellinho. 19 abr. 2011. Entrevistadora: Viviane V. Herchmann. Porto Alegre, 2011.

COSTA E SILVA, Riograndino. *Notas à margem da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1968.

COUTINHO, Afrânio; GALANTE, J. *Enciclopédia da Literatura Brasileira*. São Paulo: MEC, 1990.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.

CURY, Maria Zilda Ferreira; WALTY, Ivete Lara Camargos (Org.). *Intelectuais e vida pública: migrações e mediações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

CURY, Maria Zilda Ferreira; WALTY, Ivete Lara Camargos (Org.). O intelectual e o espaço público. *Revista da ANPOLL* 26. Belo Horizonte.

jul./dez. 2009, p. 224. Disponível em:

<<<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/137/145>>. p. 221-232.

DAMASCENO, Athos. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1970.

DARONCO, Marilice. Um século de romance (reportagem). *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, 19 maio 2012. Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/imprensa/4,1304,3761822,19628>>.

Acesso em: 06 abr. 2013.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural. Acervo Moysés Vellinho. Disponível em: <http://www.pucrs.br/delfos/>. Acessos entre 2009 a 2013.

DIDION, Joan. *The white album*. 11nd. ed. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2001. “*We Tell Ourselves Stories in Order to Live*” 2001.

DOCCA, Souza. Discurso de inauguração do IHGRS. *Revista do IHGRS*, I Trimestre. Ano I. 1921, p. 129-131.

DOESER, Linda. *Vida e obra de Klee*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

DUPRAT, Marcelo. *Ateliê arte+arte*. Disponível em:

<<http://www.marceloduprat.net>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Rio de Janeiro: Temas e Debates, 2003.

Electrophysiological Evidence of Intuition: Part 1. The Surprising Role of the Heart. Publicado em: *Journal of Alternative and Complementary Medicine* 2004; 10(1): 133-143. Disponível em: <<http://www.heartmath.org>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

FERNANDES, Astrogildo. [Reportagem]. *Em defesa do intrépido gaúcho, o capitão José Tiaraju, o lendário São Sepé*. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 8 dez.1955. p. 17.

FERNANDES, Astrogildo. Intelectuais gaúchos manifestam-se sobre o valor histórico do Índio Sepé Tiaraju. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 18 dez. 1955.

FERREIRA, Cyro Dutra; MOURA, Plínio de. Posicionamento do 35 CTG. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 jan. 1956.

FISCHER, Luís Augusto; WOLF, Eduardo. Paixão Côrtes. *Zero Hora*, Caderno de Cultura, Porto Alegre, sábado, 15 maio 2004.

FRANÇA, Eurico Nogueira. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980.

FRANCO, Sérgio da Costa. Homens de letras e a política: a política rio-grandense ao tempo do castilhismo-borgismo. *MÉTIS: história & cultura*, Cidade, v. 2, n. 4, p. 263-271, jul./dez. 2003.

FREYRE, Gilberto. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980. p. 83.

FUNDAÇÃO ASTROGILDO PEREIRA. Disponível em: <<http://www.fundacaoastrojildo.com.br/index.php/genero-e-etnia/1224-uma-carta>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

GOLIN, Tau. Cartografia da Guerra Guaranítica. *I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/GOLIN_LUIZ_CARLOS_TAU.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2011.

GOLIN, Tau. Em questão de minutos. *Revista de História.com.br*. Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/em-questao-de-minutos>>. Acesso em: 6 jul. 2011.

GONÇALVES, Rui Mário. *A arte e a ciência no século XX*. Disponível em: <<http://www.gazetadefisica.spf.pt/magazine/article/653/pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

GONZAGA, Sergius. *Manual de Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

GOUVÊA, Paulo de. Um fidalgo das letras. *Correio do Povo*, Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 7.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Cultura: Casa das Rosas faz releitura de palestra de Guilherme de Almeida. Publicação em: 28/05/10. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=210240&c=552&q=Casa+das+Rosas+faz+releitura+de+palestra+de+Guilherme+de+Almeida>>. Acesso em: 30 maio 2013.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo.* Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004. p. 20-25. Volume 2.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política.* Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002. Volume 3.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história.* 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995.

GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional.* Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1985.

GUTFREIND, Ieda. *A historiografia sul-rio-grandense.* Porto Alegre 1991, p. 4. Artigo datiloscrito depositado da Biblioteca da PUCRS.

GUTFREIND, Ieda. *A historiografia sul-rio-grandense.* 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA. Levantamento realizado pela pesquisadora, de janeiro a abril de 2012, na Hemeroteca Municipal de Lisboa, em Portugal.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.* Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOHLFELDT, Antônio. Moysés Vellinho: vida e obra. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 ago. 1980.

HOHLFELDT, Antônio. Um velho chefe de clã lusitano em terras gaúchas. (Entrevista). *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 10-11.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

I AM: o documentário. Direção e Produção: Tom Shadyac. Los Angeles: Universal Pictures, 2010. 1 DVD (76 min), windescreen, color.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORESTAS. Disponível em:
<<http://www.ibflorestas.org.br/pt/bioma-pampa.html>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações*. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL (IHGRGS). Borges de Medeiros. Disponível em:
<http://www.ihgrgs.org.br/arq_online/inventario_bm/001_Titulo.htm>. Acesso em: 12 jan. 2013.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL (IHGRGS). Disponível em: <<http://www.ihgrgs.org.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *A música nos sete povos das missões*. 26 set. 2006. Disponível em:
<<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-anteriores/423-a-musica-nos-sete-povos-das-missoes>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Povos indígenas no Brasil*. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/politicas-indigenistas/orgao-indigenista-oficial/galeria-dos-presidentes-da-funai>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

LAUXEN, Roberto. Paul Ricoeur e o desejo de viver. Entrevista feita a Catherine Goldenstein. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. n. 363, ano XI, 30 maio 2011. Disponível em:
<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3897&secao=363>. Acesso em: 20 maio 2013.

LESSA, Barbosa. Porteira Aberta. In: FISCHER, Luís Augusto; GONZAGA, Sergius (Org.) *Nós, os gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1993. p. 72-76.

LOBATO, Monteiro. A Propósito da Exposição Malfatti. São Paulo, *O Estado de S. Paulo*, Edição da Noite, 20 dez. 1917. Disponível em:
<<http://blogs.estadao.com.br/arquivo/2012/02/11/a-proposito-da-exposicao-malfatti-por-monteiro-lobato/>>. Acesso em: 24 dez. 2011.

LOBATO, Monteiro. A Propósito da Exposição Malfatti. São Paulo, *O Estado de S. Paulo*, Edição da Noite, 20 dez. 1917. In: MAC USP – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Disponível em

<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/educativo/paranoia.html>
. Acesso em: 24 dez. 2011.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 37. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LOPES, Cícero. O regionalismo e a busca de expressão. In: CRISTÓVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Alberto. (Coord.) *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas*. Simpósio. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

MAESTRI, Mário. Capitania d'El Rei. *La insignia*. 28 nov. 2006. Disponível em: http://www.lainsignia.org/2006/noviembre/ibe_070.htm. Acesso em: 12 mar. 2012.

MAESTRI, Mário. Capitania d'el-Rei: aspectos polêmicos da formação rio-grandense. [Entrevista]. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 204, ano VI, nov. 2006. Disponível em:
http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=588&secao=204. Acesso em: 23 mar. 2012.

MAESTRI, Mário. Moysés Vellinho e as virtudes da raça. *La insignia*. 6 maio 2001. Disponível em:
http://www.lainsignia.org/2001/mayo/cul_023.htm. Acesso em: 12 mar. 2012.

MARINELLO, Adiane Fogali. *Quando o poeta toma partido: literatura e política em Mansueto Bernardi*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul, 2005. Disponível em: http://tede.ucs.br/tde_arquivos/1/TDE-2006-12-12T153008Z-59/Publico/DISSERTACAO%20Adiane%20F%20Marinello.PDF. Acesso em: 24 jun. 2012.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

MARTINS, Cyro. A década de 20. In: CENTRO DE ESTUDOS DE LITERATURA E PSICANÁLISE CYRO MARTINS. Páginas soltas. Disponível em:
http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=236. Acesso em: 20 jun. 2012.

MARTINS, Cyro. Entrevista. *Paralelo*, [s.l.], ed. 2, 1979.

MARTINS, Cyro. O Regionalismo segundo Alcides Maya. *Zero Hora*, Porto Alegre, Segundo Caderno / Cultura, 11 set. 1973. p. 9.

MARTINS, Cyro. *Visão crítica do regionalismo (1944)*. Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins. Disponível em: <http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=291>. Acesso em: 20 jun. 2012.

MARTINS, Cyro. Visão Crítica do Regionalismo (1944). *Sem rumo*. Introdução. Porto Alegre, Movimento, 1997. 6. ed., p. 14 et seq. (1. ed., 1937). Ensaio originalmente publicado em 1944. Disponível em: <http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=291>. Acesso em: 20 jun. 2012.

MARZARI, Gabriela Quatrin. Imembuí: narrativa ficcional ou lendária? A (in)existência de sinais míticos em narrativas ditas de origem. *Ideias*. Revista do Curso de Letras da UFSM. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20revista%2015%20PDF/imembui.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

MASINA, Léa. Relendo o poema Antônio Chimango. *Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins*. Disponível em: http://www.celpcyro.org.br/v4/Fronteiras_Culturais/RelendoopoemaANTONIOCHIMANGO.htm. Acesso em: 20 jun. 2012.

MAYA, Alcides. *O Rio Grande independente*. Porto Alegre: Tipografia da Agência Literária, 1898. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br/bibli_online/alcides_maya/rio_grande_indep/livro_rg_indep.htm>. Acesso em: 30 abr. 2013.

MEDEIROS, Mario de. Machado de Assis. *A Nação*, cidade? Sem página?? Data aproximada? Creio que A Nação seja de Porto Alegre (acho!)

MEDEIROS, Mario. Machado de Assis. *A nação*, [Rio de Janeiro: S. n., 19--].

MEM DE SÁ. Moysés. *Correio do Povo*, Porto Alegre, Caderno de Sábado, 6 jan. 1979. p. 6.

MEYER, Augusto. *No tempo da flor*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

MOISÉS, Massaud. Um estudioso de Machado de Assis. *Divulgação*, n. 5, p. 23 e 24, set./out. 1960.

MONTEIRO LOBATO. Disponível em:
<http://lobato.globo.com/lobato_Biografia.asp>. Acesso em: 16 ago. 2012.

MONTELLO, Josué. Um mestre gaúcho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro, 1980. p. 93.

MOOG, Viana. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1980.

MORAES, Gilberto. Moyses, o hispânico. *Correio do Povo*. Caderno de Sábado, Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 2.

MOREIRA, Maria Eunice. História da Literatura: alguns problemas e (in)certas propostas. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Papéis nada avulsos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 11-20.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Patrono do Tradicionalismo João Cezimbra Jacques*. Disponível em: <http://www.mtgsc.com.br/pdf/historico_completo.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2013.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SÃO PAULO. Paul Klee. Disponível em:
<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/expressionismo/exp_alemao/cavaleiroazul/paul%20klee/index.html>. Acesso em: 17 mar. 2013.

NEIVA, Artur; PENA, Belisário. *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Brasília, DF: Academia Brasiliense de Letras, 1984.

NORMA ISO 3166. Siglas e códigos de países. Disponível em:
<<http://www.inf.ufrgs.br/~cabral/Paises.html>>. Acesso em: 3 jun. 2012.

NOVA HISTÓRIA: editorial. *Revista USP*. São Paulo: n. 23, set./nov. 1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/23/EDITORIAL-23.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2012.

NOVAIS, Germano de. Moysés Vellinho: homem público, crítico e ensaísta, diretor da *Província de São Pedro*, presidente da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, um príncipe nas letras e na vida. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 out. 1956.

OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

OLINTO, Heidrun Krieger. *Historiografia (literária) entre passado e presente*. GT – História da Literatura. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/gthistoria/olinto.php>>. Acesso em: 25 jan. 2013.

OLINTO, Heidrun Krieger. Interesses e paixões: histórias e literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger. (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado. In: *A revolução de 30: seminário realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro, set. 1980. Brasília, Editora Universidade de Brasília, cl983.

PEREIRA, Miguel Baptista. A hermenêutica da condição humana de Paul Ricoeur. *Revista Filosófica de Coimbra*. n. 24, 2003, p. 235-277. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_hermeneutica_da_condicao_humana>. Acesso em: 20 maio 2013.

PERIÓDICOS CAPES. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 21 set. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

PIAGET, Jean. *Psicologia e epistemologia: para uma teoria do conhecimento*. Lisboa: D. Quixote, 1972.

PINHEIRO, Israel de Oliveira. O regionalismo no Brasil Império. *Revista Ágora*. Vitória, n. 9, 2009, p. 21. Disponível em: <http://www.ufes.br/ppghis/agora/Documentos/Revista_9_PDFs/agora_Israel%20de%20Oliveira%20Pinheiro.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2013.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS). *Normas de atualização de textos do CPL – PUCRS e o Acordo Ortográfico Brasileiro assinado em 2009*. Disponível em: <URL>. Acesso em: 28 jul. 2013.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

PRITSCH, Eliana Inge. *As vidas de Sepé*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, novembro de 2004. II Tomo.

PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO. Porto Alegre: Globo, 1957.

QUINTANA, Mario. *A rua dos cataventos*. Porto Alegre: Globo, 1940.

QUINTANA, Mário. *Poesia completa*. Org. Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 103.

RABUSKE, Arthur. *Pe. Antônio Sepp, S. J., O gênio das reduções guaranis*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2003. Conforme: Instituto Humanitas Unisinos. *A música nos sete povos das missões*. 26 set. 2006. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-anteriores/423-a-musica-nos-sete-povos-das-missoes>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

REALE, Miguel. *Teoria do Direito e do Estado*. São Paulo: Martins Fontes, 1940.

RECHIA, Aristilda. *Lenda de Imembuí*. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/noticias/3425-i-encontro-internacional-de-escultores-reune-artistas-para-esculpir-sobre-a-historia-de-sm>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

REFUTAÇÃO DO PARECER DA COMISSÃO DE HISTÓRIA. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. À memória de Moysés Vellinho. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Rio de Janeiro, 1980.

RENAN, Ernest. *Qué es una nación?* Cartas a Strauss. Conferência realizada na Sorbonne, em 11 de março de 1882. Madrid: Alianza Editorial, [1987]. p. 82.

REVERBEL, Carlos. Amigo Moysés. *Correio do Povo*. Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 jan. 1979. p. 6.

REVISTA do IHGRS. I Trimestre, Ano I, 1921, p. 130-131.

Revista de História.com.br. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/arquivo-morto/arthur-cezar-ferreira-reis-1906-1993>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. Volume 3.

RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Papyrus, 1991.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: a configuração do tempo e a narrativa de ficção*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Volume 2.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Volume 1.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Volume 3.

RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1976.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Turismo. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/infotur/index.html>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

RODRIGUES, Helenice. Os 121 contra a guerra da Argélia. [Reportagem]. *Revista Leituras da História*. Disponível em: <<http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/14/artigo117255-1.asp>>. Acesso em: 12 abril 2013.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da crítica à história: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação – 1925-1964*. 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. O papel da universidade no “campo da história”: o curso de Geografia e História da UPA/UFRGS na década de 1940. *Métis: história & cultura*. Revista de História da Universidade de Caxias do Sul, v. 2, n. 2, p. 75-102, jul./dez. 2002.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1888. Tomo segundo (1830-1877).

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980. v. 5.

ROMERO, Silvio. *Machado de Assis: Estudo Comparativo de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmbrt, 1897.

ROSA, Othelo (Relator). Sepé Tiaraju e o Rio Grande. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 de novembro de 1955. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957.

SAID, Edward W. *Cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward. *Fora de lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SALLES, Cecília de Almeida. *Crítica genética: uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC, 2000.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da USP, 2006.

SÃO PAULO (Estado). Portal do Governo. *Cultura: Casa das Rosas faz releitura de palestra de Guilherme de Almeida*. Publicação em: 28/05/10. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=210240&c=552&q=Casa+das+Rosas+faz+releitura+de+palestra+de+Guilherme+de+Almeida>>. Acesso em: 30 maio 2013.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006.

SEPÉ TIARAJU e o Rio Grande. *Correio do Povo*, Porto Alegre: 26 de nov. de 1955. In: BERNARDI, Mansueto. *O primeiro caudilho rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 183-186.

SEVERO, Blau. Cartas ao Negrinho do Pastoreio, *Estado do Rio Grande*, Rio Grande, 08 dez. 1955.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL FRONTEIRAS DA AMÉRICA LATINA. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/america/santamaria.htm>>. Santa Maria: UFSM, s.a. Acesso em: 11 jan. 2013.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

TEIXEIRA, Ivan. Fortuna crítica 4: estruturalismo. *Cult.* Out. 1998.

Disponível em:

<http://textoterritorio.pro.br/alexandrefaria/recortes/cult_fortunacritica_4.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.

TERÁ SEPÊ seu monumento? *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 21 dez. 1955.

TOFFLER, Alvin. *Terceira Onda*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TORRES, Luiz Henrique. Fundamentos histográficos em Cenzibra Jacques. *BIBLOS* – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação. v. 18, n. 2, 2006. Disponível em:

<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000006533&dd1=0c95d>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

TV CULTURA. *Cultura no intervalo*: modernistas. Disponível em:

<<http://www2.tvcultura.com.br/culturanointervalo/perfil.asp?programaid=40>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

UMA VELHA praga, de Monteiro Lobato. *O Estado de S. Paulo*, nov. 1914.

Disponível em: <http://lobato.globo.com/lobato_Biografia.asp>. Acesso em: 16 ago. 2012.

VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El Rey*: aspectos polêmicos da história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1964.

VELLINHO, Moysés. *Capitania d'El Rey*: aspectos polêmicos da história do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1970.

VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1960.

VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1944.

VELLINHO, Moysés. Machado de Assis e a abolição. Sem indicação de periódico. Registro no DELFOS é Publicação em Periódico, 389 e 390.

VELLINHO, Moysés. Machado de Assis no Estrangeiro. Sem indicação de periódico? Sem página? 28 maio 1957. REGISTRO NO DELFOS: Publicação em periódico, 192a.

VELLINHO, Moysés. Machado de Assis: aspectos de sua vida e de sua obra. *Jornal do Estado*, Porto Alegre. Caderno Suplemento, 21 jun. 1939.

VELLINHO, Moysés. *Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

VELLINHO, Moysés. *Revista Província de São Pedro*. Editorial, n. 1, jun. 1945.

VELLINHO, Moysés. *Revista Província de São Pedro*. Editorial, n. 21, 1957.

VELLINHO, Moysés. Sepé Tiaraju e o Rio Grande. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 dez. 1955.

VELLINHO, Moysés. Um brasileiro contra a paisagem. In: MACHADO DE ASSIS e histórias mal contadas. Porto Alegre: Globo, 1960.

VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. Vol.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Globo, 1973.

VILLAÇA, Fabiano. Arthur Cezar Ferreira Reis (1906-1993). *Revista de História.com.br*. Disponível em:
<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/arquivo-morto/arthur-cezar-ferreira-reis-1906-1993>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

WOODBIDGE JÚNIOR. Benjamin. Machado de Assis: o encontro do artista com o homem. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 8, n. 18, dez. 1953, p. 18-25.

ZISMANN, Tatiana. *A construção da identidade nacional nos discursos crítico-literário e historiográfico de Moysés Vellinho*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

**ANEXO A – CRONOLOGIA DO INTELLECTUAL: MOYSÉS VELLINHO – VIDA
E OBRA**

1901/1904 1905/1908 1910/1915 1917/1921 1922/1925 1925/1927 1928/1929

1901 – 6/1: nasce Moysés de Moraes Vellinho, em Santa Maria (RS). Filho de João Rodrigues Vellinho e Adalgiza de Moraes Vellinho.
1901 – é fundada a Academia Rio-

1905 – Albert Einstein anuncia a Teoria da Relatividade.
1906 – Santos Dumont voa com o 14 Bis pela primeira vez.
1906 [?]: estuda o primário na aula pública

1910 – Alcides Maya publica *Ruínas Vivas*. Movimento saudosista em Portugal, com a fundação da revista *A Águia*.
1911 – transfere-se com a mãe e os 5 irmãos (Manuel, Thales, José, Marieta e Carlos) para Porto Alegre.
1911 – Alcides Maya publica *Tapera*.
1912 – muda-se para Caxias do Sul, onde permanece sob os cuidados do tio e padrinho José Penna de Moraes. Estuda no Colégio Nossa Senhora do Carmo.
1912 – Simões Lopes Neto publica *Contos Gauchescos*.

1917 – início da Revolução Russa.
1917 – 8/11: admissão de Moysés Vellinho na Congregação Mariana do Ginásio Anchieta.
1918 – Monteiro Lobato adquire a *Revista do Brasil*.
1919 – assinatura do Tratado de Versalhes. Mussolini chega ao poder na Itália. Surto da Gripe Espanhola no Brasil.
1919 – é promovido ao segundo ano do Secundário, no Ginásio Anchieta, assinado pelo Padre Henrique Book. Ordem de matrícula nº 28.
1919 – 8/12: resultado do exame de Botânica, 2º ano secundário, Ginásio Anchieta (publicado em *A Federação*).
1920 – 19/11: divulgação do exame de Português do terceiro ano secundário, Ginásio Anchieta (publicado em *A Federação*).
1921: conclui o curso secundário no Ginásio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre.
1921 – 16/8: estreia como crítico literário pelo *Correio do Povo*, edição nº 196, p. 3, com o artigo "Monteiro Lobato (A respeito de

Onda Verde"); sob o pseudônimo de Paulo Arinos.
1922 – Semana de Arte Moderna.
1922 – fundação do Partido Comunista do Brasil. Rebelião tenentista no Rio de Janeiro: 18 do Forte de Copacabana.
1922 – 22/9: é eleito vice-presidente do centro acadêmico de Direito. Posse em 25/09.
1923 – 2/9: conferência publicada no *Correio do Povo*: "Variações sobre a moderna poesia no Brasil".
1923 – Revolução de 1923 no RS. É fundada a primeira emissora de radiofusão do Brasil: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.
1925 – contribui na seção literária do *Almanaque Rio-Grandense* (6ª edição), publicado pela Livraria do Globo.
1925 – 16/8: publica o primeiro texto da polêmica com Rubens de Barcellos sobre a obra do escritor rio-grandense Alcides Maya, intitulado "O papel da nova geração", nas páginas do jornal *Correio do Povo*, sob o pseudônimo de Paulo

Arinos.
1925 – "O delicado e exigente crítico de arte do Rio Grande, Paulo Arinos, publicou [...] 'Luz e cor'" (sobre a obra de Angelo Guido). Cf.: *A Federação*, 25 mai. 1934, p. 3. Em referência ao texto 'Luz e cor', publicado em o *Correio do Povo*, 22 set. 1925.
1925 – 11/5: participação na sessão solene no Teatro São Pedro em comemoração a fundação dos cursos jurídicos no Brasil.
1925 a 1926 – atua como promotor de Justiça em Caxias do Sul e Jaguarão (RS).
1926 – 1/1: forma-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre.
1926 – 24/7: disserta sobre Machado de Assis na Associação Cristã de Moços, no Sarau Literário-Musical.
1926 – 31/12: Augusto Meyer dedica o poema "Oração Matinal" (manuscrito) a Paulo Arinos.
1927 – exerce a função de Inspetor do Ensino Estadual.
1927 – publica o estudo "Raul de Leão", na revista *Ilustração*

Brasileira, do Rio de Janeiro.
1928 a 1930 – Getúlio Vargas é presidente do Estado do RS.
1928 a 1930: atua como chefe de gabinete do Secretário do Interior do Rio Grande do Sul, Oswaldo Aranha.
1928 – Mario de Andrade publica Macunaima. Oswald de Andrade publica o "Manifesto Antropófago", na edição n. 1 da *Revista de Antropofagia*.
1928 – 22/3: comparece ao embarque do Dr. Walder Sarmanho, representando Oswaldo Aranha, Secretário do Interior.
1928 – 28/4: comparece ao jantar de despedida de Vargas Netto - de mudança para São Borja.
1929 – Quebra da Bolsa de Valores de Nova York.
1929 – 5/1: passa a integrar o corpo de redatores da *Revista do Globo*, sob a direção de Mansueto Bernardi.
1929 – 4/5: participação na comemoração do aniversário do Dr. Eduardo Marques, diretor do expediente da Secretaria do Interior.



Fonte: arquivo cedido pela família.
 Grandense de Letras. Ocorre a Exposição Agropecuária e Industrial do RS. Governo de Borges de Medeiros até 1908.
1902 – Euclides da Cunha publica *Os sertões*.
1903 – 12/3: nasce o irmão Carlos de Moraes Vellinho.
1903 – falece Júlio de Castilhos. É fundado o Museu do Estado do RS.
1904 – Banco da República (fundado em 1808) torna-se Banco do Brasil.

publica *Machados de Assis - algumas notas sobre o "humour"*.
 Simões Lopes Neto publica *Lendas do Sul*.
1913 a 1928 – Governo de Borges de Medeiros no RS.
1914 – retorna a Porto Alegre, onde ingressa no curso secundário no Ginásio Anchieta, em Porto Alegre.
1914 a 1918 – Primeira Guerra Mundial.
1915 – lançamento da revista *Orpheu* em Portugal – marco do modernismo literário.

1913 – Alcides Maya publica *Machados de Assis - algumas notas sobre o "humour"*.
 Simões Lopes Neto publica *Lendas do Sul*.
1913 a 1928 – Governo de Borges de Medeiros no RS.
1914 – retorna a Porto Alegre, onde ingressa no curso secundário no Ginásio Anchieta, em Porto Alegre.
1914 a 1918 – Primeira Guerra Mundial.
1915 – lançamento da revista *Orpheu* em Portugal – marco do modernismo literário.

1913 – Alcides Maya publica *Machados de Assis - algumas notas sobre o "humour"*.
 Simões Lopes Neto publica *Lendas do Sul*.
1913 a 1928 – Governo de Borges de Medeiros no RS.
1914 – retorna a Porto Alegre, onde ingressa no curso secundário no Ginásio Anchieta, em Porto Alegre.
1914 a 1918 – Primeira Guerra Mundial.
1915 – lançamento da revista *Orpheu* em Portugal – marco do modernismo literário.

1913 – Alcides Maya publica *Machados de Assis - algumas notas sobre o "humour"*.
 Simões Lopes Neto publica *Lendas do Sul*.
1913 a 1928 – Governo de Borges de Medeiros no RS.
1914 – retorna a Porto Alegre, onde ingressa no curso secundário no Ginásio Anchieta, em Porto Alegre.
1914 a 1918 – Primeira Guerra Mundial.
1915 – lançamento da revista *Orpheu* em Portugal – marco do modernismo literário.

1913 – Alcides Maya publica *Machados de Assis - algumas notas sobre o "humour"*.
 Simões Lopes Neto publica *Lendas do Sul*.
1913 a 1928 – Governo de Borges de Medeiros no RS.
1914 – retorna a Porto Alegre, onde ingressa no curso secundário no Ginásio Anchieta, em Porto Alegre.
1914 a 1918 – Primeira Guerra Mundial.
1915 – lançamento da revista *Orpheu* em Portugal – marco do modernismo literário.

1901 – 6/1: nasce Moysés de Moraes Vellinho, em Santa Maria (RS). Filho de João Rodrigues Vellinho e Adalgiza de Moraes Vellinho.
1901 – é fundada a Academia Rio-

1905 – Albert Einstein anuncia a Teoria da Relatividade.
1906 – Santos Dumont voa com o 14 Bis pela primeira vez.
1906 [?]: estuda o primário na aula pública

1910 – Alcides Maya publica *Ruínas Vivas*. Movimento saudosista em Portugal, com a fundação da revista *A Águia*.
1911 – transfere-se com a mãe e os 5 irmãos (Manuel, Thales, José, Marieta e Carlos) para Porto Alegre.
1911 – Alcides Maya publica *Tapera*.
1912 – muda-se para Caxias do Sul, onde permanece sob os cuidados do tio e padrinho José Penna de Moraes. Estuda no Colégio Nossa Senhora do Carmo.
1912 – Simões Lopes Neto publica *Contos Gauchescos*.

1917 – início da Revolução Russa.
1917 – 8/11: admissão de Moysés Vellinho na Congregação Mariana do Ginásio Anchieta.
1918 – Monteiro Lobato adquire a *Revista do Brasil*.
1919 – assinatura do Tratado de Versalhes. Mussolini chega ao poder na Itália. Surto da Gripe Espanhola no Brasil.
1919 – é promovido ao segundo ano do Secundário, no Ginásio Anchieta, assinado pelo Padre Henrique Book. Ordem de matrícula nº 28.
1919 – 8/12: resultado do exame de Botânica, 2º ano secundário, Ginásio Anchieta (publicado em *A Federação*).
1920 – 19/11: divulgação do exame de Português do terceiro ano secundário, Ginásio Anchieta (publicado em *A Federação*).
1921: conclui o curso secundário no Ginásio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre.
1921 – 16/8: estreia como crítico literário pelo *Correio do Povo*, edição nº 196, p. 3, com o artigo "Monteiro Lobato (A respeito de

Onda Verde"); sob o pseudônimo de Paulo Arinos.
1922 – Semana de Arte Moderna.
1922 – fundação do Partido Comunista do Brasil. Rebelião tenentista no Rio de Janeiro: 18 do Forte de Copacabana.
1922 – 22/9: é eleito vice-presidente do centro acadêmico de Direito. Posse em 25/09.
1923 – 2/9: conferência publicada no *Correio do Povo*: "Variações sobre a moderna poesia no Brasil".
1923 – Revolução de 1923 no RS. É fundada a primeira emissora de radiofusão do Brasil: a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.
1925 – contribui na seção literária do *Almanaque Rio-Grandense* (6ª edição), publicado pela Livraria do Globo.
1925 – 16/8: publica o primeiro texto da polêmica com Rubens de Barcellos sobre a obra do escritor rio-grandense Alcides Maya, intitulado "O papel da nova geração", nas páginas do jornal *Correio do Povo*, sob o pseudônimo de Paulo

Arinos.
1925 – "O delicado e exigente crítico de arte do Rio Grande, Paulo Arinos, publicou [...] 'Luz e cor'" (sobre a obra de Angelo Guido). Cf.: *A Federação*, 25 mai. 1934, p. 3. Em referência ao texto 'Luz e cor', publicado em o *Correio do Povo*, 22 set. 1925.
1925 – 11/5: participação na sessão solene no Teatro São Pedro em comemoração a fundação dos cursos jurídicos no Brasil.
1925 a 1926 – atua como promotor de Justiça em Caxias do Sul e Jaguarão (RS).
1926 – 1/1: forma-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre.
1926 – 24/7: disserta sobre Machado de Assis na Associação Cristã de Moços, no Sarau Literário-Musical.
1926 – 31/12: Augusto Meyer dedica o poema "Oração Matinal" (manuscrito) a Paulo Arinos.
1927 – exerce a função de Inspetor do Ensino Estadual.
1927 – publica o estudo "Raul de Leão", na revista *Ilustração*

Brasileira, do Rio de Janeiro.
1928 a 1930 – Getúlio Vargas é presidente do Estado do RS.
1928 a 1930: atua como chefe de gabinete do Secretário do Interior do Rio Grande do Sul, Oswaldo Aranha.
1928 – Mario de Andrade publica Macunaima. Oswald de Andrade publica o "Manifesto Antropófago", na edição n. 1 da *Revista de Antropofagia*.
1928 – 22/3: comparece ao embarque do Dr. Walder Sarmanho, representando Oswaldo Aranha, Secretário do Interior.
1928 – 28/4: comparece ao jantar de despedida de Vargas Netto - de mudança para São Borja.
1929 – Quebra da Bolsa de Valores de Nova York.
1929 – 5/1: passa a integrar o corpo de redatores da *Revista do Globo*, sob a direção de Mansueto Bernardi.
1929 – 4/5: participação na comemoração do aniversário do Dr. Eduardo Marques, diretor do expediente da Secretaria do Interior.

1929/1930 1930/1931 1931/1932 1933/1933 1934/1935 1935/1937 1938/1939

1929 – 1/6: registro de enfermidade do “brilhante escritor riograndense”. Cf.: “A Federação”, p.5.

1929 – 28/12: casa-se com Lygia Gomes Torres. Cerimônia civil às 15h, na residência dos pais da noiva, à

Vargas na partida do “comboio revolucionário”: ocasião da Revolução de 30.

1930 – 7/11: nasce o primeiro filho, Oswaldo Torres Vellinho.

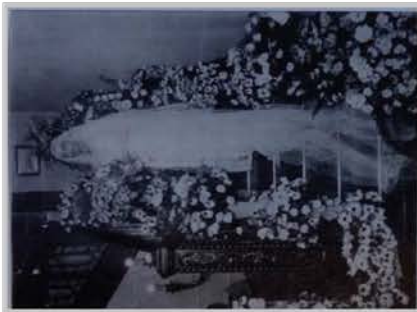
1930 – Revolução de 30: Getúlio Vargas assume o Governo Provisório do País (1930-1934)

1931 – é inaugurado o Cristo Redentor, no Morro do Corcovado, no Rio de Janeiro.

1931 – 7/2: embarca para o Rio com a família, a bordo do “Itaquecê”, para servir como Oficial de Gabinete do Ministro da Justiça Oswaldo Aranha. Reside no bairro das Laranjeiras e, depois, em Copacabana.

1931 – participa de jantar com Alvaro Moreira, Augusto Frederico Schmidt, Mansueto Bernardi, onde conhece Raquel de Queiróz, que recebe o Prêmio da Fundação Graça Aranha.

1931 – 9/5: diploma do Instituto da Ordem dos Advogados do Rio Grande do Sul.



Fonte: arquivo cedido pela família. Rua Independência, nº 96; cerimônia religiosa, às 21h, na capela São José, na Rua São Rafael (atual Alberto Bins) em Porto Alegre. Oswaldo Aranha cede sua casa para a lua-de-mel do casal.

1931 – 16/11: chega a Porto Alegre da Capital Federal.

1932 – Revolução Constitucionalista em

do Partido Republicano Liberal e Diário Oficial do Governo do Estado do RS.

1933 – Hitler torna-se



o primeiro-ministro alemão.

1933 – 19/1: é fundado o Grêmio Republicano Liberal “Flores da Cunha”, sendo Moyses Vellinho um de seus integrantes.

1933 – 6/5: vai ao Rio de Janeiro, via aérea, na atuação de advogado.

1933 – 14/9: publica o texto “Modernismo e Regionalismo” em A Federação, p. 4.

1933 – 23/11: Paulo Arinos preside a reunião inaugural da Fundação Eduard Guimaraes, no salão nobre da Biblioteca Pública do Estado do RS.

1934 – 12/12: recebe a carta de habilitação para condutor de automóvel.

1934 a 1937 – Governo Constitucional do Presidente Getúlio Vargas.

1934 – elege-se Deputado Constituinte pelo Partido Republicano Liberal.

1934 – 15/2: hospeda-se com a família no Veraneio Desvio Blauth/RS.

1934 – 4/5: recebe indicação para compor o diretório da Ação Republicana Liberal, por sugestão da comissão executiva do Partido Republicano Liberal e da secretaria geral do partido.

1934 – 7/6: recebe o desenhoista gaúcho Sotero Cosme na Fundação Eduardo Guimaraes.

1934 – 5/12: discursa no banquete de homenagem a Vieira Pires, nomeado para direção de A Federação, no Grande Hotel.

1934 – 12/12: recebe a carta de habilitação para condutor de automóvel.

1935 – Comemoração do centenário da Revolução Farrroupilha no RS.

1935 – 1937: atua como Deputado Constituinte da Assembleia Estadual.

1936 – Roosevelt é reeleito presidente dos EUA. Japoneses ocupam Pequim, Xangai e Nanquim. Começa a Guerra Civil Espanhola.

1937: participa da Dissidência Liberal.

1937 – 2/4: nasce a filha Heloisa Torres Vellinho.

1937 – passa a residir na Rua André Puentes, em Porto Alegre.

1937 – por motivos políticos, retira-se de Porto Alegre com a família, permanecendo por um tempo no Rio de Janeiro.

1937 – 18/5: reprodução de um artigo de Paulo Arinos intitulado “Continuidade Histórica” em A Federação, p. 3.

1937 a 1945 – período do Estado Novo: presidente Getúlio Vargas.

1937 – 21/10: assume a direção do periódico A Federação, antigo órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, e agora do Partido Republicano

Liberal.

1937 – 10/11: é declarado o Estado Novo. Extingue-se o periódico A Federação.

1938 a 1945: integra o Conselho Administrativo do Estado do Rio Grande do Sul.

1938[?]: torna-se colaborador dos Diários Associados, periódico publicado em diversos Estados brasileiros.

1938 a 1964: torna-se Ministro no Tribunal de Contas do Estado, sob o governo do interventor Ernesto Dornelles.

1939 a 1945: Segunda Guerra Mundial.

1939 – 21/6: profere na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul a conferência intitulada *Um brasileiro contra a paisagem*, em homenagem ao centenário do

nascimento de Machado de Assis, no Salão Nobre da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. A partir dessa conferência, abandona o pseudônimo Paulo Arinos, passando a assinar seus trabalhos pelo nome de registro.

1940/1944 — **1944/1947** — **1947/1949** — **1949/1950** — **1951/1952** — **1953/1954** — **1954/1955**

1940 — Mário Quintana dedica o Soneto de número XIX — “Minha Morte Nasceu...” a Moyisés Vellinho em *A rua dos cataventos*, publicado pela Editora Globo, em 1940.

1940 — Paris é ocupada pelos alemães.

1941 — ataque japonês a Pearl Harbour. Entrada dos EUA na Segunda Guerra.

1942 — Brasil ingressa definitivamente na Segunda Guerra.

1943 — 12: primeira dedicatória da obra *Letras da Província*, a qual oferece à esposa Lygia.



1944 — publica *Letras*

da *Província* (1ª edição), pela Editora Globo, de Porto Alegre.

1944 — publica o estudo “Dois lados de uma paisagem”, no *Boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira*, do Rio de Janeiro, n. 8.

1945 — publica o ensaio “Eça de Queirós e o espírito de rebeldia”, na *Polianteia*, sobre o centenário de Eça de Queirós, em edição Dois Mundos, de Lisboa.



1945 a 1957: funda e dirige a revista cultural *Província de São Pedro* (21 números).

1946 — Proclamada a nova Constituição Brasileira. EUA lança o Plano Marshall.

1947 — 25/10: torna-se sócio efetivo do Clube

do Comércio de Porto Alegre.

1947 a 1949: preside o Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul.

1948 — criação do Estado de Israel. China torna-se comunista.

1948 — 20/2: *Officier d’Académie: Ministère de l’Education Nationale*.

1948 — 22/9:

pronuncia *Oração na inauguração do VI Salão de Desenho Infantil e Juvenil e II Bazar de Artes Aplicadas*, no Auditório do *Correio do Povo*.



Fonte: 20 visitantes ilustres. Zero Hora. Porto Alegre, 19 jun. 2013

1949 — ingressa no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS),

como sócio efetivo; posse em 30 de agosto.

1949 — 9/8: recebe em Porto Alegre/RS o escritor franco-argelino Albert Camus, juntamente com Marques Rebelo, Carlos Reverbel, Dante de

Laytano, Guilhermino Cesar, Erico Veríssimo, Jean Roche, Manoelito de Ornellas e Décio Souza.

1949 — Erico Veríssimo publica “O continente”, primeira parte da trilogia *O tempo e o vento*.

1950 a 1956: torna-se o segundo vice-

Goidanich, “esse homem de letras que a música conquistou, soube traçar o caminho da autoridade, OSPA com dinamismo e fé inabalável”. GOIDANICH, Oswaldo.

Moyisés Vellinho e a OSPA. *Correio do Povo*. 6 jan. 1979.

1953 — recebe Villa-Lobos no acroponto Salgado Filho, que chega à capital para reger a OSPA.

1953 — 27/5: nasce o primeiro neto João Alfredo (pais: Ana Maria e José).

1953 — publica “Evocação de Lobo da Costa”, em Pelotas (RS), em comemoração ao centenário de nascimento do autor, juntamente a Athos Damasceno Ferreira e Mozart Vitor Russomano, pela Livraria do Globo, de Porto Alegre.

1953 — 25/12: integra a Banca Examinadora

da defesa de tese do prof. Irmão Elvo Clemente, ao lado de Guilhermino César e Francisco Juruena, na PUCRS.

1954 — Getúlio Vargas comete suicídio.

1954 — é vice-presidente do Congresso Internacional de Escritores em São Paulo (SP), patrocinado pelo IV Centenário da Cidade de São Paulo, juntamente com Paul Rivet, William Faulkner e Rodolfo Mattei.

1954 — 8/5: nasce o neto Paulo (falece em 1986) (pais: Ana Maria e José).

1954 — 28/12: comemora Bodas de Prata com a esposa Lygia.

1955 — começa a Guerra do Vietnã.

1955 — 1959: governo Ildo Meneghetti no RS.

1955 — 25/5: casa-se o filho primogênito

1956/1959

Oswaldo com Marisa Mottin.
1955 – polemiza com o escritor Mansueto Bernardi sobre homenagem ao índio Sepé Tiaraju, por meio de periódicos de Porto Alegre.

1955 – 31/7: nasce o neto José (pais: Ana Maria e José).

1956 – 17/9: nasce a neta Isabel (pais: Oswaldo e Marisa).

1957 – publica *Simões Lopes Neto* (1ª edição) – contos e lendas, biografia e antologia, pela Editora Agir, do Rio de Janeiro, para Coleção Nossos Clássicos, 5.

1957 – publica o ensaio “O gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino”, na 2ª série de *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, da Faculdade de Filosofia da UFRGS, de Porto Alegre.

1957 – 6/4: nasce a neta Ângela (pais: Ana Maria e José).

1957 – 15/9: *Stella della Solidarietà* Italiana, segunda classe.

1958 – publica a

1960/1960

conferência “O Partenon Literário”, no volume *Seminário de Estudos Gaúchos*, da PUCRS.

1959 – Fidel Castro lidera a Revolução Cubana.

1959 – 27/2: nasce o neto Eduardo (pais: Oswaldo e Marisa).

1960 – Juscelino Kubitschek inaugura Brasília.

1960 – 29/7: nasce a neta Martha (pais: Oswaldo e Marisa).

1960 – 7/10: nasce a neta (pais: Ana Maria e José).

1960 – publica o livro *Machado de Assis – histórias mal contadas e outras histórias*, pela Livraria São José, do Rio de Janeiro.



1960/1962

1960 – publica a conferência “Os jesuítas no Rio Grande do Sul”, na 4ª série de *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, da Faculdade de Filosofia da UFRGS, de Porto Alegre.

1960 – publica *Simões Lopes Neto* (2ª edição) – contos e lendas, biografia e antologia, pela Editora Agir, do Rio de Janeiro, para Coleção Nossos Clássicos, 5.

1960 – publica a 2ª edição de *Letras da Província*.

1961 – 10/9: torna-se sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria.

1961 – acadêmico de honra da *American International Academy*.

1961 – Erico Verissimo publica “O arquipélago”, terceira parte da trilogia *O tempo e o vento*.

1962 – 16/5: casa-se a filha Heloísa com Sady Corso.

1962 – publica o ensaio-conferência “A configuração atual do Rio Grande do Sul e sua fronteira histórica”, na 5ª. Série de

1962/1963

Fundamentos da Cultura Rio-Grandense, da Faculdade de Filosofia da UFRGS, de Porto Alegre.

1962 – publica “O Rio Grande e o Prata”: contrastes, no *Caderno do Rio Grande*, n. 12, do Instituto Estadual do Livro, da Divisão de Cultura da SEC, de Porto Alegre.

1962 – publica o estudo “A valorização do português na obra de Gilberto Freyre”, incluído na obra *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia e sua arte*, publicada no Rio de Janeiro pela José Olympio.

1962 – 17 a 25/11: participação no III Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil na condição de ministro do Tribunal de Contas do RS.

1962 a 1963: preside o Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul, período que inaugura a nova sede.

1963 – 23/3: nasce a neta Laura (pais: Heloísa e Sady).

1963: preside o Instituto Cultural

1963/1964

Brasileiro Norte-Americano, em Porto Alegre.

1963 - Kennedy é assassinado nos EUA.

1964 a 1985 – Regime Militar no Brasil.

1964 – publica o estudo “Formação e história do gaúcho rio-grandense”, incluído na obra *Rio Grande do Sul: terra e povo*, da Editora

1964

Globo, de Porto Alegre.

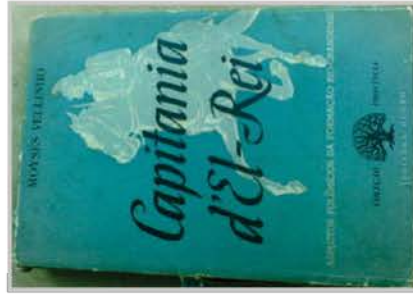
1964 – aposenta-se como Ministro do Tribunal de Contas do RS.

1964 – assume a primeira vice-presidência do IHGRS,

função em que permanece até 1980; nesse período, atua também como presidente do IHGRS e integra o quadro de

sócios do IHGB.

1964 – publica o livro *Capitania d’El-Rei*: aspectos polêmicos da história do Rio Grande do Sul, pela Editora Globo, de Porto Alegre.



Fonte: arquivo cedido pela família.

1965/1967

1965 – publica Síntese histórica da formação rio-grandense, pelo Ministério da Guerra/III Exército, de Porto Alegre.

1965 – 9/2: nasce a neta Helena (país: Heloisa e Sady).

1965 a 1969 – preside a Aliança Francesa, em Porto Alegre.

1966 – começa a Revolução Cultural na China.

1966 – 1/3: nasce a neta Luciana (país: Heloisa e Sady).

1966 – 17/7: nasce a neta Adriana (país: Oswaldo e Marisa).

1966 – 10/6: torna-se sócio honorário da Casa de Portugal.

1966 – 28/10: sessão da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, de Portugal, em que o presidente da entidade, Adriano Moreira, sugere o nome de Moysés Vellinho a sócio correspondente.

1967 – 31/3: proposta e decisão oficial sobre

Moysés Vellinho como Acadêmico correspondente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

1967 – 18/8: recebe diploma na Casa de Portugal (Avenida João Pessoa, 579), às 20h.30min, de Acadêmico

Correspondente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa do Côsul de Portugal, João Matos de Proença Filho. Discurso de Posse de Vellinho: “A herança lusitana na cultura do RS”. Discurso de saudação de Guilhermino César: “A obra de Moysés Vellinho”.

1967 – sócio fundador e presidente do Gabinete Português de Leitura.

1967 – 19/8: homenagem a Moysés Vellinho pelo Gabinete Português de Leitura, no restaurante O Galo, em Porto Alegre/RS.

1967 – 2/9: recebe placa comemorativa na noite de autógrafos de, na Sociedade de Amigos do Terceiro Distrito, em Porto Alegre/RS.

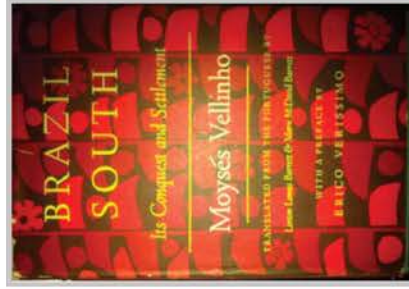
1967 – 8/9: viagem à Europa. Embarca para Lisboa, seguindo diretamente para França e Alemanha. Na condição de presidente da Aliança Francesa, viaja por todo o interior da França. Regressa a Portugal na segunda quinzena de outubro. Vai à Espanha e a Itália.

1967 – 24/10: é recebido pelo Doutor Adriano Moreira para evento de posse na Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Discurso de posse: “O brigadeiro José da Silva Pais e a incorporação do continente de São Pedro”. Recepção na sala convívio da Sociedade de Geografia de Lisboa pelas 22h.30min.

1967 – 27/2: é nomeado pelo Presidente da República pelo Decreto-Lei n. 74, de 21 de novembro de 1966, para constituir o grupo de vinte e quatro intelectuais brasileiros ao Conselho Federal de Cultura.

1968 – publica a versão em inglês do livro *Capitania d’El Rey*:

aspectos polêmicos da história do Rio Grande do Sul, nos Estados Unidos da América, sob o título *Brazil South – Its Conquist Settlement*, pela Alfredo A. Knopf Inc., de Nova York, com tradução de Linton Lomas Barret e Marie Mac David Barret.



1968 – publica o estudo “A herança lusitana na cultura do Rio Grande do Sul”, em Separata do *Boletim do Gabinete Português de Leitura*.

1968 – 5/10: nasce a neta Renata (país: Oswaldo e Marisa).

1968 – 30/10: diploma de Reconhecimento do Instituto dos Advogados

do RS.

1968 [?] – escreve um estudo sobre o crítico José Veríssimo para a segunda edição da obra *A literatura do Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho, publicada pela Editora Sul Americana do Rio de Janeiro.

1969 – Homem chega à Lua.

1969 – 5/8: Comendador da Ordem do Mérito Militar.

1969 – 13/12: apresenta a comunicação “O mestre de campo André Ribeiro Coutinho” na reunião conjunta da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e do Conselho Geral da União das Comunidades de Cultura Portuguesa.

1969 – publica o estudo “O mestre de campo André Ribeiro Coutinho”, segundo governador do

Continente de São Pedro”, em Separata do *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n. 5.

1969/1969

1969 – publica o estudo “Brigadeiro José da Silva Paes, fundador do Rio Grande do Sul”, na Separata da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 7, de São Paulo.

1969 – 15/11: assina documento aos aspirantes da Brigada Militar.

1970 – publica o livro *Recortes do velho mundo* – impressões de viagem, pela Livraria Sulina, de Porto Alegre.

1970 – publica (2ª edição) do livro *Capitania d’El Rey*: aspectos polêmicos da história do Rio Grande do Sul, pela Editora Globo, de Porto Alegre.

1970 – 10/6: exonera-se da função de conselheiro do Conselho Federal de Cultura pelo decreto de 10/6/1970, publicado no *Diário Oficial* de 11/6/1970.

1970 – 10/10: nasce a neta Fernanda (país: Heloisa e Sady).

1971 – 2/9: recebe mérito Universitário de Santa Maria.

1972 – é orador na

1970/1973

sessão solene de inauguração da nova sede do IHGRS.

1972 – é convidado pelo Governador do Estado do RS a integrar o Conselho da Ordem do Ponche Verde.

1973 – publica *Fronteira*, pelas Editoras Globo e UFRGS.

1973 – 12/12: recebe medalha comemorativa do centenário de José Plácido de Castro, libertador do Acre. Oferecida pelo Ministro de Estado da Educação e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

1973 – Pinochet vence Allende no Chile.

1974 – Richard Nixon renuncia à presidência dos EUA.

1974 – 29/3: torna-se sócio honorário da Biblioteca Rio-Grandense.

1974 – 25/10: recebe do Governo do Estado a medalha *Simões Lopes Neto*.

1976 – 18/3: emite parecer sobre a obra *O crítico à sombra da*

O INTELLECTUAL PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS Moysés de Moraes Vellinho

1978/1979

estante, de Tânia Franco Carvalhal.

1977 – é instituído o Prêmio Açorianos pela Prefeitura de Porto Alegre/RS. Raquel de Queiróz é a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

1977 – 27/8: nasce a bisneta Claudia (pais: João Alfredo e Mirriam).

1978 – publica *Oswaldo Aranha*: pequenos registros à margem de uma grande personalidade, esquema de uma biografia que não chegou a escrever sobre seu amigo, pela Editora Lima, de Porto Alegre.

1978 – publica o estudo “Castilhos e o castilhismo”, incluído em *Júlio de Castilhos*, de Cláudio Todeschini, lançada pelo Instituto Estadual do Livro, de Porto Alegre.

1978 – 27/9: nasce a bisneta Flávia (pais: João Alfredo e Mirriam).

1980/1980

Ouro com a esposa Lygia.

1980 – 8/8: nasce o bisneto Rafael (pais: Ângela e Dirceu).



1980 – 26/8: falece Moysés Vellinho, em Porto Alegre, aos 79 anos.

Fonte: arquivo cedido pela família.

1978 – 30/11: nasce a bisneta Andréa (pais: Paulo Pinto e Dora).

1979 – recebe o título de Doutor *Honoris Causa* pela UFRGS.



Fonte: arquivo cedido pela família.

1979 – 28/12: comemora Bodas de

1989/2000

Estadual do Livro.

1981 – é lançado postumamente o livro *Aparas do tempo*, pela União de Seguros Gerais, de Porto Alegre. O texto também é publicado na Separata do *Boletim da Academia Interinacional da Cultura Portuguesa*, n. 12.

1983 – Internet é criada.

1989 – Queda do muro de Berlim.

1989 – Arquivo Histórico da capital gaúcha passa a ser denominado Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.



Fonte: arquivo cedido pela família.

1991 – Fim da União Soviética.

1994 – Fernando

2000/2007

Henrique Cardoso é eleito presidente do Brasil.

1999 – cientistas escoceses produzem o primeiro clone de uma ovelha.

2000 – republicação do texto “Terrenos reservados para a servidão pública à margem dos rios navegáveis”, de 4/8/1932, no *Caderno de Literatura da AJURIS* – Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul, nº8, ano V, dezembro de 2000.

2001 – recebe diversas homenagens por ocasião do seu centenário de nascimento:

Abril: palestra do Ir. Elvo Clemente “Moysés Vellinho e a crítica no Rio Grande do Sul”, na Academia Rio-Grandense de Letras.

Maior: homenagem da XXVIII feira do livro de Santa Maria.

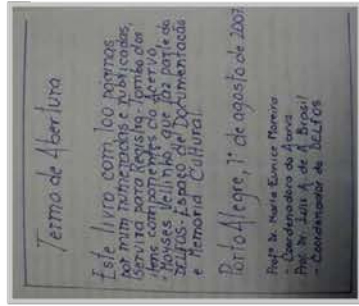
Outubro: homenageado no 2º Prêmio Literário Escritor Universitário.

Dezembro: lançamento da obra

2007

Ensaio Literários: Moysés Vellinho, por Carlos Alexandre Baumgarten (Org.) – IEL/RS.

2007 – 29/11: Acervo de Moysés Vellinho é doado oficialmente ao DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.



Fonte: arquivo cedido pela família.



ANEXO B –MOYSÉS VELLINHO: OBRAS PUBLICADAS

Machado de Assis: aspectos de sua vida e sua obra. Porto Alegre: Globo, 1939.

Letras da Província. Porto Alegre: Globo, 1944. (2ª ed. 1960).

Eça de Queirós e o espírito de rebeldia. Lisboa: Dois Mundos, 1945.

Simões Lopes Neto: contos e lendas, biografia e antologia. Rio de Janeiro: Agir, 1957. (Coleção Nossos Clássicos, 5). (2ª ed. 1960.)

Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos. Rio de Janeiro: São José, 1960.

Capitania d 'El-Rey – aspectos polêmicos da formação rio-grandense. Porto Alegre: Globo, 1964. (2ª ed. 1970).

Brazil South – Its Conquest and Settlement. Tradução: Linton Lomas Barrett e Marie McDavid Barrett. New York: Alfred Knopf, 1968. (versão em inglês de *Capitania d'El-Rey*).

Recortes do velho mundo: impressões de viagem. Porto Alegre: Sulina, 1970.

Fronteira. Porto Alegre: Globo/UFRGS, 1973.

Oswaldo Aranha: pequenos registros à margem de uma grande personalidade. Porto Alegre: Lima, 1978.

Aparas do tempo. Porto Alegre: União de Seguros Gerais, 1981. (póstumo).

OUTRAS PUBLICAÇÕES

1921 – 16/8: publicação de estreia como crítico literário pelo *Correio do Povo*, de Porto Alegre, edição nº 196, p. 3, com o artigo “Monteiro Lobato” (A respeito de *Onda Verde*), sob o pseudônimo de Paulo Arinos.

1925 – 16/8: publica o primeiro texto da polêmica com Rubens de Barcellos sobre a obra do escritor rio-grandense Alcides Maya, intitulado “O papel da nova geração”, nas páginas do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, sob o pseudônimo de Paulo Arinos.

1932 – 4/8: “Raul de Leone”, na revista *Ilustração Brasileira*, do Rio de Janeiro.

1932 – 4/8: “Terrenos reservados para a servidão pública à margem dos rios navegáveis”, revista *Justiça*, volume 1º, do fascículo 4º.

1933 – 14/9: “Modernismo e Regionalismo” em *A Federação*, de Porto Alegre, p. 4.

1944 – “Dois lados de uma paisagem”, no *Boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira*, do Rio de Janeiro, n. 8.

1953 – publica “Evocação de Lobo da Costa”, conjunto de palestras proferidas sobre o poeta, em Pelotas (RS), em comemoração ao centenário de nascimento do autor, juntamente a Athos Damasceno Ferreira e Mozart Vitor Russomano, pela Livraria do Globo, de Porto Alegre.

1957 – “O gaúcho rio-grandense e o gaúcho platino”, em 2ª série de *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, da Faculdade de Filosofia da UFRGS, de Porto Alegre.

1958 – “O Partenon Literário”, em *Seminário de Estudos Gaúchos*, da PUCRS.

1960 – “Os jesuítas no Rio Grande do Sul”, na 4ª série de *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, da Faculdade de Filosofia da UFRGS, de Porto Alegre.

1962 – ensaio-conferência “A configuração atual do Rio Grande do Sul e sua fronteira histórica”, na 5ª. Série de *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*, da Faculdade de Filosofia da UFRGS, de Porto Alegre.

1962 – “O Rio Grande e o Prata”: contrastes, em *Caderno do Rio Grande*, n. 12, do Instituto Estadual do Livro, da Divisão de Cultura da SEC, de Porto Alegre.

1962 – A valorização do português na obra de Gilberto Freyre”, incluído na obra *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia e sua arte*, publicada no Rio de Janeiro pela José Olympio.

1964 – “Formação e história do gaúcho rio-grandense”, incluído na obra *Rio Grande do Sul: terra e povo*, da Editora Globo, de Porto Alegre.

1965 – publica *Síntese histórica da formação rio-grandense*, pelo Ministério da Guerra/III Exército, de Porto Alegre.

1966 – “José Marcelino de Figueiredo”, em Separata do *Boletim do Gabinete Português de Leitura*. Porto Alegre: Editora Meridional Emma, ago. 1966.

1968 – “A herança lusitana na cultura do Rio Grande do Sul”, em Separata do *Boletim do Gabinete Português de Leitura*.

1968 [?] – escreve um estudo sobre o crítico “José Veríssimo” para a segunda edição da obra *A literatura do Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho, publicada pela Editora Sul Americana, do Rio de Janeiro.

1969 – “O mestre de campo André Ribeiro Coutinho”, segundo governador do Continente de São Pedro”, em Separata do *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n. 5.

1969 – “Brigadeiro José da Silva Paes, fundador do Rio Grande do Sul”, em Separata da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 7, de São Paulo.

1978 – “Castilhos e o castilhismo”, incluído em *Júlio de Castilhos*, de Cláudio Todeschini, lançado pelo Instituto Estadual do Livro, de Porto Alegre.

1981 – *Aparas do tempo* é republicado em Separata do *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, n. 12.

2000 – “Terrenos reservados para a servidão pública à margem dos rios navegáveis”, de 4 ago. 1932, republicado em *Caderno de Literatura da AJURIS* – Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul, nº 8, ano V, dezembro de 2000.

ANEXO C – CURRICULUM LATTES DA PESQUISADORA



Viviane Viebrantz Herchmann

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/7972092275460501>

Última atualização do currículo em 14/08/2013

Resumo informado pelo autor

Viviane Viebrantz Herchmann possui Licenciatura Plena (2001) e Mestrado (2004) em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Atualmente é doutoranda em Letras pela PUCRS, com bolsa-sanduíche realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desenvolve sua atividade profissional como professora titular nos cursos de graduação e pós-graduação do Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios - IBGEN -, em cursos de graduação na Faculdade Porto-Alegrense - FAPA, é consultora de Língua Portuguesa pela ADVB e atua como avaliadora das redações do Processo Seletivo do IBGEN e do Concurso Vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Tem experiência na área de Letras como professora, consultora, redatora e revisora de Língua Portuguesa e nos estudos de Língua, Redação, Comunicação e Metodologia da Pesquisa na área de Educação e de Administração e Gestão de Negócios. No âmbito da Literatura, sua ênfase de pesquisa foca-se em história da literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia literária, estudo de fontes, literatura brasileira, literatura e cultura sul-riograndenses. Produtora cultural cadastrada pelo Pró-Cultura RS.

(Texto informado pelo autor)

Dados pessoais

Nome Viviane Viebrantz Herchmann
Filiação Arlen Michael Herchmann e Neida Viebrantz Herchmann
Nascimento 29/07/1979 - Porto Alegre/RS - Brasil
Carteira de Identidade 2070627506 SJS - RS - 12/11/2001
CPF 941.453.720-04

Formação acadêmica/titulação

- 2009** Doutorado em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
com período sanduíche em Universidade de Lisboa (Orientador: Profa. Dr. Vania Pinheiro Chaves)
Título: Moysés Vellinho (1901-1980): o intelectual da Província
Orientador: Profa. Dr. Maria Eunice Moreira
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- 2002 - 2003** Mestrado em Programa de Pós Graduação em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
Título: Primórdios da imprensa no Brasil: o Jornal dos Debates Políticos e Literários (1837-1838), Ano de obtenção: 2004
Orientador: Profa. Dr. Maria Eunice Moreira
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- 1997 - 2001** Graduação em Licenciatura Plena em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Formação complementar

- 2012 - 2012** Curso de curta duração em Política e Literatura no Romantismo Português.
Universidade de Lisboa, UL, Lisboa, Portugal
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- 2009 - 2009** Seminário livre: sistema literário e mercado.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- 2000 - 2000** Curso de curta duração em Textualidade Designação e Argumentação.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
- 1998 - 2000** Extensão universitária em Língua Inglesa I II III.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
- 1999 - 1999** Curso de curta duração em Teorias do Discurso e o Ensino da Leitura e da Red.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil
- 1998 - 1998** Extensão universitária em Língua Alemã.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil

Atuação profissional

1. Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios - IBGEN

**Vínculo
institucional**

2005 - Atual Enquadramento funcional: Professor titular , Carga horária: 30, Regime: Parcial

Atividades

02/2008 - Atual Especialização

Especificação:
Metodologia da Pesquisa

08/2005 - Atual Graduação, Administração

Disciplinas ministradas:
Oficina de Linguagem , Trabalho de Conclusão de Curso , Metodologia da Pesquisa , Tópicos Especiais em Gestão , Desinibição e Oratória para Gestores , Redação e Expressão Oral

2. Faculdade Porto-Alegrense - FAPA**Vínculo
institucional**

2010 - Atual Vínculo: Celetista formal , Enquadramento funcional: Professor Titular , Carga horária: 8, Regime: Parcial

3. Associação dos Dirigentes de Marketing e Vendas do Brasil - ADVB**Vínculo
institucional**

2011 - Atual Vínculo: Serviços de consultoria , Enquadramento funcional: Professor-consultor, Regime: Parcial

4. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS**Vínculo
institucional**

2008 - Atual Vínculo: Concurso temporário , Enquadramento funcional: Avaliador de Redações do Concurso Vestibular, Regime: Parcial

5. Fundação Projeto Pescar - FPP**Vínculo
institucional**

2007 - 2008 Vínculo: Terceirizado , Enquadramento funcional: Consultora e Revisora de Língua Portuguesa, Regime: Parcial

6. Qg Sul Propaganda Ltda - QG-SUL**Vínculo
institucional**

2003 - 2007 Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Outro (especifique) , Carga horária: 40, Regime: Integral

Atividades

09/2003 - Atual Serviço Técnico Especializado, Setor de Revisão, Setor de Revisão

Especificação:
Revisora

7. Escala Comunicação e Marketing - ESCALA**Vínculo
institucional**

2003 - 2003 Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Revisora , Carga horária: 40, Regime: Integral

Atividades

01/2003 - 09/2003 Serviço Técnico Especializado, Setor de Revisão, Setor de Revisão

Especificação:
Revisora

8. MBM Seguradora - MBM**Vínculo
institucional**

2008 - 2011 Vínculo: Terceirizada , Enquadramento funcional: Consultora de Língua Portuguesa, Regime: Parcial

9. CMEB Camilo Alves - CAMILO ALVES

**Vínculo
institucional**

2010 - 2011 Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 20, Regime: Parcial

10. Escola Particular Santa Catarina - EPSC

**Vínculo
institucional**

2002 - 2002 Vínculo: Celetista formal , Enquadramento funcional: professor titular, Regime: Parcial

Atividades03/2002 - 08/2002 Ensino médio
*Especificação:
Língua Portuguesa*

11. Editora Age - EDITORA AGE

**Vínculo
institucional**

2003 - 2003 Vínculo: Outro , Enquadramento funcional: Revisora de Língua Portuguesa , Carga horária: 0, Regime: Parcial

Atividades09/2003 - 09/2003 Serviço Técnico Especializado, Editora Age, Setor de Revisão
*Especificação:
Revisão do Livro "Tempo de Soltar as Amarras", de Marta de Sousa Costa*

12. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

**Vínculo
institucional**

1997 - 2003 Vínculo: Monitoria , Enquadramento funcional: Monitoria , Carga horária: 0, Regime: Parcial

Atividades04/2003 - 04/2003 Outra atividade técnico-científica, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários
*Especificação:
Revisora - Projeto Reflexões PUCRS*09/2002 - 09/2002 Outra atividade técnico-científica, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários
*Especificação:
Revisora - Projeto Reflexões PUCRS*03/2002 - 03/2002 Outra atividade técnico-científica, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários
*Especificação:
Revisora - Projeto Reflexões PUCRS*06/2001 - 06/2001 Outra atividade técnico-científica, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários
*Especificação:
Revisora - Projeto Reflexões PUCRS*04/2001 - 04/2001 Extensão Universitária, Pró Reitoria de Extensão, Pró Reitoria de Extensão
*Especificação:
Monitoria - PUC EM CENA*03/2001 - 03/2001 Extensão Universitária, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários
*Especificação:
Monitoria - Programa Bolsa Benefício*03/2001 - 07/2001 Estágio, Colégio Marista Champagnat, Ensino Fundamental
*Estágio:
Professora Língua Portuguesa - 8ª Série*03/2001 - 01/2002 Outra atividade técnico-científica, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários
*Especificação:
Revisora Ortográfica*01/2001 - 01/2001 Extensão Universitária, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários
*Especificação:
Equipe de Apoio - Forum Social Mundial*

01/2001 - 03/2001 Extensão Universitária, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários, Pró Reitoria de Assuntos Comunitários

- Especificação:*
Monitora - PUC PLUS
- 12/2000 - 12/2000 Extensão Universitária, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação Em Letras
- Especificação:*
Equipe de Apoio - XVIII Sem. Bras. de Crítica Literária/ XVII Sem. Crítica do RS/ I Jornada Internacional de Narratologia
- 12/1999 - 12/1999 Extensão Universitária, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação Em Letras
- Especificação:*
Equipe de Apoio - XVII Sem. Bras. de Crítica Literária/ XVI Sem. de Crítica do RS
- 07/1999 - 07/1999 Outra atividade técnico-científica, Reitoria, Faculdade de Letras
- Especificação:*
Assessoria no Alojamento dos Participantes 51 Reunião SBPC (Coord. Laury Garcia Job)
- 07/1999 - 07/1999 Extensão Universitária, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação Em Letras
- Especificação:*
Equipe de Apoio - III Sem. Internacional de História da Literatura
- 05/1999 - 05/1999 Outra atividade técnico-científica, Faculdade de Letras, Secretaria da Faculdade de Letras
- Especificação:*
Monitoria na Feira de Profissões (MIX) sobre o curso de Letras
- 12/1998 - 12/1998 Extensão Universitária, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação Em Letras
- Especificação:*
Equipe de Apoio - XVI Sem. Bras. Crítica Literária/ XV Sem. de Crítica do RS
- 02/1998 - 01/2001 Outra atividade técnico-científica, Faculdade de Letras, Secretaria da Faculdade de Letras
- Especificação:*
Monitoria (Profs. Solange Ketzner e Antonio Dalpico)
- 01/1998 - 07/2001 Outra atividade técnico-científica, Faculdade de Letras, Secretaria da Faculdade de Letras
- Especificação:*
Integrante da Comissão de Matrículas
- 12/1997 - 12/1997 Extensão Universitária, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação Em Letras
- Especificação:*
Equipe de Apoio - XV Sem. Bras. de Crítica Literária/ XIV Sem. Crítica do RS
- 08/1997 - 08/2001 Pesquisa e Desenvolvimento, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação Em Letras
- Linhas de pesquisa:*
História da Literatura , Literatura Infanto-Juvenil, Leitura e Ensino

13. Habitasul Empreendimentos Imobiliários - HABITASUL

Vínculo institucional

- 2000 - 2001 Vínculo: Estagiário , Enquadramento funcional: Organização do acervo literário , Carga horária: 30, Regime: Parcial

14. CMEB Camilo Alves - CAMILO ALVES

Linhas de pesquisa

1. História da Literatura
2. Literatura Infanto-Juvenil, Leitura e Ensino

Projetos

Projetos de pesquisa

- 2004 - 2004 Uma história da literatura: escritores brasileiros em acervos portugueses - II etapa 2004
- Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa
Alunos envolvidos: Especialização (0); Doutorado (2);
Integrantes: Viviane Viebrantz Herchmann; Maria Eunice Moreira (Responsável)
Financiador(es): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES
- 1998 - 2001 Projeto Integrado Fontes da Literatura Brasileira
- Descrição: Historiadores do Romantismo Brasileiro - Joaquim Norberto de Sousa; textos e teses
Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa
Alunos envolvidos: Graduação (1); Especialização (0); Mestrado acadêmico (0); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (0);
Integrantes: Viviane Viebrantz Herchmann; Maria Eunice Moreira (Responsável)
Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq
- 1998 - 1998 Núcleo de Formação em Leitura
- Descrição: Núcleo de Formação em Leitura - Relação de obras de literatura infanto-juvenil brasileira da biblioteca do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS - Formação Permanente de Docentes do 1º e 2º graus para a Leitura Literária
Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa
Alunos envolvidos: Graduação (1); Especialização (0); Mestrado acadêmico (0); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (0);
Integrantes: Viviane Viebrantz Herchmann; Angela da Rocha Rolla (Responsável)
- 1997 - 1997 A vida literária no Rio Grande do Sul (1870-1930)

Descrição: Projeto Integrado PUCRS/UFRGS: A vida literária no Rio Grande do Sul (1870-1930)
 Situação: Concluído Natureza: Projetos de pesquisa
 Alunos envolvidos: Graduação (1); Especialização (0); Mestrado acadêmico (0); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (0);
 Integrantes: Viviane Viebrantz Herchmann; Vera Teixeira de Aguiar (Responsável); Diana Maria Marchi
 Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq

Revisor de periódico

1. Gestão Contemporânea (FAPA)

Vínculo

2012 - Atual Regime: Parcial

2. Mundo da Gestão

Vínculo

2011 - Atual Regime: Parcial

3. Revista Ibero-Americana de História

Vínculo

2009 - Atual Regime: Parcial

Membro de corpo editorial

1. Mundo da Gestão

Vínculo

2011 - Atual Regime: Parcial

2. Revista Ibero_Americana de História

Vínculo

2009 - Atual Regime: Parcial

3. Palpitar Literatura e Cultura

Vínculo

2008 - Atual Regime: Parcial

Prêmios e títulos

- 2009 Professora Homenageada dos formandos de Administração, IBGEN
- 2009 Professora Orientadora de TCC de MBA premiado nos Destaques do Ano Categoria Estudantil, ARH Serrana - RS

Produção

Produção bibliográfica


Capítulos de livros publicados

1. MOREIRA, Maria Eunice, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Um machadiano em foco: Moysés Vellinho e a fortuna crítica de Machado de Assis. In: Um machadiano em foco: Moysés Vellinho e a fortuna crítica de Machado de Assis..1 ed.Porto Alegre : EDIPUCRS, 2012, v.1, p. 227-243.

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. MOREIRA, Maria Eunice, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
A língua portuguesa na caracterização do nacional na literatura brasileira In: VIII Seminário Internacional de História da Literatura, 2009, Porto Alegre.
Anais do VIII Seminário Internacional de História da Literatura. , 2009. v.1.


Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo expandido)

1.  MOREIRA, Maria Eunice, CAMPOS, Alice Therezinha, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Primórdios da Imprensa no Brasil: o Jornal dos Debates Políticos e Literários In: 2 Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros, 2006, Porto Alegre.
Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. v.1. p.159 - 168

Artigos em revistas (Magazine)

1. **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
A narrativa fascinante de Tabajara Ruas. Palpitar Literatura e Cultura. Palpitar-Sala de Leituras, 2008.
2. **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Estação Verão. Paradinha Gostosa - Revista de Ofertas da AM/PM. Brasil, 2007.
3. **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Dia de Festa. Paradinha Gostosa - Revista de Ofertas da AM/PM. Brasil, 2006.
4. **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Encantos da Primavera. Paradinha Gostosa - Revista de Ofertas da AM/PM. Brasil, 2006.
5. **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
As lembranças mais gostosas. Paradinha Gostosa - Revista de Ofertas da AM/PM. Brasil, 2005.
6. **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Estação Primavera. Paradinha Gostosa - Revista de Ofertas da AM/PM. Brasil, 2005.
7. **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
O mistério do Natal. Paradinha Gostosa - Revista de Ofertas da AM/PM. Brasil, 2005.
8. **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Tim-tim. Paradinha Gostosa - Revista de Ofertas da AM/PM. Brasil, 2005.

Demais produções bibliográficas

1. **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Lembranças. Livro. . 2011. (Outra produção bibliográfica)
2.  **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Primórdios da imprensa no Brasil: o Jornal dos Debates Políticos e Literários (1837-1838). Cadernos de Pesquisas em Literatura. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2007. (Outra produção bibliográfica)

Produção técnica

Demais produções técnicas

1. **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Curso de Escrita: a Língua Portuguesa e as novas regras do Acordo Ortográfico.. 2009. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)
2. **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
HERCHMANN, Viviane Viebrantz - Curso de Escrita: a Língua Portuguesa e as novas regras do Acordo Ortográfico.. 2009. (Outro, Curso de curta duração ministrado)

Orientações e Supervisões

Orientações e supervisões

Orientações e supervisões concluídas




Monografias de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização

1. Cláudio Schmitz. **A inclusão da pessoa portadora de deficiência física em uma empresa pública: na visão dos gestores**. 2010. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
2. Paulo de Tarso Dutra Lima. **Crise Financeira Mundial e nova realidade econômica e social: reflexos em empresa de previdência complementar**. 2010. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
3. Renata Lima Moreira. **Desempenho humano nas organizações: a busca por uma proposta de avaliação adequada**. 2010. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
4. Mairquel Reis da Silva. **Diagnóstico de Composto de Marketing e Giro de Estoques da Ferramentas e Máquinas EF**. 2010. Monografia (MBA em Gestão de Marketing) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
5. Daiana Bellaver. **Elvis Presley: a construção de uma marca eterna**. 2010. Monografia (MBA em Gestão de Marketing) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
6. Luisa Vanessa da Luz Nicknich. **Marketing de Relacionamento e Satisfação de Clientes em uma loja de variedades**. 2010. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
7. Rafael De Pizzol. **Metodologia para avaliação da eficiência produtiva em área de projeto de produto**. 2010. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
8. Adriane Barboza. **Pesquisa de Satisfação de Clientes SUS**. 2010. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
9. Tais Medeiros de Castro. **Pesquisa de Satisfação dos Associados da Unidade de Atendimento Jardim Lindóia da Sicredi Metrópolis em relação aos produtos e serviços**. 2010. Monografia (MBA em Gestão de Serviços) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
10. Roberta Bastos Pedroso. **Processo de vendas de Seguro Saúde por meio de uma análise gerencial: Empresa X Saúde S/A**. 2010. Monografia (MBA em Gestão de Serviços) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
11. Giovana Cardoso Fidelis. **Proposta para a implementação de Call Center em uma instituição de ensino privado**. 2010. Monografia (MBA em Gestão de Marketing) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
12. Marivone Mognon. **Satisfação de Clientes**. 2010. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios

13. Ricardo Bacoel Matte. **Um estudo sobre a obtenção de resultados a partir da filosofia do Customer Relationship Management como estratégia competitiva.** 2010. Monografia (MBA em Gestão de Serviços) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
14. Siomara Ache Cancian. **A gestão e as suas implicações no universo organizacional de uma indústria familiar.** 2009. Monografia (Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
15. Graziela Moltozo. **A governança corporativa como ferramenta de apoio à gestão financeira no varejo brasileiro de moda.** 2009. Monografia (MBA em Gestão Estratégica em Finanças Corporativas) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
16. Jorge Morás. **Administração de seres humanos: o desafio da Avaliação de Desempenho no Centro Social Marista - CESMAR.** 2009. Monografia (MBA em Gestão de Serviços) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
17. Bianca Carpes Lopes. **Análise do papel das Relações Públicas nas áreas de Comunicação e Marketing nas organizações.** 2009. Monografia (MBA em Gestão da Comunicação) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
18. Débora Junqueira, Sônia Feijó, Valéria Gomes. **Avaliação da pesquisa de satisfação funcional da Central de Suprimentos e Farmácia no Complexo Hospitalar Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.** 2009. Monografia (MBA em Gestão de Serviços) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
19. Paula Adriane Zanfelice. **Consultoria interna de RH: qual é o papel do consultor interno de RH?** 2009. Monografia (Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
20. Gabriela Moser Rocha. **Desafios e oportunidades enfrentadas na gerência da equipe de trabalho no setor de enfermagem.** 2009. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
21. Carolina Müller Branchi. **E-mail marketing: ações e resultados.** 2009. Monografia (Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
22. Jossiano Noimann Leal. **Estudo para a elaboração de um sistema auxiliar de Gestão do Conhecimento.** 2009. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
23. Lisiane Nunes Nascimento. **Inovação de produtos como forma de liderar o mercado competitivo.** 2009. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
24. Caio Celso Machado Vidor. **Inovação em gestão de negócios e liderança.** 2009. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
25. Juliana Didonet. **O desdobramento da Função Qualidade na UGB Padronização do Complexo Hospitalar da Santa Casa de Porto Alegre.** 2009. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
26. Valquíria Alves Bicca. **O impacto da motivação e da satisfação no ambiente de trabalho: estudo de caso em uma unidade gerencial básica da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.** 2009. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
27. Fabiana Beghini da Silva. **O papel do marketing social no processo da comunicação institucional: estudo de caso na AABB Porto Alegre.** 2009. Monografia (Gestão Estratégica da Comunicação Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
28. Vivian de Oliveira dos Santos. **Pessoas com Deficiência: cidadãos produtivos e capazes.** 2009. Monografia (Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
29. Aline Silva Fontoura de Barcellos. **Pessoas Portadoras de Deficiência: o novo desafio da gestão.** 2009. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
30. Maria Benícia de Araújo Soares. **Proposta de treinamento na modalidade EAD no setor de recepção da Unidade Cirúrgica B do Hospital Santa Clara.** 2009. Monografia (MBA em Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
31. Franciele Santi Manfio. **Sistema de Gestão do Conhecimento como referencial competitivo.** 2009. Monografia (Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
32. Ivani Maria Borelli Brancher. **A importância da motivação nas agências bancárias do Banrisul na Superintendência Centro.** 2008. Monografia (Gerência de Serviços Bancários) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
33. Paula Del Corona Lorenzi. **A Qualidade de Vida no Trabalho dos técnicos de enfermagem da emergência do Hospital da Criança Santo Antônio.** 2008. Monografia (Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
34. Cláudio Kunz. **Ambiente interno organizacional: avaliação do Clima Organizacional da agência bancária de São Lourenço do Sul do Banco do Estado do Rio Grande do Sul - Banrisul.** 2008. Monografia (MBA em Gerência de Serviços Bancários) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
35. Sylvia Sillos Guisard. **Assédio Moral: métodos preventivos e sua importância nas organizações.** 2008. Monografia (Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
36. Circe de Oliveira Alcântara França. **Avaliação da implantação do Programa de Qualidade do Sistema Único de Saúde em uma unidade de pronto-atendimento de saúde de Porto Alegre.** 2008. Monografia (Gestão Pública) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
37. Marlene Castilhos Coutinho. **Balanco Social.** 2008. Monografia (Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
38. José Antônio Portuêz Junior. **Balanco Social.** 2008. Monografia (Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
39. Lisiane Trolle Vieira. **Características do profissional de sucesso no mercado de trabalho.** 2008. Monografia (Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
40. Reni Landmeier Soletti. **Clima Organizacional no Banrisul agência Lajeado.** 2008. Monografia (Gerência de Serviços Bancários) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
41. Ireneu Pedro Maders. **Equipes e lideranças.** 2008. Monografia (Gerência de Serviços Bancários) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
42. Sonia Elisete Godoy Andrade. **Gestão de pessoas: vícios gerenciais a serem evitados.** 2008. Monografia (MBA em Gerência de Serviços Bancários) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
43. Claudete Terezinha Silva Nunes. **Inclusão Social das Pessoas com Deficiência no Banrisul, agência Rio Pardo: abrindo as portas para a cidadania e empreendendo na satisfação e na fidelização dos clientes PCD.** 2008. Monografia (Gerência de Serviços Bancários) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios

44. Nelson Pedro Führ. **Motivação como fator de alta performance profissional**. 2008. Monografia (Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
45. Eleutério Cagliero. **Motivação e Clima Organizacional: o caso do Banrisul**. 2008. Monografia (Gerência de Serviços Bancários) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
46. Maria da Graça Mello Brunelli. **Motivação no serviço público**. 2008. Monografia (MBA em Gestão Pública) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
47. Solange Maria Furlanetto. **Qualidade de Vida no Trabalho: a percepção dos servidores da Prefeitura Municipal de Porto Alegre**. 2008. Monografia (MBA em Gestão Pública) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
48. Cíntia Cristina Carriço Machado. **Qualidade de Vida no Trabalho dos profissionais atuantes na Unidade de Diálise do Complexo Hospitalar Santa Casa**. 2008. Monografia (Gestão Empresarial) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
49. Márcia Brusamarello. **Relacionamento interpessoal: a importância do relacionamento interpessoal no desenvolvimento da organização**. 2008. Monografia (Gerência de Serviços Bancários) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
50. Maria Adeline Perez. **Relacionamento interpessoal: a importância do relacionamento interpessoal no desenvolvimento da organização**. 2008. Monografia (Gerência de Serviços Bancários) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
51. Lourdes Souza de Carvalho. **Terapia Comunitária: espaço de transformar a dor em competência – experiência da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre**. 2008. Monografia (MBA em Gestão Pública) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
52. Joselmar Paulo Grzybowski. **Treinamento: o caminho para a qualificação**. 2008. Monografia (MBA em Gerência de Serviços Bancários) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
53. Eliane Petry de Oliveira. **Um jeito especial de liderar: o perfil de liderança das gestoras de educação infantil de Porto Alegre**. 2008. Monografia (Gestão Pública) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios

Trabalhos de conclusão de curso de graduação

1.  Lisandro Bordignon. **Marketing farmacêutico: fatores de maior influência para a compra de medicamentos livres de prescrição médica por estudantes universitários na cidade de Porto Alegre/RS**. 2011. Curso (Administração) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
2.  Janine Cardoso Rocha. **Marketing urbano em uma cidade fronteiriça: estudo sobre a importância do fator humano para o desenvolvimento do turismo na cidade de Jaguarão/RS**. 2011. Curso (Administração) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
3.  Carlos Fernando Azeredo de Oliveira. **Processo de feedback**. 2011. Curso (Administração) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
4. Carine Borba Pinto. **Satisfação de clientes**. 2009. Curso (Administração) - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios

Demais trabalhos

1. HERCHMANN, Viviane Viebrantz **Lembranças**, 2010.
2. DUTRA, I., HERCHMANN, Viviane Viebrantz **Desconstruindo o olhar para criar imagens**, 2008.
3. DUTRA, I., HERCHMANN, Viviane Viebrantz **Palhaçada levada a sério**, 2008.

Bancas

Bancas

Participação em banca de trabalhos de conclusão

Curso de aperfeiçoamento/especialização

1. GLÜER, Laura, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Odessa Mânica. **A comunicação para o público interno: um estudo da percepção dos colaboradores de uma Cooperativa Médica na cidade de Porto Alegre**, 2010 (MBA em Gestão de Serviços) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
2. Flávio Brandão, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Ana Carolina Gund Duarte. **Estudo da inclusão de PPDs no mercado de trabalho: um olhar sob o ponto de vista do recrutamento e seleção**, 2010 (Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
3. GLÜER, Laura, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Marisa Pereira. **Fibrobroncoscopia: a visão do cliente-médico**, 2010 (MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
4. AZEREDO, P. A., HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Lisiane Araújo dos Santos. **Mapeamento dos Processos Judiciais de uma empresa Administradora de Consórcios**, 2010 (MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
5. MARQUES, Luís Fernando, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Antônio Sérgio Araújo. **O operador mantenedor no sistema operacional da Usina Elétrica de Furnas**, 2010 (MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
6. GLÜER, Laura, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Tércio Saccol. **Os programas de sócio-torcedores de clubes de futebol brasileiros como reflexos da evolução do profissionalismo na gestão: o caso do Sport Club Internacional**, 2010 (MBA em Gestão de Marketing) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios

7. THOMAZI, Simone, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Jeferson Fontoura da Silva. **Plano de Ações Estratégicas para a Cia Iguazu**, 2010
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
8. Valéria Deluca, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Raquel Bitencourt da Silva. **Plano de Negócios**, 2010
(Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
9. MARQUES, Luis Fernando, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Cláudio Luiz Ferreira Barboza. **Proposta de manutenção de veículo baseada na disponibilidade de FURNAS Centrais Elétricas Ltda.**, 2010
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
10. GRAZIADIO, Thaise, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Sandra Calefi. **Reprojeto das contas do Bloco Cirúrgico**, 2010
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
11. Valéria Deluca, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Ariane Lima Schosler. **Satisfação dos clientes Van Gogh da agência centenária do Banco Santander**, 2010
(MBA em Gestão de Marketing) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
12. GLÜER, Laura, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Melânia Grandó. **Sistema de Atendimento de Clientes: Vonpar Refrescos S/A**, 2010
(MBA em Gestão de Serviços) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
13. AZEREDO, P. A., **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Simone Vey Dutra. **A adoção de um novo processo de desenvolvimento de software na PROCENPA**, 2009
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
14. BEULKE, Mirelle, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Fernanda Gelesky. **A busca da excelência no atendimento e a satisfação dos clientes como fator de sucesso no hotel Quality Porto Alegre**, 2009
(MBA em Gestão de Serviços) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
15. LEAL, Divane Floreni Soares, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Eliane Libardi. **A cultura organizacional influencia ou não o processo de seleção de profissionais?**, 2009
(Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
16. GRANDÓ, Gerônimo, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Denise Faresin. **Análise dos critérios utilizados no processo de concessão e avaliação de risco de crédito no Banco Banrisul da cidade de Casca – RS**, 2009
(MBA em Gestão Estratégica em Finanças Corporativas) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
17. Flávio Brandão, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Cinará Maisonette Duarte e Luciane Beiró Gonçalves. **Análise dos indicadores assistenciais das Unidades de Terapia Intensiva da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, Rio Grande do Sul**, 2009
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
18. LIMA, Carlos Jorge Arruda, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Lillian de Campos Labres. **Aumento na satisfação dos clientes de turnos em restaurante de coletividade através da aplicação do método de análise e solução de problemas**, 2009
(MBA em Gestão de Serviços) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
19. BEULKE, Mirelle, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Márcio Vinícius Ayres. **Avaliação da centralização da produção farmacêutica no Complexo Hospitalar Santa Casa de Porto Alegre**, 2009
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
20. PIRES, Márcio de Souza, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Roberto Pelegrini Coral. **Avaliação do grau de satisfação dos cirurgiões que trabalham com pacientes de convênios e particulares no bloco cirúrgico Sarmiento Barata**, 2009
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
21. PIRES, Márcio de Souza, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Rosângela Zimmermann Simões. **Cobrança bancária comercial utilizada na instituição bancária X**, 2009
(MBA em Gestão Estratégica em Finanças Corporativas) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
22. GLÜER, Laura, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Ediele Vergara Brum. **Controladoria organizacional para pequenas empresas**, 2009
(MBA em Gestão Estratégica em Finanças Corporativas) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
23. PIRES, Márcio de Souza, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Jaciro Antonio Frasson Vidotto. **Dano moral por erro na prestação de serviços bancários**, 2009
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
24. PIRES, Márcio de Souza, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Manuele Bertamoni. **Elaboração de um plano de gerenciamento de resíduos em indústria de cosméticos**, 2009
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
25. GLÜER, Laura, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Luciano Zanuz Gonçalves. **Gestão de risco operacional: modelo utilizado em uma instituição financeira de Porto Alegre**, 2009
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
26. Flávio Brandão, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Patrícia Treviso. **Indicadores de qualidade em bloco cirúrgico**, 2009
(MBA em Gestão Hospitalar) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
27. PIRES, Márcio de Souza, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Eduardo Day Hagel. **Modelo de Gestão da Prefeitura de Porto Alegre**, 2009
(MBA em Gestão Estratégica em Finanças Corporativas) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
28. Valéria Deluca, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Gabriela Picoli e Vanessa de Oliveira Apoitã. **O corpo clínico e a equipe de enfermagem do HCSA: um estudo na busca da otimização de processos operacionais**, 2009
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
29. BEULKE, Mirelle, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Tatiana Kronitzki Garcia. **Satisfação dos clientes no setor de atendimento e serviços na GVDASA SOFTWARE**, 2009
(MBA em Gestão de Serviços) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios

30. BEULKE, Mirelle, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Sérgio Tochetto. **Satisfação e fidelização de clientes gerenciados pessoa física do Banrisul da agência de Ibiraiaras**, 2009
(MBA em Gestão de Serviços) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
31. GLÜER, Laura, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Patrícia Cavagnoli. **A interferência da comunicação interna nas relações interpessoais em uma unidade de radiologia: uma abordagem sobre as reuniões de trabalho neste setor**, 2008
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
32. CARNEVALE, Rita Maria Silvia, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Eugênio Wierzbicki. **Criatividade no ambiente de trabalho**, 2008
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
33. CARNEVALE, Rita Maria Silvia, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Liane da Rosa Abreu. **Espiritualidade nas relações de liderança. Gestão do ser integral: alma, razão e coração integrados**, 2008
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
34. GLÜER, Laura, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Maria Conceição Gonzales Gonzales. **Integração de novos empregados: análise do processo de socialização**, 2008
(Gestão do Desenvolvimento Humano e Organizacional) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
35. SANTOS, Márcia Petersen Padilha, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Márcia Petersen Padilha dos Santos. **Liderança: uma questão de visão e de excelência**, 2008
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
36. BEULKE, Mirelle, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Jôris Delcir Gramz. **Marketing e sua influência na decisão de escolha do cliente**, 2008
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
37. PIRES, Márcio de Souza, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Adalberto Spertb Rubin. **Planejamento Estratégico no Pavilhão Pereira Filho Santa Casa de Porto Alegre**, 2008
(MBA em Gestão Empresarial) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
38. CARNEVALE, Rita Maria Silvia, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Dimas Daniel Zamborin. **Qualidade de Vida no Trabalho: caso Banrisul – agência de Garibaldi/RS**, 2008
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
39. CALLEGARI, Monique Morganti, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Osvaldo Vasques Miotto. **A importância da liderança na melhoria do clima organizacional: estudo de caso na agência rua Dr. Bozano, do Banrisul**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
40. CALLEGARI, Monique Morganti, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de João Sidney dos Santos e Roberto Berti. **A importância da motivação nas agências bancárias do Banrisul do Vale do Taquari**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
41. CALLEGARI, Monique Morganti, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Ilica Maria Lançanova. **A qualidade de vida dos funcionários do Banrisul e sua relação com a produtividade dentro da empresa**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
42. MOREIRA, Vera Susana Lassance, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Gilberto Gheler. **Assédio moral: a responsabilidade da empresa por atos praticados pelos funcionários**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
43. DE RÉ, César Augusto Tejera, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Vilmar Camilo Ritter. **Clima organizacional**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
44. MOREIRA, Vera Susana Lassance, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Waldir Schwaab. **Inteligência Emocional**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
45. CALLEGARI, Monique Morganti, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Lio Antônio de Quadros. **Inteligência emocional aplicada nas instituições financeiras**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
46. CALLEGARI, Monique Morganti, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Carlos Alberto Varini. **Liderança: a habilidade de influenciar pessoas**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
47. CALLEGARI, Monique Morganti, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Aldo Braga Teixeira. **Motivação no Trabalho**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
48. CALLEGARI, Monique Morganti, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Jaime Antônio Daniel. **Nível de Motivação dos Colaboradores da Agência do Banco Banrisul de Três Passos**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
49. KARAWEJCZYK, Tamara Cecilia, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Luiz Henrique Benvegnú. **O clima organizacional na agência Banrisul de Casca - RS**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
50. ZANI, J., **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Alcir Martins de Oliveira. **Proposta para criação de uma estrutura de relatórios de controle das pendências**, 2007
(Gerência de Serviços)
51. CABREIRA, Zaira Sinara C., **HERCHMANN, Viviane Viebrantz**
Participação em banca de Camila Marcadenti de Oliveira. **Qualidade de vida de funcionários do ambulatório e setor de internação SUS de um hospital geral de Porto Alegre**, 2007
(MBA em Gerência de Serviços Bancários) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios

Graduação

1. CARVALHO, Valéria Deluca Soares de, **HERCHMANN, Viviane Viebrantz, POLETTI, M.**
Participação em banca de Lisiane Carla Prado. **A comunicação administrativa no processo de gestão do conhecimento: um estudo sobre estratégias eficazes**, 2012
(Administração) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios

2. CARVALHO, Valéria Deluca Soares de, HERCHMANN, Viviane Viebrantz, POLETTO, M.
Participação em banca de Halina Cvirkun Urbansky. **Aspectos para formulação de uma nova política de credenciamento de prestadores de serviços: um estudo em uma cooperativa de trabalho médio**, 2012
(Administração) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
3. CARVALHO, Valéria Deluca Soares de, HERCHMANN, Viviane Viebrantz, POLETTO, M.
Participação em banca de Rafael Coelho da Trindade. **Qualidade no terceiro setor: uma análise do modelo de gerenciamento através da gestão por itens controle**, 2012
(Administração) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
4. GLÜER, Laura, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Denilson Gamalho. **A influência da responsabilidade socioambiental no fortalecimento da marca: um estudo na Agência Partenon do**, 2009
(Administração) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
5. GLÜER, Laura, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Vanessa Flach Lattuada. **A relevância dos Indicadores de Desempenho para a tomada de decisão estratégica**, 2009
(Administração) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
6. Janice Inchauste Pereira, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Kellen Cristina de Oliveira Tobias da Conceição. **Aposentadoria em uma instituição bancária: o processo de percepção de aposentados e trabalhadores em fase de pré-aposentadoria**, 2009
(Administração) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
7. Janice Inchauste Pereira, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Cristiane Pereira Andrade. **Mulheres gestoras numa empresa petroquímica: análise do processo de inserção**, 2009
(Administração) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
8. Janice Inchauste Pereira, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Cátia Rocha de Souza. **Práticas de cidadania empresarial: perspectiva do público interno de instituições financeiras-bancárias**, 2009
(Administração) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
9. GRANDO, Gerônimo, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Cleusa Adélia Barreto Teixeira. **Redução de despesas sem a demissão de pessoal em instituições financeiras**, 2009
(Administração) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
10. HERCHMANN, Viviane Viebrantz, LEAL, Divane Floreni Soares
Participação em banca de Carine Borba Pinto. **Satisfação de Clientes**, 2009
(Administração) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios
11. GRANDO, Gerônimo, HERCHMANN, Viviane Viebrantz
Participação em banca de Márcia Laurindo da Rosa. **Vantagens na centralização de compras de produtos específicos na Empresa Saúde SIA**, 2009
(Administração) Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios

Participação em banca de comissões julgadoras

Outra

1. **XI Fórum FAPA**, 2012
Faculdade Porto-Alegrense
2. **VIII Fórum FAPA**, 2009
Faculdade Porto-Alegrense

ANEXO D – DIVULGAÇÃO DE ENTREVISTA DA PESQUISADORA COM O PRESIDENTE DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



FALE no mundo

Aluna Viviane Herchmann e o doutorado-sanduíche em Portugal

Passados três meses de minha estada em Portugal – por meio de bolsa concedida pela CAPES através do PPGL, para realização do estágio de Doutorado Sanduíche junto à Universidade de Lisboa, sob a coorientação da professora Vania Pinheiro Chaves – posso afirmar que a grandiosidade de pesquisa no Exterior reside no aprimorar conhecimentos, no aprender sobre outras culturas, mas, para os estudos de história da literatura, está principalmente evidenciada na possibilidade de se conhecer in loco pessoas e ambientes que podem contribuir para que se resgatem os “rastros” históricos. Paul Ricoeur defende que um vestígio histórico precisa ser perseguido. E foi o que fiz! Fui em busca de documentos e informações nas academias e instituições portuguesas às quais Moysés Vellinho – objeto de minha tese – esteve vinculado. Nessas investigações, tive a oportunidade de conhecer e de entrevistar um dos mais atuantes e respeitados intelectuais de Portugal, o Professor Doutor Adriano Moreira. O professor recebeu-me na

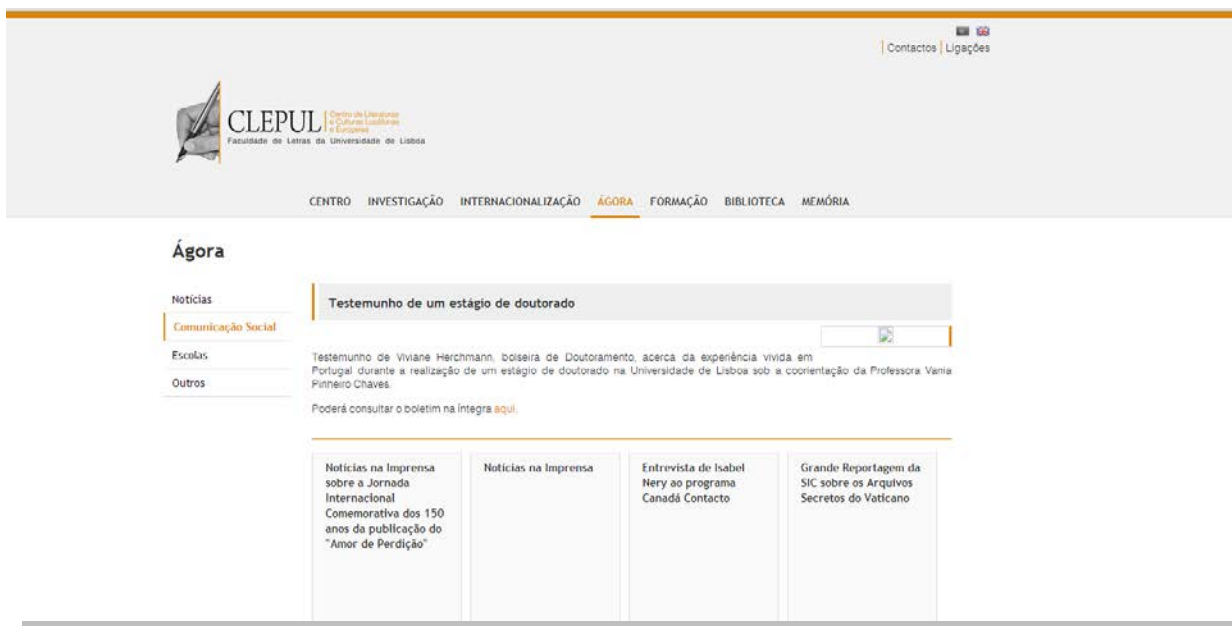
sala Abade Correia da Serra, destinada à Presidência da Academia das Ciências, cargo que atualmente ocupa. Conversamos sobre seus estudos a respeito das relações culturais Brasil-Portugal e sobre a indicação que fez do nome de Moysés Vellinho para sócio correspondente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa no período em que a presidira.

Além disso, tive a oportunidade de participar, como convidada, de reuniões com os sócios na Academia Portuguesa da História. Essa experiência permitiu-me conhecer a dinâmica desses encontros e me possibilitou vivenciar o que até então só conhecia por meio das Atas de Reuniões publicadas em Boletins. Presenciar essas reuniões deu-me a oportunidade de entender melhor essas “marcas” do passado e compreender registros históricos dos quais, modestamente, agora também faço parte. (Viviane Viebrantz Herchmann)



A doutoranda Viviane e o professor português Adriano Moreira

Fonte: Revista da Faculdade de Letras da PUCRS.
http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/fale/nf_180412.pdf



The screenshot shows the website of CLEPUL (Centro de Literatura e Culturas Lusófonas e Europeias) at the Faculty of Letters of the University of Lisbon. The page is titled 'Ágora' and features a main article titled 'Testemunho de um estágio de doutorado'. The article text describes the experience of Viviane Herchmann, a doctoral student, during her internship at the University of Lisbon, supervised by Professor Vania Pinheiro Chaves. Below the main article, there is a sidebar with navigation options and a grid of four smaller news items.

CLEPUL Centro de Literatura e Culturas Lusófonas e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

CONTACTOS | LIGAÇÕES

CENTRO INVESTIGAÇÃO INTERNACIONALIZAÇÃO **ÁGORA** FORMAÇÃO BIBLIOTECA MEMÓRIA

Ágora

Notícias

Comunicação Social

Escolas

Outros

Testemunho de um estágio de doutorado

Testemunho de Viviane Herchmann, bolsista de Doutoramento, acerca da experiência vivida em Portugal durante a realização de um estágio de doutorado na Universidade de Lisboa sob a orientação da Professora Vania Pinheiro Chaves.

Poderá consultar o boletim na íntegra [aquí](#).

Notícias na Imprensa sobre a Jornada Internacional Comemorativa dos 150 anos da publicação do "Amor de Perdição"	Notícias na Imprensa	Entrevista de Isabel Nery ao programa Canadá Contacto	Grande Reportagem da SIC sobre os Arquivos Secretos do Vaticano
--	----------------------	---	---

Fonte: CLEPUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
<http://www.clepul.org/Ptg/ViewDocument/78>